

# PUC

**DANIEL KUPERMANN**

**HISTÓRIA DA TRANSFERÊNCIA NA  
INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICANÁLISE**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**Rio de Janeiro, Março de 1993**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**

**RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 — CEP 22453**

**RIO DE JANEIRO — BRASIL**

Char 150 K96h TESE UC

Tulo Teoria da transferência na institucionalização da psicanálise



U.PUC

0069439

DANIEL KUPERMANN

**HISTÓRIA DA TRANSFERÊNCIA NA  
INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICANÁLISE**

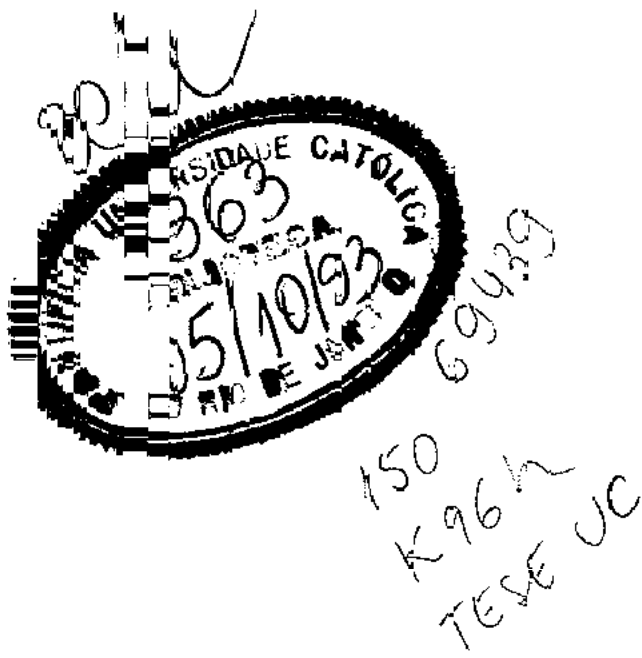
Dissertação apresentada ao Departamento  
de Psicologia da PUC/RJ como parte dos  
requisitos necessários para obtenção do título  
de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Angela Baraf Podkameni

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, março de 1993

UC 71257-9



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA

Aos amigos da psicanálise,  
aos meus pacientes do IEHE  
e analisandos,  
companheiros deste *fazer* a  
história da psicanálise.

A Ely e Dave, pelo *holding* e  
confiança incondicionais.

*Ao primeiro psicanalista do próximo século*

## MEUS AGRADECIMENTOS

A Angela B. Podkameni, orientadora dessa pesquisa, pelo incentivo, respeito às idéias, e... tempo de espera.

Ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, especialmente aos professores Esther Arantes, Junia de Vilhena e Sérvulo A. Figueira, pelas valiosas contribuições; a Verinha e Marise, pela atenção carinhosa; a CAPES e ao CNPQ, que viabilizaram esse projeto frente às exigências de Anánké.

A Joel Birman, por apontar novos horizontes em momentos críticos deste percurso.

A Isidoro E. Americano do Brasil, por estimular o *movimento* do pensamento de Lacan, e pelo reconhecimento.

Aos amigos Isabel Fortes, Márcia Merquior, Marisa Schargel Maia, Thaís Ribeiro e Pedro Paulo Mendes, afetos conquistados ao longo desse percurso comum de encontros e CONFRONTOS.

Ao Paulo, sempre próximo, pela "boa impressão".

A Mirinha, pelo acolhimento constante, e pelas *flores*.

A Andréa Albuquerque, amiga, que *rigorosamente* sempre acreditou, e me fez acreditar.

A Chaim S. Katz, por tornar a psicanálise tão próxima.

## RESUMO

Um convite à transferência formulado por Freud em *A Interpretação de Sonhos* funda a transmissão da experiência psicanalítica e estabelece, a um só tempo, a condição básica segundo a qual a psicanálise se institucionalizará: a transferência a Freud. Assim, o processo de institucionalização da psicanálise é regulado, desde o seu momento inaugural, pela transferência.

Com a padronização da formação psicanalítica, a experiência da investigação do inconsciente na formação passará a ser regulamentada pela Associação Psicanalítica, o que produzirá efeitos na análise, mais especificamente, na experiência transferencial. Considera-se que há uma *tensão irreduzível* entre o que a psicanálise se propõe enquanto processo terapêutico e as vicissitudes de sua institucionalização, sendo que a análise que tem lugar na formação psicanalítica é o *locus* privilegiado onde esta tensão produz efeitos. O objetivo específico desta pesquisa é investigar as relações estabelecidas entre a transferência e o processo histórico de institucionalização da psicanálise, isto é, detectar os efeitos da transferência produzidos neste processo e, reciprocamente, apontar as determinações transferenciais nos destinos da institucionalização da psicanálise.

Considerou-se, como marcos históricos relevantes para a inteligibilidade das implicações da transferência no processo

de institucionalização da psicanálise, a explicitação pela IPA (*International Psychoanalytical Association*), na década de 50, de "problemas" na formação psicanalítica, e os efeitos do *corte transferencial* de Lacan no campo psicanalítico.

Analisou-se também, a partir das "ferramentas" de saber adquiridas no decorrer da pesquisa, um episódio recente da psicanálise brasileira referente a um candidato em formação psicanalítica envolvido com as práticas de tortura durante o regime militar - o caso Amílcar Lobo.



## ABSTRACT

An *invitation to transference* formulated by Freud in his work *The Interpretation of Dreams*, establishes the transmission of psychoanalytical experience and creates, at the same time, the basic condition according to which psychoanalysis will become an institution: the transference to Freud. Thus, the process of psychoanalytical institutionalization is regulated, since its inception, by transference.

With the molding of psychoanalytical training into a pattern, the experience of investigating the unconscious in training will be ruled by Psychoanalytical Association, which will cause effects on analysis, more specifically, on the experience of transference. It could be said that there is a *permanent tension* between the aims of psychoanalysis as a therapeutic process and the different paths of its institutionalization, therefore, analysis which takes place during training is the main *locus* where this tension produces effects. The specific aim of this research is the study of the relationship established between transference and the historical process of institutionalization of psychoanalysis, that is, to detect the effects produced by transference on this process and, in turn, to point out the transferential determination on the destinies of the institutionalization of psychoanalysis.

During this research, it was found that two important landmarks for the understanding of the implications of transference on the process of institutionalization of psychoanalysis are: the admission by the International Psychoanalytical Association (IPA), during the fifties, of the existence of "problems" in psychoanalytical training, and also the effect on the psychoanalytical field of the *transferential cut* made by Jacques Lacan.

Making use of the knowledge "tools" acquired during research, an analysis of a recent episode in Brazilian psychoanalytical history was made. This refers to the case of Amílcar Lobo, candidate to psychoanalytical training involved in torturing political prisoners during military government.

**PALAVRAS - CHAVE**

**HISTÓRIA DA PSICANALISE**

**INSTITUCIONALIZAÇÃO**

**FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

**WELTANCHAUNG**

**TRASNFERÊNCIA**

## SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	1
 <i>I. FREUD E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICANALISE</i>	
1. TEMPOS DE GUERRA.....	11
2. <i>LA THÉORIE C'EST BON, MAIS</i> .....	21
2.1 A TEORIA COMO PROIBIÇÃO DO PENSAMENTO.....	26
2.2 PSICANALISMO VS. FREUDISMO.....	33
3. FREUD E O MOVIMENTO PSICANALÍTICO.....	44
3.1 O CONVITE A TRANSFERÊNCIA.....	44
3.1.1 A Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras.....	48
3.2 A "TRANSFERÊNCIA" DE TRANSFERÊNCIA.....	55
3.2.1 A criação da IPA.....	58
3.3 FREUD E O RETORNO A FREUD.....	65
3.3.1 A recusa da amizade.....	66
3.3.2 O Comitê Secreto.....	77
3.3.3 A "bomba".....	84
3.4 <i>DURA LEX, SED LEX: O ASSASSINATO DO PAI</i> .....	89
3.4.1 A formação superegóica.....	94
3.4.2 O assassinato do pai.....	98

## **II. A PSICANÁLISE EM MEADOS DO SÉCULO**

<b>4. PROBLEMAS EM FORMAÇÃO.....</b>	<b>108</b>
4.1 SINTOMAS DE UMA CULTURA PSICANALÍTICA.....	108
4.2 O CANDIDATO "NORMAL" E SUA ECOLOGIA.....	113
4.3 AS VICISSITUDES DA TRANSFERÊNCIA NA FORMAÇÃO PSICANALÍTICA.....	126
4.3.1 <i>Semper reformari debet</i> .....	145
4.4 LACAN, ANALISTA DIDATA.....	155

## **III. LACAN E O CORTE TRANSFERENCIAL**

<b>5. DO RETORNO A FREUD AO ÚLTIMO FREUDIANO.....</b>	<b>174</b>
5.1 O RETORNO A FREUD.....	175
5.2 TRANSMISSÃO E TRANSFERÊNCIA.....	179
5.3 O ÚLTIMO FREUDIANO.....	194
<b>6. "NOVOS" PROBLEMAS EM FORMAÇÃO.....</b>	<b>203</b>

## **IV. EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO**

<b>7. UM ENSAIO ANTROPOFÁGICO : O CASO AMÍLCAR LOBO.....</b>	<b>218</b>
7.1 A HORA DO CARNEIRO.....	219
7.2 A HORA DO LOBO.....	227

V. EPILOGO

UMA HIPÓTESE SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL DA PSICANÁLISE.....244

CONCLUSÃO.....251

ANEXO - Conflitos Metodológicos: História da Psicanálise  
    *Stricto Sensu* ou *Lato Sensu*.....258

BIBLIOGRAFIA.....274

Que a história tivesse copiado a  
história já era suficientemente  
assombroso; que a história copie a  
literatura é inconcebível.

Jorge Luís Borges

## INTRODUÇÃO

O relato de um sonho - o sonho da injeção de Irma -, apresentado por Freud (1900) no segundo capítulo de *A Interpretação de Sonhos*, é o marco inaugural desta *História da Transferência na Institucionalização da Psicanálise*. A análise do "sonho modelo", ilustrativo de seu método de interpretação, funda a transmissão da experiência psicanalítica e estabelece, a um só tempo, a condição básica segundo a qual a psicanálise se institucionalizará: a transferência a Freud. Mostramos, na primeira parte da pesquisa, que em *A Interpretação de Sonhos* é formulado um *convite à transferência* a partir do qual forma-se, em torno de Freud, o grupo que daria início ao movimento psicanalítico. *A Interpretação de Sonhos* coloca-se, portanto, como texto fundador da transmissão da experiência psicanalítica e de sua institucionalização, e vem apontar que, entre sonhos e utopias, uma e outra são reguladas pela transferência.

Etimologicamente, como sublinha Lapassade (1980), o sentido ativo de instituição diz "fazer com que se mantenha de pé". Freud, em relação à psicanálise, tinha *desejo de instituição*. Ao incentivar a criação da IPA, pretendia organizar o movimento psicanalítico, condensando os esforços de desenvolvimento e difusão, preservando, ao mesmo tempo, a especificidade da psicanálise da popularidade crescente. Tratar-se-ia de um centro com autoridade para estabelecer os limites entre o *fora* e o *dentro*, entre o que é e o que não é



psicanálise. Neste momento histórico, a referência predominante na institucionalização da psicanálise é o registro teórico-clínico.

Durante sua vida, Freud buscou realizar dois desejos relativos à psicanálise de difícil conciliação: *promover sua difusão social e manter a força e o vigor originais*; institucionalizá-la, sem perder seu caráter transgressivo, o que significava não ceder às deformações exigidas pelas resistências da cultura que a própria difusão da psicanálise incita. A psicanálise *fará da se* (se fará por si).

Estas resistências - e a história, apoiando a teoria, vem testemunhar - se apresentam nas tentativas de captura da psicanálise por uma lógica da ilusão, tornando-a uma *Weltanschauung* (visão de mundo), um ideal que vem atender ao desejo e a satisfações narcísicas. Assim, a psicanálise, de terceiro grande golpe no narcisismo humano, como queria Freud, tornar-se-ia panacéia da modernidade: ora pela tentativa de captura pelo discurso religioso (ideal de salvação), ora pelo discurso médico-psiquiátrico (ideal de cura), ora pelo discurso político (ideal freudo-marxista). O combate freudiano tinha por objetivo evitar que a psicanálise se cristalizasse em uma *Weltanschauung*, reafirmando seu caráter *underground*.

Sabe-se, porém (é o que ensina a noção de projeção), que há uma tendência maior para se combater *fora* do que *dentro*, e, desde o início de seu processo de institucionalização, a

psicanálise passou a viver e produzir resistências e impasses em seu interior, inerentes ao seu modo de transmissão e aos destinos apontados por sua institucionalização.

A institucionalização da psicanálise é entendida como processo, devir sobredeterminado por forças díspares - contexto cultural, *Zeitgeist*, desenvolvimento teórico das disciplinas vizinhas, mas também desejos, transferências e resistências presentes no movimento psicanalítico -, dentre as quais privilegiamos, na primeira parte desta investigação - *Freud e o Movimento Psicanalítico* -, as transferências a Freud e as transferências de Freud. Pretende-se assim, durante toda a pesquisa, desnaturalizar e desmistificar o processo de institucionalização da psicanálise, analisando - em momentos históricos que nos serviram como marcos - as relações dos psicanalistas com a própria psicanálise como produto e produtoras desse mesmo processo.

Assim, a partir dos anos 20, com a sistematização e padronização da formação psicanalítica, a IPA passou a ter como função primordial gerir a formação dos futuros psicanalistas, atuando não mais apenas no registro teórico-clínico, mas também no registro da autorização e habilitação de uma prática social. Como, desde então, o aspecto privilegiado da formação psicanalítica é a análise pessoal do candidato, a experiência psicanalítica da formação passaria a ser regulamentada pela Associação. Assim, a experiência transgressora do inconsciente - que é do que se trata numa análise - era atravessada pela

própria institucionalização da psicanálise. Este atravessamento se refere ao estabelecimento de regras (escolha do analista, tempo e frequência das sessões, duração do tratamento, etc.), bem como ao papel desempenhado por mestres, teorias, e, em termos gerais, ao imaginário produzido neste processo de institucionalização, exercendo efeitos sobre a análise.

A idéia que atravessa a totalidade dessa pesquisa - seu fio condutor - é a de que há uma *tensão irreduzível* entre o que a psicanálise se propõe enquanto processo terapêutico e as vicissitudes de sua institucionalização, isto é, entre a investigação do inconsciente e as formas pelas quais a psicanálise vai se organizar, se manter e se perpetuar na cultura. Assim, o *locus* privilegiado onde essa *tensão* produz efeitos é a *análise que tem lugar na formação psicanalítica*, a didática, ponto de articulação entre esses dois registros. O objetivo específico desta pesquisa é investigar, através de um *olhar privilegiado sobre a formação psicanalítica*, as relações estabelecidas entre a transferência e o processo histórico de institucionalização da psicanálise, isto é, detectar os efeitos de transferência produzidos por este processo e, reciprocamente, apontar as determinações transferenciais nos destinos da institucionalização da psicanálise.

Recorrendo à história da psicanálise, percebe-se que nem a institucionalização é um processo linear e "natural", nem o lugar que as instituições ocupam na formação psicanalítica - e os correspondentes investimentos transferenciais para com

elas - mantêm a mesma economia. Assim, consideramos que só é possível investigar os efeitos recíprocos da transferência na institucionalização da psicanálise através de uma contextualização histórica, sendo necessário precisar os períodos sobre os quais incide a pesquisa.

O conceito de transferência é utilizado *lato sensu* em seu sentido freudiano, como processo pelo qual o inconsciente se atualiza sobre determinados objetos (Laplanche e Pontalis, 1983), não se tratando de um fenômeno exclusivo da situação analítica, mas de um fenômeno geral. Buscamos explorar os limites definidos classicamente (Lagache, 1990) entre "transferências analíticas" e "transferências extra-analíticas" ou "laterais", apontando as implicações existentes entre esses registros.

Na segunda parte, *A Psicanálise em Meados do Século*, dedicamo-nos ao pensamento que vinha sendo produzido sobre os "problemas" da análise na formação. Os efeitos transferenciais da padronização e sistematização da formação aliados aos efeitos de retorno da difusão da psicanálise sobre si mesma tornavam-se visíveis, apontando *sintomas* no campo psicanalítico. Assim, a tendência dos candidatos a serem "submissos" e "excessivamente respeitosos aos seus analistas", sintoma ressaltado por Balint (1948) como sendo produzido pelo próprio sistema de formação vigente, não encontrou ressonância no pensamento da época, sendo ofuscado pela formulação de Gitelson (1954) do surgimento do candidato "normal" nos

Institutos Psicanalíticos, produto de seu meio cultural. Candidato "normal" ou produção de "normalidade" excessiva pela manipulação da transferência nas análises didáticas? No vácuo deste e de outros questionamentos referentes aos "problemas" da análise na formação, inicia-se a saga institucional de Jacques Lacan - até então, analista didata reconhecido pela IPA.

A força da crítica lacaniana reside no fato de propor, em seu olhar sobre os problemas da formação, uma relação intrínseca entre concepção teórica da psicanálise e sua estrutura institucional. Lacan se inscreve assim, na trilha aberta por Ferenczi e depois Balint, como um verdadeiro "analista institucional" da psicanálise, denunciando a cumplicidade de uma derivação esterilizante da teoria e da prática psicanalíticas com um modo de exercício e de transmissão dos poderes. Porém, ao fundar em 1964 a sua própria Escola, após o rompimento definitivo com a IPA, tornando-se a primeira dissensão *freudiana* da história da psicanálise, Lacan realiza um *corte transferencial* inédito, cujos efeitos rapidamente tornar-se-ão visíveis. Buscamos acompanhar, na terceira parte - *Lacan e o Corte Transferencial* -, as contribuições teórico-institucionais de Lacan, junto à análise do lugar transferencial por ele ocupado na psicanálise francesa e mundial. Mostramos que, a partir de seu projeto de *retorno a Freud*, e através do *corte transferencial* inédito efetuado, Lacan tornou-se o *último freudiano* em sua Escola. A questão colocada no decorrer desta análise foi a de saber, de fato, se foi possível ao modelo de formação proposto por Lacan evitar o

que havia denunciado anteriormente.

Apoiamo-nos, para isto, na literatura psicanalítica francesa do final dos anos 60, onde se encontra uma ampla teorização sobre as implicações da transferência na instituição na psicanálise, derivada, por um lado, das críticas suscitadas pela proposição lacaniana do *passee* (Lacan, 1967), e por outro, do questionamento geral das instituições provocado em toda a sociedade francesa pelos eventos de maio de 68. A importância dessas contribuições é maior se considerarmos que o momento atual da psicanálise no Brasil sofre a herança e os efeitos dessas transformações na psicanálise francesa, principalmente pela difusão do movimento lacaniano entre nós. Mas se hoje o movimento lacaniano está incorporado à psicanálise no Brasil, a agudez das críticas com que foram, naquela época, abordadas as questões referentes à institucionalização da psicanálise e aos destinos da transferência na formação psicanalítica parece estar adormecida em nosso processo de institucionalização.

Finalmente, na quarta parte - *Em Busca do Tempo Perdido* -, aplicamos, em um ensaio "antropofágico", as "ferramentas" de saber conquistadas ao longo da pesquisa na análise de um sombrio episódio da história recente da psicanálise brasileira: trata-se do caso de um médico em formação na tradicional Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, envolvido com as práticas de tortura em presos políticos durante o regime militar ditatorial - o caso Amílcar Lobo. O material privilegiado para a análise desse caso foi o

depoimento publicado em forma de livro pelo próprio envolvido. A pertinência desta investigação para a nossa problemática está na similitude, apontada neste relato, entre a sua experiência enquanto candidato em formação psicanalítica e a sua experiência enquanto médico militar frente às práticas de tortura. Enfocando as transferências em jogo, fomos guiados pelo questionamento das condições produzidas - naquele contexto - no processo de formação psicanalítica, de forma a que a SPRJ colaborasse ativamente para produzir uma situação na qual um de seus candidatos em formação participasse de uma equipe de tortura.

Nostalgia do não-vivido? De algo que a psicanálise teria perdido? Estas questões se impuseram no início deste trabalho de construção histórica. Nostalgia que se fazia ver na busca das origens (o próprio recurso à história): os "tempos heróicos" da criação da psicanálise, a luta pela aceitação social e os riscos aí envolvidos, os seminários explosivos de um Lacan ainda vivo, os psicanalistas na rua em 68 e a repercussão daqueles eventos para a própria psicanálise, a tentativa de resgate de um episódio da psicanálise brasileira envolvida pelos ares de um governo ditatorial. Ao final do percurso, de volta do "flash-back", deparamo-nos mais uma vez com o presente, porém agora modificado, mais pleno de sentido. É a partir desse olhar "modificado" que se constrói a conclusão desta pesquisa - hipóteses sobre o presente: a possibilidade cada vez maior no horizonte da psicanálise de se estabelecer novas transferências e para elas buscar adequadas

(dis)soluções. A promessa de novos agenciamentos, o desejo de fazer a história. *Tempo vivido, história contada.*

Citando Goethe, o que se trata sempre de uma homenagem a Freud:

O que hás herdado de teus pais,  
adquire, para que o possuas (...)



PRIMEIRA PARTE

FREUD E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICANALISE

*Provocar oposição e  
despertar rancor é o destino  
inevitável da psicanálise.*

Sigmund Freud,  
em 1914.

## 1. TEMPOS DE GUERRA

No início do ano de 1914, os ânimos na *Mitteleuropa* andavam exaltados. Movimentos de independência nacional numa região que ainda hoje ocupa a atenção mundial, a Sérvia e a Croácia, criavam um estado de tensão direta com o Império Austro-Húngaro. Com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, os impérios austríaco e alemão tiveram o alibi suficiente para expressar seu desejo de guerra aplicando a máxima militarista *si vis pacem, para bellum*(1). A primeira guerra mundial, iniciada a 29 de julho de 1914 com a invasão da Sérvia pela Austria, seguida do rápido envolvimento das potências europeias, eternizou a ideologia guerreira em uma pistola automática que foi o símbolo da tecnologia militar, a *parabellum*, curioso nome de arma, que vem expressar as contradições da guerra e da paz.

Nesta época, Freud redigia um texto de tom francamente beligerante, que veio a ser apelidado de "bomba" (cf. 3.3.3). Um texto onde termos como deserção, inimigos, adversários, armas, resistência e oposição aparecem repetidamente. Trata-se de *A História do Movimento Psicanalítico* (Freud, 1914). A "bomba" tinha como alvos principais Adler e Jung, então recentes dissensões do movimento psicanalítico. A psicanálise vivia "tempos de guerra" (op.cit., p.51), e Freud, contrariado, dizia-se "forçado a pegar em

1. *Se queres a paz, prepara a guerra.*

armas" (op.cit.,p.63), situação que lhe era obviamente incômoda e desgostosa, o que foi expresso através da citação de Goethe usada de forma auto-irônica como epígrafe ao terceiro e último capítulo de sua *História*:

*Mach es Kurz!*  
*Am Jüngten Tag ist's nur ein Furz!*(2) (apud  
Freud, 1914, p.55)

Afora seu caráter polêmico, longe de qualquer intuito iconoclasta deliberado ao se fazer uma análise mais minuciosa deste texto (ao contrário, uma psicanálise que se envergonha de suas paixões é exatamente o que Freud combaterá aqui), A *História do Movimento Psicanalítico* é considerado o texto "pivô" a partir do qual serão desenvolvidas as idéias trabalhadas nessa primeira parte: o processo de institucionalização da psicanálise, o lugar transferencial ocupado por Freud na economia e dinâmica desse processo, e as vicissitudes da transferência face a essa institucionalização.

Criada em março de 1910, no 2º Congresso de Psicanálise, realizado em Nuremberg, a Associação Internacional de Psicanálise (IPA) fazia quatro anos de vida. O projeto de Freud, que contou com a ajuda de Ferenczi, pretendia "organizar o movimento psicanalítico, transferir o seu centro para Zurique e dotá-lo de um chefe que cuidasse de seu futuro" (Freud, 1914, p.55). Há quase uma década a psicanálise vinha sendo difundida e popularizada, mobilizando outros campos de conhecimento. Foi no sentido de promover o desenvolvimento da

2. "Seja breve! No Dia do Juízo isso não passa de um peido!"

psicanálise preservando a sua especificidade - suas descobertas, sua linguagem, seu método de investigação - dos abusos da popularidade, que Freud imaginou a Internacional. Uma sede que pudesse organizar o que é psicanalítico, com autoridade para *declarar* o que é psicanálise e o que são "tolices" que com ela nada têm a ver - "isto não é psicanálise" (op.cit.,p.57). Nesse registro, a IPA teria a função (organizadora) de dar os contornos e as garantias ao corpo do saber teórico e da prática psicanalítica(3).

A opção por Zurique como sede da IPA e a escolha de Jung como novo líder do movimento psicanalítico indicam porém que, em outro registro, o que Freud desejava que fosse organizado era a economia e a dinâmica transferencial do mundo psicanalítico de então, que girava em torno de si. Viena não era uma cidade muito recomendável aos olhos do Ocidente, e quanto a si próprio, diz Freud:

Via também uma segunda desvantagem em minha própria pessoa, sobre a qual era difícil formar uma opinião por causa das manifestações de admiração e de ódio provenientes das diferentes facções (op.cit., p.56).

Nessa época, Freud não tinha dificuldades em reconhecer o aspecto ambivalente da transferência (Freud,1912). Pretendia assim resolver essa transferência maciça para consigo "transferindo" o centro do movimento psicanalítico de Viena

---

3. Quanto a isso, o temor de Adler de que se pretendesse exercer "censura e restrições sobre a liberdade científica" (op.cit.,p.57) vem mostrar que o que é garantia para alguns pode ser considerado restrição de liberdade para outros. O destino das funções institucionais da IPA será analisado no capítulo 3.

para Zurique, fazendo de Jung - o "príncipe herdeiro" - seu novo líder.

Esta posição, que fora de início ocupada por mim, dado o meu acervo de quinze anos de experiências, devia ser agora transferida(4) para um homem mais jovem, que então, naturalmente, ocuparia meu lugar após a minha morte (Freud, 1914, p.56).

Além disso, elegendo um sucessor que não fosse judeu, Freud resolvia outro problema que o angustiava, o reconhecimento da psicanálise enquanto ciência universal, cosmopolita, e não restrita ao meio judaico (cf.3.2.2).

A escolha de Jung como presidente da Associação Internacional rapidamente mostrou-se desacertada, em função de suas divergências e afastamento de Freud e da teoria freudiana. Freud faz então uso de sua pena, reivindicando seu lugar de mestre fundador, "aquele que sabe", para separar o que é psicanálise do que não é, e deixar claro quem é e quem não é psicanalista:

Não é de se estranhar o caráter subjetivo desta contribuição que me proponho trazer à história do movimento psicanalítico, nem deve causar surpresa o papel que nela desempenho, pois a psicanálise é criação minha; durante dez anos fui a única pessoa que se interessou por ela, e todo o desagrado que o novo fenômeno despertou em meus contemporâneos desabou sobre a minha cabeça em forma de críticas. Embora de muito tempo eu tenha deixado de ser o único psicanalista existente, acho justo continuar afirmando que ainda hoje ninguém pode saber melhor do que eu o que é a psicanálise, em que ela difere de outras formas de investigação da vida

---

4. "Es lag mir also daran, diese Autorität auf einem jüngeren Mann zu übertragen..." (in Gesammelte Werke, vol.X, p.85. Imago Publishing, London, 1946).

mental, o que deve precisamente ser denominado de psicanálise e o que seria melhor chamar de outro nome qualquer (op. cit., p.16, negritos nossos).

E o que é a psicanálise? Um pouco adiante Freud dará uma definição que tornou-se clássica:

Assim talvez se possa dizer que a teoria da psicanálise é uma tentativa de explicar tais fatos surpreendentes e inesperados que se observam sempre que se tenta remontar os sintomas de um neurótico a suas fontes no passado: a **transferência e a resistência**. Qualquer linha de investigação que reconheça esses dois fatos e os tome como ponto de partida de seu trabalho tem o direito de chamar-se psicanálise, mesmo que chegue a resultados diferentes dos meus (op. cit., p.26, negrito nosso).

A partir desta concepção, a psicanálise seria, antes de tudo, o conhecimento dos fenômenos da transferência e da resistência, e a aplicação clínica desse conhecimento no decorrer do tratamento.

Ao analisar, no terceiro capítulo de sua *História*, as dissensões de Adler e Jung, Freud o faz em dois registros: o teórico ou epistemológico, voltado para a análise conceitual de suas teorias, no intuito de mostrar onde estas contrariam os princípios básicos da psicanálise, e o psicanalítico, isto é, Freud lança mão de "conhecimentos psicanalíticos" (op.cit., p.63) no exame destas duas dissensões - conhecimentos referentes às resistências e às transferências em jogo no afastamento de Adler e Jung da psicanálise. Assim, Freud coloca estes dois teóricos no lugar reservado aos pacientes, porém sem o seu consentimento. Isso vai apontar algo que é específico à

psicanálise, mas abre precedentes para uma prática duvidosa, que ficou conhecida como análise "selvagem", no interior do próprio campo psicanalítico.

"O desapontamento que (essas dissensões) causaram talvez tivesse sido evitado se eu tivesse prestado mais atenção às reações de pacientes sob tratamento analítico", diz Freud (op.cit.,p.62). A idéia freudiana é a de que, em contato com a "coisa" psicanalítica, tanto os psicanalistas-teorizadores quanto os pacientes estão sujeitos às limitações provocadas pelas resistências suscitadas pela própria psicanálise. Isso não é novidade para Freud. Se *A Interpretação de sonhos* é considerado o marco do advento da teoria do inconsciente, ali Freud nos mostra como a sua teoria é construída também de seus sonhos e a partir deles, através de sua auto-análise, estabelecendo de forma inédita enquanto teórico a relação entre sua teoria e seu fantasma (cf. Granoff,1975,p.32). A surpresa de Freud está no fato de que alguém que tenha alcançado certa profundidade na compreensão da psicanálise (os casos de Adler e Jung) pudesse renunciar a essa compreensão e perdê-la, sob o domínio de uma nova resistência. Para Freud, a negação da sexualidade em suas teorias, dando espaço a uma "elaboração secundária" egóica e à "racionalização" no caso de Adler (1914, p.66-67) e a uma nova *Weltanschauung*(5) na forma de ideais de salvação no caso de Jung (op.cit.,p.75), são o resultado na forma de teoria, das resistências à psicanálise (cf. cap.2).

-----

5. "Visão de mundo". Mantemos o termo alemão, tal qual as edições inglesa e brasileira das obras de Freud.

Junto às resistências dos dois ex-discípulos, Freud irá analisar as motivações inconscientes de seu afastamento a partir da relação transferencial que estes estabeleceram com ele próprio, criador e pai da psicanálise.

Assim, Adler teria um "anseio desenfreado de prioridade", e teria dito a Freud, num encontro do Círculo de Viena: "O senhor pensa que é um grande prazer para mim ficar a vida inteira à sua sombra?" (apud Freud, 1914, p.65), ambição que, segundo Freud, rapidamente escorregou para o *unfair*. Jung teria "preconceitos raciais", seria incapaz de tolerar a autoridade de outra pessoa e mais ainda de exercê-la ele próprio (op.cit., p.56), e sofreria de rebeldia juvenil (op.cit., p.73). Tanto um como o outro tinham uma tendência "especulativa", onde a "pré-história teológica", no caso de Jung, bem como a "socialista", no caso de Adler, seriam um indicativo do desenvolvimento de suas teorias (op.cit., p.76). Em resumo, ambos são infantis, têm resistência à psicanálise e querem tomar o lugar que é de Freud.

Convém indicar aqui a leitura que Roustang (1987) faz desse debate. Ao lembrar a crítica feita por Jung a Freud "de abusar da psicanálise para manter seus alunos numa dependência infantil e ser, por este fato, responsável pela conduta infantil deles para com ele" (1987, p.32), Roustang apresenta a outra versão dos fatos, mostrando o quanto Freud também estava envolvido transferencialmente (ou contratransferencialmente) com seus discípulos, e, onde estava apontada a resistência à



psicanálise, pode-se levantar a hipótese de uma resistência à mestria (cf.3.3.1).

Se Jung e também Adler não deixam de retribuir "homenagens" ao velho mestre, isto estava previsto por Freud:

A análise, entretanto, não se presta a uso polêmico; pressupõe o consentimento da pessoa que está sendo analisada e uma situação na qual existam um superior e um subordinado. Daí, quem quer que empreenda uma análise com fins polêmicos pode esperar que a pessoa analisada utilize, por sua vez, a análise contra ela, de modo que a discussão atingirá um ponto que exclui inteiramente a possibilidade de convencer qualquer outra pessoa imparcial (Freud,1914,p.63).

Assim, fora da situação transferencial desejada (o "consentimento"), a análise se transformará no que Freud definiu em outro lugar como análise "selvagem" (Freud,1910a). Mesmo contra a sua vontade - "a análise não se presta a uso polêmico" - Freud acaba por dar o tom, ditado pelas transferências em jogo. Quando se diz "forçado a pegar em armas" (1914,p.63), as armas são os "conhecimentos psicanalíticos", ou seja, o exame das resistências e transferências de seus adversários. No que se refere à luta contra as resistências, aliás, Freud segue a linha belicista do *Si vis pacem, para bellum*. Já que não se pode escapar das resistências, melhor provocá-las de uma vez!

A partir da tradição encontrada em *A História do Movimento Psicanalítico*, o confronto em psicanálise traz, até nossos dias, duas marcas (cf. Birman,1991): a primeira diz

respeito ao tom beligerante e passional desse confronto, com o uso de "conhecimentos psicanalíticos" entre as armas de acusação mútua, caracterizando um abuso da psicanálise, uma análise "selvagem" praticada no interior do próprio meio psicanalítico (cf. Gay, 1988, parte II); a segunda diz respeito ao próprio objetivo do confronto, a redefinição do que é e do que não é psicanálise, que, com a morte de Freud - aquele que *sabia* a psicanálise - passará a ser a luta pelo status de herdeiro legítimo de seu legado.

Freud observava que poucas pessoas conseguem "manter a linha" numa discussão científica, principalmente no que se refere à discussão psicanalítica, "tendo em vista a peculiaridade da controvérsia sobre a psicanálise" (Freud, 1914, p.51). Esta peculiaridade, junto às "dificuldades particularmente grandes ligadas ao ensino da psicanálise" (op.cit., p.37), é devida ao fato da psicanálise ser um saber cuja transmissão é regulada pela transferência. Assim na base da institucionalização da psicanálise está a transferência, apontando os impasses e impossibilidades desta institucionalização.

Analisamos, no capítulo 3, as características transferenciais da institucionalização da psicanálise no período freudiano. Antes, porém, de avançar pelos caminhos e descaminhos desta história, faremos um breve desvio metodológico, de forma a apreender de que modo a própria teoria psicanalítica pode servir aos propósitos das resistências à

psicanálise, tornando-se uma *Weltanschauung*. Além disso, através da análise de duas obras que guardam, na medida do nosso interesse, correspondência entre si - *O Psicanalismo* (Castel, 1978) e *O Freudismo* (Assoun, 1991) - buscamos explicitar, de modo a poder evitá-la, uma concepção simplista predominante nas leituras correntes da história da psicanálise.

## 2. LA THÉORIE, C'EST BON, MAIS ...

"Compreendi que daquele momento em diante eu passara a fazer parte do grupo daqueles que *perturbaram o sono do mundo*", nos diz Freud, referindo-se às resistências com que foi recebida sua teoria da etiologia sexual das neuroses (Freud, 1914, p.32). Assim, o homem que se dedicou aos sonhos afirmando serem realização de desejos com a função de proteger o sono, ao interpretá-los, teve como destino paradoxal não mais deixar a humanidade dormir - e sonhar - em paz.

Outros dois homens citados por Freud em *Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise* (Freud, 1917) podem ser considerados "perturbadores do sono do mundo", em função de suas descobertas científicas. São eles Copérnico e Darwin. Nesse texto, Freud analisa a resistência com que uma descoberta científica é recebida a partir das dificuldades afetivas de origem narcísica por ela suscitadas.

O narcisismo, definido aqui como investimento libidinal sobre o próprio ego, em excesso tanto na criança quanto no homem primitivo(6), é responsável neste último pela "crença na onipotência das suas idéias e as conseqüentes tentativas de influenciar o curso dos acontecimentos do mundo

---

6. A analogia entre a criança, o primitivo e o neurótico, presente no decorrer de toda a obra freudiana, é devedora da teoria embriológica de Ernst Haeckel, onde a dimensão filogenética aparece correlacionada ao desenvolvimento ontogenético, isto é, o indivíduo no seu desenvolvimento reproduz as etapas do desenvolvimento de toda a espécie. Por isso, a criança pode ser comparada ao primitivo, e hipóteses sobre o desenvolvimento filogenético da humanidade podem ser levantadas a partir do desenvolvimento do indivíduo.

exterior pela técnica da magia" (op.cit.,p.174). Neste sentido, o narcisismo, junto ao desejo, é responsável pela construção das ilusões humanas, ilusões que a ciência vem combater.

Freud descreve três severos golpes sofridos pelo narcisismo universal dos homens (seu amor-próprio) através da ciência: o golpe cosmológico, atribuído a Copérnico; o golpe biológico, atribuído a Darwin; e o golpe psicológico, atribuído ao próprio Freud.

A idéia de que a Terra é o centro do universo estava associada ao papel dominante que o homem atribua a si próprio enquanto "Senhor do Universo". A partir de Copérnico, no século XVI, com o reconhecimento de que o Sol é o centro do sistema ao redor do qual a Terra gira, a ilusão narcísica de "Senhor do Universo" foi destruída, sofrendo a humanidade seu primeiro golpe desferido pela ciência.

Com Darwin, a ilusão humana da posse de uma alma transcendente divina e imortal, marco da diferença entre o mundo humano e o mundo animal, teve fim. Com a teoria evolucionista, Darwin demonstrou a ascendência animal do homem, diminuindo consideravelmente a distância antes colocada entre o mundo humano e o animal, sendo responsável pelo segundo golpe no narcisismo da humanidade.

O terceiro golpe narcísico foi dirigido à ilusão de que a consciência tem o conhecimento e o controle sobre o

conjunto da vida mental. Com a formulação do inconsciente e da atividade psíquica das pulsões sexuais, Freud demonstrou que "o ego não é senhor da sua própria casa" (op.cit.,p.178), uma vez que o psíquico não se reduz ao consciente e que o homem é regido por forças (sexuais) que desconhece, caracterizando o chamado golpe psicológico.

Se esses homens, a partir de suas descobertas, "perturbaram o sono do mundo", é porque denunciaram o caráter ilusório das grandes crenças humanas, como se dissessem: "acordem, isto é apenas um sonho", para aquilo que se acreditava ser realidade. Neste sentido, pode-se dizer que a ilusão é estruturada como um sonho.

Para Freud, o que caracteriza a ilusão é o fato dela estar referida ao campo do desejo e do narcisismo, e não ao campo da realidade (Freud,1927). Assim, a ilusão não se confunde com o erro, estando este referido à ordem do entendimento da realidade. Isto não impede que o erro seja um efeito da ilusão, como nos casos ilustrados acima (acreditar que a Terra é o centro do universo era uma ilusão, considerando a realização de desejo contida neste erro).

A noção de ilusão aproxima-se também da noção de delírio, diferenciando-se dessa pelo fato de que, estando ambas inscritas no campo do desejo, enquanto o delírio - para ser assim caracterizado - está necessariamente em contradição com a realidade, a ilusão não é necessariamente falsa, nem deve estar

em oposição à realidade. A ilusão é portanto uma crença situada no campo do desejo e do narcisismo, desconsiderando o campo da realidade como critério para sua constituição e validade:

Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação (Freud, 1927, p.44).

Assim como um sonho acordado... do qual não se quer despertar! E contra aquele que provoca este despertar, são dirigidas as mais fortes reações emocionais de resistência.

Em *As Resistências à Psicanálise* (1925), Freud resume os "bons" motivos para a reação emocional contrária à psicanálise:

1. Considerando que a civilização humana repousa sobre dois pilares - o controle das forças naturais e a repressão pulsional -, ao trazer à luz a qualidade das pulsões sexuais reprimidas em seus fins na constituição da cultura, a psicanálise atinge o "elevado ideal de moralidade" sustentado socialmente, e aponta o que Freud chamou de "hipocrisia cultural" (op.cit., p.272): o preço a ser pago para a manutenção dos ideais de moralidade é tão oneroso em termos de insatisfação pulsional, que a sociedade vive um sentimento de insegurança e uma necessidade de preservar essa situação precária através da proibição

da crítica e da discussão - a proibição do pensamento, tema importante ao qual voltaremos mais à frente.

2. No rastro da teorização sobre a sexualidade infantil, a psicanálise levantou o "véu de amnésia" dos anos de infância do homem, da qual restou "um horror ao incesto e um sentimento enorme de culpa" (op.cit.,p.273).

É portanto em reação a esses efeitos - a quebra de ilusões narcísicas, o questionamento dos mais elevados ideais sociais e as formulações sobre a sexualidade infantil - que são produzidas as várias formas de resistência à psicanálise.

No capítulo anterior, vimos como Freud considerou as formulações teóricas de Adler e Jung produto de resistência à psicanálise. Sua tendência "especulativa" bem como a mútua negação da sexualidade, teriam produzido teorias que estariam mais de acordo com uma lógica da ilusão do que referidas à realidade. No caso de Adler, uma elaboração secundária egóica que vinha inclusive responder a seus anseios socialistas, e no caso de Jung, a criação de uma nova *Weltanschauung* que tinha raízes em sua "pré-história teológica".

A lição que Freud tirou daquele episódio é que uma das formas mais correntes de resistência à psicanálise é a sua captura por uma lógica da ilusão. Seja a ilusão de panacéia da



modernidade, inserindo a psicanálise no campo médico (Freud, 1926), seja a ilusão de salvação fazendo da psicanálise um substituto da religião (Freud, 1927), seja a ilusão política, transformando a psicanálise em um ideal revolucionário - como na forma freudo-marxista (Freud, 1933).

Que a teoria pode muito facilmente pender para o registro da ilusão, colocando a realidade de lado, foi a lição parisiense que Freud guardou do mestre Charcot. "Isso não pode ser verdade", contestou um aluno, também educado na tradição da fisiologia acadêmica alemã, "pois contradiz a teoria de Young-Helmholtz", ao que Charcot respondeu, exercendo forte impressão sobre Freud: "*la théorie, c'est bon, mais ça n'empêche pas d'exister*"(1) (Freud, 1893, p.23).

## 2.1 A Teoria Como Proibição do Pensamento

É em *A Questão de uma Weltanschauung* (1933) que Freud analisa mais detidamente o risco de captura da psicanálise pela lógica da ilusão. Seu ponto de partida é o questionamento da possibilidade da psicanálise conduzir a uma determinada *Weltanschauung*, e em caso afirmativo, a qual. No decorrer do seu desenvolvimento, Freud irá colocar a psicanálise ao lado da ciência, contrapondo a *Weltanschauung* científica às outras *Weltanschauungen* - trata aqui da religião, artes, filosofia, anarquismo teórico e do marxismo. A *Weltanschauung* é definida como

-----

7. "Teoria é bom, mas isso não impede (os fatos) de existir".

(...) uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo que nos interessa encontra seu lugar fixo. Facilmente se compreenderá que a posse de uma *Weltanschauung* desse tipo situa-se entre os desejos ideais dos seres humanos. Acreditando-se nela, pode-se sentir segurança na vida (Freud, 1933, p.193).

O problema que se coloca de imediato na questão da *Weltanschauung* é seu caráter de ilusão, estando referida ao campo do desejo e do narcisismo, oferecendo uma "segurança na vida" que não necessariamente confere com a realidade.

Por outro lado, a *Weltanschauung* da ciência diferiria da própria definição de *Weltanschauung*. Apesar de também supor uma uniformidade na explicação do universo, a ciência o faz apenas na qualidade de projeto, relegando sua realização sempre para o futuro. Atém-se ao que é cognoscível no presente, rejeitando os elementos que lhe são estranhos. Privilegia a elaboração intelectual e a pesquisa como únicas fontes válidas de conhecimento, desconsiderando a intuição e a adivinhação.

Concluindo, segundo Freud, no mais puro espírito iluminista, a ciência - e a psicanálise como parte desta - não caracteriza uma *Weltanschauung*, pois está referida à realidade, e não à realização de desejos humanos na forma de ilusão.

A questão freudiana é menos destituir o valor das *Weltanschauungen* do que afirmar um caráter científico para a psicanálise, marcando sua diferença. Freud destaca, portanto,

seu valor nos produtos da arte, nos sistemas religiosos e na filosofia, mas adverte:

(...) não podemos desprezar o fato de que seria ilícito e muito impróprio permitir que fossem essas exigências transferidas para a esfera do conhecimento. Pois isto equivaleria a deixar abertos os caminhos que levam à psicose, seja psicose individual, seja grupal, e retiraria valiosas somas de energia de empreendimentos voltados para a realidade, com a finalidade de, na medida do possível, nela encontrar satisfação para os desejos e para as necessidades (op. cit., p.195).

Assim, Freud busca demarcar claramente os limites (tênuos) entre conhecimento e ilusão, bem como entre conhecimento e delírio, afirmando a psicanálise no terreno do conhecimento.

Entre os domínios da arte, filosofia e religião, apenas a última é considerada adversária da ciência. Em períodos anteriores da História a religião assumiu um lugar próximo ao da ciência - uma vez que abrangia tudo o que desempenhava um papel intelectual na vida do homem - construindo uma *Weltanschauung* coerente e auto-suficiente num grau sem paralelo de influência sobre a cultura (que aliás, persiste ainda hoje). Convém aprofundar a leitura freudiana da religião, de forma a compreender a freqüente analogia utilizada na própria literatura psicanalítica, entre a psicanálise e a Igreja.

A religião, segundo Freud, preenche três funções na cultura: ensino, consolo e exigências (op.cit., p.198). O ensino se refere às informações a respeito da origem e da existência

do universo - a cosmogonia -, presentes em todo sistema religioso. Assim, a "sede de conhecimento" do homem é satisfeita, e nesse ponto a religião tem seu primeiro choque com a ciência.

O consolo é a função religiosa que traz maiores problemas no confronto com a ciência, que "não pode competir com a religião quando essa acalma o medo que o homem sente em relação aos perigos e vicissitudes da vida, quando lhe garante um fim feliz e lhe oferece conforto na desventura" (op.cit.,p.197). A ciência, apesar de permitir o conhecimento de certos perigos, em algumas situações nada mais tem a fazer que "deixar o homem entregue ao sofrimento, e apenas pode aconselhá-lo a resignar-se" (idem). Assim, enquanto a ciência caminha vagarosamente na busca da superação dos limites do conhecimento e do poder humanos, a ilusão religiosa oferece "segurança na vida" para aquele que, desde a situação infantil, conhece e sofre as agruras do "estado de desamparo" (*Hilflosigkeit*) característico do humano. É nessa linha de pensamento que Freud faz a analogia entre Deus e o Pai - a fé religiosa sendo uma reedição da situação infantil.

A terceira função da religião é estabelecer preceitos, proibições e restrições. Sua função ética.

Relacionando estas três funções, percebe-se que as garantias de proteção e felicidade (o consolo) estão reservadas àqueles que obedecem aos preceitos ético-religiosos, cuja articulação final é uma "teoria" das origens, remetendo a um

Deus-Criador, o "pai". Diz Freud: "Um homem religioso imagina a criação do Universo assim como imagina sua própria origem" (op. cit., p.198).

Assim, a ilusão religiosa extrai sua força do complexo parental-paterno. A mesma pessoa à qual a criança deve a sua existência, o pai(8), também a protegeu e cuidou em seu desamparo constitucional. "Sob a proteção do pai, a criança sentiu-se segura" (op.cit., p.199). O adulto "fundamentalmente ainda permanece tão desamparado e desprotegido como era na infância", evocando a "imagem mnêmica do pai" - o pai idealizado - na forma de Deus (idem). Ainda que de forma excessivamente simplificada - uma vez que nos poupamos de um longo desvio por *Totem e Tabu* - essa exposição sobre a gênese da constituição da ilusão religiosa através do complexo paterno nos interessa na medida da ampliação que nos propõe Paul-Laurent Assoun:

é "religiosa", no fundo, toda configuração em que se mostra ativo esse "complexo do pai" (Assoun, 1991, p.84).

Assim, é o complexo-paterno, constituinte da religião, a matriz de toda e qualquer ilusão, entendida como uma crença na qual, em sua motivação, prevalece a realização de desejo. A religião é, portanto, a *Weltanschauung* por excelência, o que faz Assoun identificar como religiosa toda

---

8. Freud diz que poderia tratar-se da instância parental composta do pai e da mãe. Como lembra Assoun (1991, p.83), esse "diagnóstico" não deve ser entendido como uma psicologização sumária da crença religiosa, mas em sua dimensão metapsicológica, apontando a religião como herança do assassinato do pai. É com referência a *Totem e Tabu* (Freud, 1913) que se pode apreender a relação da questão paterna com a religião. A ontogênese do sentimento religioso em Freud é devedora da herança filogenética do assassinato do pai apresentado no mito parricida de *Totem e Tabu*.

*Weltanschauung*, mesmo as de cunho materialista (op.cit.,p.84).

Esta é a visão freudiana do marxismo, que na época (1929-1932) dava sua guinada do marxismo-leninismo para o stalinismo, além de surgirem as primeiras tentativas de associação entre o pensamento de Freud e de Marx, através do freudo-marxismo de Wilhelm Reich (se esta conferência - *A questão de uma Weltanschauung* - tem um destinatário privilegiado, pode-se dizer que se trata de Reich):

O marxismo teórico, tal como foi concebido no bolchevismo russo, adquiriu a energia e o caráter auto-suficiente de uma *Weltanschauung*; contudo, adquiriu ao mesmo tempo uma sinistra semelhança com aquilo contra o que está lutando. Embora sendo originalmente uma parcela da ciência, e construído, em sua implementação, sobre a ciência e a tecnologia, criou uma proibição para o pensamento que é exatamente tão intolerante como o era a religião, no passado. Qualquer exame crítico do marxismo está proibido, dúvidas referentes à sua correção são punidas, do mesmo modo que uma heresia, em outras épocas, era punida pela Igreja Católica. Os escritos de Marx assumiram o lugar da Bíblia e do Alcorão, como fonte de revelação, embora não parecessem estar mais isentos de contradições e obscuridades do que esses antigos livros sagrados (Freud, 1933, p.218, negrito nosso).

Ou seja, o que faz de uma teoria (mesmo que de base científica e materialista) uma *Weltanschauung* é a imposição de uma proibição do pensamento, que pode tanto se dar pela associação/captura dessa teoria a sistemas religiosos, quanto pela sacralização de um autor (Deus-Pai-Totem) e de uma obra, cuja crítica se torna tabu. Freud corria esses dois riscos: além de assistir à tentativa de captura da psicanálise por uma lógica da ilusão, tornando-a uma *Weltanschauung*, era, de fato e

de direito, o pai da psicanálise, colocando aqueles que dela se aproximavam frente a um "complexo-paterno" quando da relação com a sua palavra, o seu texto, a sua criação. O texto de Freud referente ao marxismo pode, sem causar muita perplexidade, ser aplicado à própria psicanálise, em algumas de suas formas atuais, em função da sacralização de determinados autores (tanto Freud como os novos "pais"). Causaria espanto, quando nos referimos a certos meios psicanalíticos, dizer que "os escritos de (Freud - Melanie Klein - Lacan) assumiram o lugar da Bíblia e do Alcorão, como fonte de revelação, embora não parecessem estar mais isentos de contradições e obscuridades do que esses antigos livros sagrados"?

Assim, o que Freud parece ainda não saber é que o destino provável daquele que destrói a ilusão alheia é ser, ele próprio, investido da mesma forma que a ilusão anterior. Portanto, se Freud "perturba o sono" (e os sonhos) do mundo, não se deixará de sonhar; Passar-se-á a sonhar com Freud e com a psicanálise (cf. 3.2.2). Afinal, é possível viver sem o sonho da ilusão?

A problemática paterna está no centro do objeto deste trabalho, remetendo por um lado à questão da institucionalização da psicanálise, e por outro à questão da transferência, o que passaremos a demonstrar a partir do próximo capítulo, onde examinamos as vicissitudes e implicações da transferência frente à institucionalização da psicanálise.

A história desta institucionalização é tradicionalmente entendida como um jogo de forças que oscila apenas entre dois extremos: a afirmação da "autenticidade" da psicanálise *versus* a sua captura ou "recuperação" pelas forças de resistência da cultura. Tentaremos seguir pelos caminhos dessa história como quem segue o curso de um rio de montanha, pulando sobre suas pedras mais firmes, evitando afundar ora numa ora noutra dessas tendências de forma ingênua, até onde o equilíbrio do nosso pensamento crítico permitir.

Antes disso, porém, é interessante a análise de duas obras que, apesar dos quase vinte anos que as separam, apresentam um confronto de posições bastante ilustrativo para o que tratamos aqui.

## 2.2 Psicanalismo x Freudismo

Uma das características do pós-moderno é o caráter jocoso e depreciativo que o uso do sufixo "ismo" indicando doutrinas, escolas ou princípios adquiriu - sinal da falência das ideologias e mais ainda da "ideologização" das doutrinas com pretensão científica. Aqui, porém, os termos possuem um sentido bastante definido, que se afasta daquele sugerido pelo senso comum.

Por "psicanalismo", Castel (1978) entende o efeito ideológico imediato produzido pela psicanálise no campo social. Na linha inaugurada por Foucault em *A História da Loucura na Idade Clássica* (1978), Castel pretende "tratar a própria



psicanálise como uma instituição" (op.cit.,p.220), definindo sua problemática pelo questionamento da relação do saber analítico com o poder sócio-político, seja no processo de sua produção, seja no campo de sua exploração social.

O esforço de Castel é, a partir de uma leitura não-analítica - sociologia da psicanálise - diminuir a amplitude do "corte freudiano": corte epistemológico, corte com a psiquiatria, corte entre o intra e o extra-analítico, considerando este como estando presente no intra-analítico, porém "neutralizado", "dissimulado". Seu método é representar a área analítica como duplamente circunscrita, por um lado considerando a existência do extra-analítico (as relações de produção e de dominação social; afinal, é a questão do poder que interessa a Castel), e por outro, a presença deste no próprio dispositivo analítico.

A relação da psicanálise com o psicanalismo não é a mesma que une um saber a sua "ideologização" no sentido passivo, como uma alteração sofrida pela psicanálise fora de seus domínios legítimos. Ao considerá-la como instituição, Castel afirma a psicanálise como um sistema produtor de ideologia. Citando Rimbaud, considera a psicanálise e o psicanalismo tão inseparáveis quanto a gaze e a cortina. Ele diz:

A psicanálise é a prática e a teoria dos efeitos do inconsciente que coloca entre parênteses a questão de suas finalidades sócio-políticas: abstração defensável, como veremos, em limites bem precisos e estreitos. O psicanalismo é o efeito-psicanálise imediato produzido por essa abstração. É a

implicação sócio-política direta do desconhecimento do sócio-político, desconhecimento que não é um simples "esquecimento", mas, como sustentaremos, *um processo ativo de invalidação* (op.cit.,p.4).

Ao conceituar o psicanalismo como produção ideológica/efeito de desconhecimento, Castel pretende desmistificar três grandes ilusões presentes no campo psicanalítico: a crença no caráter revolucionário da psicanálise; a assimilação da inserção sócio-política da psicanálise à sua "recuperação"; e a alocação da psicanálise fora da medicina mental (op.cit.,p.15).

Assim, a idéia (que permeia toda uma história da psicanálise) de uma recuperação exterior do caráter subversivo intrínseco à psicanálise pelas resistências da cultura é combatida. Castel pretende que, apesar de haver demorado um pouco, fica cada vez mais claro o paralelo entre a psicanálise e os esquemas de controle social de sua época. Não haveria recuperação da psicanálise, uma vez que esta não é subversiva, sendo, ao contrário, ela própria recuperadora.

Todo texto é datado. O de Castel data de 1973 na edição francesa. Como nos lembra Birman (1989,p.87), nessa época um grupo de autores franceses dedicava-se à interrogação crítica do pensamento de Lacan e de sua inserção no espaço social, preocupados com a psicanálise e com o fenômeno social do "lacanismo" enquanto ideologia vigente. Referindo-se ao seu próprio livro, Castel observa:

todo texto é sintoma, duplamente. Certamente sintomático das motivações de quem o escreve,

mas também de uma conjuntura social que recorta uma ordenação das urgências na infinidade das questões possíveis, impondo uma atualidade eventual às mais teóricas especulações e colorindo com o ar do tempo as reflexões que se pretenderiam as mais originais (1978,p.199).

O combate de Castel às "ilusões" psicanalíticas vai de encontro frontal à proposta lacaniana de um "retorno a Freud" no sentido de resgatar o caráter subversivo da psicanálise que teria sido "recuperada" na forma modelar de uma psicologia do ego norte-americana. Ao negar um valor subversivo intrínseco à psicanálise e apontar uma cumplicidade do aparelho analítico com certos mecanismos constitutivos da ideologia dominante, Castel busca atingir o mito que está na base de sustentação do lacanismo vigente então, correndo porém o risco (consciente e intencional de sua parte) de fazer de toda a psicanálise *farinha do mesmo saco*. Pensamos que, "datando" o texto de Castel, é possível relativizá-lo, evitando assim a refutação fácil e permitindo que aspectos da sua crítica cheguem a nós ainda com seu poder de fogo, crítica que, de resto, não parece ter sido suficientemente elaborada pelo campo psicanalítico.

A *démarche* de Castel busca, portanto, demonstrar duas proposições iniciais: 1) o extra-analítico está presente no dispositivo analítico, porém, sob uma forma dissimulada; e 2) essa dissimulação não é simples ignorância, tampouco uma pura ocultação, mas uma reinterpretação unilateral (parcial e parceladora), portadora de efeitos sociais igualmente

unilaterais. São estes efeitos de dissimulação que produzem um universo dicotômico, onde o não-analítico não pode ser pensado por si mesmo. Castel distingue três níveis principais onde afloram estes efeitos, que compõem a "lógica do psicanalismo", e que fazem da psicanálise uma ideologia: o esquecimento dos limites de aplicação do método, que promove uma inflação do esquema analítico, fazendo do modelo de interpretação psicanalítico um modelo totalitário; a dissimulação da natureza das condições objetivas que permitem o discurso psicanalítico, através de uma invalidação da problemática do poder substituída pela problemática pessoal dos investimentos inconscientes; e a participação analítica em técnicas de controle social(9).

Concluindo, a psicanálise, por sua pretensão em se dar como total, torna-se uma "pseudo-alternativa" a uma *Weltanschauung* conservadora, e, pelas suas características, diz Castel, é a "ideologia por excelência" da atualidade - uma ilusão, uma elaboração errônea do desejo, que ajuda a viver (op.cit.,p.241-242).

O diálogo entre os psicanalistas e Castel é problemático, tão problemático, aliás, como o diálogo com Foucault(10). Ao comentar *O Psicanalismo*, Joel Birman (1989) critica Castel por tomar seu método como único, tornando assim inviável a abordagem epistemológica da psicanálise. Birman considera que uma coisa é tomar a psicanálise enquanto prática

-----

9. No capítulo 7, onde analisamos o caso Amílcar Lobo, temos um ilustrativo exemplo de "psicanalismo" vigente na psicanálise brasileira durante o período de ditadura militar.

10. Sobre o diálogo entre os psicanalistas e Foucault, ver nosso "*Foucault: Implicações Psicanalíticas*" (Kupermann, 1990).

social e instituição, outra é o exame epistemológico (conceitual e metodológico) do efeito de verdade do discurso psicanalítico. Todo o projeto de Castel, por outro lado, é no sentido de combater a noção de uma epistemologia pura, no caso da prática psicanalítica, desvinculada de qualquer inserção social.

Diálogo de surdos? Talvez. Mas enquanto o drama hamletiano da epistemologia não se resolve, o próprio Castel considera seu projeto como complementar ao desenvolvido em *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia* (Deleuze e Guattari, 1972), sendo este mais voltado para a questão teórico-epistemológica propriamente dita, enquanto o seu estaria mais voltado para uma crítica institucional. Entre extremos, Castel considera que, se algum dia for constituída uma crítica da razão psicanalítica, esta deverá ponderar sobre os dois aspectos (1978, p.235).

Ao resgatar, por seu turno, o termo "freudismo", Paul-Laurent Assoun (1991) parece confrontar com Castel, dando seqüência a um diálogo iniciado quase vinte anos antes. Seu projeto é, a um só tempo, resgatar da psicanálise aquilo que está estruturalmente ligado ao seu ato de fundação, sem no entanto reivindicar uma objetividade desvinculada deste momento "mítico". Aproxima-se assim do projeto inicial lacaniano de um "retorno a Freud", do qual Lacan teria se afastado. Diz Assoun: "o freudismo é aquilo que impede a psicanálise de se reduzir a si mesma, a sua própria objetividade" (op.cit., p.7). Ao contrário, porém, de identificar o freudismo como a parcela de

subjetividade - de Freud - que viria contaminar a cientificidade da psicanálise, Assoun concebe uma representação de psicanálise onde o freudismo seria "*o que permanece presente na psicanálise como vestígio crônico, material e irrecusável, de seu ato constitutivo de fundação*" (op.cit.,p.8,grifos do autor).

Ao invés de Rimbaud, Assoun recorre a uma imagem do *Bloco Mágico* de Freud para pensar as relações da psicanálise com o freudismo, sendo este "uma estrutura aderente à psicanálise, que permite reatualizar ininterruptamente seus efeitos" (op.cit.,p.20).

Lacan tentou escapar da problemática de um freudismo e de um anti-freudismo que se colocava nos anos cinquenta, onde havia oposição na avaliação, mas não na identificação de uma *Weltanschauung* (psico-sexualista) associada ao nome de Freud. Tomando o título da conferência *A Coisa Freudiana ou Sentido do Retorno a Freud em Psicanálise* (Lacan,1955) como marco da operação lacaniana, Assoun aponta a modificação promovida por Lacan da posição do nome próprio (de Freud) em relação à disciplina. Em contraste com a conotação subjetivista do freudismo, é "a coisa" promovida por Freud que passou para o primeiro plano, advindo o nome próprio na posição de predicado dessa "coisa" que ele serviu para nomear, inaugurando uma nova dimensão para o termo "freudiano".

Tratava-se portanto de resgatar a especificidade da operação de fundação de um campo próprio, com seus limites

inalienáveis, e, correlativamente, da referência ao texto de Freud. Retornar a Freud, diz Assoun, era

retornar realmente ao *nome* no que lhe é "próprio", para ativar seu "sentido" no próprio cerne da prática da psicanálise - aquilo que o "freudismo" atestava confusamente como uma necessidade, embora a hipostiasse como uma visão de mundo que sobredeterminava a psicanálise, ao mesmo tempo comprometendo sua objetividade. Foi num mesmo movimento, portanto, que Lacan reivindicou a filiação da psicanálise à ciência, enquanto inaugurava a questão da relação *dessa* ciência, nomeada por Freud, com a *episteme* como tal (1991,p.18).

Este foi o ponto de partida de Lacan, projeto que Assoun identifica com o seu. Lacan, porém, com a tentativa de fazer o saber freudiano aceder a uma condição própria através da referência à trilogia imaginário-simbólico-real e à escrita dos matemas, distanciou-se, segundo Assoun, desta referência "mitológica".

Portanto, motivo semelhante ao que levou Lacan a evitar o emprego do termo freudismo - dizendo a "coisa" freudiana e um "retorno a Freud" - faz com que Assoun promova um retorno ao "freudismo". Se uma das principais repercussões do questionamento de Lacan foi a de haver chamado novamente a atenção para as restrições próprias do "campo freudiano", diz Assoun, "tanto por razões sociais quanto epistemológicas o termo reinstaurou uma ambiguidade que nos reconduz incessantemente à origem do projeto freudiano (op.cit.,p.20).

Se com o seu "psicanalismo" Castel busca apontar o

aspecto ilusório do projeto lacaniano de "retorno" ao caráter revolucionário da psicanálise a partir do resgate de uma pureza epistemológica, Assoun, com o "freudismo", esquiva-se dessa crítica, deslocando a questão de uma objetividade última da psicanálise desvinculada do "momento" freudiano, e colocando a "revolução freudiana" em outros termos:

Vemos, além disso, que o termo "revolução freudiana" deve ser entendido no sentido "astronômico" - movimento de um objeto em torno de um eixo, com um retorno periódico -, e não no sentido "político" de mudança brusca e radical (Assoun, 1991, p.112).

É justamente esse efeito-revolução que assegura a atualidade do freudismo. Como quer Assoun, foi a recusa de Freud em ligar a psicanálise às *Weltanschauungen* que marcaram época e sustentaram suas ilusões que evitou que a psicanálise sofresse o efeito de erosão que coube àquelas, que, uma vez superada sua época, tornaram-se obsoletas.

Definidos "psicanalismo" e "freudismo", e apontadas algumas relações entre os dois conceitos, é momento de retomarmos nosso percurso. A opção pelo desvio por Castel e Assoun foi no intuito de problematizar uma concepção simplista de história da institucionalização da psicanálise oscilando entre duas forças apenas, a "autenticidade" subversiva da psicanálise *versus* a sua "recuperação" pelas forças de resistência da cultura. Se a leitura - ainda que "relativizada" - de Castel é suficiente para questionar a certeza de um caráter subversivo intrínseco à psicanálise, a leitura de *O Freudismo* de Assoun vem alertar para a necessidade constante de revolução (no sentido "astronômico") na psicanálise, para que



esta não perca a dimensão e a força de seus efeitos. Além disso, a crítica embutida em seu texto a Lacan vem mostrar que não é só através de forças de resistência externas que a psicanálise pode se distanciar do freudismo. Porém, em sua análise, ambos deixam de considerar a problemática da transferência, que é onde reside nosso interesse.

Ao criticar Castel, Joel Birman (1989) já havia apontado a omissão desse eixo fundamental, considerando que, para captar os efeitos ideológicos e as práticas de poder da psicanálise, é necessário destacar os efeitos sociais produzidos pelo processo de formação analítica, onde a problemática da transferência na instituição psicanalítica desempenha um papel capital:

(...) seria pela interrogação do campo transferencial na instituição analítica e de seus efeitos sociais marcantes, que poderíamos nos aproximar de um questionamento produtivo das relações da psicanálise com o poder e da constituição de suas ideologias (...). (Birman, 1989, p.90).

É verdade que Castel: 1) assume um método sociológico (não analítico); 2) considera que a questão das sociedades psicanalíticas (incluindo a da formação) vem ocultar o problema do lugar da psicanálise na sociedade; e 3) critica o fato das aporias da autoridade e da hierarquia remeterem sempre à dialética da transferência e da contratransferência.

Por outro lado, se Castel pretende mostrar a presença do extra-analítico no próprio dispositivo dual, e para isso analisa, por exemplo, a questão do dinheiro na psicanálise,

como deixar de lado, para quem está interessado nas relações de poder, a análise daquilo que constitui a própria relação dos parceiros da cura - a transferência?

Quanto a Assoun, quando faz do freudismo uma estrutura aderente à psicanálise associada ao seu ato (de Freud) de fundação, também não aborda a problemática transferencial ligada a esse ato e a este "nome próprio" - Freud. Assim, também quando se refere a Lacan e à sua reestruturação do "campo freudiano", considera que este termo teve como destino reinstaurar uma ambigüidade - que nos reconduz incessantemente à origem do projeto freudiano - em função de razões sociais e epistemológicas. Ora, em nenhum momento é abordado o novo arranjo transferencial promovido por Lacan neste "campo (até então) freudiano"<sup>(11)</sup>, o que implicaria considerar também razões transferenciais.

Afinal, são também (e sobretudo) as razões transferenciais que irão aproximar a psicanálise da lógica da ilusão, fazendo com que a questão da *Weltanschauung* mereça por parte desta uma atenção constante.

Avancemos, então, pelos caminhos dessa história, de pedra em pedra...

---

11. O que abordamos no capítulo 5.

### 3. FREUD E O MOVIMENTO PSICANALÍTICO(12)

*Die Bewegung* - o Movimento. Assim Freud designava, nas circulares destinadas aos membros do Comitê Secreto, a ação de preservação, difusão, desenvolvimento e proteção da "causa" analítica. Em *Bewegung* há um *Weg*, um caminho (Granoff, 1975, p.13). O traçado desse caminho exigia dos pioneiros o empenho de uma guerra permanente. Veremos, nesse capítulo, que, atravessando os caminhos do movimento psicanalítico, estão as transferências a Freud e as transferências de Freud - mas não só. Nele estão presentes também, de forma ativa, os sonhos e as utopias que, desde então, marcam a história da psicanálise.

#### 3.1 O Convite A Transferência

Se fosse preciso concentrar toda a obra freudiana em um único livro, este seria incontestavelmente *A Interpretação de Sonhos* (Freud, 1900). Nele, os princípios e os fundamentos da psicanálise são estabelecidos e apresentados ao público pela primeira vez de forma sistemática. No prefácio à terceira edição inglesa, escrito em 1931, quando a quase totalidade de sua obra já havia sido elaborada, Freud escreve: "contém ele, mesmo de acordo com meu julgamento dos dias que correm, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer."  
-----

12. As principais obras de referência utilizadas na elaboração deste capítulo são: Peter Gay(1989), "*Freud - Uma Vida Para o Nosso Tempo*"; Phyllis Grosskurth(1991), "*The Secret Ring*"; Ernest Jones(1989), "*A Vida e a Obra de Sigmund Freud*"(vol.2); e Elisabeth Roudinesco(1989), "*História da Psicanálise na França*" (vol.1). No sentido de facilitar a leitura, as várias referências a essas obras virão aqui indicadas sem o ano de publicação, apenas com o nome do autor e a página citada.

Compreensão (*insight*) dessa espécie só ocorre a alguém uma vez na vida" (op.cit.,p.xLi). A interpretação dos sonhos era considerada por Freud a chave de sua obra, "a via real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes da mente" (op.cit. p.647).

A *Traumdeutung* é, sobretudo, produto da auto-análise de Freud(13). Esta intensificou-se desde a morte de seu pai, em 1896, culminando na publicação do livro. A interpretação de seus próprios sonhos era o principal recurso utilizado por Freud em sua auto-análise, e grande parte do material empregado na *Traumdeutung* provém daí. Assim, *A Interpretação de Sonhos* é o maior exemplo do "emaranhamento entre autobiografia e ciência" que, nas palavras de Peter Gay (p.97), marca desde o início a psicanálise.

Neste sentido, além de texto fundamental (em termos dos fundamentos conceituais), a *Interpretação de Sonhos* é também o texto fundador da transmissão da experiência analítica. O saber nele descrito é o saber obtido por Freud não apenas a partir da clínica da histeria, mas também, e principalmente, através de sua auto-análise, considerada o ato fundador da psicanálise, a experiência psicanalítica originária. Portanto, para ter acesso ao inconsciente, Freud inaugura uma experiência, e a transmissão do saber do inconsciente implica na transmissão dessa experiência. Ou seja, se a interpretação de sonhos aponta para a questão do sentido inconsciente, para apreender este sentido é preciso seguir com

-----

13. Sobre a auto-análise de Freud, consultar Didier Anzieu (1989).

Freud.

O próprio estilo literário empregado na construção do texto sugere uma "viagem com guia" (Gay, p.111). Freud conduz o leitor entre exemplos de sonhos que se adiantam ao argumento, antecipa as possíveis objeções, desarmando a crítica, alterna o emprego do tom coloquial com citações literárias e canções populares, aliviando o peso da leitura<sup>14</sup>. Ao descrever o livro a Fliess, pouco antes da publicação, ilustra Freud: "o conjunto é apresentado como a fantasia de um passeio. No começo, a negra floresta de autores (que não enxergam as árvores), irremediável, repleta de trilhas enganosas. A seguir, uma estreita passagem oculta por onde conduzo o leitor - meu sonho-modelo com suas peculiaridades, detalhes, indiscricções, brincadeiras de mau-gosto, e então, de súbito, o topo, a vista e a pergunta: Por favor, para onde o senhor quer ir agora?" (apud Gay, idem). Trata-se de um convite a uma viagem em busca do sentido, cujo guia é Freud.

Para além do aspecto formal, o que está apontado desde *A Interpretação de Sonhos* é que a transmissão da psicanálise tem como característica o fato de ser regida pela transferência. Freud tem absoluta clareza disso, o que revela numa passagem decisiva onde formula um convite "muito especial" ao leitor, antes de introduzir a análise de seu sonho-modelo, o sonho da injeção de Irma, no segundo capítulo da *Traumdeutung*:

(...) *Tout psychologue, escreve*

14. Sobre o estilo literário de Freud, ver Andréa Albuquerque(1993).

Delboeuf[1885], est obligé de faire l'aveu même de ses faiblesses s'il croit par là jeter du jour sur quelque problème obscur (...)(15)

Em conseqüência, passarei a escolher um de meus próprios sonhos e demonstrarei, à base dele, meu método de interpretação(...) - Agora devo pedir ao leitor que faça dos meus interesses os seus próprios por um período bastante longo, e mergulhe, juntamente comigo, nos menores detalhes de minha vida, porquanto uma transferência(16) dessa natureza é peremptoriamente exigida por nosso interesse no significado oculto dos sonhos (Freud, 1900, p.113, negrito nosso).

O convite especial formulado por Freud é um convite à transferência. Se a transferência nos remete aqui, em grande parte, à identificação - fazer dos interesses (leia-se desejos) de Freud os seus próprios, mergulhar nos menores detalhes de sua vida - não se reduz àquela. Há na estrutura deste convite à transferência um guia, aquele que conhece o método (*caminho*, em grego) de interpretação. Há um saber em jogo, e um mestre, na fundação inaugural desse saber.

A importância desta breve incursão por *A Interpretação de Sonhos* em nosso percurso reside no fato de que esse livro funda não apenas a transmissão da experiência psicanalítica como também oferece as bases para a institucionalização da psicanálise. O convite à transferência formulado por Freud marca o declínio do período de seu "esplêndido isolamento"(17), cultivado por quase dez anos, e

15. Em francês, no original. "Todo psicólogo está obrigado a confessar mesmo suas próprias fraquezas, se ele julga que pode lançar luz sobre algum problema obscuro".

16. No original: "denn solche *Übertragung* fordert gebieterisch das Interesse für die versteckte Bedeutung der Traume" (Gesammelte Werke, vol.II/III, p.110, Imago Publishing, London, 1942).

17. Freud (1914, p.33) utilizou a expressão *splendid isolation* para referir-se ao período de solidão intelectual vivida entre o afastamento de Breuer e o início do reconhecimento obtido pelo movimento psicanalítico. Jones (p.22) comenta que a expressão, usada por Lorde Salisbury para designar a política externa britânica na época, foi sugerida por Fliess como forma de consolo para a solidão de Freud.

aponta para um novo período, no qual Freud irá congrega em torno de si discípulos dispostos a fazer do seu interesse o próprio, em nome da causa psicanalítica. É ainda a este convite à transferência que irá retornar algumas vezes durante períodos de crise do processo de institucionalização da psicanálise, mesmo que na sua forma inversa, a da exclusão.

### 3.1.1 A Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras

O ano de 1902 trouxe reconhecimentos importantes para Freud. Em fevereiro, foi promovido ao título acadêmico de *Professor Extraordinário*. Esta promoção era esperada desde 1885, quando Freud havia sido nomeado *Privatdozent*, e representava grande prestígio para um médico na sociedade vienense da época. E, no outono deste ano, um pequeno grupo de médicos mais jovens passa a reunir-se em torno de Freud, tendo em comum o interesse pela psicanálise. As reuniões aconteciam nas quartas-feiras à noite, em sua casa, e os encontros foram auto-denominados "noitadas psicológicas das quartas-feiras", "sessões das noites de quarta-feira" (Roudinesco, p.100) e "Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras", denominação que se tornou a mais conhecida (Jones, p.24; Gay, p.170). Era o início da trilha que faria de Berggasse 19 o endereço mais famoso de Viena.

Os encontros tiveram início a partir de um convite pessoal de Freud, que enviou cartões-postais a quatro médicos vienenses - Max Kahane, Rudolf Reitler, Alfred Adler e Wilhelm Stekel. Em 1901, Kahane, que junto a Reitler assistia às

conferências de Freud na Universidade, sugere a Stekel, que vinha sofrendo de uma impotência psíquica, que procurasse o auxílio de Freud. Stekel submeteu-se a uma breve análise com Freud, que se mostrou bem sucedida. O próprio Stekel sugeriu então a criação do grupo, estimulando Freud a formular o convite. Em *A História do Movimento Psicanalítico*, Freud escreve:

A partir do ano de 1902, certo número de jovens médicos reuniu-se em torno de mim com a intenção expressa de aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise. O estímulo proveio de um colega que experimentara, ele próprio, os efeitos benéficos da terapêutica analítica (Freud, 1914, p.36).

Portanto, o primeiro grupo psicanalítico foi a concretização *em ato* do convite à transferência que Freud havia formulado em *A Interpretação de Sonhos*.

Apesar do caráter pouco institucionalizado do grupo, o que a diversidade de auto-denominações vem apontar, as reuniões obedeciam a um modo de funcionamento de acordo com características bem definidas. O encontro tinha início com a apresentação, por um dos membros, de um texto escolhido, um caso clínico ou uma questão teórica, após o que abria-se a discussão. Neste início, o grupo, que crescia rapidamente, era marcado pela heterogeneidade, contando com a participação de médicos, educadores e escritores que partilhavam uma insatisfação frente à psiquiatria, a educação e as ciências humanas em geral. Roudinesco (p.98) ressalta que estes homens traziam em si o reflexo do mundo conflituado em que viviam -



marcado pela influência do Darwinismo no pensamento científico, pela filosofia de Nietzsche no pensamento ético e moral, pela nosologia de Kraepelin e pelas idéias de Charcot na psiquiatria, pelos movimentos culturais e literários de vanguarda louvando o século da eletricidade, pelo socialismo na esfera política, e, enfim, pela própria psicanálise - e mostravam-se dispostos a discutir e expor seus próprios conflitos.

Em 1906, Otto Rank foi contratado como secretário da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras. O grupo contava então com 17 membros, e Rank passou a redigir detalhadamente as atas das sessões. As discussões tinham três características principais: 1) obrigatoriedade da fala - qualquer pessoa presente às sessões era obrigada a participar das discussões; 2) auto-exposição científica - havia um incentivo para expor no grupo, com fins de ilustração e análise, os próprios problemas, fracassos, questões sexuais, enfim, "distúrbios neuróticos" (Roudinesco, p.98); 3) a palavra final e decisiva era de Freud (Gay, p.171).

Gay nos oferece alguns exemplos de auto-exposição científica, freqüentes nos encontros. Rudolf von Urbantschitsch, médico diretor de um sanatório em Viena, expôs, durante uma reunião em 1908, trechos de um diário sobre o seu desenvolvimento sexual até o casamento. Nestes, confessava a masturbação precoce junto a tendências sadomasoquistas. O comentário de Freud ao encerrar o encontro foi de que Urbantschitsch havia oferecido uma espécie de presente ao grupo

(Gay, p.172).

Quanto ao fato da palavra final ser sempre proferida por Freud, é ilustrativo do lugar que ocupava na dinâmica transferencial do grupo. Max Graf, que acabaria afastando-se das reuniões, comenta que a atmosfera era a da fundação de uma religião. A metáfora religiosa reaparece em Stekel, que ao se referir a esses primeiros anos iria reconhecer-se como "o apóstolo de Freud, que era meu Cristo!" (Gay, 170-171).

A história da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras é interrompida em setembro de 1907. Freud foi a Roma, de férias, em uma viagem solitária. Em 22 de setembro escreve uma carta para a família, citada por Jones como exemplo típico de suas cartas de viagem. Sua narrativa é a da descrição de um observador, tanto no que se refere aos hábitos e à paisagem exterior de Roma, quanto em relação aos seus próprios sentimentos. Realidade externa e realidade psíquica se influenciam mutuamente, chegando mesmo à fusão, no universo da escrita de Freud. Em uma passagem, Freud relata:

De tempos em tempos, gritos horríveis são ouvidos no meio da multidão, em geral quieta e bem distinta; esse barulho é causado por cerca de meia dúzia de jornaleiros que, sem fôlego como o arauto da maratona, se atiram na praça com as edições da noite, achando que com as notícias estão aliviando uma tensão quase insuportável. Quando têm um acidente a oferecer, com mortos ou feridos, realmente se sentem donos da situação (apud Jones, p.51, negrito nosso).

Esta passagem não teria maior relevância não fosse o fato de que, neste mesmo dia, uma importante notícia era

veiculada por Freud na "praça" psicanalítica: a dissolução, seguida de imediata reorganização, da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras.

A notícia da dissolução do grupo foi comunicada por Freud aos membros em uma carta-circular datada de Roma, do mesmo 22 de setembro de 1907 (cf. Jones, p.25). O objetivo assumido por Freud para a dissolução/reconstituição da Sociedade era o de restabelecer a "liberdade pessoal" de cada membro, possibilitando seu afastamento da Sociedade, sem que as relações com os outros membros fossem prejudicadas. Freud pretendia considerar as "mudanças naturais" nas relações humanas, supondo que, para alguns membros do grupo, "pertencer a ele já não significa o que significou anos atrás", em função da perda do interesse pelo assunto, da falta de tempo disponível, ou mesmo porque "relações pessoais ameaçam mantê-lo afastado" (idem). Aqueles que quisessem renovar sua participação no grupo deveriam notificar Rank até 1º de outubro. A carta-circular termina com a proposta de que o expediente da dissolução/reorganização fosse repetido a cada três anos.

Em associação com a carta familiar, o ato de Freud - sem dúvida a grande notícia do dia no universo psicanalítico - pretendia o valor de um "acidente", com "mortos e feridos". Neste sentido, o fôlego para com a "maratona" do movimento psicanalítico parecia já faltar a Freud, que com a notícia estaria "aliviando uma tensão quase insuportável" no grupo. O

alívio viria com o afastamento de alguns membros do grupo com os quais Freud estava em conflito. Através deste dispositivo, Freud voltaria a se sentir "dono da situação", porém de uma forma bastante singular.

Gay (p.173) aponta que as reuniões foram adquirindo, com o tempo, um caráter competitivo entre os participantes, criando um clima de hostilidade. Disputavam-se posições dentro do grupo, bem como os direitos sobre determinadas idéias. Em 1908, quando o grupo manteve discussões sobre mudanças no seu funcionamento, foi proposta a abolição do "comunismo intelectual" - a partir de então, cada idéia passaria a ser identificada como propriedade privada de seu criador - preocupação que começa a distanciar-se da concepção psicanalítica de uma produção de saber dada a partir da interação de inconsciente a inconsciente. Para Gay, o que sucedia ao grupo eram os efeitos da própria investigação psicanalítica, que estava "cobrando seus tributos" e gerando a agressividade difusa. Afinal, recorda, nenhum dos participantes que "invadiam atrevidamente e sem tato os mais íntimos santuários próprios e de terceiros" havia sido analisado, exceto Stekel, que submeteu-se a uma breve e "incompleta" experiência analítica, e o próprio Freud em sua auto-análise, por definição irreprodutível (Gay,p.174). Assim, ao analisar os motivos da dissolução da Sociedade, Gay segue o argumento que se tornou tradicional na História da Psicanálise sempre que surgem problemas no funcionamento institucional e nas relações interpessoais: análise insuficiente da parte de alguns.

Ernest Jones (p.25) considera que a carta-circular de dissolução da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras é um exemplo da "delicadeza de sentimentos" e da "consideração" de Freud com relação a seus discípulos. Da mesma maneira, Gay (p.174) considera a dissolução um "expediente polido, nada mais". Para isto, tomam o conteúdo manifesto da carta-circular de Freud em sua total literalidade, "nada mais", atitude raramente assumida, principalmente no que se refere à análise dos movimentos de dissensão. No extremo oposto, Phyllis Grosskurth (p.36) considera que Freud - para quem o grupo não era mais do que uma tábua de ressonância para as próprias idéias - impõe a dissolução incomodado pela "desordem democrática" que passou a reger seu funcionamento.

Fato é que Freud não estava satisfeito com o grupo que se reunia a seu redor. Binswanger conta que, após uma sessão das quartas-feiras em 1907, Freud comentou desencantado: "então, agora o senhor viu a turma!" (apud Gay,p.175). A impressão que o grupo vienense causava aos estrangeiros que iam visitá-lo também não era animadora. Em dezembro de 1907, por ocasião de sua primeira visita à Sociedade, Karl Abraham criticou o grupo de modo irônico em carta a Max Eitingon. Jones conheceu o grupo em 1908 e também não se impressionou. Em 1911, Freud escreveu a Abraham: "Todos os meus vienenses não vão chegar a nada, exceto o pequeno Rank" (idem).

Portanto, com a dissolução/reconstituição da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, e a subsequente criação da Sociedade Psicanalítica de Viena, em 15 de abril de

1908, Freud estava dando início a uma desejada internacionalização da psicanálise, ensaiando o primeiro passo em direção a um movimento de descentramento transferencial que teria na criação da IPA a sua efetivação.

### 3.2 A "Transferência" de Transferência

A criação da Sociedade Psicanalítica de Viena veio não apenas estabelecer um estatuto mais formal ao grupo que se reunia em torno de Freud, mas também lançar as bases para a internacionalização do movimento psicanalítico. Em 26 de abril de 1908, apenas onze dias após a sua criação, acontecia o primeiro Congresso Internacional de Psicanálise, em Salzburg, com a presença de quarenta e dois participantes, representando seis países - Austria, Inglaterra, Alemanha, Hungria, Suíça e Estados Unidos (Jones, p.54-55). A nova denominação - Sociedade Psicanalítica de Viena - aponta para duas importantes transformações: a afirmação da psicanálise enquanto disciplina autônoma por referência à psicologia; e a localização nacional desta Sociedade Psicanalítica - Viena d'Austria - o que indica a possibilidade (e o desejo) da criação de outras sociedades em outros países, afirmando o caráter universal da psicanálise.

A partir de 1907, Freud iniciara os contatos com os estrangeiros que deram um novo rumo ao movimento psicanalítico. Neste ano, recebeu três visitantes de Zurique, ligados à Clínica de Burgholzli, instituição de vanguarda nas pesquisas sobre doenças mentais, internacionalmente conhecida, dirigida por Eugen Bleuler. Seus visitantes foram Max Eitingon, Ludwig

Binswanger e Carl Jung.

Eitingon procurou Freud em busca de orientação para um caso grave de que vinha tratando. Permaneceu em Viena por cerca de duas semanas, assistiu às reuniões das quartas-feiras e terminou por fazer, ele próprio, algumas sessões psicanalíticas. Estas se deram durante três ou quatro noites, em passeios pela cidade, nos quais Freud o analisava enquanto andavam. Jones classificou a análise de Eitingon como a primeira análise didática da história do movimento psicanalítico (Jones, p.46)(18). Estabeleceu-se em Berlim, onde desempenhou um papel decisivo na fundação da "policlínica", e na estruturação do processo de formação psicanalítica adotado pela IPA.

Binswanger acompanhou Jung a uma reunião das quartas-feiras, iniciando uma relação com Freud marcada pelo respeito e por sua independência frente à política do movimento psicanalítico. Quanto a Jung, mantinha uma correspondência com Freud desde o ano anterior, tendo seu primeiro encontro com o "professor" em fevereiro de 1907. Devido à importância fundamental da relação entre Jung e Freud para os destinos do movimento psicanalítico, analisamos adiante (cf. 3.3.1), de forma mais detalhada, as circunstâncias deste relacionamento.

Em dezembro foi a vez de Karl Abraham. Trabalhara por

-----

18. Roudinesco lembra que Stekel foi o primeiro "doente" de Freud a se tornar psicanalista, ocupando esse importante lugar "simbólico", e fazendo o testemunho antecipado do que seria "o malôgro crônico da transmissão e da formação didática" nas instituições psicanalíticas (p.97). Provavelmente devido ao destino de Stekel no movimento psicanalítico, Jones desconsidera este fato.

três anos na Clínica Burgholzli, mas, por falta de perspectivas em Zurique, havia decidido estabelecer-se em Berlim para praticar a psicanálise. Enviara seus trabalhos a Freud, que o convidou para um encontro em Viena. Deste encontro teve início uma sólida amizade, que durou até a morte de Abraham. Em 1908, fundou a Sociedade Psicanalítica de Berlim, e foi um dos analistas de maior destaque da primeira geração.

Sandor Ferenczi visitou Freud em fevereiro de 1908. Rapidamente tornaram-se íntimos. Ferenczi submeteu-se a uma análise com Freud que veio a ser paradigmática dos problemas encontrados nas análises didáticas (cf. 4.3.1). Em 1913, fundou a Sociedade Psicanalítica Húngara. Autor de uma obra original e polêmica, foi um explorador incansável dos limites da psicanálise.

O primeiro encontro de Ernest Jones com Freud ocorreu no Congresso de Salzburg, em 1908. Jones foi responsável pelo início da difusão da psicanálise em língua inglesa, fundando a Sociedade Psicanalítica de Londres, em 1913. Idealizador do "Comitê Secreto" (cf.3.3.2), correspondente de Freud durante toda a vida, foi o primeiro grande historiador da psicanálise, autor de *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*.

Estes encontros e esses homens fizeram a glória do movimento psicanalítico(19).

---

19. A dissolução, seguida de imediata reconstituição, da Sociedade Psicanalítica das Quartas-Feiras, foi interpretada (em 3.1.1) como uma tentativa de aliviar "tensões" no grupo. Como fontes destas tensões, foram apontados os conflitos surgidos em seu interior, em função das mudanças naturais nas relações humanas, e o



### 3.2.1 A criação da IPA

O 2º Congresso de Psicanálise, realizado na primavera de 1910, em Nuremberg, foi um fórum marcado pela utopia, com grandes planos para o futuro e esperança de um destino florido para a psicanálise. Freud apresentou um trabalho, *As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica* (1910), caracterizado por um otimismo nunca mais encontrado em sua obra. Previa o aumento do poder terapêutico da psicanálise decorrente do ganho de autoridade e reconhecimento social, chegando a sugerir a erradicação da neurose na sociedade como efeito profilático da psicanálise. Paralelamente, amadurecia a idéia de uma instância internacional centralizadora e reguladora das atividades psicanalíticas, o meio para atingir a utopia de uma psicanálise difundida e influente mundialmente. Coube a Ferenczi elaborar e propor, durante o Congresso, o projeto da Associação Psicanalítica Internacional - a IPA.

Se por um lado a proposta apresentada por Ferenczi possui um tom utópico, é também bastante pragmática e crua no que se refere às suas intenções, o que faz dela um valioso (e curioso) documento histórico, publicada como *De L'Histoire du Mouvement Psychanalytique* (1911). Dois pontos centrais são

-----

próprio descontentamento de Freud com os vienenses. Porém, para aprofundar a compreensão dos rumos tomados pelo movimento psicanalítico, considerando o lugar de Freud em sua determinação, cabe indagar sobre a relação de Freud com o próprio lugar por ele assumido frente ao movimento, bem como sobre a sua concepção das modalidades de poder implicadas nas formas de organização social da psicanálise. Encontramos um interessante ensaio neste sentido em Roudinesco (1989), que, através do conceito de "política da psicanálise", aliado a uma "psicologia do líder" tendo Freud como objeto, busca determinar os conflitos (e as tensões) em torno dos quais o movimento psicanalítico se institucionaliza, apontando a fórmula do exercício do poder em Freud: líder descentrado e "mestre sem mando". Convém remeter o leitor a essa análise.

abordados por Ferenczi: questionamento dos meios de luta empregados na difusão e proteção da "causa" psicanalítica, e exame crítico da patologia das associações, contraposto ao projeto da associação psicanalítica.

Ferenczi propunha que um Congresso de Psicanálise deveria ser dedicado não apenas às discussões sobre o método analítico, mas também à crítica aos "meios de luta" empregados para a difusão cultural da psicanálise. "Como todos os inovadores e pioneiros", diz, "devemos não somente trabalhar, mas também lutar por nossa causa" (op.cit.,p.162). O destino dos psicanalistas é comparado ao dos apóstolos da paz eterna, obrigados, por seu ideal, a fazer a guerra (uma vez mais, *si vis pacem...*). Percebe-se que, desde o início, a metáfora da guerra está presente no campo psicanalítico, e que o tom bélico assumido por Freud em 1914 já se encontrava na origem da fundação da IPA.

A história do movimento psicanalítico é dividida por Ferenczi em duas épocas. A "época heróica", referente aos anos da luta solitária de Freud pelo reconhecimento da psicanálise, e a segunda época, marcada pela entrada em cena de Jung. Uma das funções políticas da proposta de Ferenczi, em acordo com os desejos de Freud, era fazer de Jung o presidente da associação. Daí a importância, certamente exagerada, atribuída a Jung nesta versão histórica. Seu mérito teria sido tornar as idéias freudianas acessíveis aos espíritos mais científicos da época, através do emprego dos métodos da psicologia experimental na sua demonstração. Jung é exaltado como o *Américo Vespúcio* da

*psicanálise*, que conduziu os colonos ao continente descoberto por Freud/Colombo.

Assim como os primeiros imigrantes do novo continente, Ferenczi considera que, até então, os psicanalistas haviam operado nos moldes de uma "guerra de guerrilha" - sem direção espiritual e unidade tática. A tática de guerrilha teria oferecido as suas vantagens, como evitar que as novas idéias fossem sufocadas ainda no ovo, e, também, pela ausência de uma autoridade central, favorecer o desenvolvimento do amor-próprio indispensável a todo trabalho de vanguarda. Mas havia produzido os inconvenientes da proliferação excessiva de tendências individuais e de posições científicas personalizadas e isoladas, às custas do interesse comum e das "teses centrais". Ferenczi aponta ainda que apenas uma minoria é capaz de, sem ajuda externa, reconhecer seus instintos e tendências desadaptadas e refreá-los em nome do interesse comum. "O nome de Freud inscrito em nossa bandeira", diz, "não é senão um nome" (op.cit.,p.165), sem condições de garantir os praticantes e as práticas exercidas em seu nome. Daí a proposta de organizar a atividade e a luta psicanalítica sob a égide da Associação.

Antes, porém, de propor o modelo de funcionamento da Associação, Ferenczi faz uma análise edipiana das "patologias das associações", onde freqüentemente reinam a "megalomania pueril", a "futilidade", a "obediência cega", e o interesse pessoal em lugar do trabalho consciencioso para o bem comum. A estrutura das associações é comparada à da família, com um

presidente no lugar de pai e hierarquia entre os membros reproduzindo a hierarquia entre irmãos. "Amor e ódio pelo pai, afeição e inveja entre irmãos" (op.cit.,p.167), resume Ferenczi, profetizando com dois anos de antecedência Totem e Tabu. Para comprovar que sua analogia não é forçada, Ferenczi exemplifica:

Uma prova dentre outras é fornecida pela regularidade com a qual nós mesmos, analistas selvagens e desorganizados, condensamos em nossos sonhos a figura paterna com aquela de nosso chefe espiritual (op.cit.,p.166).

Assim, segundo este testemunho, além de chefe espiritual, Freud ocupa o lugar de pai no registro inconsciente dos analistas da primeira década, condição transferencial suficiente para fazer da psicanálise uma instituição (cf. Enriquez,1971).

No projeto utópico da Associação, Ferenczi pretendia que a vigilância mútua dos analistas permitisse reunir as vantagens da organização familiar a um máximo de liberdade individual. A Associação deveria ser uma família onde o pai não detivesse uma autoridade dogmática e onde reinasse uma atmosfera de confiança mútua, com o reconhecimento das capacidades de cada um, o controle da inveja e a divisão do trabalho. Referindo-se às fases de desenvolvimento libidinal, Ferenczi aponta a substituição da fase "auto-erótica" vivida até então nos grupos psicanalíticos, quando a satisfação era obtida pela excitação de zonas erógenas psíquicas (futilidade, ambição), pela fase do "amor objetal", quando a busca de satisfação recai sobre o próprio objeto do estudo psicanalítico

(op.cit.,p.168). Ironicamente, o mesmo Ferenczi irá tornar-se, em um futuro breve, um dos maiores críticos dos destinos da IPA e das práticas de formação psicanalítica ali exercidas. Marginalizado, morrerá maldito, em função das inovações teórico-técnicas por ele introduzidas, e, em termos político-institucionais, por suas denúncias da mediocrização na transmissão da psicanálise produzida tanto pela estrutura hierárquica das associações quanto pela qualidade das análises que tinham lugar na formação psicanalítica.

A versão freudiana para a criação da IPA encontrada em *A História do Movimento Psicanalítico* (cf. cap.1) aponta três finalidades gerais: "organizar o movimento psicanalítico, transferir o seu centro para Zurique, e dotá-lo de um chefe que cuidasse do seu futuro" (Freud,1914,p.55). Organizar o movimento psicanalítico significava proteger a psicanálise dos abusos da popularidade e cuidar de sua transmissão e ensino. Quanto a Zurique e ao papel de Jung na Associação, é preciso ver mais detidamente.

Que Zurique fosse o centro mais indicado para sede da Associação é razoável, principalmente considerando a importância da Clínica de Burgholzli para a difusão da psicanálise. Mas Freud aponta outros motivos de compreensão mais sutil para "retirar para o segundo plano tanto a mim (Freud) como a cidade onde nasceu a psicanálise" (op.cit.,p.56). Estes motivos, que aparecem emaranhados, referem-se ao lugar transferencial ocupado por Freud no movimento psicanalítico, às suas relações com este lugar e à

questão judaica.

Por um lado, é explícito o desconforto de Freud com seu lugar transferencial. Alvo da ambivalência proveniente das várias facções, ora comparado a Colombo e Darwin, ora taxado de PGP ("paralisia geral progressiva"), Freud acreditava tratar-se de uma desvantagem centralizar as atividades psicanalíticas em Viena. Por outro lado, confessa: "me oprimia a idéia de que o dever de ser um líder tivesse recaído em mim tão tarde na vida. Sentia, porém, que deveria haver alguém na liderança" (idem). A solução proposta é a de que a sua "posição" deveria ser "transferida" (*übertragen*) para um homem mais jovem: Carl Jung (idem).

A questão judaica aparece de forma mais velada. Uma carta de Freud a Abraham, escrita logo após o 1º Congresso de Psicanálise, em 1908, é reveladora da importância atribuída a Jung para o futuro da psicanálise. Nela, Freud escreve: "A adesão dele (Jung), portanto, é sobretudo valiosa. Eu já estava quase dizendo que foi apenas o surgimento dele (Jung) na cena que removeu da psicanálise o perigo de se tornar uma questão nacional judaica" (apud Jones, p.61).

Em sua *História*, Freud sugere que as acusações de que a teoria da etiologia sexual das neuroses só poderia ter surgido na "atmosfera de sensualidade e imoralidades" de Viena são um "substitutivo eufemístico de outra acusação que ninguém ousa falar abertamente" (1914, p.52) - a origem judaica de Freud. Neste sentido, Jung - filho de pastor protestante e

psiquiatra promissor -, na liderança do movimento, afirmaria o caráter universal e cosmopolita da psicanálise.

Assim, a "opressão" vivida por Freud frente ao dever de ser um líder, aliada à idéia da necessidade de liderança, e a solução encontrada no descentramento para Zurique, coloca-se como uma das figuras mais ilustrativas da fórmula do exercício do poder em Freud: líder descentrado e mestre sem mando (cf. Roudinesco, 1988, parte II). Além disso, sem dificuldades em reconhecer o aspecto ambivalente da transferência, Freud pretendia resolver a transferência maciça para consigo "transferindo" a liderança do movimento psicanalítico - e as transferências que a acompanham - para Jung. Como se dissesse: "a partir de agora, não transfiram mais a mim. Transfiram a Jung". Esta "transferência" de transferência, que marca a criação da IPA, irá mostrar-se logo fracassada, exigindo de Freud um movimento de retorno, que analisaremos a seguir. Mas, apesar do fracasso, a tentativa de controle (indicando um certo temor) das transferências no campo psicanalítico é uma tendência que nunca abandonou de toda a história da psicanálise. É a marca da padronização da formação psicanalítica que teve lugar nos anos 20, e a questão central que culminou no rompimento de Lacan com a IPA, e na criação de sua própria escola.

Com a criação da IPA, que jamais poderia dissolver-se, a psicanálise deixava de ser um movimento de vanguarda para tornar-se uma instituição, na concepção de Roudinesco (p.109). Outros autores, como Birman (1989,1991), apontam esta

transformação em um momento posterior, quando da padronização e codificação em normas rígidas das formas de transmissão da psicanálise. Ao contrário, pretendemos que as bases sobre as quais a psicanálise se institucionaliza estão dadas desde *A Interpretação de Sonhos*, sendo a criação da IPA uma etapa deste processo. Para Freud, o Congresso de Nuremberg significou o fim da infância do movimento psicanalítico. Em carta a Ferenczi, ele escreve: "Com o *Reichstag* de Nuremberg encerra-se a infância de nosso movimento (...) Espero agora por um rico e promissor período de juventude" (apud Jones, p.84).

### 3.3 Freud e o Retorno a Freud

A tentativa de solucionar os impasses do movimento psicanalítico transferindo seu centro e sua liderança para Jung, mostrou-se logo desacertada, o que exigiu de Freud um movimento de retorno transferencial à sua posição de mestre fundador, aquele "que sabe o que é a psicanálise" (Freud, 1914, p.16), para reorganizar o campo psicanalítico. O termo "retorno a Freud" remete propositalmente ao projeto de Lacan (cf. cap.5). Pretende-se assim ressaltar o caráter transferencial decisivo presente em todo movimento com pretensões de "retorno" a uma ortodoxia, seja ela religiosa, política ou psicanalítica. A diferença é que aqui Freud reivindica a palavra e o saber sobre a sua própria criação. Com a sua morte, a disputa pela ortodoxia no campo psicanalítico será pelo status de herdeiro legítimo do legado (também transferencial) freudiano.



O movimento freudiano de retorno a Freud será marcado por dois momentos: a formação de um Comitê Secreto ao redor de Freud, em 1912, e o lançamento de *A História do Movimento Psicanalítico* - a "bomba" - em 1914. Considerando porém a importância do lugar de Jung - e de seu rompimento com Freud - tanto para a formação do Comitê quanto para a elaboração da *História*, convém analisar algumas características da relação entre Freud e Jung.

### 3.3.1 A Recusa da Amizade

A análise do relacionamento estabelecido entre Freud e Jung nos remete à questão da amizade em Freud, ou, melhor dizendo, da sua recusa. Peter Gay e Phyllis Grosskurth dedicam-se ao tema da amizade em Freud para lançar luz sobre a relação estabelecida com Jung e, no caso de Grosskurth, também com os membros do Comitê.

Gay considera que o envolvimento de Freud com Jung mostra-se uma "reedição de antigas e decisivas amizades" (p.230). O "fantasma" de Fliess, que aparece na correspondência dos dois, confirmaria esta leitura. O processo repetido por Freud em suas amizades seria o de investir seus afetos de forma rápida e precipitada, avançando até um nível de sinceridade quase irrestrito e terminando com um rompimento irreparável. São os casos de Fliess, Jung, e também, de modo menos intenso, Breuer, Stekel e Adler.

Phyllis Grosskurth ressalta a importância da correspondência nas amizades de Freud, apontando a evidência de

que, para Freud, as cartas eram mais importantes que os encontros pessoais. A autora sugere como explicação o fato das cartas serem um meio de acesso à alma sem os inconvenientes da presença do outro, e sem a possibilidade de ver interrompida sua (de Freud) seqüência de pensamento. Propomos portanto que, através das cartas, Freud se aproxima da situação analítica - acesso à "alma", associação livre. Se, através da correspondência com Fliess, Freud pôde fazer sua auto-análise, colocando Fliess na posição do analista, um dos motivos do rompimento de Jung foi a não-aceitação deste de pontuações e interpretações por parte de Freud em suas cartas.

Ao analisar as relações de Freud com seu amigo de juventude, Eduard Silberstein, e depois com Fliess, Grosskurth aponta a ambivalência vivida por Freud. Por um lado, inveja do sucesso material dos dois amigos, e por outro, tendência à idealização intensa. Quanto a Fliess, a intensidade com a qual Freud iniciou o relacionamento é entendida como um reflexo de seu desapontamento com a realidade do casamento (Freud casou-se em 1886, e iniciou a correspondência com Fliess em 1887), e um indicador da necessidade de procurar um amigo idealizado que existe apenas enquanto projeção de suas próprias necessidades. O amigo ideal para Freud, diz Grosskurth (p.30), "tem que ser uma extensão de si mesmo". Neste nível de idealização narcísica, os amores e as amizades só podem acabar em desencanto.

O desencanto com Fliess se dá em dois momentos: o

desastre provocado na operação de Emma Eckstein, que Freud só pode aceitar culpando-se também; e a "traição" de Freud ao revelar, através de um paciente, a teoria da bissexualidade de Fliess, que acabou incorporada por Otto Weininger em *Sexo e Caráter*. Segundo Grosskurth, a culpa da traição a Fliess foi projetada sobre o ex-amigo como a "paranóia de Fliess", e em suas relações futuras Freud irá suspeitar a traição de todo aquele com quem estabelecer um contato mais íntimo. Somente com Anna, filha solteira e por ele analisada, encontraria segurança (Grosskurth,p.35).

As cartas de Silberstein foram destruídas por Freud. Em dezembro de 1928, pouco depois da morte de Fliess, sua esposa escreveu a Freud pedindo a parte da correspondência escrita pelo marido. Freud respondeu que precisaria procurar, mas disse nunca ter encontrado. Levanta-se a possibilidade de que foram destruídas após o Natal. Grosskurth conclui:

Seus sentimentos por Fliess e Silberstein foram largamente transferidos para outros homens como Jung e os membros do Comitê. Seus antigos amigos estavam agora apagados da versão de Freud de sua história pessoal (p.35,negrito nosso).

A versão de Gay é menos radical. Nela, é ressaltado o fato de que Freud soube manter também longas e imperturbadas amizades, e não apenas com pessoas que não o ameaçavam no movimento psicanalítico. Gay cita os exemplos de Paul Federn, Ernest Jones, Binswanger e o pastor Pfister. Mesmo assim, a questão que merece ser aqui colocada é se estamos tratando mesmo de amizade, ou se seria melhor falar em transferência.

É o próprio Freud quem, numa das raras alusões ao tema, propõe a distinção. Trata-se da passagem de *Análise Terminável e Interminável* (Freud, 1937) em que comenta a crítica feita por um analisando ao seu analista de ter falhado em lhe proporcionar uma análise completa, por não ter dado atenção à transferência negativa - sabemos hoje que o analisando em questão é Ferenczi, e o analista, Freud (retomaremos este caso mais adiante, cf. 4.3.1). Dentre os argumentos utilizados por Freud em defesa própria, um, sobretudo, nos interessa. Diz Freud:

Ademais (...) nem toda boa relação entre um analista e seu paciente, durante e após a análise, devia ser encarada como transferência; havia também relações amistosas que se baseavam na realidade e que provavam ser viáveis (1937, p.253).

Freud diferencia assim amizade de transferência. Enquanto a primeira está baseada na realidade, a segunda, considerando toda a sua obra, está baseada em outros princípios, sendo o seu caráter de repetição o mais significativo para esta problemática. Portanto, pensar uma amizade como "reedição de antigas e decisivas amizades", ou uma amizade baseada na idealização narcísica, e portanto, na negação da diferença, parece um equívoco. Melhor seria falar em transferência.

A análise de trabalhos que tratam da relação entre Freud e Jung - *A cada um sua loucura* (in Roustang, 1987); *Política psicanalítica* (Gay, 1989, cap.5); *Diálogo de surdos* (Mezan, 1990, cap.3); *O filho rebelde* (Grosskurth, 1991, cap.2) - é ilustrativa do jogo transferencial/contratransferencial por

eles estabelecido, cuja marca maior foi a recusa da amizade, entendendo por amizade a "recusa do servir", a igualdade na diferença (Chauf,1987). Freud procurava em Jung um aluno brilhante que perpetuasse a sua obra, e não um brilhante chefe de escola responsável por uma obra singular. Jung buscava em Freud um pai compreensivo, não um mestre preocupado em encontrar um sucessor que preservasse seu legado, tampouco um igual, mantendo-se na posição impossível de aluno independente e dócil.

Desde o início da correspondência, em abril de 1906, as cartas já estavam "marcadas". Em sua primeira carta a Jung, como indica Roustang (1987,p.63), Freud já o coloca no lugar de "aluno útil para justificar as teses já estabelecidas pelo mestre". O primeiro encontro entre os dois ocorreu apenas a 27 de fevereiro de 1907 (Jones,p.47). O encanto foi mútuo, e falaram durante treze horas praticamente ininterruptas (Gay,p.195). Jung, por muito tempo, encarou o encontro com Freud como o acontecimento mais importante de sua vida. Freud, por sua vez, tinha encontrado seu "filho e herdeiro", e considerava Jung o "Josué destinado a explorar a terra prometida da psiquiatria que (ele) Freud, como Moisés, só teve a permissão de ver à distância" (Jones,p.47,cf. 125F)(20).

Mas é também desde cedo que os impasses surgiram. Se na esfera teórica Jung sempre mostrou-se reticente quanto à aceitação da teoria da sexualidade e do conceito de libido

20. As referências à correspondência entre Freud e Jung virão com o número da carta e inicial do autor, acrescidas da data em que foi escrita e número da página, quando julgarmos pertinente. A fonte utilizada foi Freud, S. & Jung, C.G. "Freud/Jung - Correspondência Completa", Imago, Rio de Janeiro, 1976.

sexual (cf. Birman, 1989, cap. IV), na esfera do relacionamento pessoal, refletida na correspondência, os impasses logo aparecem. Freud responde às cartas sempre de imediato, enquanto Jung é irregular, levando às vezes vários dias para responder, o que para Freud é uma prova de resistência (Roustang, op. cit.). De fato, Jung se sente pressionado e reticente em responder às demandas transferenciais de Freud. Porém, os dois homens se recusam a enxergar os impasses - tanto teóricos quanto afetivos. As cartas de Jung estão repletas de denegações; as de Freud, de esperança (cf. Gay, op. cit.; Roustang, op. cit.).

Assim, alguns meses após o encontro com Freud, Jung justificava por um "complexo de autopreservação" (o termo foi sugerido por Freud) sua demora em escrever. Confessava a admiração ilimitada pelo "professor", como homem e como pesquisador, e atribuía seu "complexo" a uma veneração por Freud que se aproximava do embevecimento "religioso": "Se bem que a coisa realmente não me aflija", escreve Jung, "ainda a considero repulsiva e ridícula devido a seu inegável fundo erótico". Refere-se então a um ataque homossexual sofrido na infância por um homem a quem também adorara, e conclui: "Tenho portanto medo da sua confiança" (49J, p. 137, 28/10/1907). Na carta seguinte, Jung relata estar sofrendo todas as agonias de um paciente em análise, temendo as conseqüências de sua confissão, e analisa um sonho que havia tido com Freud. Após uma resposta presumivelmente acolhedora de Freud - a carta foi perdida - Jung escreve: "(...) minha velha religiosidade havia encontrado no senhor um fator compensatório (...)" (51J, p. 139, 8/11/1907).

A resposta de Freud é o mais forte indício da presença do fantasma de um rompimento à la *Fliess* na sua relação com Jung. Freud escreve: "(...) uma transferência de base religiosa... seria absolutamente funesta e só poderia terminar em apostasia, graças à universal tendência humana de se ater a sucessivas reimpressões dos clichês que trazemos no íntimo. Farei o possível para lhe mostrar que não estou talhado para ser um objeto de adoração" (52F,p.141,15/11/1907).

Roustang (op.cit.) atribui a uma outra carta, escrita meses mais tarde, a chave para o entendimento do tom empregado por Freud - "funesta", "apostasia", "reimpressões dos clichês". Ao concluir um relato sobre a diferença entre a paranóia e a demência precoce, Freud escreve: "Meu ex-amigo *Fliess* desenvolveu uma paranóia horrível depois de se livrar da afeição por mim, que era sem dúvida considerável. Devo essa idéia a ele (...)" (70F,p.163,17/2/1908). O clichê que Jung corre o risco de reimprimir, portanto, é o de *Fliess*, "que trabalha na paranóia e que está ligado à ruptura" (Roustang,op.cit.,p.76). No dia seguinte, Freud escreve novamente, como *post-scriptum* à carta anterior, na qual tratou Jung por "caro amigo" pela primeira vez. A mensagem é direta: "Não se assuste: prometo, depois dessa, uma longa pausa" (71F).

Jung parece compreender bem a ameaça embutida na alusão a *Fliess*, e reage:

Agradeço-lhe do fundo do coração essa prova de confiança. A imerecida honra de sua amizade é um dos pontos altos de minha vida

que não consigo expressar com palavras. A referência a Fliess - decerto não acidental - e seu relacionamento com ele impelem-me a solicitar que me permita desfrutar de sua amizade noutros termos, não como se fosse uma amizade entre iguais, mas sim entre pai e filho. Essa distância me parece adequada e natural (...) haveria de prevenir mal-entendidos e capacitar duas pessoas teimosas a existir lado a lado num relacionamento fácil e livre de tensões (72J, p.166,20/2/1908).

A transcrição desse longo diálogo postal vem ilustrar o impasse criado na relação: Jung transfere com altíssimo grau de idealização (religiosamente) a Freud no plano afetivo, mas pretendendo sustentar as diferenças no plano teórico. Freud transfere a Jung a desilusão vivida com Fliess, incapaz de enxergá-lo sem as lentes narcísicas que fazem de Jung o herdeiro de sua obra. Jung, ao perceber o risco da associação com Fliess, tenta escapar da armadilha a que ambos estão submetidos propondo substituir uma "amizade entre iguais" por uma entre pai e filho. Ora, Jung parecia ter elementos suficientes para avaliar a relação entre Freud e Fliess não como amizade entre iguais, mas como um confronto dual cujo rompimento culminou em paranóia. Assim, se tinha razões de sobra para evitar uma reedição desse tipo, acaba, no entanto, optando pelo modelo pai-filho. Dificilmente em outra situação um psicanalista avaliaria o relacionamento entre pai e filho como "fácil e livre de tensões". Jung queria uma distância "adequada e natural", mas, sem conseguir enxergar além de sua posição filial, não concebe a possibilidade real de uma amizade entre iguais com Freud.



Em 1909, Freud e Jung são convidados por Stanley Hall para participar das comemorações do vigésimo aniversário da Universidade Clark, com uma série de conferências. Freud entusiasmou-se com a viagem à América e chamou Ferenczi para acompanhá-los(21).

Dois eventos ocorridos nesta viagem marcam o relacionamento de Freud e Jung: No dia anterior ao embarque, em Bremen, durante o almoço, Jung dissertava insistentemente sobre achados pré-históricos que estavam sendo desenterrados no norte da Alemanha. Freud interpretou o assunto, bem como a insistência de Jung, como desejo de morte contra ele, Freud, e desmaiou (Gay,p.201). Grosskurth (p.37) conta que após o primeiro encontro com Jung, Freud teve um sonho de angústia no qual Jung iria "substituí-lo".

O segundo episódio, conta Jung, teria acontecido durante a travessia do Atlântico. Tinham o hábito de interpretar os sonhos uns dos outros. Um sonho de Freud foi por ele interpretado até onde pôde, sendo que, para prosseguir, seria preciso entrar em maiores detalhes da vida íntima de Freud. Freud negou-se a revelar sua intimidade, objetando que ele próprio não poderia ser analisado. Isto poria "sua autoridade em risco" (apud Gay,p.215).

Retrospectivamente, Jung retoma esse episódio numa carta que iria desencadear o processo de ruptura em suas

-----

21. Curiosamente, esta viagem acabou por originar uma das lendas mais difundidas no universo psicanalítico francês e, por extensão, como de praxe, também no brasileiro: a parábola da "peste", desenvolvida em 5.1.

relações pessoais com Freud. Em dezembro de 1912, escreve: "Esta carta é uma tentativa atrevida de acostumá-lo ao meu estilo. Portanto, cuidado!". O novo estilo inaugurado por Jung é definido mais adiante:

A nossa análise, o senhor deve lembrar-se, chegou ao fim com a observação feita pelo senhor de que "não poderia submeter-se a análise *sem perder a sua autoridade*". Essas palavras estão gravadas na minha memória como um símbolo de tudo o que acontecer (...). Estou lhe escrevendo agora como escreveria a *um amigo* - este é o *nosso* estilo... considere estas afirmações como um *esforço para ser honesto* e não aplique o depreciativo critério vienense de luta egoísta pelo poder ou Deus sabe que outras insinuações do mundo do complexo paterno (330J,p.595,3/12/1912).

Assim, quando Jung decide por uma amizade entre iguais com Freud, o tom é de ameaça - "cuidado!". A seqüência é uma série de indicações do caráter neurótico de Freud. Mais uma vez, a amizade se apresenta como impossível, e a relação entre iguais terá de advir, paradoxalmente, da ruptura de toda e qualquer relação.

Nesta mesma carta, Jung dirige uma dura crítica ao campo psicanalítico como um todo: "O lamentável é que os psicanalistas são tão dependentes da psicanálise como os nossos adversários o são da sua crença na autoridade. Qualquer coisa que possa fazê-los pensar é imediatamente descrita como complexo" (idem). Jung refere-se aqui à tendência entre os psicanalistas, que já se apresentava de forma bastante ampla, em analisar toda produção teórica divergente do estabelecido por Freud pelo prisma da neurose pessoal.

Freud responde de forma contida, aconselhando que cada um dê mais atenção à sua própria neurose que à do outro (332F,5/12/1912). Em 7 de dezembro, Jung informa que pretendia fazer uma resenha crítica do último livro de Adler, que no ano anterior havia rompido com a psicanálise. Freud aprova suas intenções, sem porém deixar de comentar que esta atitude contribuiria para um esclarecimento político, pondo fim aos rumores de que Jung estaria "virando a casaca" para o lado de Adler (334F,9/12/1912).

A resposta indignada de Jung, acompanhada de um ato falho, deu origem, de fato, ao último ato do relacionamento. Jung pretendia escrever: "Nem mesmo os amigos de Adler consideram-me um deles (*ihrigen*)", mas o escrito foi: "Nem mesmo os amigos de Adler consideram-me um dos seus (*Ihrigen*)" (335J,p.604). Freud apontou o lapso (337F,16/12/1912), e a reação de Jung foi furiosa:

Admito a ambivalência dos meus sentimentos em relação ao senhor (...) mostraria, contudo, que a sua técnica de tratar os discípulos como pacientes é uma *asneira*. Desse modo o senhor produz ou filhos servis ou fedelhos impudentes (...) sou objetivo o bastante para perceber o seu pequeno truque (...) Enquanto isso o senhor permanece no alto, como o pai, em situação privilegiada.  
 (...) em caráter privado, vou começar a dizer-lhe, nas minhas cartas, o que realmente penso do senhor (...)  
 Não há dúvida que o senhor se sentirá ultrajado por esta pequena prova de amizade, mas pode fazer-lhe bem assim mesmo (338J,p.606,18/12/1912).

A primeira resposta de Freud sugere uma tentativa de amortecer o impacto das palavras de Jung. Freud limita-se a argumentar que em Viena ele é acusado justamente do contrário,

isto é, de se preocupar muito pouco com a análise de seus alunos (340F,22/12/1912), o que só faz aumentar o equívoco. Sem aguardar outros comentários de Jung, Freud redige uma nova carta oficializando o fim do relacionamento pessoal:

De outra forma sua carta não pode ser respondida. Ela cria uma situação que será difícil de tratar numa conversa pessoal e totalmente impossível por correspondência (...) Portanto, proponho que abandonemos inteiramente as nossas relações pessoais (...) e poupe-me das suas supostas "provas de amizade" (342F,p.610,3/1/1913).

A réplica de Jung sela o rompimento: "Acedo ao seu desejo de que abandonemos as nossas relações pessoais, pois eu nunca forcei amizade com ninguém" (344J,p.612,6/1/1913). Se no plano teórico é legítimo supor uma resistência de Jung à psicanálise, no plano transferencial transparece uma *resistência à mestria*. Um pouco antes do impasse final, Jung citava Nietzsche numa carta a Freud: "Paga-se mal a um mestre se se permanece apenas como discípulo" (303J,p.559,3/3/1912). Assim, a relação, que se iniciou com um mal-entendido, tem seu desfecho a partir de um lapso. Sob a cortina de fumaça da transferência, o pano de fundo da recusa da amizade. A opção pela amizade implicaria, por um lado, a aceitação da realidade no lugar da ilusão neurótica; por outro, a recusa do poder, a recusa do servir.

### 3.3.2 O Comitê Secreto

O principal responsável pela criação do Comitê Secreto, ainda que pelo negativo, foi Jung. A idéia de Jones em formar um grupo de homens de confiança, que constituíssem uma

"velha guarda" em torno de Freud, foi concebida no auge do atrito e da iminência de uma ruptura nas relações de Freud com Jung. Em maio de 1912, um episódio decisivo veio estremecer o relacionamento: a chamada "atitude de Kreuzlingen" (cf. Gay, p.219; Jones, p.153). Perplexo com a dimensão do mal-entendido provocado por um acontecimento menor, Freud começava a perceber que a sua relação com Jung estava condenada, o que seria confirmado no decorrer do ano. Em julho, Jones e Ferenczi encontraram-se em Viena, e, cientes do impasse e de sua ameaça para o movimento psicanalítico, uma vez que Jung era o presidente da IPA, discutiram a situação.

Ferenczi idealizou uma solução protetora para a "causa" psicanalítica bastante reveladora. Propôs que um pequeno grupo fosse analisado pessoalmente por Freud, e assim pudesse representar a "teoria pura não-adulterada por complexos pessoais" (apud Grosskurth, p.46). Estes homens de confiança seriam estabelecidos em diferentes centros para onde os iniciantes iriam aprender o ofício. A proposta de Ferenczi revela, *in status nascendi* e a um só tempo, o que se tornaria o paradigma da formação analítica, bem como a origem de seu próprio malogro: o saber psicanalítico só pode ser transmitido a partir da experiência de uma análise pessoal, o que vincula saber e prática; como consequência, está embutida nesta proposta a idéia de que a transmissão da psicanálise é regulada pela transferência, e que a transferência (a Freud) seria o melhor instrumento para evitar "adulterações teóricas" com base em complexos pessoais. O malogro que se tornaria crônico num futuro próximo, quando da padronização da formação

psicanalítica em institutos, seria a utilização da transferência necessária como instrumento alienante para doutrinação teórica e política (cf. cap.6 e cap.7).

Apesar de considerada ideal, a proposta de Ferenczi mostrou-se impossível de ser praticada. Como alternativa, Jones idealizou o Comitê: uma "Guarda Pretoriana" ao redor de Freud formada por um grupo de analistas dignos de confiança. Assumiriam entre si, além da função de defesa da "causa", o compromisso de não se afastar dos princípios fundamentais da teoria psicanalítica sem antes submeter seus pontos de vista aos membros restantes do grupo (Jones,p.161).

Em 30 de julho, Jones escreveu a Freud, em Karlsbad, sobre o projeto do Comitê. Freud entusiasmou-se, e respondeu imediatamente:

O que logo tomou conta da minha imaginação foi sua idéia de um conselho secreto (...) para cuidar do desenvolvimento posterior e defender a causa contra personalidades e acidentes quando eu não existir mais. Você diz que foi Ferenczi quem expressou essa idéia, no entanto poderia ter sido minha em tempos melhores, quando tive esperanças de que Jung agregasse ao seu redor um círculo desse tipo, composto pelos líderes autorizados das associações locais. Sinto-me agora penalizado em dizer que esta união deve formar-se independentemente de Jung e dos presidentes eleitos. Ouso afirmar que a vida e a morte me seriam mais fáceis se eu soubesse da existência dessa associação para velar por minha criação (in Grosskurth,p.47,negrito nosso).

Freud sugeriu que Abraham e Sachs, além de Rank, que já havia sido contactado por Ferenczi, fossem chamados para compor o Comitê, que teria, portanto, nesta fase inicial, seis

membros representativos dos mais importantes centros de psicanálise da Europa. Em 25 de maio de 1913, os membros do Comitê tiveram sua primeira reunião em Viena. Discutiram uma crítica de Ferenczi sobre a teoria da libido de Jung, e, ao final da reunião, Freud presenteou a cada um com um entalhe grego de sua coleção de antiguidades, que a seguir foi adaptado a um anel de ouro. Freud também usou um anel desses, que tinha a cabeça de Júpiter como entalhe.

A formação do Comitê Secreto caracteriza assim o primeiro momento de um movimento de retorno transferencial a Freud. Em sua resposta a Jones, Freud admite o fracasso da sua tentativa em transferir o centro do movimento psicanalítico. A "esperança de que Jung agregasse ao seu redor um círculo desse tipo" deu lugar à constatação de que "esta união deve formar-se independentemente de Jung". No centro do círculo secreto incumbido de velar pela sua criação, reencontramos portanto o próprio criador, que nunca deixou de ocupar este lugar frente aos seus discípulos. Os anéis selavam a nova/antiga aliança:

Tradicionalmente, entalhes eram usados como carimbo em contratos, antes que assinaturas escritas fossem usadas para atestar documentos importantes. Os anéis eram a promessa de união eterna, simbolizando a fidelidade de um bando de irmãos para o seu pai simbólico, Freud *the ring-giver*(22) (Grosskurth,p.57).

O título do livro de Phyllis Grosskurth, *The Secret Ring*, um extenso trabalho histórico a respeito do Comitê Secreto, permite uma série de articulações, que só podem ser

-----

22. Na falta de uma tradução adequada, decidimos manter a expressão original em inglês.

feitas em inglês, ilustrando algumas características simbólicas deste grupo. *Ring* pode significar anel, círculo, aliança entre pessoas em ação conjunta, uma identificação e também área de luta (ringue, em português). Um *ringleader* é a pessoa que lidera outras numa ação contrária à autoridade - o chefe do bando. Assim, o jogo dessas articulações em relação aos anéis identificatórios dos membros do Comitê inaugura o período da história da psicanálise que será governado secretamente pelo que podemos chamar de uma verdadeira *cosa nostra* psicanalítica.

Roustang (1987) recorda que o próprio Freud utiliza o termo "horda selvagem" para caracterizar o grupo ao seu redor, e interpreta a dinâmica desta "horda" nos termos de *Totem e Tabu*: o objetivo comum de expulsar ("assassinar") Jung - que tocou na imago de mestre incontestada sustentada por Freud - vem unir o grupo, uma vez que "nada, com efeito, sela melhor que o crime, perpetrado por todos e por cada um, a coesão de uma horda" (op.cit.,p.13). Por outro lado, com a saída de cena de Jung, o lugar de "herdeiro" fica vago, e os membros do Comitê lutam entre si por este lugar. Acompanhando as correspondências cruzadas na época do Comitê, com suas querelas, disputas, tentativas de "assassinato" simbólico dos rivais, e a análise "selvagem" praticada entre os membros, pode-se supor que na horda selvagem reinava uma *transferência "selvagem"* para com Freud. Somente com a sua morte e com a burocratização da IPA esta *transferência "selvagem"* seria domesticada. Como em *Totem e Tabu*, após a morte do pai, os filhos se entendem entre si para evitar a carnificina.



O Congresso de Munique, em setembro de 1913, é o maior exemplo da estratégia de atuação política do Comitê. Haveria nova eleição para a presidência da IPA, e, com o contingente de Zurique apoiando-o, Jung seria reeleito. Abraham propôs então que os membros do Comitê, bem como seus respectivos grupos, expressassem sua desaprovação por Jung formando um bloco de abstenção. Como resultado desta pressão, 22 dos 52 participantes do Congresso não votaram. Além disso, todos os membros do Comitê apresentaram trabalhos contendo críticas às teorias de Jung. Mesmo reeleito, Jung saiu do Congresso enfraquecido, seja politicamente, seja no registro teórico. Logo após o Congresso, Jones escreveu uma carta esperançoso de que Freud estivesse gratificado em "ver que dessa vez teve uma guarda-pessoal ativa para assisti-lo" (in Grosskurth, p.62). A partir deste Congresso, e enquanto existiu, o Comitê escolheria os futuros presidentes da IPA.

Em 1920, após o 6º Congresso Internacional em Haia, o Comitê reuniu-se com nova formação. Eram agora sete membros, com a entrada de Eitingon no círculo secreto. Terminado o "caso Jung", o Comitê passou a supervisionar o andamento da IPA, exercendo um verdadeiro poder paralelo. Nesta reunião, o Comitê estruturou-se mais formalmente: Jones foi nomeado secretário, e Freud propôs o intercâmbio regular de cartas-circulares (*Rundbriefe*) entre os membros. Nesta correspondência secreta, os cargos de direção e presidência da IPA eram escolhidos, e as grandes questões institucionais da psicanálise - como a questão efervescente da formação psicanalítica - eram tratadas. Nas *Rundbriefe*, portanto, eram traçados os destinos da psicanálise.

No ano seguinte, os membros do Comitê decidem adiar um congresso que teria lugar em Berlim para que pudessem desfrutar de um encontro reservado. O comentário de Grosskurth indica o poder do Comitê no movimento psicanalítico:

Todos os membros do Comitê viam sentido nesse arranjo, porque o verdadeiro gerenciamento do movimento psicanalítico era conduzido de forma privada pelo Comitê, e não nos grandes e mais democráticos congressos. (Grosskurth, p. 107).

A partir de meados da década de 20, entretanto, o Comitê inicia seu ocaso. A publicação de *O Trauma do Nascimento*, em 1924, é o primeiro passo para o rompimento de Rank. No mesmo ano, Ferenczi, que junto a Rank publica *O Desenvolvimento da Psicanálise*, começa a ter atritos com o *establishment* psicanalítico. Com a morte precoce de Abraham, então presidente da IPA, em dezembro de 1925, a composição inicial do Comitê fica descaracterizada. Ferenczi afasta-se cada vez mais de Freud, enquanto Jones persiste liderando a política psicanalítica, e Anna Freud aumenta gradualmente sua influência. Em 1927, no 10º Congresso Internacional de Psicanálise, em Innsbruck, os membros decidem que, com o firme estabelecimento do movimento em escala internacional, não havia mais necessidade do Comitê continuar secreto, passando a constituir-se pela liderança oficial da Associação Internacional. Assim, o Comitê deixa de existir justamente quando não é mais necessário, pois, com a burocratização da IPA e a padronização e institucionalização da formação psicanalítica, a proteção da "causa" passaria a ter outras garantias.

### 3.3.3 A "Bomba"

O segundo momento do movimento de "retorno a Freud" será representado pela publicação de *A História do Movimento Psicanalítico*, em julho de 1914. Se o Comitê vinha recolocar Freud no centro do movimento psicanalítico através de uma operação de bastidores, secretamente, a *História* veio a público declarar, e num tom que não deixa margem a dúvidas, quem detém a última palavra na psicanálise.

Apesar das articulações do Comitê, Jung continuou a presidir a IPA após o Congresso de Munique, em setembro de 1913. Divergindo teoricamente e tendo suas relações com Freud rompidas, constituía ainda uma ameaça para o movimento. Cogitou-se então, no interior do Comitê, a idéia da dissolução da Associação, com a formação posterior de um novo grupo ao redor de Freud, mas a proposta foi considerada arriscada. O melhor seria que Jung renunciasse à presidência e se afastasse definitivamente do movimento psicanalítico.

Em outubro, Jung renunciou ao cargo de editor do *Jahrbuch*(23). Escreveu a Freud uma última carta dizendo que soube, através de Maeder, que Freud duvidava da sua *bona fides*, tornando impossível qualquer colaboração futura (357J,p.624), mas não fez referência à presidência da Internacional.

---

23. "*Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen*", primeiro periódico psicanalítico, lançado em 1909.

Em janeiro de 1914, Freud começou a trabalhar em *A História do Movimento Psicanalítico*, "um útil repositório para a sua raiva", segundo Gay (p.229). O texto teria as características de um panfleto no qual Freud apresentaria a sua versão sobre as dissensões de Adler e Jung, e, principalmente, reivindicaria o saber sobre a psicanálise. O tom bélico e passional empregado por Freud na elaboração da *História* fez com que ele a chamasse de "bomba". Era na verdade uma declaração de guerra contra Jung, e também Adler. Surpreendentemente, em 20 de abril de 1914, Jung renunciava à presidência da IPA: "Os mais recentes acontecimentos", escreve Jung, "convenceram-me que as minhas concepções estão em tão acentuado contraste com as idéias da maioria dos membros da nossa Associação que não posso mais considerar-me uma pessoa adequada para ser presidente" (358J,p.625).

Ainda assim, em meados de julho de 1914, poucos dias antes do início da primeira guerra, Freud publicava a sua "bomba". "Forçado a pegar em armas" (op.cit.,p.63), declarava que a psicanálise vivia tempos de guerra (cf. cap.1).

A guerra na psicanálise era combatida em duas frentes: a teórica e a psicanalítica propriamente dita. O confronto teórico consistia nas críticas dirigidas por Freud às teorias psicológicas de Adler e Jung, apontando onde elas contrariavam os princípios fundamentais da psicanálise, diferenciando-se, portanto, desta (op.cit.,cap.III). O confronto psicanalítico se daria em outro registro.

A idéia veiculada por Freud na sua *História* é que, no contato com o inconsciente, não apenas os pacientes estão sujeitos à resistência, mas também os psicanalistas. Neste sentido, Freud lança mão de "conhecimentos psicanalíticos" na análise das dissensões de Adler e Jung, conhecimentos referentes ao exame das resistências e das transferências dos ex-discípulos. Assim, *grosso modo*, suas teorias seriam o efeito das resistências à psicanálise e da transferência para com Freud (cf. cap.1). Mesmo considerando que a análise não se presta a uso polêmico, pressupondo que para haver análise é preciso o consentimento da pessoa analisada e uma situação marcada pela assimetria, com um superior e um subordinado (Freud, op. cit., p.63), Freud não pôde evitar de empregar seus "conhecimentos psicanalíticos" no conflito. Também da sua parte, o tom é ditado pelas transferências em jogo.

Esta atitude, que tornou-se tradição no campo psicanalítico sempre que surge alguma divergência teórica ou institucional, caracteriza o que Freud chamou de análise "selvagem" (1910). Laplanche e Pontalis ressaltam: "O que efetivamente Freud denuncia na análise selvagem é menos a ignorância do que uma certa atitude do analista que encontraria na sua 'ciência' a justificação do seu poder" (1983, p.499). Desde então, o estilo empregado por Freud na *História*, que encontrava justificativas bem marcadas pelo *seu contexto*, passaria a ser utilizado pelos psicanalistas em *qualquer contexto*. Freud apontava a dificuldade em "manter a linha" numa discussão científica, principalmente considerando a "peculiaridade da controvérsia sobre a psicanálise" (op.cit., p.

15). Esta peculiaridade, que diz respeito ao caráter passional no confronto entre os diferentes discursos, é devida ao fato de que a transmissão da psicanálise é regulada pela transferência. A elucidação destas transferências no contexto contemporâneo poderia facilitar o acesso dos psicanalistas às verdadeiras questões e impasses com que a psicanálise se defronta.

O problema que se coloca para a psicanálise a partir do enlace proposto por Freud entre teoria, resistência e transferência, é que, desde a *Traumdeutung*, Freud mostra como a psicanálise é construída a partir de seus sonhos - através de sua auto-análise - o que articula de forma inédita no campo do saber a relação entre teoria e fantasma do teorizador. A psicanálise guarda portanto uma distância do registro da ciência, e a aquisição e transmissão do saber psicanalítico têm características próprias. O postulado de que é preciso passar pela experiência analítica para ter acesso ao saber psicanalítico é a contramedida da noção de resistência, e aponta a transferência como o *modus operandi* do processo. Ao retomar a palavra, Freud está convicto do engodo a que Adler e Jung estão submetidos, e o primeiro parágrafo da *História* ilustra os termos pelos quais o movimento psicanalítico será reconduzido ao seu caminho. Trata-se de um retorno transferencial a Freud, "(...) nem deve causar surpresa o papel que nela desempenho, pois a psicanálise é criação minha (...)" ; onde o criador reivindica o saber sobre a sua obra, "(...) acho justo continuar afirmando que ainda hoje ninguém pode saber melhor do que eu o que é a psicanálise (...)" ; e condena as usurpações, "(...) o que deve ser precisamente denominado de

psicanálise e o que seria melhor chamar de outro nome qualquer" (op.cit.,p.16).

Nesta época, enquanto o império psicanalítico era construído, Freud acreditava ainda que "provocar oposição e despertar rancor é o destino inevitável da psicanálise" (op.cit.,p.17), e no último parágrafo da *História* afirma o caráter *underground* da psicanálise, indicando o lugar dos dissidentes:

Os homens são fortes enquanto representam uma idéia forte; se enfraquecem quando se opõem a ela. A psicanálise sobreviverá a essa perda e a compensará com a conquista de novos partidários. Para concluir quero expressar o desejo de que a sorte proporcione um caminho de elevação muito agradável a todos aqueles que acharam a estada no submundo da psicanálise desagradável demais para o seu gosto. E possamos nós, os que ficamos, desenvolver até o fim, sem atropelos, nosso trabalho nas profundezas (op.cit.,p.82,negrito nosso).

### 3.4 *Dura Lex, Sed Lex*<sup>(24)</sup>: O Assassinato do Pai

O processo de institucionalização da psicanálise compreende, no esquema proposto por Roudinesco, quatro etapas principais: 1) de 1902 a 1906, o reinado da horda selvagem; 2) de 1906 a 1912, assistiu-se à expansão para o exterior, à criação das primeiras sociedades de psicanálise e à criação da IPA; 3) de 1912 a 1927, com a formação do Comitê, desenvolveu-se um mecanismo duplo de poder: A IPA dando continuidade ao seu trabalho unificador em meio às dissensões e à difusão crescente da psicanálise, e o Comitê gerindo secretamente os assuntos do movimento. Organizaram-se numerosos congressos e foram lançadas novas publicações; e 4) de 1926 a 1939, a quarta e última etapa. O congresso de Bad Homburg, em 1926, selou a profissionalização do *métier* com a obrigatoriedade da análise didática aos analistas. O Comitê dissolveu-se, e Freud perdeu gradualmente a influência até sua morte, em 1939. A profissionalização marca, para Roudinesco, o advento da "psicanálise moderna", com suas "sociedades rivais, seus rituais de formação, sua burocracia, suas filiações transferenciais organizadas, seu culto aos executivos e aos chefetes etc." (Roudinesco, pp.131-132).

Nota-se que, na elaboração de seu esquema, Roudinesco privilegia as formas de organização institucional como marcos divisores das diferentes etapas. Assim, o marco do advento da psicanálise moderna, última etapa do processo de institucionalização da psicanálise durante o seu período

24. *A lei é dura, mas é a lei.*



freudiano propriamente dito, foi a padronização e sistematização da formação analítica. São as razões que levaram a esta padronização e suas conseqüências para o campo psicanalítico - tendo a transferência no centro da questão - que analisamos aqui.

Foi no congresso de Budapeste, em 1918, que se cogitou pela primeira vez da criação de um instituto para a formação de psicanalistas. Freud (1919) sugeriu que a psicanálise deveria preparar-se para, num futuro próximo, atender à demanda de psicoterapia para as massas. Para isto, seria preciso repensar a técnica, bem como formar analistas suficientes para a tarefa. Anton von Freund, que vinha desenvolvendo o projeto de um instituto de psicanálise, ofereceu a Freud uma quantia considerável para a sua realização. O instituto teria originalmente três funções: psicoterapia para as massas, formação de analistas e pesquisa psicanalítica. Ainda durante o congresso, Nunberg sugeriu que, dali em diante, só deveria ser autorizado a analisar aquele que fosse previamente analisado (Balint, 1948, p.168).

Em 1919, durante a revolução húngara, Ferenczi fundou em Budapeste um primeiro instituto com estas finalidades, liquidado meses depois pela contra-revolução. No ano seguinte, 1920, Abraham, Eitingon e Simmel fundaram a Policlínica e o Instituto Psicanalítico de Berlim, que veio a se tornar paradigma de todos os institutos psicanalíticos subseqüentes. Apesar da proposta inicial idealizada por Freud e Anton von Freund, Balint nota que, desde Berlim, os institutos de

psicanálise só tiveram sucesso no que se refere à implementação de um sistema de formação, sendo que a psicoterapia para as massas e a pesquisa foram relegadas. Cabe aqui uma primeira indagação: por que os institutos psicanalíticos supervalorizaram a questão da formação?

Em 1922, um relatório de Eitingon postulava a análise pessoal como parte do currículo da formação em Berlim. Em 1924, o Instituto de Berlim publicou o primeiro regulamento sobre a formação (Balint, 1948, p.165). Esta consistia em três partes: formação teórica, trabalho clínico supervisionado (análise de controle), e análise pessoal. O tempo mínimo estipulado para a análise era de seis meses, dois anos para a análise de controle e dois períodos de estudo teórico, a formação durando em média três anos. Este modelo "tripartido" de formação, que acabou adotado em todos os institutos, encontrou forte resistência na época, principalmente de Budapeste e Viena. As divergências incidiam sobre dois pontos principais: a duração da análise-da-formação (*training analysis*); e a inter-relação das partes entre si, especialmente no que se referia ao papel da análise de controle.

A posição húngaro-vienense frente à questão da duração da análise foi estabelecida por Ferenczi em 1923: "análise-da-formação é simplesmente psicanálise" (apud Balint, 1948, p.165), ou seja, não deve haver diferença entre a análise-da-formação e a análise terapêutica. Neste sentido, assim como na análise terapêutica, não se deveria estabelecer a *priori* a duração da análise-da-formação. Balint observa que,

apesar desta questão nunca ter sido suficientemente esclarecida, desde então todos os institutos de formação continuam a estabelecer a duração desejada da análise, "erro pelo qual qualquer iniciante seria severamente criticado por seu supervisor" (idem).

A questão da análise de controle vem apontar a oposição das duas tendências (Berlim e Budapeste/Viena) quanto à compreensão geral do processo de formação. A prática da análise de controle teve início em Berlim, em 1920, quando da fundação da Policlínica. Com a obrigatoriedade de análise na formação, estabeleceu-se a separação entre a análise de controle e a análise-da-formação. O analista supervisor deveria ser outro, diferente do analista didata.

A proposta de Berlim, representada por Eitingon, foi estabelecer um sistema de formação psicanalítica inspirado no sistema universitário alemão, onde o aluno era encorajado a passar alguns períodos em universidades diferentes. Assim, a formação psicanalítica poderia ser iniciada em um instituto e concluída em outro. Neste sentido, Eitingon concebia que cada parte da formação deveria ser concluída antes do início da próxima etapa (Balint, op.cit.). Trata-se do modelo "uma coisa de cada vez".

As escolas húngara e vienense entendiam a formação de outra maneira, e a ênfase dessa diferença recaía sobre a análise de controle. Nesta linha, o trabalho clínico sob controle *deveria* começar enquanto o candidato estivesse ainda

em análise, para que ele pudesse analisar *analiticamente* a sua contratransferência. As conseqüências dessa idéia implicavam que o estudo teórico também deveria começar durante a análise do candidato, e, ponto gerador de polêmica, que a análise de controle, entendida como análise da contratransferência, seria melhor realizada se fosse feita pelo próprio analista, pelo menos no primeiro caso clínico assumido pelo candidato. Balint (op.cit.) aponta que, apesar do impacto inicial, a proposição de que o trabalho clínico sob controle deveria ser iniciado durante a análise-da-formação foi rapidamente aceita, mas a recomendação de que a análise de controle fosse feita com o próprio analista suscitou maiores resistências.

Em 1925, no congresso de Homburg, foi criado o Comitê Internacional de Formação, com o objetivo de homogeneizar a formação psicanalítica entre os diversos países. Eitingon apresentou três propostas preliminares: a) a formação deveria escapar às iniciativas individuais; b) cada sociedade deveria responder pela aceitação ou recusa de um candidato perante a IPA, que teria de ratificar a decisão; e c) regulamentação da noção de análise de controle. A proposta de Berlim foi defendida pela alegação de fornecer ao futuro analista uma dupla referência - o analista didata e o analista de controle - e um aval mais forte. As propostas foram aprovadas por unanimidade, e o projeto foi definitivamente adotado no ano seguinte, no congresso de Bad Homburg (Roudinesco, pp.152-153).

A partir de então, o procedimento de formação,

espelhado no modelo de Berlim, funcionaria da seguinte maneira:

A comissão (de ensino) admite ou rejeita irrevogavelmente o candidato segundo a impressão obtida no decorrer de três entrevistas preliminares; o candidato submete-se inicialmente a uma análise pessoal de seis meses de duração pelo menos; compete à comissão designar o analista didata; a partir do parecer do didata, a comissão decide o momento em que a análise pode ser considerada suficientemente avançada para que o candidato participe das etapas ulteriores da formação; posteriormente, a comissão decide também quando a sua análise pode ser considerada como terminada. O candidato deve engajar-se, por escrito, a não se denominar analista antes de sua admissão formal à sociedade (Bernfeld, 1962, p.464-465).

Se hoje o modelo de formação "tripartido", bem como o papel decisivo das sociedades psicanalíticas na formação, podem parecer naturais em função do hábito, sua implementação caracterizou na época uma verdadeira revolução. Apesar das reações contrárias à sua tendência padronizadora e sua rigidez autoritária, o modelo de Berlim foi vitorioso. Cabe portanto aqui uma segunda indagação: por que a política de formação proposta por Berlim foi adotada, encontrando adesão tanto por parte dos analistas como daqueles que queriam se tornar analistas?

Acompanharemos, então, as tentativas esboçadas por Balint (1948) e Safouan (1985) em responder a estas indagações.

#### 3.4.1 A Formação Superegóica

Balint (1948), em um artigo que se tornou clássico na literatura sobre a formação<sup>(25)</sup>, diferencia duas "histórias" do

desenvolvimento da formação psicanalítica: a história exotérica ou oficial, que descreve e explica os "sucessos gloriosos do sistema" (op.cit.,p.167), e a história esotérica, menos difundida, que analisa o curso dos conflitos e das dores inevitavelmente vinculados a criação dos institutos de formação, na linha assumida por Freud em 1914. Na elaboração de sua versão "esotérica", Balint realiza uma das primeiras tentativas, depois de Freud, de um entendimento psicanalítico da história da psicanálise.

A versão "esotérica" freudiana de 1914, abordando os conflitos internos ao campo psicanalítico, já é conhecida. A hipótese de Balint é que a padronização da formação psicanalítica tem uma estreita ligação com os acontecimentos referidos por Freud em sua *História*, mais especificamente ao trauma sofrido pela psicanálise com as dissensões de Adler e Jung. O diagnóstico de Freud, na ocasião, era de que fortes motivos pessoais associados às "dificuldades particularmente grandes ligadas ao ensino da psicanálise" (Freud,1914,p.37) - transferências e resistências - estavam entre as causas das dissensões. Freud escrevia:

A autoconfiança de trabalhadores intelectuais, sua independência prematura do mestre, é sempre gratificante de um ponto de vista psicológico, mas só traz vantagens para a ciência se esses trabalhadores preencherem certas condições pessoais que não são, de maneira nenhuma, comuns (idem).

Para prevenir a recorrência de eventos traumáticos da mesma natureza, aponta Balint, Freud propôs algumas medidas:

-----

25. "On The Psycho-Analytic Training System" (Balint,1948).

"Para a psicanálise, em particular", escreve Freud, "uma longa e severa *disciplina*, além de treinamento na autodisciplina, teria sido necessária" (idem, grifo nosso). E mais adiante, referindo-se à criação da IPA e à transferência do centro psicanalítico para Jung, em Zurique:

Sentia, porém, que deveria haver alguém na liderança. Conhecia muito bem as armadilhas que aguardam quem quer que comece a exercer a psicanálise e esperava poder evitá-las delegando poderes a uma autoridade que estivesse preparada para *aconselhar* e *orientar* (op.cit.,p.56,grifos nossos).

Recorrendo ao original em alemão, Balint ressalta que *disciplina* (*discipline* na edição inglesa) é um termo demasiado suave para *Zucht*, como foi empregado por Freud. E *orientar* (*admonish* na edição inglesa) não corresponde à palavra utilizada por Freud - *Abmahnung* - que seria melhor traduzida por *repreender*. Neste sentido, Balint conclui:

De acordo com Freud, se a psicanálise queria evitar sucessivas dissensões, teria de cuidar para que a nova geração aprendesse a renunciar a parte de sua autoconfiança e independência, que fosse educada para a disciplina e autodisciplina e para aceitar uma autoridade com o direito e o dever de instruir e repreender. Alcançar tudo isso tornou-se o objetivo esotérico de nosso sistema de formação, e o caminho era levar a nova geração a identificar-se com seus iniciadores, e especialmente com as idéias analíticas destes (Balint,1948,p.170).

Ora, o objetivo "esotérico" da formação psicanalítica indicado por Balint é o contrário do que se espera de uma análise, e conseqüentemente, o contrário do que se deveria esperar da própria formação psicanalítica! Para Balint, a formação foi estruturada de forma comparável aos rituais

iniciáticos, produzindo a identificação do candidato aos seus iniciadores, a introjeção de seus ideais e a construção, a partir destas identificações, de um poderoso superego que irá influenciá-lo por toda a vida (op.cit.,p.167). A lógica de sua argumentação é que, para controlar as transferências e as resistências no interior do campo psicanalítico, de forma a evitar a recorrência de rupturas como as de Adler e Jung, fez-se uso - de forma "inconsciente" e "incontrolável" - da própria transferência para produzir uma "intropressão de um superego"(26) (idem). Neste sentido, a formação psicanalítica é considerada uma "formação superegóica" (op.cit.,p.171).

Assim, não é de espantar que os institutos psicanalíticos tenham supervalorizado a formação em detrimento do atendimento das massas e da pesquisa, uma vez que o recalcado (o "inconsciente" e "incontrolável") de sua criação era a evitação de novas rupturas e a produção superegóica de uma geração de analistas "obedientes" (cf.4.3.1); ou seja, sistematizar e padronizar a formação psicanalítica.

Quanto às razões do predomínio do modelo de formação adotado por Berlim, a análise de Balint recai sobre o papel da supervisão. Se o objetivo "esotérico" da formação psicanalítica era o de produzir prosélitos, a análise de controle, separada e diferenciada da análise pessoal, apresenta-se como um instrumento mais eficiente. Em toda análise, diz Balint, há um período de introjeção imaginária do analista como núcleo formador de um novo superego. No entanto, este processo sofre

26. Termo criado por Ferenczi. Desenvolvemos este tópico em 4.3.1.



correção durante a fase de elaboração. Na análise de controle, porém, a situação é diferente. O analista supervisor não está implicado pela situação analítica propriamente dita, colocando-se como uma pessoa real, com convicções, pontos de vista e preferências teóricas. Além disso, o candidato encontra-se numa posição mais frágil, já que não dispõe do privilégio de fazer uso de suas associações livres - "sua defesa mais forte" (op.cit.,p.171). Cria-se assim um espaço propício para o ensino, o controle, e a formação de um novo e perene superego psicanalítico.

#### 3.4.2 O Assassinato do Pai

Moustapha Safouan (1985), apoiado em artigo/depoimento de Sigfried Bernfeld (1962)(27), analisa a institucionalização da formação psicanalítica por um viés que pode ser considerado complementar ao de Balint. Também em sua leitura, a formação teria se estruturado como resultado de um recalque; neste caso, porém, provocado pela iminência da morte de Freud.

Bernfeld ressalta o impacto da descoberta do câncer de Freud, em 1923, sobre os analistas da época. Todos, inclusive Freud e seus médicos, acreditavam que a doença fosse fatal, e esperavam sua morte em poucos meses. Apenas no ano seguinte descobriu-se que o câncer era controlável, e que Freud

---

27. Artigo baseado em uma conferência pronunciada perante o Instituto Psicanalítico de São Francisco, em 1952, poucos meses antes de sua morte. Bernfeld participou da Comissão de Formação do Instituto, da qual demitiu-se a fim de poder expressar publicamente, sem as pressões do cargo, suas críticas ao sistema de formação ali adotado.

poderia viver por vários anos mais. Bernfeld aponta que "a morte e a ressurreição" de Freud provocaram intensas reações afetivas por parte dos antigos analistas, para quem Freud era não apenas o líder incomparável, mas também, inconscientemente, "pai e Deus, ambivalentemente amado e odiado" (op.cit.,p.467). Assim, forças oriundas de uma "explosão do isso" (idem) foram liberadas, junto às respectivas formações reativas contrárias a elas. Grosskurth (1991,p.132) conta que criou-se, no Comitê Secreto, uma situação de tensão "quase" insuportável, provocando um comportamento infantil e violento com brigas entre os membros. A reação geral entre os psicanalistas é descrita por Bernfeld:

(...) ficaram intensamente angustiados em razão da perda ameaçadora, querendo estabelecer a todo custo uma barreira contra a heterodoxia, tendo em vista que eles se sentiam, naquele momento, responsáveis pelo futuro da psicanálise. Decidiram limitar, através de uma seleção rígida dos recém-chegados e de uma formação coercitiva, autoritária e que se demora com fins de provas, toda admissão final às suas sociedades. Na realidade, eles puniam seus alunos por sua própria ambivalência. Ao mesmo tempo eles consolidaram a única tendência que Freud sempre quis evitar: restringir a análise, até fazer dela um anexo da psiquiatria (op.cit.,p.467).

Baseado nesse relato, Safouan entende a institucionalização da formação como "um *acting out* que punha em cena o que, de seu desejo, não se significava de outro modo, a saber: o vínculo essencial (para não dizer a identidade efetiva) a este desejo de uma defesa que interdiz a todos uma certa idéia de gozo, aquele que *prometeria* o lugar do mestre" (op.cit.,p.20). Se, como diz Grosskurth (op.cit.,p.132), a pergunta geral formulada pelos psicanalistas ao saberem da

doença de Freud - "como ele poderia ser, algum dia, substituído?" - é suficiente para produzir uma angústia "quase" insuportável, esta, conjugada a uma outra pergunta e ao desejo aí embutido - "quem irá substituí-lo?", tornou-se excessivamente ameaçadora.

Neste sentido, Safouan considera a padronização da formação uma repetição do mito freudiano de *Totem e Tabu*, um arranjo dos irmãos parricidas ditado pelo crime comum. Assim, sentimentos de culpa introduziram traços melancólicos na formação (cf. Bernfeld, op.cit.), fazendo com que o vazio que Freud deixaria se tornasse "um lugar falsa e neuroticamente proibitivo" (op.cit., p.21).

Da mesma maneira, o desejo de respeitabilidade e de reconhecimento social expresso pela legalização da profissão de psicanalista - sinônimo da integração da psicanálise pela ordem médica, ilustrada nos ataques à análise leiga - coloca-se, para Safouan, como um reforço da cumplicidade sobre a qual repousa o laço social, e um alibi para a delinquência cometida por cada um e por todos: agir, de fato, como se a psicanálise jamais tivesse existido (op.cit., p.20). Somente assim entende-se porque "ocupar o lugar de Freud" transformou-se, de um dever que permitiria a cada um servir melhor à psicanálise, numa "operação policial" (idem).

A questão da análise leiga (cf. Freud, 1926) veio à tona a partir do final da primeira guerra, com a crescente difusão da psicanálise na Inglaterra, e, principalmente, nos

Estados Unidos, onde os analistas defrontavam-se com o crescimento proporcional do problema do charlatanismo. Nos jornais, eram publicados anúncios do tipo: "Quer ganhar mil libras anuais tornando-se psicanalista? Podemos permitir-lhe chegar a isso. Tome oito aulas conosco por correspondência, ao preço de quatro guinéus por aula"(28) (Roudinesco,p.136). O combate ao charlatanismo tomou a forma de um combate aos analistas não-médicos, e durante todo o período da implementação da formação, a questão da análise leiga foi discutida. Paradoxalmente, quanto mais se rejeitava a análise leiga, mais a necessidade de análise didática era afirmada (Roudinesco,p.150), o que aponta a alienação que permeava os discursos. Afinal, ou os médicos são aptos a exercer a psicanálise, ou, para ser psicanalista, é preciso uma formação específica, e isto se aplica tanto aos médicos quanto aos não-médicos.

A posição de Freud era a de que restringir a análise aos médicos como forma de protegê-la do charlatanismo, equivalia a uma "tentativa de recalque" (*Versuches zur Verdrangung*)(29) pela qual a questão crucial - o que é específico da psicanálise - ficava ocultada. Em 1929, no congresso de Oxford, a tentativa de uma solução internacional para a questão da análise leiga foi abolida, e a Sociedade de Nova York decidiu admitir não-médicos para formação. Roudinesco considera que

---

28. Impossível deixar de notar a semelhança com o que encontramos hoje, em nossos *classificados*, principalmente em termos de "terapias alternativas".

29. Freud (1926). "Die Frage der Laienanalyse". In *Schriften zur Behandlungstechnik*. Fischer Taschenbuch, Frankfurt am Main, 1982, p.349.

Essa aparente vitória da posição leiga foi consequência direta da padronização de 1926, que começava a dar frutos, mas, na realidade, os ideais médicos dominaram o movimento e serviram para assegurar o triunfo de uma psicanálise adaptada aos códigos da moral social. A legalização da formação foi o meio pelo qual o próprio movimento liquidou os "restos anibalianos" da prática e da teoria freudianas (Roudinesco, p.159, **negrito nosso**).

A sistematização e padronização da formação psicanalítica, promovida a partir de Berlim, não fez mais, como sublinha Bernfeld, do que transformar em obrigação o que era do domínio da escolha. No entanto, essa transformação irá mostrar-se plena de consequências (cf. cap.4). A partir de então, a análise tornou-se uma análise a "tomar" (*to take*), no sentido em que um estudante de medicina *toma* um curso preparatório de anatomia (Bernfeld, op.cit., p.469), e os efeitos transferenciais de uma análise deste tipo, com fins didáticos, já se faziam ver mesmo antes da legalização da formação.

Em 1921, Freud dedicava-se apenas a análises com fins didáticos, ou seja, todos os seus analisandos eram alunos em formação (Roudinesco, p.148). Abram Kardiner, que veio a ser um dos maiores representantes da linha culturalista norte-americana, havia iniciado sua análise com Freud em outubro daquele ano. No início de março de 1922, Freud anunciou que a análise terminaria em 1º de abril. Kardiner revoltou-se, mas Freud limitou-se a lembrá-lo que havia fixado em seis meses o prazo para a sua análise (*idem*).

Numa ocasião durante a análise, Kardiner perguntou a Freud o que pensava sobre a psicanálise e sobre si próprio.

Freud confessou que lhe faltava paciência para lidar com os problemas terapêuticos, que o desenvolvimento teórico ocupava a maior parte de seu interesse, e que portava-se excessivamente como pai para com seus analisandos e alunos (Roudinesco, p.149). Nessa época, Freud era alvo de um culto extraordinário. Roudinesco relata o exemplo de Theodor Reik para ilustrar o que ocorria: Reik vestia-se como Freud, fumava charutos e aparava a barba à moda do mestre, sendo apelidado no meio psicanalítico de "Freud-símile" (idem). Este exemplo vem apontar o que ocorria com a transferência no processo de institucionalização da psicanálise: "quanto mais ela era teorizada na doutrina, mais era desconhecida na situação analítica" (Roudinesco, p.168). O próprio inventor do conceito de transferência parecia não mais reconhecê-la quando ela se apresentava na prática.

Com a padronização da formação e conseqüentemente a regulamentação das análises por uma instância superior, tentou-se resolver o impasse colocado pelo não-resolvido da relação transferencial, tirando-a de cena. Por falta de respostas, encontraremos regulamentos, sublinha Safouan (1985, p.33). Criaram-se leis, que de tão "duras", não eram mais nada senão leis, com um consolo: *dura lex, sed lex* - e que não haja exceções. As sociedades psicanalíticas "evoluíam" do barbarismo de *Totem e Tabu* para a bem comportada "psicologia de grupo", pagando o preço do recalque.

No último parágrafo de *A Questão da Análise Leiga* (1926), Freud comete uma das raras passagens de sua obra que

iriam mostrar-se francamente equivocadas no futuro. Ela diz:

Mas de uma coisa eu sei. De forma alguma é tão importante qual a decisão que o senhor possa adotar no tocante à questão da análise leiga. Isso poderá ter um efeito local. Mas as coisas que realmente importam - as possibilidades de desenvolvimento *interno* - jamais poderão ser afetadas por regulamentos e proibições (op.cit., p.283, negrito nosso).

No próximo capítulo, mostramos como o desenvolvimento *interno* da psicanálise foi afetado por regulamentos e proibições. O que chama a atenção nesta passagem é que a avaliação de Freud, datada de 1926, ou seja, quando a padronização (regulamentação, proibições e injunções) da formação era já fato consumado, incide apenas sobre a questão da análise leiga, poupando qualquer referência à formação. Decerto não se trata de esquecimento, senão de recalque.

A idéia de que a institucionalização da formação está fundada em um recalque aparece em Balint, Safouan e também em Freud, considerando que algumas de suas assertivas referentes à questão da análise leiga (como "tentativa de recalque") podem (e devem) ser aplicadas à formação. Durante toda a sua "conversação com a pessoa imparcial" realizada no texto, Freud desloca a questão para o que é específico da psicanálise, que vinha sendo recalcado: o inconsciente e a sexualidade.

O recalcado da formação psicanalítica, tanto na versão de Balint - trauma das antigas dissensões -, quanto na de Safouan - assassinato do pai -, incide sobre as transferências no campo psicanalítico, pelas quais o inconsciente e a sexualidade se atualizam. Assim, em última

instância, a formação se configura como uma das formas mais complexas e sutis das resistências à psicanálise. "É por causa do silêncio sobre as questões transferenciais que nunca houve uma sociedade de psicanálise que *psicanalisasse* as crises que a dividiram", diz Octave Mannoni (apud Roudinesco, p.168).

A aventura freudiana no movimento psicanalítico encerra-se em 23 de setembro de 1939, em Londres, onde Freud havia se exilado do nazismo, no ano anterior, para morrer em liberdade.

Resumindo conclusivamente o capítulo, a história da transferência na institucionalização do movimento psicanalítico, em seu período freudiano, compreende, em termos esquemáticos, quatro etapas principais: 1) de 1900 a 1908, Freud formula em *A Interpretação de Sonhos* o "convite à transferência" que culminou na fundação da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras e no início do movimento psicanalítico; 2) de 1908 a 1912, assistiu-se à tentativa de Freud em solucionar os impasses que surgiam no movimento por uma "transferência" de transferência para Jung, e pela criação da IPA; 3) de 1912 a 1920, o movimento de retorno transferencial a Freud, com a formação do Comitê secreto e a publicação de *A História do Movimento Psicanalítico*; e 4) de 1920 a 1939, a última etapa, tendo como marco inicial a fundação do instituto de Berlim e a padronização da formação, selando, pelo "assassinato do pai", o silêncio sobre as questões transferenciais e o advento da burocracia e das normas rígidas nas sociedades psicanalíticas.



"Na psicanálise, como em qualquer outro lugar", diz Bernfeld (op.cit.,p.468), "a institucionalização não encoraja o pensamento". Com a institucionalização da formação, a psicanálise abandonava o *status underground* cultivado anteriormente para tornar-se "respeitável" e "normal", como veremos a seguir.

## SEGUNDA PARTE

### A PSICANÁLISE EM MEADOS DO SÉCULO

Quando examinamos as personalidades daqueles que por auto-seleção constituíram a primeira geração de analistas, suas características deixam pouca dúvida. Eram não-conformistas, questionadores, do tipo que não se satisfazia com os limites impostos ao conhecimento. Entre eles, se encontravam sonhadores e outros que conheciam o sofrimento neurótico por tê-lo vivido. Este tipo de recrutamento transformou-se radicalmente desde que a formação psicanalítica foi institucionalizada e que, em contornos mais estritos, faz apelo a um tipo diferente de personalidade. Além do mais, a auto-seleção cedeu lugar a um minucioso exame dos candidatos. Onde a exclusão daqueles que são suspeitos de alterações mentais, dos excêntricos, dos autodidatas, dos grandes imaginativos; em vantagem daqueles que, acomodados e bem preparados, são trabalhadores o bastante para ambicionar uma maior eficácia profissional.

Anna Freud,  
em 1968.

#### 4. PROBLEMAS EM FORMAÇÃO

##### 4.1 Os Sintomas de uma Cultura Psicanalítica

Londres, julho de 1953. A cidade que acolheu Freud do nazismo é sede do 18º Congresso Internacional de Psicanálise. A Inglaterra, que sempre mereceu admiração especial de Freud, exercia também grande influência no mundo psicanalítico - pela importância dos analistas que ali atuavam, pelo peso de suas instituições e por suas contribuições teóricas. Um Congresso em Londres, tendo a Sociedade Britânica de Psicanálise como anfitriã, promovia um clima de grandeza e tradicionalismo, e se, como tudo indica, tradição era o que a IPA desejava resgatar para o mundo da psicanálise, a escolha não podia ser mais acertada. Assim, no relatório oficial do Congresso encontramos lado a lado, entre as excursões planejadas para os horários livres dos participantes, visitas a Windsor, Hampton Court e à Tavistock Clinic, palácio real da psicanálise britânica.

A situação da psicanálise na época era marcada, porém, por um aumento da importância e influência norte-americana, onde desde o pós-guerra a psicanálise vinha encontrando um grau de difusão cultural inédito, dando origem ao que alguns autores chamam de "cultura psicanalítica". Apesar de ser mais marcante nos Estados Unidos, este quadro de difusão da psicanálise se fazia ver em escala mundial.

Sérvulo Augusto Figueira (1991b;1991c) aponta que a noção de "cultura psicanalítica" traz em si uma ambigüidade pelo fato de não ser um conceito propriamente psicanalítico, mas um termo utilizado com graus de precisão variados por observadores e críticos do processo de difusão da psicanálise, devendo por isso ser usado com ressalvas. Diz Figueira:

"Cultura psicanalítica" é uma noção derivada da sociologia e da antropologia e, obviamente, é uma hipérbole que tenta chamar atenção para as implicações e causas da difusão maciça da psicanálise em determinado contexto sócio-cultural - mas sabemos que, em termos rigorosos, não é possível existir uma cultura *realmente* psicanalítica (Figueira, 1991, p.220).

A cultura psicanalítica seria um "padrão de presença da psicanálise" (idem) em um determinado contexto cultural, que aparece quando a difusão da psicanálise atinge níveis nos quais a própria psicanálise difundida torna-se/dá origem a uma *Weltanschauung* partilhada por um número representativo de membros de uma sociedade.

Assim, para Figueira, a cultura psicanalítica está associada à produção de uma *Weltanschauung*, e pode ser decomposta em três dimensões: *eidos*, *ethos* e dialeto. O *eidos* gera uma lógica para o pensamento e para a compreensão dos fenômenos sociais e humanos; o *ethos* gera um código para o controle e expressão de emoções; e o dialeto, como forma de expressão social e interpessoal, articula as duas dimensões anteriores no exercício e na circulação da cultura psicanalítica. Figueira conclui:

Toda cultura psicanalítica é, portanto,

passível de ser entendida como resultado de uma articulação complexa, e nem sempre harmônica, de um *eidos* e de um *ethos* psicanalíticos que circulam através do dialeto do psicologismo (idem).

Trata-se, sem dúvida, de uma "articulação complexa", em cuja trama se articulam e se *influenciam* mutuamente o tipo de psicanálise que se apresenta, as formas de sua difusão e inserção social, os estágios de sua institucionalização e o contexto cultural propriamente dito. A consequência derivada disso é que as culturas psicanalíticas irão variar, de acordo com os efeitos desta articulação.

Guardando as devidas ressalvas no uso desta noção, é ilustrativo o fato de que nos Estados Unidos, onde a psicanálise teve sua inserção social estreitamente ligada à medicina psiquiátrica, sendo rapidamente difundida e articulada ao ideal adaptativo do *American way of life*, encontremos uma cultura psicanalítica bastante diversa da francesa, onde a psicanálise teve a sua penetração social fortemente marcada pela literatura e por movimentos de vanguarda artística (cf. Roudinesco, 1988).

O que se pode observar neste Congresso de 1953, a partir das problemáticas que se apresentam para questionamento e reflexão tanto no registro organizacional (no discurso de abertura do Congresso e no *business meeting*) quanto nos encontros científicos, principalmente no simpósio intitulado "Problemas da Formação Psicanalítica", é o início da discussão sistemática sobre os efeitos de retorno da difusão cultural da psicanálise sobre o próprio campo psicanalítico (cf.

Figueira, 1991a). Estes efeitos, como veremos a seguir, tornam-se visíveis principalmente na formação psicanalítica, que começa a apresentar novos "problemas". Assim, os *problemas da formação* indicam *problemas em formação* no campo psicanalítico, sintomas, como efeito de retorno, de uma cultura psicanalítica sobre a própria psicanálise. Na sobredeterminação destes "sintomas", não é possível deixar de incluir o papel da própria institucionalização da psicanálise, inseparável do processo histórico de sua difusão.

Para ilustrar a situação da psicanálise na época, guiar-nos-emos pelo discurso de abertura do Congresso, proferido por Heinz Hartmann (1954), então presidente da IPA. Neste discurso, a ênfase recai sobre três pontos: 1) o quadro de difusão da psicanálise e as mudanças decorrentes nas relações entre a psicanálise e a cultura; 2) o surgimento de um tipo diferente de "candidato" à formação psicanalítica; 3) o aparecimento de "escolas" e "doutrinas" com referencial psicanalítico e a situação correspondente da IPA como centro organizador da psicanálise mundial. Passemos então à análise dos dois primeiros pontos.

Em 1953, a difusão da psicanálise era evidente em vários países. Outra evidência explicitada por Hartmann é que essa difusão sempre foi um dos objetivos maiores da institucionalização da psicanálise, e um dos motivos maiores para a criação e razão de ser da IPA. Diz Hartmann:

Nos vários anos desde a sua fundação, a Associação Internacional de Psicanálise tem ajudado ativamente a análise, formulando suas

necessidades e dirigindo seu crescimento. Nas condições favoráveis criadas por esta Associação, a análise cresceu e se propagou assim como uma coisa viva (Hartmann, 1954, p.268).

A metáfora biologista/desenvolvimentista faz-se presente em todo o discurso de Hartmann, que trata o desenvolvimento da psicanálise em analogia com o desenvolvimento do indivíduo. Como veremos, essa biologização parece dar origem a uma "naturalização" dos destinos da psicanálise que é responsável pela cristalização de vários "pontos cegos" na discussão dos problemas da formação.

Prosseguindo com Hartmann, a difusão da psicanálise promoveu "mudanças" de vários tipos, e o mérito de seu discurso está em apontar alguns impasses e contradições surgidos a partir dessas "mudanças". Assim, a psicanálise havia se "tornado adulta", e várias de suas descobertas eram aceitas e reconhecidas em muitas partes do mundo, porém Hartmann recorda que em outros lugares ainda havia psicanalistas trabalhando em "esplêndido isolamento", na tentativa de criar espaços para o pensamento e a prática psicanalítica em meios desfavoráveis. Com isto, Hartmann quer apontar que "o papel pioneiro do analista ainda não havia sido superado" (idem).

As mudanças advindas da difusão cultural da psicanálise - seu reconhecimento como método terapêutico pelas profissões vizinhas, aumento das relações (tanto em intensidade quanto em extensão) com outras áreas do conhecimento, uso de

descobertas e *insights* psicanalíticos em outras disciplinas, possibilidade de pesquisa interdisciplinar - corresponde uma indesejável mudança de atitude do psicanalista quanto ao seu papel social. Para ilustrar esta mudança de atitude, Hartmann compara a geração de candidatos à formação psicanalítica do pós-guerra com as gerações anteriores, mostrando suas diferenças tanto em termos de "personalidade" quanto de "motivação":

Na época "heróica" da análise, tornar-se analista era uma aventura do espírito; era aventura tanto por causa das incertezas relativas ao status econômico e social, quanto pelo isolamento espiritual, que era o destino do analista. Durante as duas primeiras gerações de psicanalistas, escolher esta profissão era uma decisão categórica e carregada de emoção. Esta é uma decisão difícil para alguns de nossos alunos hoje, mas certamente não é uma decisão duvidosa para todos, ou mesmo para muitos deles. Há aqueles que escolhem a psicanálise apenas como uma especialidade. Sua ênfase reside mais na aquisição de uma habilidade técnica do que no engajamento a uma disciplina, no sentido amplo do modelo estabelecido por Freud (*idem*).

Daí a importância de recorrer à tradição, e em frisar que o papel pioneiro do psicanalista não havia sido superado. A psicanálise como profissão tinha deixado de ser um risco pessoal, e isto coincide com o surgimento de um novo tipo de candidato à analista - o candidato "normal".

#### 4.2 O Candidato "Normal" e Sua Ecologia

A questão do candidato "normal" ("*normal*" *candidate*) está inserida no campo do que Maxwell Gitelson chama de "ecologia" do candidato. Em *Therapeutic Problems in the*



*Analysis of the "Normal" Candidate*, Gitelson (1954) busca determinar as condições sócio-culturais para o surgimento deste tipo de candidato e pesquisar os problemas adicionais que aparecem em sua análise, enfatizando o estudo de "fatores ecológicos". Se a ecologia, nas ciências humanas, estuda as relações entre comunidades e indivíduos com o meio em que vivem e suas influências recíprocas, na ecologia do candidato a psicanalista Gitelson vai abordar as relações deste candidato com o seu meio, privilegiando as influências do meio sobre o seu caráter. A ecologia do candidato trata da situação sócio-cultural da época articulada a uma "atmosfera psicanalítica" (op.cit.,p.178), perspectiva bem próxima da noção de "cultura psicanalítica".

Arriscando uma leitura antropológica, Gitelson nota, em primeiro lugar, que as neuroses que se apresentavam ao psicanalista nos anos 50 eram diferentes daquelas do começo do século. Seu ponto de vista é o de que as mudanças da cultura acarretam mudanças na maneira pela qual o ego lida (admite, repele ou modifica) com as exigências "instintuais", uma vez que a ação do ego depende de como ele foi "ensinado" a considerá-las pelo mundo exterior.

As mudanças culturais privilegiadas na análise de Gitelson são as ocorridas nas esferas da ética e da moral. Gitelson considera que os limites entre o permitido e o proibido haviam se tornado confusos, o que se refletia na inconsistência das influências da educação primária na criança, possibilitando assim que a própria "personalidade" fosse o

suporte do sintoma (op.cit.,p.176). As mudanças correspondentes observadas na forma das neuroses foram das neuroses de transferência, baseadas em conflitos entre ego e id, para as de tipo narcísico, baseadas em conflitos entre ego e superego. Gitelson pretende que em uma cultura onde a Lei se relativiza excessivamente, o superego se torna maleável, e o campo privilegiado para a ação conciliatória do ego passa a ser a relação com esta instância e com a própria realidade. Assim, o ego encontra um vasto campo para a evitação de rupturas e conflitos - por deformação, perda de unidade ou mesmo clivagens - e a aparente "normalidade" resultante deste processo passa a ser o próprio sintoma.

Gitelson nota que, se as neuroses de transferência, com seus sintomas intrapsíquicos, representam uma regressão "autoplástica", as neuroses narcísicas são aparentemente dirigidas para uma solução "aloplástica" (*living out*) do conflito, ou seja, forma-se um conflito aparentemente aloplástico com a realidade, porém baseado em projeções e deslocamentos "patológicos" conectados com a orientação desejante do ego regredido narcisicamente. Assim, trata-se na verdade de um conflito intrapsíquico, desprovido porém da impulsão dos "instintos" em direção aos objetos do mundo exterior, como ocorre na neurose de transferência - auxiliando seu tratamento. A idéia de Gitelson é a de que, pelo fato de na neurose narcísica o ego manter sua capacidade de perceber e lidar adaptativamente com a realidade externa, torna-se possível ao conflito intrapsíquico encontrar expressão nos moldes oferecidos pelo meio cultural, preservando uma fachada

de normalidade. Assim, um dos importantes fatores para a tolerância do conflito do ego com o superego, isto é, para a manutenção da defesa de caráter narcísico numa aparência de normalidade, deve ser encontrado na "aquiescência da nossa cultura no fenômeno desta defesa" (p.176)(30).

Como podemos constatar, Gitelson trata a "normalidade" como sintoma (individual e cultural), e o surgimento do candidato "normal" como conseqüência da mudança do tipo de neurose predominante na cultura de sua época associado à "atmosfera psicanalítica", como veremos adiante. Assim fazendo, porém, Gitelson considera o fenômeno como externo ao campo psicanalítico. Esta perspectiva não é, portanto, suficiente para transformar a maneira pela qual a discussão sobre o candidato "normal" vinha sendo conduzida, em termos de sua adequação ou inadequação para a carreira analítica, sem promover um questionamento maior sobre o próprio sistema de formação. Vejamos:

Hans Sachs (1947) observava o surgimento de um grupo de candidatos com "poucos sintomas neuróticos", bem adaptados e integrados socialmente, mas cuja organização narcísica havia produzido muito firmemente uma repressão do conflito. Para Sachs, apesar de poderem ter uma boa compreensão intelectual dos mecanismos psíquicos e de serem terapeutas entusiastas, estes candidatos não eram indicados para a psicanálise, e deveriam ser encaminhados para alguma das escolas de técnica

---

30. O fenômeno observado nos anos 50 por Gitelson mantém ainda hoje a sua atualidade. Para um aprofundamento da questão na nossa contemporaneidade, remetemos o leitor a Jurandir Freire Costa (1988).

psicoterapêutica.

Warburg (apud Gitelson, 1948, p. 202) refere-se a certas pessoas "conformadas" e "equilibradas" cujos horizontes são porém limitados, e questiona o quanto seu ponto de vista é amplo o suficiente para que façam análise. Diz Warburg: "É questionável, mesmo se você os forma, o quanto eles não serão tão sem imaginação que não entenderão muitas coisas" (idem).

Sacha Nacht (1954) considera que a presença de conflitos não resolvidos e mesmo de sintomas neuróticos no candidato, sinal da inadequação dos mecanismos de defesa, pode facilitar o aprofundamento do trabalho da análise, aproximando a análise didática da terapêutica, o que não se observa nos candidatos "normais".

Paula Heimann (1954), que nos apresenta um verdadeiro tratado das psicopatologias indicadas para a profissão de analista (reações depressivas são mais convenientes do que maníacas e esquizóides, etc...), coloca na categoria dos candidatos contra-indicados, lado a lado com os psicóticos, o candidato "normal", no qual "realismo, adaptação e uma vida bem ordenada, incluindo gratificação sexual e uma capacidade de trabalho regular, são construídos sobre superficialidade e pobreza de personalidade" (op.cit., p. 163).

Assim, a maioria dos psicanalistas da época limita-se a *diagnosticar* o candidato "normal", sem o questionamento das condições históricas e institucionais de seu aparecimento.

Convém pontuar, entretanto, que não havia consenso nem clareza entre os psicanalistas quanto à questão dos atributos do candidato. Gitelson (1948) refere-se criticamente à Associação Psicanalítica Americana, onde parece ser desejável estabelecer a normalidade como base para a seleção de candidatos, cuja formação, presumia-se, não iria tomar muito tempo.

Mesmo entre os descontentes com o candidato "normal", a falta de clareza quanto ao que se espera realmente de um futuro analista faz com que apareçam contradições, e equilíbrio e adaptação são recomendados. Assim, Paula Heimann (1954), ao listar as qualidades esperadas em um candidato, inclui, entre outras, a capacidade de estabelecer relações objetivas em níveis profundos e de mantê-las por um longo período, a capacidade de reconhecer as próprias limitações e de tolerar tensões advindas de problemas de difícil solução sem confusões ou ações precipitadas, enfim, equilíbrio, adaptação... e normalidade.

Retornando a Gitelson (1954), sua segunda vertente de análise da ecologia do candidato parte da consideração de que um importante fator cultural que influencia o caráter dos candidatos a analista é a "atmosfera psicanalítica" na qual estes candidatos cresceram e se desenvolveram.

A "atmosfera psicanalítica" é caracterizada pelo fato de que, mesmo antes da formação propriamente dita, os candidatos vivem em um meio de psicanalistas e de colegas

"orientados psicanaliticamente", e sofram a influência de várias derivações e aplicações da psicanálise, ou mesmo do próprio divã. Diz Gitelson: "A psicanálise tornou-se respeitável e "normal"; tornou-se parte do meio" (op.cit.,p.178).

As conseqüências de uma atmosfera psicanalítica sobre o candidato são, por um lado, a criação de uma camada adicional de resistências ego-sintônicas, e por outro o desaparecimento do incógnito do analista, o que trará problemas para o curso da análise, desde a escolha do analista até o *desenvolvimento normal da transferência* (cf. 4.3).

A camada adicional de resistências ego-sintônicas é criada pela influência de leituras, aulas, análises "selvagens" cometidas por colegas ou professores, que levam ao desenvolvimento de uma fachada de pseudo-normalidade. Esta é baseada em gratificações e repressões devidas a "interpretações inexatas", no desenvolvimento de mecanismos contra-fóbicos e de negação, e na intelectualização dos sintomas. Como ilustração de intelectualização de sintomas, Gitelson registra a tendência de certos candidatos em valorizar ao máximo situações de tensão e reações depressivas moderadas, uma vez que a opinião corrente é a de que "está tudo bem" em se ter alguns problemas neuróticos, enquanto "problemas de caráter" são suspeitos. Gitelson observa:

O que pode passar despercebido é que esta aparente aceitação dos fatos da vida pode ser na verdade o sinal indicativo dos efeitos de resistências de caráter baseados na submissão e na aquiescência à autoridade. Parece, de

fato, que uma das imagens inconscientes da autoridade é agora o próprio campo psicanalítico (1954, p.178, **negrito nosso**).

Assim, o circuito proposto por Gitelson é: a psicanálise difundida na cultura (aquiescente com as defesas de caráter narcísico) cria uma "atmosfera psicanalítica" que faz parte da ecologia do candidato, e que irá contribuir para a criação de novas resistências e para o desenvolvimento de uma "fachada de pseudo-normalidade" baseada em códigos (de pensamento, de controle de emoções e de linguagem) psicanalíticos, onde o próprio campo psicanalítico, agora respeitável e "normal", constitui uma imagem da autoridade, passando a ser alvo de investimentos inconscientes.

Articulando a noção de "atmosfera psicanalítica" com o que sabemos a respeito da "cultura psicanalítica" (considerando tratar-se de noções correspondentes, referidas a um mesmo fenômeno, porém formuladas em diferentes épocas), pode-se dizer que, segundo Gitelson, a psicanálise difundida e aceita culturalmente - "respeitável" e "normal", "parte do meio" - é criadora de uma *Weltanschauung* poderosa, que influencia o candidato a ponto de produzir uma camada adicional de resistências pela entrada de uma série de "artefatos" (*artifacts*) na organização defensiva do ego.

A influência da *Weltanschauung* psicanalítica se exerce através de uma lógica para o pensamento, um *eidos*

("leituras", "aulas", colegas "orientados psicanaliticamente"); de um código para o controle e expressão de emoções, um *ethos* (análises "selvagens", "interpretações inexatas", sintomas neuróticos "admissíveis"); e certamente de uma linguagem "psi" que articule estas duas dimensões, o dialeto, desenvolvendo uma "fachada de pseudo-normalidade" no candidato "ecologicamente" bem adaptado à "atmosfera" de seu tempo e lugar.

A problemática de Gitelson era portanto, já no início dos anos 50, a formação de sintomas no campo psicanalítico como efeito de retorno de uma cultura psicanalítica sobre este próprio campo, mais especificamente sobre a análise da formação psicanalítica. Um aspecto principal, porém, chama-nos a atenção. Apesar de perceber que a psicanálise difundida cria uma atmosfera ou cultura psicanalítica, Gitelson continua a tratar o fenômeno como algo exterior à psicanálise, como "artefatos" (o que traz a idéia de artificialidade, algo contrário à natureza) que vêm trazer problemas para o campo psicanalítico, de fora para dentro. Daí, ao tratar dos problemas da análise do candidato "normal", Gitelson aponta três registros onde as condições básicas do trabalho do analista são alteradas, causando prejuízo ao tratamento:

1) Normalidade, um sintoma, não é realmente sentido como tal. Ao contrário, é capaz de promover recompensas sociais das quais a primeira é a aceitação como candidato. Para nenhum outro sintoma é atribuída uma cota de ganho secundário tão ampla. 2) O sistema defensivo tem seu suporte na cultura em geral, e, paralelamente, é reforçado pela experiência profissional pré-analítica do candidato. 3) A situação analítica é contaminada e distorcida por fatores externos



acidentais que interferem no desenvolvimento normal da transferência (1954, p.180, **negritos nossos**).

Assim, em termos de sistema de formação, o máximo de questionamento que Gitelson se permite é sobre a *seleção de candidatos*, uma vez que percebe que a própria seleção contribui com ganhos secundários para a *manutenção* do sintoma de normalidade. Mas ainda assim trata-se da manutenção de um fator externo. Neste sentido, bastaria repensar os critérios de seleção e o problema estaria resolvido.

Por outro lado, encontramos um registro de *normalidade* que Gitelson não consegue perceber nem analisar. Trata-se da idéia de um "desenvolvimento normal da transferência", que seria prejudicado por "fatores externos acidentais" que contaminam e distorcem a situação analítica. Porém, para fazer esta análise, Gitelson teria que poder desnaturalizar e historicizar o que chama de "desenvolvimento normal da transferência", considerando-o como uma produção contextualizada (poderíamos falar aqui em "sintoma institucional"?) e não natural.

Se isto não lhe é possível, e a questão de um desenvolvimento normal da transferência não é tratada como produção/sintoma por Gitelson, seguindo seu próprio raciocínio quanto ao candidato "normal", podemos perguntar: quais os ganhos secundários e recompensas sociais que impedem que Gitelson, analista didata, perceba o "normal" de uma prática produzida pela instituição psicanalítica como produção histórica, como sintoma?

Assim é também com Hartmann (1954). Havíamos apontado anteriormente que, ao tratar o desenvolvimento da psicanálise "biologicamente" em analogia ao desenvolvimento do indivíduo, Hartmann naturalizava os destinos da psicanálise promovendo a cristalização de vários "pontos cegos" na discussão dos problemas da formação. Retomando seu "discurso de abertura", Hartmann comenta a propósito da discussão sobre a "crise" da psicanálise na época:

(...) não devemos esquecer que a história da psicanálise desde o seu início era abundante em crises deste tipo. Como na história do indivíduo, para cada um dos estágios de desenvolvimento corresponde um conflito típico - apesar de eu ser certamente o último a esquecer que há também uma esfera livre de conflitos (Hartmann, 1954, p.269).

Espirituosidade e auto-referências à parte, a analogia desenvolvimentista parece ser confortadora, e permite inclusive a Hartmann considerar que a psicanálise havia se "tornado adulta" (idem). Mas no desenvolvimento do indivíduo os estágios estão dados *psicogeneticamente* desde sempre; o meio só pode promover ou inibir as potencialidades. Nesta concepção, a psicanálise ganha um destino psicogenético natural, com seus estágios de desenvolvimento pré-estabelecidos e com seus "conflitos típicos" correspondentes, numa espécie de harmonia "silvestre" onde pouco ou nada é questionado, e onde uma prática social e histórica é naturalizada.

Outro forte motivo que vem questionar a conveniência desta analogia é que, no desenvolvimento do indivíduo, a morte também está dada geneticamente - único estágio, aliás, para o

qual não há "conflitos típicos" correspondentes. Mas Hartmann não leva adiante estas conseqüências da sua analogia. Fica para o campo psicanalítico a questão de saber se onde há harmonia, há vida.

Uma última consideração refere-se à observação de Gitelson de que "uma das imagos inconscientes da autoridade é agora o próprio campo psicanalítico" (1954,p.178). Em termos psicanalíticos, as imagos inconscientes da autoridade são constituintes do superego, e assim podemos entender que na "atmosfera psicanalítica" o campo psicanalítico torna-se superegóico.

Primeiramente notamos a possibilidade da psicanálise difundida criar uma *Weltanschauung* que influencia o candidato. Pelo que já vimos no capítulo 2, a matriz de toda *Weltanschauung* é o "complexo do pai", sendo esta constituída pela reedição de investimentos de tipo infantil sobre um pai idealizado, investimentos que são ao mesmo tempo a base das imagos da autoridade. Podemos assim considerar que toda *Weltanschauung* é investida como imago inconsciente da autoridade, sendo toda *Weltanschauung* "religiosa", formadora de ideais e proibitiva para o pensamento. Ou seja, toda *Weltanschauung* é superegóica.

A reedição de investimentos de tipo infantil é, em termos clínicos, a definição clássica para a transferência. Em todo tratamento há um momento (principalmente em seu início) em que a transferência estabelecida para com o analista é de tipo

altamente idealizado, onde o analista ocupa o lugar de imago da autoridade, nas formas da onipotência e principalmente da onisciência. O que ocorre na formação das *Weltanschauungen*, segundo a elaboração freudiana de *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921), é que este lugar de imago da autoridade é ocupado não por uma pessoa, mas por uma idéia (*Idee*), que se faz ideal. Assim, podemos falar em uma transferência de tipo altamente idealizado a uma idéia ou sistema de idéias, da qual a fé religiosa é o exemplo mais ilustrativo.

Na proposição de Gitelson, portanto, pode-se encontrar formulada uma transferência para com o próprio campo psicanalítico, na qual este passa a ocupar uma das "imagos inconscientes da autoridade". Transfere-se para a teoria, para sintomas "admissíveis" (psicopatologia), para colegas "orientados psicanaliticamente". E os guardiões maiores desta transferência são, sem dúvida, os próprios psicanalistas, e dentre eles, de acordo com a hierarquia de suas organizações.

A análise da formação psicanalítica apresenta-se como um espaço privilegiado para observarmos o efeito desta rede transferencial, uma vez que nela o analista (*didata*) é representante oficial da psicanálise enquanto saber e prática, da organização psicanalítica enquanto formação social e também do inconsciente atualizado de seu analisando, o candidato a psicanalista.

Gitelson não se propõe a aprofundar a análise do processo de constituição deste "superego psicanalítico". Porém,

ao observá-lo, aproxima-se do autor que, na época, encontrou as "ferramentas" necessárias para esta abordagem. Trata-se, como veremos adiante, de Michael Balint (cf. 4.3.1).

#### 4.3 As Vicissitudes da Transferência na Formação Psicanalítica

(...)O Rabino mirava-o com ternura  
e com algum horror. *Como (se disse)  
pude engendrar esse penoso filho  
e deixei a inação, que é a cordura?*

*Por que fui agregar à infinita  
série um símbolo mais, e dei àquela  
meada vã que no eterno se enovela  
outra causa, outro efeito e outra cuita?*

Nessa hora de angústia e de luz vaga  
em seu Golem os olhos os prendia.  
Quem nos dirá das coisas que sentia  
Deus, ao olhar o seu rabino em Praga?  
(Borges, *O Golem*, 1958)

Vamos nos deter agora sobre as idéias veiculadas durante o simpósio *Problemas da Formação Psicanalítica*, ocorrido neste 18º Congresso Internacional de Psicanálise, em Londres. A guisa de contextualização, isto é, do entendimento do *porquê* deste simpósio e da sua *importância* - afinal, em mais de quarenta anos de psicanálise institucionalizada é a primeira vez que se discute intensamente em um congresso internacional(31) a questão da formação psicanalítica -, recapitulemos o que vimos até aqui: 1) desde o pós-guerra observava-se um grau de difusão inédito da psicanálise, paralelamente a um aumento da demanda de análises e conseqüentemente de analistas (convém ressaltar que havia um

31. Em 1946, realizou-se nos Estados Unidos a *Conferência Nacional Sobre Problemas da Formação Psicanalítica no Pós-Guerra*, que precedeu ideologicamente este Congresso (Gitelson, 1948).

aumento da demanda de psicoterapias em geral, o que vai provocar efeitos também na psicanálise); 2) aumento do número de candidatos à formação psicanalítica; 3) surge um novo tipo de candidato, diferente daquele das primeiras gerações, o candidato "normal"; 4) as sociedades psicanalíticas, pressionadas por esta demanda, são colocadas frente às questões relativas à formação: os critérios de seleção, seu tempo de duração (uma vez que havia a urgência da demanda), a definição do que é uma análise didática (as relações desta com a análise terapêutica), a discussão sobre o programa de formação e seus momentos (quando iniciar o estudo teórico e o atendimento clínico sob supervisão), a própria questão da supervisão. Claro está que nenhuma destas questões havia sido antes resolvida - como até hoje não o foram - mas o *Zeitgeist* (e os "ventos do mercado") impõe suas urgências; 5) Novos problemas surgem na análise-da-formação a partir da difusão cultural da psicanálise e da criação da "atmosfera psicanalítica", referindo-se principalmente às vicissitudes da transferência na formação psicanalítica; 6) com a difusão da psicanálise, a IPA sofre um crescimento que a aproxima do gigantismo, e começa a surgir o pressentimento da ameaça de cisões no campo psicanalítico. Este é o contexto no qual organizou-se o simpósio.

Porém, a questão básica da formação psicanalítica - o *que faz de um analisando analista* - é de tamanha complexidade que historicamente aparece encoberta por resistências, como demonstrou Freud em *A Questão da Análise Leiga* (1926). Autores do pós-guerra indicam também resistências por parte dos psicanalistas em discutir a questão da formação. Michael Balint

(1948;1954) e Nils Nielsen (1954) consideram a quase inexistente literatura sobre o assunto um sinal desta resistência.

Balint aponta uma "inibição" em discutir a formação, devida a dois fatores: em primeiro lugar, qualquer crítica justificada sobre a formação implicaria na possibilidade de que alguns analistas didatas, especialmente os da antiga geração, não tenham sido formados de maneira apropriada. Daí a dificuldade destes analistas em admitir correções ou inovações experimentais em algumas das normas, o que faz com que a questão da formação torne-se uma espécie de *tabu*, onde predomina uma atitude dogmática raramente encontrada em qualquer outra esfera da psicanálise. Além disso, a questão da formação envolve a discussão geral sobre a eficiência e validade do tratamento psicanalítico, sendo esta a segunda dificuldade responsável pelo "pensamento inibido" (1948,p.164).

Nielsen, nesta mesma linha, considera ainda que a defasagem entre a formação dos membros antigos e a dos novos pode promover sentimentos inconscientes de culpa na antiga geração, com a conseqüente tentativa de "reparação" através da imposição de medidas quantitativas à geração seguinte. A situação da defasagem no sistema de formação das várias gerações é ilustrada por Nielsen a partir de uma associação que considera "típica" numa análise-da-formação:

"Você, meu analista, foi analisado durante 300 horas por um homem que foi analisado durante 150 horas por alguém que não foi de forma alguma analisado" (1954,p.247).

É interessante notar, a partir da ilustração de Nielsen, que certos assuntos que se referem à organização institucional da psicanálise acabam por ser abordados na "outra cena" - na sessão psicanalítica, sob controle da transferência - preservando assim o registro organizacional. É sob efeito destas resistências que os psicanalistas desta terceira geração, a geração dos "notáveis" (Roudinesco, 1989), irá discutir os problemas da formação psicanalítica, avaliando e definindo os destinos da próxima geração psicanalítica.

Dentre as questões discutidas neste simpósio, enfocaremos aquelas relativas aos problemas e vicissitudes da transferência e da contratransferência na análise de formação. Apesar de não haver consenso nas idéias dos vários autores, pode-se apontar um eixo comum em torno do qual giram estas questões: as relações transferencial e contratransferencial na análise-da-formação apresentam diferenças significativas quando comparadas à análise terapêutica. Estas diferenças são devidas a dois fatores principais:

1) Analista e analisando convivem em outros registros além da sessão analítica, como em aulas, discussões na sociedade psicanalítica, etc... Assim, o incógnito do analista, parte da concepção clássica da neutralidade do *setting*, deixa de existir.

2) O analista tem o poder e a função de julgar a aptidão de seu analisando à carreira psicanalítica.



Paula Heimann (1954) considera que todos os problemas específicos que possam surgir na análise-da-formação são provenientes de fatores extra-analíticos, e, se o analista não permitir que estes fatores se tornem "santuários para a resistência" (op.cit.,p.165), eles poderão ser férteis para a análise. Neste sentido, toda a questão da análise-da-formação é colocada em termos do analista poder reconhecer e lidar com seus próprios problemas de forma a não obscurecer sua contratransferência, e manter assim um procedimento "puramente" analítico. A ênfase recai sobre a análise do analista.

Por fatores extra-analíticos, Heimann entende o fato do analista determinar as etapas da formação de seu candidato, influenciando seu progresso no estudo teórico, opinando na escolha do supervisor e tendo a palavra decisiva para sua habilitação. Além disso, o analista deixa de ser anônimo, encontrando-se com o analisando também fora da sessão analítica. Assim, os fatores extra-analíticos vêm incidir sobre a análise-da-formação.

Este quadro complexo que compõe a análise-da-formação pode servir, porém, para intensificar a transferência, permitindo um maior aprofundamento da análise. A idéia de Heimann é a de que quando o analista atua como representante do comitê de formação, a situação analítica adquire o caráter de uma situação triangular, sendo que o analista condensaria o papel de ambos os pais numa "figura parental combinada". Isto facilitaria o acesso às fantasias caóticas do início do complexo de Édipo durante o estágio polimorfo de

desenvolvimento (1954,p.165).

Os riscos da análise-da-formação são atribuídos por Heimann principalmente ao *narcisismo do analista*. Interesse comum pela psicanálise, contatos extra-analíticos e antecipação de amizade futura podem promover fortemente a tendência identificatória entre os parceiros da análise. Esta tendência poderia se expressar pela ambição do analista em provar sua competência através do "brilhantismo" de seu candidato, ou então, no caso do analista ser um teórico, em querer que o candidato aceite e desenvolva seus pontos de vista, numa espécie de *paternidade intelectual fantasmática*. Da parte do candidato, o risco identificatório residiria na aceitação passiva das interpretações do analista como defesa contra a hostilidade, o medo e a dúvida, fazendo prevalecer apenas a transferência positiva. O sucesso terapêutico estaria assim baseado numa situação próxima da sugestão.

Martin Grotjahn (1954), ao contrário de Heimann, aponta o risco de uma redução da intensidade da transferência na análise-da-formação. Esta redução seria decorrente do fato de que aí utilizam-se regras e regulamentos ditados institucionalmente por exigências acadêmicas, e não necessariamente por medidas terapêuticas, como o tempo, o número das sessões e a duração do tratamento. O autor enfatiza que estas regras são conhecidas e aceitas pelo candidato de antemão e, portanto, não são verdadeiramente analisadas.

Grotjahn argumenta que, se originalmente a formação

se dava exclusivamente entre analista e analisando, com a institucionalização da psicanálise esta relação é substituída por um sistema de formação onde a responsabilidade da associação psicanalítica desempenha um papel predominante. Esta "responsabilidade grupal" vem reduzir a intensidade dos sentimentos transferenciais e contratransferenciais. No que concerne ao analista e à contratransferência, a "responsabilidade grupal" o libera das implicações práticas da formação, o que acentua as diferenças entre a análise terapêutica e a análise-da-formação. No que concerne ao candidato, a consequência econômica deduzida das idéias de Grotjahn é que a intensidade da transferência tende a diminuir quando a associação psicanalítica torna-se um "substituto do analista", isto é, quando uma parte da neurose de transferência é "atuada" em relação ao âmbito institucional da psicanálise. Diz Grotjahn:

Na esperança de permanecer discípulo do analista didata ou de seu substituto na forma do Instituto ou da Sociedade Psicanalítica, uma parte da neurose de transferência será levada à "atuação" (*acting out*) se não reconhecida e analisada apropriadamente. Muito da frustração necessária provocada pelo término de uma análise é reduzida pela esperança do aluno de contato continuado com o analista (1954, p.255-256).

Esta atuação, na forma de uma perpetuação da neurose de transferência para com o âmbito institucional da psicanálise, vem servir portanto à um último esforço da resistência do candidato contra a separação do analista, resistência encoberta pela esperança de tornar-se membro do mesmo grupo psicanalítico e colega de seu psicanalista.

Grotjahn alerta ainda para a tendência do candidato em resolver suas angústias e seu sofrimento frente às incertezas da vida e às "descontinuidades da existência humana" refugiando-se na identificação imaginária com o analista.

Grete Bibring (1954) aproxima-se desta posição ao apontar uma tendência nos candidatos a cindir suas reações transferenciais nas análises-da-formação, o que levaria também a uma redução da intensidade da transferência. Esta tendência é atribuída a alguns fatores: em primeiro lugar, o analista, ao tomar a maioria das decisões relacionadas à formação de seu candidato, deixa de ser "neutro" para tornar-se o "juiz temido" com relação ao qual o candidato desenvolve uma suspeita constante de reações hostis. Além disso, o crescimento do número de candidatos, aliado a sua "motivação" para a formação (tornar-se analista ao invés de "mudar" ou "curar-se"), cria um grupo altamente competitivo, com uma tendência comum à "atuação" (*acting out*), no sentido de compararem o progresso e o crescimento de cada um, aumentando o seu medo de serem rejeitados enquanto analistas. Bibring aponta ainda a tendência a compararem seus respectivos analistas, sob todos os ângulos (performance intelectual, aparência, etc...).

O somatório destes fatores e das angústias daí decorrentes levaria à formação de um sistema defensivo que promoveria a tendência nos candidatos a "cindir suas reações transferenciais" e a deslocá-las para os outros instrutores analíticos, "em favor ou contra seus próprios analistas" (1954, p.170). A tradução em termos econômicos da idéia de Bibring é

que dispersando as reações transferenciais pelo estabelecimento de transferências laterais (cf. Lagache, 1990), a intensidade dos afetos diminui e o candidato mantém, de forma defensiva, a transferência na análise-da-formação em níveis controlados.

Uma vez mais, a solução para os problemas aos quais a análise-da-formação está sujeita é colocada, tanto por Grotjahn quanto por Bibring, na análise do analista. Assim, o narcisismo do analista e o domínio da contratransferência são as instâncias determinantes do sucesso ou do fracasso da análise-da-formação.

Grotjahn considera que a análise-da-formação exige algumas mudanças na técnica do analista de forma a manter a neurose de transferência o mais próxima possível de como ela se apresenta na "relação terapêutica original", isto é, na análise terapêutica. Propõe para isso uma maior "liberdade", "flexibilidade" e "espontaneidade" do analista na análise das defesas específicas encontradas nos candidatos. Neste sentido, aponta que somente analistas "experientes" são indicados para exercer a análise-da-formação, e que a "espontaneidade" do analista depende não apenas do controle da contratransferência mas também dos "laços emocionais" que o ligam ao seu "grupo de amigos psicanalistas", ao Instituto de Formação e à Sociedade Psicanalítica. Grotjahn pretende que a análise-da-formação demanda uma relação *dupla* por parte do analista - para com seu analisando mas também para com a sociedade psicanalítica - o que provoca uma situação particular de "lealdade dividida". De

forma a lidar com esta situação, o analista precisa ter desenvolvido um grau de liberdade interior suficiente para que possa expressar sua "espontaneidade analítica" (1954,p.255).

Bibring ressalta as "pressões" que o analista sofre em uma análise-da-formação. Ao lado do caráter competitivo que a formação adquire para os candidatos, há o envolvimento do analista neste processo. Assim, é ilustrada a "tarefa adicional" do analista nestas análises, quando, após um dia de trabalho seguido de uma discussão no Instituto, este se encontra perscrutado por seus vários candidatos, "discutido por eles sob todos os ângulos, como aparência, idade, performance intelectual, traços de personalidade (verdadeiros e projetados) - tudo colorido com adoração ilimitada ou amargo sarcasmo" (1954,p.170).

Os riscos desta situação são uma "solução narcísica" por parte do analista - no sentido de aceitar a adoração como referida a algum atributo real da sua pessoa - e o não-reconhecimento da contratransferência, que podem levar à participação do analista no processo de *atuação* dos candidatos, pela competição, parcialidade e, por exemplo, na expectativa de fidelidade especial por parte de algum candidato. Quanto ao narcisismo do analista, Grotjahn, numa posição idêntica à de Paula Heimann, aponta o risco da análise do candidato passar a ser a prova do "bom trabalho" do analista.

O remédio mais efetivo sugerido contra as pressões das "correntes cruzadas patogênicas dos institutos de formação"

é a análise pessoal (e, diríamos, "intransferível") do analista (Bibring, 1954, p.171). É a reatualização, no campo psicanalítico, da máxima *medice, cura te ipsum*(32)!

Uma última observação que ressaltamos em Bibring é a sua concepção do término da análise-da-formação. Este autor considera como critérios para o término da análise a habilidade e o preparo para a auto-análise e a constituição de um "superego psicanalítico" no candidato (1954, p.173). Por constituição de "superego psicanalítico" Bibring entende a passagem da condição infantil da necessidade da presença de um analista para haver compromisso com os processos psicológicos de alguém, para uma condição de independência e interesse em promover o conhecimento psicanalítico a qualquer preço, que caracterizaria o analista "maduro". Apontamos que a noção de "superego psicanalítico" sugerida por Bibring é bastante diferente do que pretendemos e vimos até aqui. Se Bibring opta pela concepção de um superego como condição de maturidade e liberdade, parece-nos que os problemas da formação psicanalítica na sua época estão mais apropriadamente referidos à concepção de um superego restritivo e opressor, como veremos claramente com Balint.

Em sua abordagem sobre os problemas da análise-da-formação, Niels Nilsen (1954) e Sacha Nacht (1954) atribuem uma principalidade ao fato de, nestas análises, o analista deter um poder real sobre o futuro profissional do candidato. Se este poder real repercute na relação

32. *Médico, cura a ti mesmo.*

transferencial (e contratransferencial), parece interferir também em outros registros - apontando para os limites da transferência - produzindo uma tensão entre passado e presente, vivido e revivido, imaginário e real.

Segundo Nacht, as dificuldades da análise-da-formação surgem antes mesmo do seu início, uma vez que o candidato tem a liberdade de escolher seu analista de acordo com suas inclinações, tanto pelo que sabe ou acredita saber da personalidade do analista, quanto pelo que sabe diretamente de sua pessoa ou através de publicações<sup>(33)</sup>. Esta *escolha do analista*, apesar das possíveis racionalizações, traduz as tendências infantis inconscientes do candidato - sendo portanto uma escolha transferencial - porém baseada, em muitos casos, em "fatores reais". Isto trará dificuldades para o manejo da transferência, uma vez que o reconhecimento, por parte do candidato, de suas origens subjetivas e de seu desajustamento da realidade presente (que definem classicamente a transferência) será obscurecido pela aparência de objetividade da situação. Apesar dos problemas referentes ao manejo da transferência serem considerados de menor importância pelos vários autores (inclusive Nacht), sendo sua solução proposta a partir de modificações na técnica do analista e no controle da contratransferência, este é o primeiro registro em que Nacht aponta uma tensão entre o fantasmático e o real.

O segundo registro refere-se à idealização e

-----

33. Gitelson considera que a escolha do analista é feita a partir de exigências neuróticas do candidato e do reconhecimento de futuras gratificações de desejos inconscientes (1954, p.178).



identificação. Nacht aponta que, inconscientemente, o analista (em toda análise) é colocado no lugar de pai idealizado de quem se espera tudo. Espera-se inclusive a permissão e a força para tornar-se igual a ele, similar à imagem do pai idealizado. Na análise-da-formação, este objetivo - tornar-se igual ao analista - é perfeitamente consciente, reconhecido e partilhado com o analista como uma meta real. Assim, as determinações infantis desta aspiração e o valor fantasmático destes movimentos identificatórios tendem a serem excluídos do campo da análise. A idéia de Nacht é que ideais partilhados entre analista e analisando dificilmente serão reconhecidos como tal, impedindo portanto a sua análise(34).

A consequência principal indicada por Nacht é que os mecanismos de defesa contra o medo e a culpa engendrados pelo componente de agressividade que acompanha os sentimentos hostis (competição, rivalidade, inveja) para com o analista, presentes em toda análise, ficam impedidos de serem trabalhados do mesmo modo na análise-da-formação. Esta passa assim a constituir uma situação favorável ao "rígido reforço do superego" (1954,p.251).

O terceiro registro em que Nacht aponta a tensão entre imaginário e real nas análises-da-formação é o que mais radicalmente impõe a questão dos limites da transferência nestas análises. Acompanhemos Nacht:

O contraste entre aquilo que é acima de tudo  
revivido pelo paciente durante o tratamento e

-----  
34. Idéia retomada por Conrad Stein (1968), ao formular um "setor reservado da transferência" (cf. cap.6).

o que é realmente vivido durante o curso de uma análise-da-formação aparece claramente em outra conexão: o candidato em uma análise-da-formação geralmente não a abandona. Largar o analista é impossível na prática. O estado de dependência do paciente ao seu analista é, nesse caso, uma vez mais um fato *real*, já que a carreira do candidato dependerá largamente da opinião do analista sobre ele.

O estado de dependência não é portanto *revivido*, reconstituído subjetivamente na forma de uma regressão infantil: ele é vivido na realidade, na situação real. O analisando é envolvido aqui em uma situação comparável à da criança ligada a seus pais pelas suas necessidades vitais: sair de forma a proteger-se ou vingar-se é impossível (1954, p.251, grifos do autor).

Assim, para Nacht, o ponto principal que diferencia a análise-da-formação da análise terapêutica no que concerne à relação entre analista e analisando é que na análise-da-formação o analista é *parte integral do princípio de realidade*, enquanto que na análise terapêutica, ele apenas o *representa* (*idem*)(35). O risco maior que advém daí é a impossibilidade de vivenciar o processo fundamental de integração da agressividade, uma vez que esta dificilmente encontrará expressão no curso da análise-da-formação. Aqui a dependência para com o analista é real, o que aponta problemas para a percepção da transferência e de seus limites.

Nielsen (1954), em uma leitura bastante próxima da de Nacht, aponta também a tensão criada na análise-da-formação entre o analista enquanto autoridade real e enquanto objeto da

-----

35. A formulação da impossibilidade criada, nas análises-da-formação, em largar o analista, nos será útil na análise de um caso brasileiro - o caso Amílcar Lobo (cf. cap.7).

transferência. Vejamos:

Este problema não-resolvido (o desejo de tornar-se analista) sempre encobrirá a relação transferencial na análise-da-formação, que, independentemente disso, não pode ser considerada muito pura. O analista é uma autoridade bastante real, que tem o destino profissional do paciente em suas mãos. O paciente terá uma tendência bastante forte em acalmá-lo, subordinar-se e em identificar-se com o analista. Podemos analisar isto como transferência tanto quanto quisermos, mas será sempre muito difícil convencer o paciente de que é apenas transferência. Ele deve ter escutado falar de outros analisandos que foram recusados, deve saber porque razão, após o que não poderá certamente evitar a tentativa de moldar seu comportamento. A arte de conquistar amigos e influenciar pessoas é extensamente praticada hoje em dia, e eu não penso que todos os analistas sejam imunes a isto (1954,p.248).

Tanto em Nacht quanto em Nielsen, percebemos portanto um questionamento sobre os limites da transferência na análise-da-formação(36). Se a dependência do candidato ao analista é um fato real, se o analista é uma autoridade com poder de decisão sobre o futuro profissional do candidato, e se o analista é parte integral do princípio de realidade, tudo indica que será mesmo difícil convencer o candidato "submisso" e "bem-comportado" de que tudo não passa de transferência. Ao contrário, a consequência que podemos extrair das exposições de Nacht e Nielsen é que, nas análises-da-formação, além da "produção da transferência"(37) presente em toda análise, parece

36. Vejamos a questão em Daniel Lagache: "Essa tentativa de encontrar os limites da transferência na relação paciente-psicanalista só seria possível, portanto, especificando as diferenças entre transferência e neurose de transferência: a) A transferência, em sentido amplo, é a aplicação à situação analítica de hábitos apreendidos anteriormente; esses hábitos podem estar ou não ajustados à situação real e presente; é praticamente difícil e teoricamente impossível demonstrar a experiência de uma relação interpessoal *sui generis* que não faça uso de nenhum hábito anterior. b) A neurose de transferência implica, na relação analítica, as condutas que usam hábitos e atitudes inadequados para a situação real e presente, atualização ecnômica dos conflitos inconscientes do paciente" (1990,p.112).

37. Sobre o conceito de "produção da transferência", ver Lagache (1990,p.121-133).

haver uma produção de dependência e de submissão.

A insuficiência da análise destes autores, porém, reside no fato de apontarem o *narcisismo do analista* como principal responsável por esta produção de submissão. Nielsen observa que "o desejo de moldar um homem a sua própria imagem é tão ubíquo que nem mesmo Deus está isento dele", considerando-o uma manifestação do narcisismo primário (1954,p.249). Para este autor, após vinte ou trinta anos de Escola, Universidade e Educação Hospitalar, a maioria dos candidatos só poderia chegar ao Instituto Psicanalítico com uma "esperada atitude de submissão" (idem). Ao analista caberia o cuidado de resistir à tentação de manipular esta submissão, combatendo a "atitude de servidor" do candidato (idem).

Nacht (1954) alerta para a tentação narcísica do analista em ocupar um lugar de mestre e modelo para o candidato, reivindicando uma paternidade intelectual fantasmática, nos moldes da relação pai-filho, e desejando um futuro de "brilhante sucesso" para seu candidato - sua filiação intelectual fantasmática (op.cit.,p.252).

Em termos psicanalíticos, sabe-se que estes desejos vêm atender a satisfações narcísicas que servem como defesa contra a angústia de morte. Assim, a maior proteção contra estas "tentações" seria, por um lado, a análise do analista, e por outro, as próprias reações dos analisandos - na forma de uma positiva *resistência à mestria* ou mesmo do abandono do tratamento.

Este problema se agrava com o fato, apontado por Nacht, da impossibilidade prática criada na análise-da-formação do candidato abandonar o tratamento, uma vez que o rompimento explícito com o analista comprometeria decisivamente seu futuro profissional.

A consequência mais ampla disto é a própria estagnação da psicanálise enquanto saber e prática. Nacht não o percebe. Analisa a impossibilidade do abandono do tratamento pelo ângulo de suas vantagens e desvantagens: por um lado, considera que a tarefa do analista seria "facilitada". Se na análise terapêutica o analista deve ser extremamente cuidadoso na dosagem da frustração necessária para o tratamento, a fim de preservar sua continuação, na análise-da-formação poderia aplicar as regras clássicas sem temer sua interrupção. Em contrapartida, aponta o fato do candidato saber que também o analista não pode abandoná-lo, exceto por razões excepcionais, o que levaria ao desenvolvimento de resistências de natureza bastante sutil.

O que escapa a Nacht é que este duelo narcísico contra a angústia de morte representa a própria morte da psicanálise. Se a prática psicanalítica se desenvolve a partir da surpresa de uma escuta, onde o analisando tem efetivamente uma verdade singular a dizer e a construir, esta verdade não pode ser imposta "à força", amparada em garantias exteriores. O que faz de uma análise uma terapêutica é exatamente este cuidado na dosagem da frustração, que, em termos gerais, é o

cuidado na escuta. Não se trata aqui de preservar um tratamento, mas de preservar o que é psicanalítico, ou seja, o respeito ao tempo e à verdade do sujeito, em um processo mútuo de acesso ao inconsciente, sem garantias exteriores(38). É isto o que faz da psicanálise uma experiência trágica, que pode levar inclusive ao abandono do tratamento. Onde isto não pode ocorrer, a técnica se cristaliza, e a psicanálise enquanto saber e prática se estagna num mútuo reforço do superego do analista e do analisando.

Para solucionar estas dificuldades, Nacht apresenta duas propostas referentes às regras que regiam o sistema de formação de sua época. Porém, suas propostas apontam os impasses e impossibilidades do próprio sistema e da organização das instituições psicanalíticas, chegando a beirar o absurdo. Nacht propõe: 1) que o analista deixe de influir na carreira do candidato, cabendo aos supervisores a decisão sobre sua habilitação. Assim, o candidato seria julgado pelo seu trabalho e não pela sua análise; e 2) a obrigatoriedade de uma *análise complementar* subsequente para o analista reconhecido como membro da Sociedade Psicanalítica. Esta análise evitaria as dificuldades da primeira, uma vez que não estaria sujeita a sanções por parte do analista, e a situação transferencial seria "normalizada" (1954,p.253).

Uma vez que a estrutura das sociedades psicanalíticas é preservada por Nacht - manutenção da hierarquia (analistas

-----

38. Na poesia de Maud Mannoni, "o saber nasce de uma verdade desconcertante que surge onde não a esperamos" (1989,p.9).

didatas, supervisores, candidatos) e obrigatoriedade e definição pela Sociedade do tempo da análise - as contradições aparecem. Assim, a proposta de uma segunda análise obrigatória vem apontar a inconsistência de sua primeira proposta, uma vez que, mesmo cabendo aos supervisores a decisão sobre a habilitação, a análise-da-formação obrigatória continuará a apresentar problemas específicos, como a impossibilidade de sua interrupção segundo o desejo do candidato. Além disso, agora, ao invés de uma teríamos duas análises obrigatórias, com o que pergunta-se: qual o propósito, afinal, da primeira análise, a "análise-da-formação"?

Parece, portanto, que ao analisar os *Problemas da Formação Psicanalítica*, os autores restringem-se ao nível de sua experiência fenomênica, apontando e detectando problemas. Porém, à maneira de um *ponto cego*, a estrutura institucional fica intocada e os princípios da formação psicanalítica esquecidos (recalcados?). Tudo indica que a tendência no campo psicanalítico era a criação cada vez maior de novas regras e procedimentos para neutralizar os efeitos nocivos dos regulamentos anteriores, numa espécie de moto-contínuo. Este é o destino da burocracia, e, em outro registro, da doença do "bom" obsessivo.

Uma curiosa coincidência vem coroar este 18º Congresso Internacional de Psicanálise de 1953. No mesmo ano do Congresso no qual se discute pela primeira vez de forma sistemática os problemas da formação psicanalítica, o que demonstra uma preocupação dos psicanalistas desta geração com o

futuro e os destinos da psicanálise encarnada nos candidatos - seus analisandos, alunos e herdeiros imaginários e simbólicos - é publicado por Ernest Jones o clássico *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*, referência biográfica básica da literatura psicanalítica até os nossos dias.

A dedicatória de Jones não poderia ser mais significativa: "A *Anna Freud*, verdadeira filha de um pai imortal" (Jones, 1989). A obra é um tributo magnífico a Freud, pai imortal ao qual converge a transferência última (e primeira) de todos os psicanalistas, seus filhos e herdeiros, senão verdadeiros como Anna, imaginários e simbólicos.

Assim, os psicanalistas da terceira geração olham para seus candidatos e herdeiros - esta geração dos "normais", "equilibrados" e "conformistas" - com ternura, angústia e algum horror. Quem nos dirá das coisas que sentia Freud, ao olhar seus psicanalistas da terceira geração?

#### 4.3.1 *Semper Reformari Debet*

Dentre os psicanalistas da época, foi Michael Balint quem deu um "passo além" nas questões colocadas quanto aos problemas da formação psicanalítica<sup>39</sup>. Ao invés de se deter sobre um ou outro aspecto relativo à formação (os critérios de seleção, o tempo e a duração da análise, aspectos "circunstanciais" da transferência na análise-da-formação),

-----

39. Na verdade, as idéias de Balint (1948) foram veiculadas antes do 18º congresso de psicanálise de Londres, mas, ao que tudo indica, seus contemporâneos não puderam compreendê-lo em toda a sua extensão.



Balint desloca a questão para o interior da instituição psicanalítica e daquilo que é pertinente à "coisa" psicanalítica, nos moldes do deslocamento freudiano relativo à questão da análise leiga (Freud, 1926). Assim, Balint promove, a partir do recurso à história da psicanálise, o questionamento do próprio sistema de formação como um todo. O ponto de partida de seu pensamento é a questão: com tantos cuidados sobre a análise-da-formação, "quais são os resultados"? E indica, de forma provocadora: "os resultados são nossas sociedades analíticas" (1948, p. 164).

A provocação (no sentido de "chamar adiante") do pensamento de Balint está no fato de apontar que, para pensar os problemas da formação psicanalítica, é preciso lançar um olhar crítico (e um juízo) sobre a maneira como esta se estruturou, e conseqüentemente, sobre a própria institucionalização da psicanálise (cf. 3.4). A perspectiva de Balint é genealógica, e portanto, desnaturalizadora. Não há um destino natural para a psicanálise - incluindo aí o sistema de formação - que viria a ser perturbado por fatores externos. A psicanálise é considerada produto e produtora de si própria, de sua prática e de seus destinos. E, para Balint, os resultados (as sociedades analíticas) vão mal.

No contexto de sua época, Balint fala de um "outro lugar" (se referirmos seu pensamento aos limites impostos a Gitelson ou Hartmann, por exemplo). Discípulo e herdeiro simbólico de Ferenczi(40) - o *enfant terrible* da psicanálise -,

40. Nesta época, Balint guardava em seu poder o diário clínico de Ferenczi, que não era publicado em função da situação marginal e desfavorável de Ferenczi junto ao pensamento psicanalítico dominante (Balint, 1969). Quanto à herança simbólica, Balint recebeu de Ferenczi o anel que este havia por sua vez recebido de Freud

parece reforçar a hipótese de que é preciso estar em um lugar "à margem" para se ter acesso a determinadas questões(41). É deste lugar "excêntrico" que Balint vai pensar a psicanálise "normal", apontando os sintomas que o campo psicanalítico não podia perceber.

Dois sintomas objetivos (passíveis de demonstração) referentes à questão da formação - pensamento inibido e dogmatismo - articulados a um terceiro sintoma proposto como uma avaliação subjetiva do campo psicanalítico - a tendência geral dos candidatos a serem excessivamente respeitosos aos seus analistas - são o ponto de partida de Balint na construção de suas reflexões.

A inibição do pensamento é deduzida pela constatação de que praticamente não havia, na literatura psicanalítica, publicações referentes à questão da formação. O levantamento feito por Balint até 1948 indica um artigo de Hans Sachs (1947), umas poucas páginas de Freud em *Análise Terminável e Interminável* (1937), e sete relatórios de Eitingon (entre 1925 e 1938) encaminhados ao Comitê Internacional de Formação. Alguns trabalhos haviam sido apresentados em congressos internacionais neste período, mas não chegaram a ser publicados, nem na forma de sumários. Se considerarmos que desde 1924, em Berlim, a experiência da formação psicanalítica sistematizada vinha tendo curso, é preciso concordar com Balint de que havia uma forte inibição do pensamento quanto à questão

-----

como membro do Comitê Secreto (Grosskurth, 1991). Assim, Balint não só conhecia como identificava-se com o lugar de Ferenczi no movimento psicanalítico.

41. Ver o trabalho de Mezan sobre Freud, "três vezes apátrida" (Mezan, 1990, p.54-62).

(cf.4.3).

As expressões "inibição/pensamento inibido", empregadas por Balint, remetem-nos à "proibição do pensamento", expressão utilizada por Freud ao analisar os efeitos da idealização promovidos pela *Weltanschauung* religiosa. Assim, o pensamento inibido apontado por Balint é o primeiro sintoma do campo psicanalítico que vem aproximá-lo da religião.

A atitude dogmática dos analistas no que se refere ao estabelecimento e manutenção das regras da formação, o segundo sintoma apontado por Balint, não é encontrada com tamanha intensidade em nenhuma outra esfera da psicanálise. Balint indica dois exemplos onde o dogmatismo é evidente: o regulamento sobre a duração da análise-da-formação e a questão da análise-de-controle (cf. 3.4).

O terceiro sintoma da formação psicanalítica postulado por Balint - a tendência geral dos candidatos a serem excessivamente respeitosos aos seus analistas didatas - se, por um lado, apresenta problemas maiores quanto ao seu reconhecimento como sintoma, uma vez que o próprio autor afirma estar baseado em seu julgamento subjetivo, não deixa de apontar evidências em seu favor (não bastasse o fato de que persiste até os dias de hoje). A maior evidência surge quando se relaciona este candidato "obediente", apontado por Balint, com o candidato "normal", discutido amplamente na literatura psicanalítica da época. O candidato "obediente" aparece como um deslocamento efetuado por Balint na questão do candidato

"normal" - tratada como exterior ao campo analítico - para o interior deste campo e de suas produções. Assim, se recordarmos a análise de Gitelson (cf. 4.2) da ecologia do candidato "normal", este aparece como produto das características culturais da época - uma cultura narcísica - e também dos efeitos de uma "atmosfera psicanalítica" nesta cultura. Neste sentido, o candidato "normal" é um produto externo que assim chega à formação psicanalítica, criando seus impasses; a formação psicanalítica não estaria, portanto, implicada em sua produção. Em Balint, a questão do candidato "normal" não aparece, estando sua atenção dirigida para o candidato "obediente", considerado um sintoma, ou seja, uma produção do próprio sistema de formação psicanalítica.

Penso que nenhum analista terá muita dificuldade em diagnosticar a condição causadora desses sintomas. Toda a atmosfera recorda fortemente as cerimônias primitivas de iniciação. Do lado dos iniciadores - o comitê de formação e os analistas didatas - constatamos segredo sobre nosso saber esotérico, enunciação dogmática de nossas exigências e uso de técnicas autoritárias. Do lado dos candidatos, isto é, aqueles que se deve iniciar, constatamos a aceitação imediata das fábulas exotéricas, submissão ao tratamento dogmático e autoritário sem muito protesto e comportamento excessivamente respeitoso.

Sabemos que o objetivo geral de todos os rituais de iniciação é forçar o candidato a identificar-se com seu iniciador, a introjetar o iniciador e seus ideais, e a construir a partir dessas identificações um superego forte que irá influenciá-lo por toda a sua vida (Balint, 1948, p.167).

Vimos (cf. 3.4) que Balint recorre à história da psicanálise - estabelecendo uma diferença entre história exotérica (das conquistas e glórias do sistema) e história esotérica (dos conflitos e das crises) - para demonstrar como e

porque. essa "inconsciente e incontrolável intropressão do superego" (idem) tornou-se parte integral do sistema de formação. Convém ressaltar, no entanto, que se trata de algo específico das análises-da-formação, sendo que os pacientes das análises terapêuticas não estão submetidos de forma sistemática à "intropressão do superego" assim como os candidatos, que dificilmente dela escapam.

Assim, na época em que se começava a pensar, no campo psicanalítico, a questão do candidato "normal", Balint apontava, na verdade, a produção de normalidade - na forma de conformismo, submissão, respeito excessivo e obediência - por parte do próprio sistema de formação psicanalítica. Vejamos:

Segundo Gitelson (1954), a "normalidade" era um sintoma cultural, para o qual a psicanálise contribuía, em certos meios, pela criação de uma "atmosfera psicanalítica", favorecendo o surgimento de candidatos "normais", que já chegavam assim aos institutos de psicanálise. Além disso, alguns autores apontavam que o próprio processo de seleção para a formação favorecia obviamente o candidato "normal", ou seja, outro tipo de candidato ("excêntrico", "excessivamente criativo", "exótico", "rebelde?"), considerando que os jovens "não-normais" estivessem interessados na psicanálise(42), teria sua candidatura provavelmente rejeitada. Com Balint (que, na

---

42. Em 1968, Anna Freud (1968) comentava que os jovens viam a psicanálise como representante do poder parental. Pontalis (1979), dez anos depois, apontava a pergunta formulada em todos os institutos de formação: "por que os espíritos curiosos, por que os jovens pesquisadores que querem *aprender o novo* (como dizia Freud de si mesmo) não vêm até nós?" (op.cit.,p.6).

verdade, só analisa o processo a partir daí), mesmo se esse candidato "não-normal" ingressasse na formação, sofreria uma "intropressão do superego", tornando-se, enfim, "normal" - "obediente", "respeitoso", "conformado". Isto, é claro, se não abandonasse de vez a psicanálise, ou, numa hipótese mais otimista, o instituto de formação, tornando-se "independente", o que era bem mais difícil naquela época, em razão da hegemonia da IPA. Triste ironia para os herdeiros da peste.

Em *Analytic Training and Training Analysis*, Balint (1954) retoma a questão das análises-da-formação, centrando o problema nos destinos do componente agressivo da transferência nessas análises. Para ilustrar como a questão da agressividade passou a ocupar o centro dos problemas na formação, o autor recorre, mais uma vez, à história.

Nos anos 20, percebendo as carências de sua formação (que até então não era sistematizada), vários analistas decidiram por uma nova análise. Uma vez que as "complicadas transferências cruzadas" (op.cit.,p.159) em seus grupos de origem dificultavam a escolha de um analista, iniciou-se um movimento migratório de analistas já estabelecidos em busca de análise. O efeito desse movimento no pensamento e na formação psicanalíticos foi a produção de grande ansiedade - tanto pela expectativa criada com a migração quanto pela perspectiva de futuro retorno ao lugar de origem - e de um clima geral de ressentimento, uma vez que apareceram críticas agudas em relação à técnica do primeiro analista, conjugadas ao envolvimento transferencial do atual analista nessa atmosfera

de hostilidade. O resultado foi o desenvolvimento de técnicas que pudessem prevenir o exacerbamento desses sentimentos hostis e hiper-críticos na análise, protegendo tanto o analisando quanto o analista de um "sofrimento humano desnecessário" (idem). Quando do declínio desse movimento, por volta de 1935, o aprofundamento do estudo dos aspectos sádico-agressivos da transferência já se tinha tornado capital.

Em referência à discussão tácita estabelecida por Freud com Ferenczi em *Análise Terminável e Interminável* (Freud, 1937), Balint indica os riscos do manejo da transferência negativa nas análises-da-formação. Freud refere-se, neste texto, ao caso de um analista (trata-se de Ferenczi) que, um longo período após o término satisfatório de sua análise pessoal, tornou-se antagonista daquele que o analisara (Freud), censurando-o por não "ter concedido atenção à possibilidade de uma transferência negativa" (op.cit., p.253). A auto-defesa de Freud baseou-se sobre três pontos: 1) na época da análise, não havia sinal de transferência negativa, e mesmo se houvesse apenas débeis sinais dela, achava duvidoso poder interferir em um complexo que não estivesse "presentemente ativo" na ocasião - ou seja, interpretando-o cedo demais; 2) por outro lado, ativá-lo teria exigido um comportamento inamistoso por parte do analista, o que não considerava indicado; e 3) nem toda relação entre analista e analisando durante e após a análise devia ser considerada transferência (cf. 3.3.1).

Acompanhando Freud, Balint sublinha que interpretar a transferência negativa cedo demais é impedir que ela se

manifeste de fato, o que faz com que o analisando passe a poupar e proteger o analista contra a sua real intensidade. "O ódio real e a hostilidade são apenas falados", diz, "nunca sentidos, sendo finalmente reprimidos pelo tabu da idealização" (Balint, 1954, p. 161). Além disso, a interpretação de sinais vagos da transferência negativa pode parecer, para certos analisandos, um "comportamento inamistoso real". Por outro lado, numa crítica direta a Freud, Balint aponta que interpretá-la tarde demais ou não interpretá-la implica no risco de provocar a atuação da agressividade fora do espaço analítico. Em relação a Freud, ele diz: "(...) hoje em dia, até um iniciante seria severamente repreendido se comunicasse ao seu supervisor que não encontrou *nenhum sinal de uma transferência negativa*" (op.cit., p. 160). O fato de esta ser a única instância em que Freud se posicionou em um sentido e a psicanálise desenvolveu-se exatamente no sentido oposto aponta a complexidade do manejo da transferência negativa na formação. Curiosamente, dentre os psicanalistas da primeira geração, Ferenczi foi o único que pôde denunciar os efeitos não-analíticos produzidos, desde os seus primórdios, pela formação (o que, ao menos em parte, depõe a favor de Freud e de sua análise. Ver Ferenczi, 1924; 1927; 1928; 1933).

Nos casos em que é impossibilitado de elaborar a transferência negativa, o candidato é obrigado a introjetar a imagem idealizada do analista "engolindo-a por inteiro", sem poder "comê-lo aos pedacinhos" - aceitando algumas e rejeitando outras de suas qualidades, técnicas ou métodos - uma vez que todo ataque destrutivo é interpretado e impedido. A formação



psicanalítica produz assim, na metáfora de Balint, um certo tipo de "indigestão" (op.cit.,p.161). Uma vez que a imagem ambivalentemente amada e idealizada do analista deve ser preservada a todo custo como um *bom e total* objeto interno, o ódio e a agressividade só podem encontrar expressão quando dirigidos ao exterior. O resultado desse processo no campo analítico é a "intolerância", o "sectarismo" e a "fúria apostólica", já que qualquer crítica (justificada ou não) envolvendo o analista (ou sua linha teórica, método clínico, filiação institucional, etc...) não pode ser suportada e elaborada (Balint,1954,p.161).

Lidar com o ódio e a agressividade sempre foi, diz Balint (1954), um dos grandes problemas (talvez insolúvel) da humanidade. O perigo apontado é que alguns analistas "orgulhosos" de suas inovações técnicas possam pensar ter alcançado a solução. Para estes, Balint recorda uma advertência da *Igreja Unitária da Hungria*, que serve como ilustração das contribuições de Balint ao questionamento do sistema de formação psicanalítica: *semper reformari debet*(43) (op.cit.,p.162).

Esses sintomas do campo psicanalítico foram acentuados após a morte de Freud. Segundo Balint, o sistema de formação "superegóica" só pôde funcionar a toda potência enquanto Freud esteve ativo na liderança do movimento, e

-----

43. Traduzido pelo próprio Balint como "*reformular incessantemente*". Se Balint não chegou a sugerir de fato reformas institucionais, as questões por ele levantadas serviram como suporte para o que viria a seguir (como veremos no próximo capítulo).

enquanto sua influência era suficientemente forte para decidir, quando necessário e em termos definitivos, "quem" e o "que" estava certo (Balint, 1948, p.170). Com seu distanciamento gradual e com sua morte, a psicanálise entrava em um período caracterizado pela ausência de controle central e competição entre os vários grupos locais e nacionais, com a ameaça constante de cisões na IPA. Portanto, proporcionalmente ao enfraquecimento real do sistema, incrementava-se a briga entre escolas, a supervalorização narcísica de pequenas diferenças, o proselitismo e a atitude superdominadora da antiga geração, reivindicando o legítimo legado de Freud. Em 1936, a Associação Psicanalítica Americana passava a legislar, independentemente da IPA, a formação em seu território. Começavam a serem criadas, assim, as condições institucionais que culminaram no rompimento e posteriormente no "corte transferencial" de Lacan.

#### 4.4 Lacan, Analista Didata

A reunião administrativa<sup>(44)</sup> que sucedeu o congresso de Londres foi palco de uma curiosa discussão. Hartmann informou durante as comunicações sobre as várias sociedades, a demissão, algumas semanas antes, de cinco membros da Sociedade Psicanalítica de Paris, o que mereceria discussão posterior. O assunto seguinte em pauta passa a ser então a "tempestuosa" história do Instituto Brasileiro de Psicanálise, cuja

---

44. *Business meeting*. Após cada congresso da IPA sucede-se uma reunião administrativa, da qual participam apenas os membros-efetivos com direito a voto, onde são traçados os destinos da Associação até o próximo congresso, incluindo a eleição da nova direção e o julgamento dos pedidos de reconhecimento de novas sociedades componentes.

rivalidade entre os diretores - Mark Burke e Werner Kemper<sup>(45)</sup> - havia levado a uma cisão em 1951. Além disso, alguns analistas brasileiros que haviam terminado sua formação na Argentina regressavam ao Rio de Janeiro, e buscavam reconhecimento junto à IPA, sendo porém pressionados à tutela da Sociedade Psicanalítica de São Paulo. Melanie Klein toma a palavra para pedir que seja reconhecida, de antemão, a legitimidade de uma futura cisão entre este grupo e a Sociedade Psicanalítica de São Paulo, o que provoca fortes reações. A teórica da agressividade e do *splitting* promove assim, a partir de um caso brasileiro, a polêmica sobre as cisões no "seio" da IPA (106th Bulletin, 1954, p.273).

A discussão é acirrada, e uma intervenção de Robert Waelder merece destaque:

Quanto mais elasticidade a Internacional ou qualquer outra organização garantir aos seus membros, mais ela viverá. Quanto mais insistir em forçar a unidade, mais cedo romperá (op.cit., p.274).

Esta frase, que ganharia no futuro próximo o estatuto de profecia, vem apontar a situação da IPA no início da década de 50. Paralelamente ao gigantismo e crescente burocratização, vivia-se uma atmosfera proporcional de angústia de morte alimentada pelo indício de cisões iminentes. A orientação da direção, no entanto, era a de "forçar a unidade", e, estrategicamente, Hartmann sugere uma moção para ser votada: a de que nenhuma dissensão em sociedades reconhecidas deveria ser efetivada antes de uma consulta ao Executivo Central, para que

-----

45. Ambos trazidos ao Brasil a partir dos esforços pioneiros de Domicio Arruda Câmara.

este pudesse investigar suas razões. Gregory Zilboorg pergunta como esta moção afetará a situação de Paris. Hartmann retruca: "Não, isso é para o futuro. Temos uma moção em pauta. Todos aqueles favoráveis a ela levantem as mãos, por favor" (idem). A moção é aprovada por unanimidade. Neste contexto, a situação francesa é discutida.

Um mês antes, em 16 de junho de 1953, Daniel Lagache, Françoise Dolto, Jacques Lacan, Favez-Boutonier e Reverchon-Jouve haviam se demitido da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP). Ao retomar o caso parisiense, Hartmann comunica que, por este ato, os cinco analistas perderam automaticamente sua pertença à IPA, uma vez que esta é obtida e mantida através da sociedade filiada. Informa também que as demissões ocorreram após uma reunião na qual Lacan, então presidente da SPP, recebeu um voto de desconfiança baseado na acusação de "sérios desvios das práticas de formação" (op.cit.,p.276). Os demissionários, por sua vez, alegavam "incompatibilidades de caráter" como motivo da cisão, e pediam o reconhecimento da IPA para a nova sociedade formada. Considerando que o Executivo precisaria de maiores esclarecimentos antes de tomar qualquer decisão, Hartmann propõe a criação de uma comissão para investigar a situação. Marie Bonaparte ressalta que a cisão foi motivada por divergências quanto à técnica, e que será preciso um exame cuidadoso da técnica utilizada pelos membros do novo grupo, "particularmente tendo em vista o fato de que um desses membros prometeu, há dois anos atrás, mudar sua técnica, mas não manteve a promessa" (idem). Trata-se de uma *sutil* referência a Lacan. Um dos participantes insiste, perguntando

pelo *status* dos colegas franceses durante as investigações, e Anna Freud encerra o assunto: "O *status* é o que eles criaram para si mesmos com a demissão" (op.cit.,p.278).

A criação da comissão de investigações foi aprovada por maioria, com dois votos contra. A partir de então, inicia-se um processo de negociações que irá durar dez anos, tendo como pivô um personagem polêmico, amado e odiado, que vai inaugurar uma nova era na história da psicanálise: Jacques Lacan.

Essa breve incursão pela "cozinha" da Associação Psicanalítica pretende ilustrar como, desde o início, não havia "vontade política" para facilitar o reconhecimento do grupo francês dissidente. Na heterogeneidade característica da IPA dos anos 50, tudo era permitido, sob a condição de que fossem respeitados e mantidos os princípios técnicos da formação, único lugar onde o poder centralizador podia ser de fato exercido, garantindo a unidade do "império" (Roudinesco,1988,p. 244). Podia-se teorizar livremente, contanto que os princípios da formação fossem poupados, ou seja, todos deviam ser iguais perante a técnica. Mas como inovar na teoria sem que essa inovação afete as concepções da formação? O conflito manifestava-se, portanto, com respeito à técnica, referindo-se, de fato, à teoria que autorizava esta técnica.

Lacan, desde o final da década de 40, utilizava com seus analisandos uma técnica de sessões de "duração variável", segundo a noção do "tempo lógico" (cf. Lacan,1945), na qual não

apenas a duração das sessões variava, mas também sua frequência. Vimos (cf. 3.4) como a padronização da formação surgia de modo a preservar o lugar proibido de mestre ocupado por Freud. Desde então, as disputas se dão em torno do papel de algum novo mestre pensante que venha se opor à normatização que regula a paz da Internacional. É claro que, além das implicações teórico-técnicas, a regulamentação da formação vem atender a razões de mercado. Assim, se por um lado ela favorece uma expansão controlada da profissão, funcionando como um "verdadeiro controle de natalidade" (Roudinesco, op.cit., p.247), a igualdade entre os herdeiros de Freud - os didatas - implica também numa divisão equitativa dos candidatos em formação por seus divãs. Todo aquele que ameaçar esse esquema, subvertendo a teoria e a técnica da formação e ameaçando a hierarquia estabelecida, será acusado de chefe carismático e considerado nefasto à instituição psicanalítica.

Com a técnica das sessões de "duração variável", além de desrespeitar as normas institucionais que regiam as análises didáticas, Lacan ameaçava em termos práticos a distribuição dos candidatos em análise, uma vez que, subvertendo o tempo cronológico, as relações "espaciais" também eram afetadas, e seu divã passava a comportar mais analisandos, de forma que os limites eram determinados apenas por si próprio. Isso fez com que a questão do tempo lógico fosse considerada, em algumas ocasiões, uma "questão de taxímetro" (Roudinesco, op.cit., p.357). Na verdade, em março de 1953, um terço dos candidatos de toda a SPP analisava-se com Lacan. Este dado é cuidadosamente considerado pela direção da IPA no

encaminhamento da questão francesa. Assim, Lacan resolvia ser diferente quanto à técnica, única coisa proibida na Associação Psicanalítica Internacional, tornando-se *persona non grata* quando começaram a vir à luz efeitos de transferência inéditos decorrentes de seu ensino e sua prática.

É certo que a tradição tinha suas razões. O enquadre técnico e transferencial estabelecido pela IPA pretendia limitar a onipotência imaginária dos analistas em geral, e dos didatas em particular, promovendo um melhor manejo da transferência. Porém, já foi demonstrado (cf. 4.2) que este objetivo estava longe de ser alcançado, e, ao contrário, que os efeitos obtidos eram outros. Mais além da questão do enquadre, no entanto, havia a questão teórica sobre a própria concepção do tratamento, na qual os debates giravam em torno do primado do ego, tendência então predominante na psicanálise de língua inglesa.

Neste contexto, quando as discussões sobre os problemas da formação beiravam um impasse que apontava para a esterilidade, a força e a inovação da crítica de Lacan foi articular uma relação intrínseca entre a concepção teórica vigente e a estrutura institucional decorrente e seus efeitos (Lacan, 1956; 1957). Em *Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista em 1956*, em meio às comemorações do centenário do nascimento de Freud, Lacan dispara: "Pois a ausência teórica que apontamos na doutrina nos põe em discordância com o ensino, que reciprocamente a isso responde" (1956, p.203). A doutrina em questão é a psicologia do ego norte-americana, e, quando se

refere ao ensino, Lacan trata da formação como um todo.

Seu alvo é a concepção da cura psicanalítica enquanto reforço do ego do analisando pela identificação com o ego "autônomo" do analista, assim considerado o modelo de relação com o real, modelo transmitido, por sua vez, pelo ego de seu analista, e assim sucessivamente. A análise é conduzida a uma relação dual que não tem outra saída senão "a dialética do desconhecimento, de denegação e de alienação narcísica" (Lacan, 1957, p.454), o que é próprio do ego, tratando-se de um total contra-senso aos esforços de Freud em referir o ego ao narcisismo como produto das identificações imaginárias do sujeito. Portanto, o ego é tomado como constituinte e modelo do real, quando o registro aí predominante é o imaginário.

Mesmo sem nos determos na tópica formulada por Lacan, convém indicar que, no que se refere à transferência e ao lugar do analista, Lacan propõe desde essa época um "retorno ao simbólico" a partir da noção de Outro, que irá, posteriormente, originar o conceito de sujeito suposto saber. Assim, ao invés do analista se engajar numa relação dual na qual é guiado em seus atos pela contratransferência, cabendo ao analisando a introjeção do "bom objeto" na transferência, é no lugar do Outro terceiro que o analista vai desempenhar suas funções. A questão que vai se colocar, porém, é se a formulação de uma distinção entre Outro simbólico e outro imaginário é suficiente para evitar os efeitos especulares do real da prática clínica (cf. cap.6).



No que se refere às instituições psicanalíticas, Lacan caminha na esteira das idéias de Balint(46), denunciando os sintomas produzidos pela formação. Se é verdade, porém, que Balint já apontava a identificação imaginária ao analista didata como o maior entrave produzido na formação, o salto dado por Lacan foi ter ampliado a questão - apoiado na *Psicologia de Grupo* de Freud (1921) - indicando, de forma decisiva, a articulação entre as instituições psicanalíticas, seus efeitos identificatórios, e a própria teoria do processo psicanalítico (e da didática) aí vigente: a psicologia do ego. Levando o argumento de Lacan às últimas conseqüências, chega-se à formulação de que a teoria (psicologia do ego) é produzida de forma a espelhar uma estrutura institucional e uma prática (a didática), produzindo, por sua vez, a perpetuação desta estrutura e desta prática a partir dos efeitos por ela (teoria) enunciados - a identificação ao analista. Lacan diz:

Para se transmitir (a posição de didata), na falta de dispor da lei do sangue que implica a geração, ou mesmo a da adoção que supõe a aliança, resta-lhe a via da reprodução imaginária que por um modo de fac-símile análogo à impressão, permite, se se pode dizer, a tiragem em um certo número de exemplares, em que o único se pluraliza. Esse modo de multiplicação não vai sem encontrar na situação afinidades favoráveis. Pois não esqueçamos que a entrada na comunidade é submetida à condição da psicanálise didática, e há bem alguma razão para que seja no círculo dos didáticos que a teoria que faz da identificação com o *Ego* do analista o fim da análise tenha sido dada à luz (1956,p.207,parênteses e negrito nosso).

Lacan se coloca, assim, na trilha aberta por Ferenczi

---

46. O artigo capital de Balint (1948), criticando os institutos psicanalíticos e os sintomas aí produzidos, não só foi lido como também divulgado por Lacan na SPP (Roudinesco, 1988, p.271).

e depois Balint, como um verdadeiro analista institucional da psicanálise, denunciando a cumplicidade de uma derivação esterilizante da teoria psicanalítica com os processos de naturalização e ausência crítica predominantes, não apenas no interior dos institutos psicanalíticos, mas da cultura em geral (Lacan, 1957, p.456), fazendo da teoria e da prática psicanalítica um modo de exercício e de transmissão dos poderes.

Assim, o "silêncio dos candidatos", a "desintelectualização" e a "ignorância", sintomas incluídos entre os "fenômenos de esterilização" produzidos pela formação, são relacionados aos efeitos de identificação imaginária revelados por Freud em seus estudos sobre os agrupamentos: um tipo de comunhão que exclui a comunicação articulada e a liberdade do pensamento, na qual a relação entre os indivíduos é constituída sobre uma tensão hostil representada pelo narcisismo das pequenas diferenças, que Lacan vai chamar de "terror conformista" (1956, p.220).

No barroco que lhe era característico na época, Lacan faz da hierarquia encontrada na IPA um comédia de costumes, onde personagens inspiradas na dialética hegeliana - "Suficiências", "Bem-Necessários", "Pedrinhas nos Sapatos" e "Beatitudes" - vêm representar a graduação psicanalítica: analistas-didatas, analistas, candidatos. Dez anos depois, na *Proposição de 9 de Outubro de 1967*, partindo dessa mesma comédia de costumes e das questões nas quais a ironia se apoiava, Lacan iria contrapor a sua ficção para o funcionamento

da Escola Freudiana de Paris. A cortina cairia sobre o palco das "Suficiências", e o próximo ato seria representado pelos *gradus* - AE, AME, AP e ME - iluminando o cenário psicanalítico francês (cf. cap.5).

No último parágrafo de *La Psychanalyse et son Enseignement* (1957), Lacan chama "estilo" ao que pode ser transmitido no ensino da psicanálise, contrapondo-se à extraordinária "cacofonia" que ecoava no interior da IPA, onde "não se entendem entre si sobre o sentido de um só dos termos que aplicam religiosamente à comunicação bem como à direção de sua experiência" (op.cit.,p.458). Um estilo não pode, por definição, ser imitado. Mas se Lacan reclamava de uma cacofonia vazia nas sociedades psicanalíticas, com a criação da *École* vão surgir rapidamente denúncias de outros sintomas institucionais, como o psitacismo - a repetição vazia das palavras do mestre.

No início dos anos 50, três tendências coexistiam no interior da SPP: uma "ortodoxia clássica", representada por Sacha Nacht, favorável à vinculação da psicanálise aos ideais da medicina, o que a aproximava teoricamente da corrente predominante na época, a psicologia do ego, e institucionalmente da política vigente na IPA; uma "corrente liberal", representada por Daniel Lagache, que buscava a integração teórica da psicanálise à psicologia pela via universitária, e, em termos institucionais, uma adaptação dos padrões da IPA ao contexto francês; e a "nova ortodoxia" preconizada por Lacan, que partia rumo a um "retorno a Freud", revalorizando, em termos teóricos, o primado do inconsciente, e

buscando, em termos institucionais, repensar a técnica e a formação no sentido de uma reaproximação dos princípios da psicanálise (Roudinesco, 1988, p.242-245).

As divergências teóricas entre essas tendências, paralelamente às disputas de poder no interior da SPP, tendo como pano de fundo o problema dos "desvios técnicos" de Lacan, conduziram à cisão de 1953. Esta foi marcada por dois momentos cruciais: a eleição da diretoria do recém-fundado Instituto de Psicanálise, em 17 de junho de 1952; e o voto de desconfiança contra Lacan, que culminou na demissão em grupo, em 16 de junho de 1953 (cf. Roudinesco, op.cit., p.255-272).

Em 1952, foi criado o Instituto de Psicanálise da SPP, que administraria a formação e o ensino, sendo autônomo em relação à Sociedade. Em 17 de junho, Nacht coordena uma eleição, por cinco anos, da diretoria do novo Instituto. Elege-se presidente, distribui novos estatutos e elabora um programa de ensino que provoca a reação das outras tendências. Este programa, além de reservar um lugar de destaque para o próprio Nacht, em detrimento de Lagache e Lacan, propunha a legalização de um diploma de psicanálise reservado aos médicos. Em janeiro de 1953, Lacan é eleito presidente da SPP, o que reforça o impasse entre o Instituto, liderado por Nacht, e a ala "liberal" representativa da Sociedade. Em fevereiro, a comissão de ensino do Instituto recusa candidatos à formação analisados por Lacan, condenando sua técnica. No auge dos conflitos, o Instituto inaugura suas atividades.

Os alunos logo iniciam um movimento de contestação contra as normas autoritárias do Instituto, refletindo a discórdia entre os dirigentes. Lacan é acusado pela direção do Instituto de semear a revolta entre os alunos fazendo uso de seu poder transferencial. Em 2 de junho realiza-se uma reunião administrativa onde é pleiteado um voto de confiança quanto ao mandato de Lacan. A ala "liberal" representada por Lagache aponta que o mal-estar institucional não tem relação direta com Lacan e suas sessões curtas, mas com a rigidez da direção do Instituto. Não obtém sucesso, e a votação é marcada para 16 de junho.

Considerando a ruptura inevitável, Lagache redige, às vésperas da votação, os estatutos de uma nova sociedade, a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP). Finalmente, em 16 de junho de 1953, Lacan perde a presidência da SPP por voto de desconfiança da maioria. Lagache, vice-presidente, deveria assumir em seu lugar, mas num gesto teatral lê uma carta de demissão assinada por ele, Dolto e Favez-Boutonier. Lacan os acompanha. Tem início assim a conturbada história da Sociedade Francesa de Psicanálise em sua busca de reconhecimento internacional.

A comissão de inquérito criada no congresso de 1953 foi composta por quatro analistas: Winnicott, Greenacre, Hoffer e Lampl-De Groot. Seu trabalho consistiu na avaliação, através de entrevistas com os membros analistas e candidatos, da estrutura da nova sociedade e dos motivos da cisão. A conclusão

das investigações, anunciada no congresso de Genebra, em 1955, foi de que o "grupo de Lagache" não deveria ser reconhecido como sociedade componente da IPA, pela inadequação da formação e da capacidade de ensino ali encontrada (110th Bulletin, 1956, p.122). Ao mesmo tempo, Hartmann anunciava que as dificuldades conseqüentes da cisão na SPP haviam sido "elegantemente superadas", e que o Instituto de Psicanálise estava consolidado (idem).

A questão do reconhecimento da SFP ganhava contornos definidos, apontando cada vez mais para o incômodo do ensino e da prática de Lacan. Respondendo a uma indagação de Lagache sobre outras queixas que a IPA teria contra a SFP além das sessões curtas de Lacan, Hartmann escreve, em março de 1955:

Que Lacan tem algo a ver com isso, como diz o senhor, é verdade. Mas Lacan não é um membro qualquer de sua sociedade. Ele está (...) em primeiro plano (...). Sei por um número considerável de fontes, que seus ensinamentos têm um peso enorme sobre os estudantes. Em que se transformarão os analistas formados por ele? (apud Roudinesco, 1988, p.341).

As negociações são interrompidas, e as posições se radicalizam. No 20º Congresso Internacional de Psicanálise de 1957, que tem lugar justamente em Paris, nenhuma referência é feita à SFP. No discurso de abertura, Hartmann diz: "Hoje todos observamos com a maior satisfação o renascimento cheio de promessas da psicanálise na França" (113th Bulletin, 1958, p.277). Se as intenções estão mais do que claras, a direção da IPA demonstra também um alto grau de alienação quanto à situação da psicanálise francesa e os traçados de seu destino.

Uma outra carta de Hartmann, desta vez a Favez-Boutonier, é ilustrativa:

(...) também a senhora volta a me falar em Lacan. Chego quase a temer que estejamos assistindo à criação de um mito. E espero que admita, a despeito da admiração que tem por ele (bem sei que é um homem brilhante), que isso é mais do que ele merece (...) Será justo explicar que lhe queremos mal pelo fato de ter ele muita personalidade? (Roudinesco, op.cit., p.342).

A ironia vem apontar que é bem disso que se tratava - o temor de que, com seu ensino e seu "carisma", Lacan se tornasse um novo mito. Por seu turno, talvez prevendo o desfecho da novela, Lacan não facilita as coisas, e a publicação dos dois textos já referidos (Lacan, 1956; 1957) decerto não melhora a sua situação perante a IPA.

Em 1959 é criada, durante o congresso de Copenhagen, uma nova comissão para avaliar mais um pedido de reconhecimento da SFP. Paula Heimann, Ilse Hellman e Van der Leeuw compuseram a comissão que, dirigida por Pierre Turquet, ficou conhecida como "comissão Turquet". Esta comissão, a exemplo da anterior, "escuta" depoimentos dos membros e dos candidatos em formação na SFP. É inspirado na idéia dessa "escuta" que, segundo Roudinesco (1988), Lacan criará na Escola o mecanismo do *passé*, no qual o analista testemunha, no "só depois" de sua análise, o que o fez passar da posição de analisando a analista, constituindo sua análise como didática (cf. Lacan, 1967).

O efeito decisivo da "escuta" da comissão Turquet foi

a revelação de que a maioria da SFP desaprovava a prática de Lacan, querendo, no entanto, preservar seu ensino, e que a maior parte de seus analisandos considerava-se vítima de uma técnica que não aceitava (Roudinesco, op.cit., p.349).

A partir do relatório da comissão, o Executivo Central da IPA apresentou, no congresso de Edimburgo, em 1961, a conclusão das negociações: a SFP deveria retirar seu pedido de reconhecimento como sociedade em troca do *status* de Grupo de Estudos. Uma comissão especial foi designada para supervisionar suas atividades, particularmente no que se refere à formação. Além disso, uma lista de "recomendações" formulada pela comissão Turquet deveria ser respeitada com vistas à normatização. Entre as recomendações, a de que todas as análises-da-formação devem ser conduzidas nas bases mínimas de quatro sessões semanais de quarenta e cinco minutos cada...

William Gillespie, então presidente da IPA, transmite durante a reunião administrativa um relato feito por Serge Lebovici em nome da rival SPP: "Após considerações cuidadosas e discussão privativa, eles (os membros da SPP) acreditam que a supervisão proposta fará todos os esforços para promover bons elementos na SFP, e eliminar, dentro do possível, os elementos indesejáveis" (120th bulletin, 1962, p.367-368).

A comissão Turquet retoma as investigações em janeiro de 1963. Como nada mudou, Turquet redige um relatório que dará um fim à situação. Sublinha que os analisandos de Lacan "permanecem passivos frente a um mestre que vê a si mesmo como



fonte única de recompensas e punições" (Roudinesco, op.cit., p.363), e solicita o corte de Lacan (e também de Dolto) da lista de didatas, exigindo que seus candidatos fossem "transferidos" para outro analista.

No interior da SFP, a maioria dos membros efetivos considerava que não havia contradição entre o ensino de Lacan e a normatização imposta pela IPA, dispendo-se a pagar o preço exigido em troca do reconhecimento internacional. Após o congresso de Estocolmo, o Executivo da IPA divulga, em agosto de 1963, uma "Diretriz" exigindo o cumprimento das "Recomendações" de Edimburgo, acrescentando formalmente o não-reconhecimento de Lacan como analista-didata. Em 13 de outubro de 1963, a comissão de estudos da SFP vota pelo cumprimento da "Diretriz", excluindo Lacan de sua lista de didatas. A cisão que fez um corte na história da psicanálise estava consumada.

Em maio de 1964 a SFP dá lugar a um *French Study Group*, composto pelos partidários da IPA, que logo assumiria o nome de Associação Psicanalítica da França (APF). Em 1965, no congresso de Amsterdã, a APF seria finalmente reconhecida como sociedade componente da IPA, sob uma torrente de aplausos (Roudinesco, op.cit., p.392).

Na "outra cena", em 21 de junho de 1964, Lacan lê perante seus discípulos reunidos na residência de François Perrier, a *Ata de Fundação* da Escola Francesa de Psicanálise, que posteriormente receberia o nome definitivo de Escola

Freudiana de Paris (EFP): "Fundo - tão sozinho como sempre estive na minha relação com a causa psicanalítica - a Escola Francesa de Psicanálise..." (Lacan, 1964, p.17). No princípio foi o ato. A fundação da EFP marca a história da psicanálise como a primeira dissidência da IPA que reivindicou e sustentou o adjetivo "freudiana" para si. As conseqüências deste marco são analisadas no próximo capítulo.

Roudinesco (1988, p.317) levanta a hipótese de que a busca efetuada por Lacan, durante uma década, em integrar-se ao império da IPA, funciona como "o sintoma de uma vontade do mestre de não tornar-se um chefe de instituição". Em seu argumento, Lacan teria ciência da incompatibilidade entre o exercício real de um poder institucional e a posição de mestre pensante, e a vinculação à IPA viria poupá-lo do destino de administrar uma política em nome próprio. Prova disso estaria no fato de que a parte essencial de sua obra foi elaborada durante o período de negociações. Porém, devido aos "paradoxos de seu temperamento", Lacan não conseguiria evitar a fusão de sua pessoa com sua doutrina, demandando de seus alunos amor e servidão.

O retorno a Freud propagado por Lacan vem, neste sentido, apontar um paradoxo: "o lacanismo existe na medida em que não existe" (op.cit., p.318). Existe enquanto movimento histórico pós-freudiano de reestruturação ortodoxa do freudismo; mas não existe exatamente por pensar a si mesmo como a saída teórica para a realização do freudismo em sua época, o que fez com que Lacan denominasse sua reformulação (e também

sua escola) de "freudiana". Com a cisão, o destino do paradoxo será tornar-se um impasse. O cômico dessa história é que, com o rompimento final, os efeitos temidos pela IPA (e também por Lacan) não só não foram evitados, como acabaram por adquirir uma dimensão extraordinária. De fato, o que teria acontecido com a história da psicanálise se Lacan permanecesse nos quadros da IPA como o que sempre foi: analista didata?

## TERCEIRA PARTE

### LACAN E O CORTE TRANSFERENCIAL

*Para onde foram as histéricas de antigamente, aquelas mulheres maravilhosas, as Anna O., as Emmy von N.? Elas não apenas desempenhavam um certo papel, um papel social preciso, mas, quando Freud se pôs a escutá-las, foram elas que permitiram o nascimento da psicanálise. Foi pela escuta delas que Freud inaugurou um modo inteiramente novo da relação humana. O que substituiu, hoje, os sintomas histéricos de outrora? Será que a histeria não se deslocou para o campo social, não terá sido substituída pela doídice psicanalítica?*

Jacques Lacan,  
em 1977.

## 5. DO RETORNO A FREUD AO ÚLTIMO FREUDIANO

A hipótese desenvolvida neste capítulo é a de que, a partir de seu projeto de retorno a Freud, e através de um corte transferencial inédito na história da psicanálise, Lacan tornou-se, por um efeito de mal-entendido, o último freudiano em sua Escola.

Esta linha de pesquisa inscreve-se assim no desafio lançado por Lacan no final da *Proposição de 9 de Outubro de 1967*, como o segundo (de três) ponto de fuga no horizonte da psicanálise em extensão (voltaremos à questão), sobre o qual os psicanalistas deveriam se debruçar: o estudo das instituições psicanalíticas, dos efeitos transferenciais induzidos por sua estrutura de grupo, e da relação dos psicanalistas com as mesmas.

É digno de nota, porém, que Lacan se refere apenas ao modelo institucional "freudiano" (IPA), aproximando-o da Igreja e do Exército, onde prevalecem as identificações imaginárias próprias da psicologia de grupo (cf. Freud, 1921). Ele diz: "O efeito induzido da estrutura assim privilegiada se esclarece ainda mais se acrescentarmos a função, na Igreja e no Exército, do sujeito suposto saber. Estudo para quem quiser empreendê-lo: iria longe" (Lacan, 1967, p.41). Não poderia ser diferente uma vez que, na *Proposição*, Lacan apenas apresentava um modelo institucional que não tinha ainda feito a sua história, e precisava ser posto em funcionamento. Mas nada justifica que,

desde então, não se deva voltar o desafio deste empreendimento sobre o próprio modelo institucional de Lacan. Não fazê-lo seria repetir o procedimento de Freud, que analisou a Igreja e o Exército, poupando o seu próprio grupo. Esse estudo, além de se tratar de um dever ético, certamente "iria longe". O que ensaiamos aqui é apenas um esboço.

Quanto à noção de mal-entendido, uma proposição inicial é oportuna para a orientação empregada no capítulo. Em *O Mal-Entendido*, texto publicado durante o processo de dissolução da *École*, Lacan (1980e) sublinha que a psicanálise explora o mal-entendido, para, ao final, produzir uma revelação de fantasma. Se, para Lacan, o inconsciente é o mal-entendido irreduzível da psicanálise, nem por isso o mal-entendido é um fim em si. Para a psicanálise (ao contrário de que se encontra na filosofia clássica), o mal-entendido é um instrumento de acesso à uma verdade, um meio pelo qual a psicanálise pode exercer a sua ética. Porém, se os efeitos do mal-entendido se cristalizam, o mal-entendido configura, sem retorno, a "fraude" (cf. 5.3). Neste sentido, convém ressaltar: se a psicanálise não explorar o mal-entendido, o mal-entendido irá explorar a psicanálise.

### 5.1 O Retorno a Freud

Em *La Chose Freudienne ou Sens du Retour à Freud en Psychanalyse*, temos uma parábola: Lacan conta ter recebido da "própria boca" de Jung a informação de que Freud teria lhe dito, ao avistar o porto de Nova York, na célebre viagem de

1909 à América: "eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste" (Lacan, 1955, p.403). A imagem da psicanálise como a peste é usada entre nós (e, claro, na França), a partir deste relato, como uma verdade freudiana incontestável, inclusive pelos autores mais respeitáveis. Porém, Roudinesco (1988, p.196) aponta com humor que Lacan foi o único que teve acesso à notícia, uma vez que Freud nunca empregou o termo, e Jung, em sua autobiografia, conta que Freud simplesmente falou: "eles ficarão surpresos ao saberem o que temos para lhes dizer" (idem).

Surpreendente. Lacan cria uma ficção mais verídica que a própria história, para apontar três "verdades" referentes ao campo psicanalítico, fundamentais para o retorno a Freud: 1) que Freud se iludiu quanto aos efeitos que a psicanálise produziria na América; 2) que havia uma outra peste a ser combatida, a "doença" americana chamada psicologia do ego, que voltava do outro lado do Atlântico, agora de "primeira classe"; e 3) que era preciso restituir o sentido da mensagem freudiana original - "o sentido do retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud" (Lacan, 1955, p.405).

Assim, ao promover o movimento de retorno a Freud apoiado na imagem virulenta e transgressiva da peste, Lacan buscava resgatar a potência original de uma psicanálise transformadora e *underground*, cuja ênfase residia no primado do inconsciente e na *Spaltung* originária do sujeito, denunciando, ao mesmo tempo, os desvios e as capturas sofridas pela mensagem

freudiana: "as coisas chegaram a tal ponto no movimento psicanalítico que a palavra de ordem retorno a Freud significa uma inversão" (op.cit.,p.402). Quer dizer, era preciso retornar ao ponto de partida, para dali partir novamente. Não é por acaso que essa conferência foi pronunciada em Viena. Ao criar essa parábola, Lacan aponta, de fato, como os efeitos do mal-entendido podem explorar a psicanálise: pela sua captura por uma lógica da ilusão (cf. cap.2). Neste caso, a ilusão adaptativa, a ilusão do conforto, a ilusão egóica.

A pertinência da imagem produzida por Lacan não está em questão. Interessa no entanto apontar que, já em suas bases, o projeto lacaniano de retorno a Freud traz em si uma outra dimensão de retorno, referente a um ato de fundação e a um mestre fundador, onde aquele que "retorna" passa a ocupar seu lugar, uma vez que dá início a uma nova partida. O risco que daí advém é o de se criar uma homogeneidade entre a palavra do fundador e a daquele que a ele retorna, produzindo uma nova fundação que vem, de fato, tomar o lugar da original, que passará por sua vez para o registro de um tempo perdido e irrecuperável. Neste caso, o risco seria fazer da palavra de Lacan a palavra de Freud, anulando toda e qualquer diferença entre os dois *corpus* teóricos. Se a metáfora da peste por si só não implica maiores comprometimentos a nível conceitual, veremos adiante (cf. 5.3) algumas conseqüências mais pragmáticas do retorno a Freud.

Com a fundação da Escola Freudiana de Paris, o retorno a Freud deixa de ser apenas um retorno ao sentido de



Freud, como queria Lacan em 1955, passando a abranger de fato outras dimensões. Micheline e Eugene Enriquez, em *Le Psychanalyste et Son Institution* (1971), consideram que a Escola é estruturada, em vários aspectos, sob o signo do retorno: retorno a Freud, no sentido de retomar as exigências teóricas rigorosas, promovendo um trabalho de elaboração doutrinária; retorno aos primeiros momentos do movimento psicanalítico, no sentido de resgatar a dimensão da *causa psicanalítica* à qual os membros poderiam se dedicar e contribuir ativamente, em oposição ao caráter passivo que passou a caracterizar a relação dos psicanalistas com as suas sociedades desde a padronização da formação; e

*Retorno talvez também a uma dimensão mais mítica: o ato de fundação da Escola iniciado efetivamente por estes termos: "Fundo tão sozinho como sempre estive na minha relação com a causa psicanalítica...", reenvia diretamente à posição inaugural de Freud (op. cit, p.50).*

A referência dos autores à posição inaugural de Freud é o já citado primeiro parágrafo de *A História do Movimento Psicanalítico*: "(...) a psicanálise é criação minha; durante dez anos fui a única pessoa que se interessou por ela (...)" (Freud, 1914, p.16, negrito nosso), cuja estrutura - solidão mítica do fundador - é retomada por Lacan.

Assim, pelo ato de fundação da Escola, Lacan efetua um corte transferencial inédito na história da psicanálise, reivindicando o estatuto mítico de mestre fundador que era, até então, exclusivo de Freud. Logo as conseqüências transferenciais deste retorno mítico ao ato de fundação se

farão enxergar.

Uma última consideração quanto ao estatuto do "tão sozinho como sempre estive na minha relação com a causa psicanalítica". Numa outra leitura (cf. Dominique Miller, 1989), esta "solidão" é atribuída ao ato analítico - o analista está sempre só frente ao ato. Ora, mesmo que isso se aplique (e se aplica) ao ato analítico no decorrer de uma análise, trata-se de "psicanálise em intensão". Será que é legítimo estabelecer uma analogia direta entre os conceitos de "psicanálise em intensão" para "psicanálise em extensão"? Certamente seríamos poupados de muito trabalho. Fundar uma Escola diz respeito a esse encontro entre intensão e extensão, e o ato ganha assim uma complexidade que transcende o espaço entre a poltrona e o divã(47). Afinal, se todo analista, em seu ato, está só na sua relação com a causa psicanalítica, nem todo analista funda uma Escola. Insistir nesta leitura levaria à conclusão de que talvez alguns analistas estejam mais sós do que outros, ou de que outros estejam menos sós do que deveriam.

## 5.2 Transmissão e Transferência

Foi no sentido de explicitar as funções que deveriam ser desempenhadas pela Escola Freudiana de Paris, sua dimensão ética, que Lacan introduziu a distinção entre as noções de psicanálise em extensão - tornar a psicanálise presente no

47. A Escola não é um lugar de solidão. Ao se referir à experiência do passe, Lacan diz: "Não estou mais longe do que vocês nessa obra, que não pode ser conduzida a sós, posto que a psicanálise constitui o seu acesso" (1967, p.37). Além disso, ao fundar a *Causa Freudiana*, após a dissolução da Escola, Lacan reformula: "É preciso que inove, disse - salvo que acrescentando: *não sozinho*. Vejo isto assim: *que cada um ponha aí algo de seu*" (1980c, p.54).

mundo - e psicanálise em intensão - a didática, ou seja, formar analistas (Lacan, 1967, p.31). Assim, psicanálise em extensão e psicanálise em intensão aparecem irredutivelmente articuladas em torno de uma concepção da ética da psicanálise. A ética da psicanálise é, para Lacan, a práxis de sua teoria (Lacan, 1964, p.19).

Em outro registro, como mostra Octávio Souza (1991), psicanálise em extensão e psicanálise em intensão dizem também os deveres com que se defronta o psicanalista: tornar a psicanálise presente no mundo é certificar-se de que seus efeitos não se esgotem no âmbito individual, devendo o analista cuidar para que a psicanálise possa vir a fazer "sintoma social", "modificando a relação do sujeito com o seu ato" (op.cit., p.78). Não se trata aqui de uma perspectiva de divulgação da psicanálise ou propagação de uma causa com a finalidade de arrebanhar prosélitos, mas de um desafio ético que, pode-se constatar através de um exame da literatura psicanalítica, está tanto mais longe de ser compreendido quanto menos a comunidade analítica se dedica ao tema - as exceções confirmando a regra. A psicanálise em intensão, por sua vez, refere-se ao processo e ao produto de uma análise, devendo o analista dar provas do que o qualifica a ocupar seu lugar na poltrona, ou seja, daquilo que sua análise pessoal promoveu em termos de mudança subjetiva. Interessa-nos persistir um pouco mais na diferenciação do sentido dessas noções quando se referem a um ou outro registro: ao analista ou à Escola.

Ainda acompanhando Octávio Souza, se pudermos, *grosso*

modo, considerar a psicanálise em intensão referente à análise do indivíduo e a psicanálise em extensão à análise do social, exige-se um certo paralelismo entre os dois processos: "ambos requerem uma terapêutica baseada na transferência" (op.cit.,p.80). Esta idéia encontramos em Freud desde *Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica* (1910) - quando prevê utopicamente que, com o ganho de *autoridade social* da psicanálise, a neurose seria erradicada da cultura - até *O Mal-Estar na Cultura* (1930[1929]), onde a questão da *autoridade* da psicanálise reaparece enquanto pólo transferencial necessário capaz de ser agente da mudança social (cf. Souza,op.cit.,p.79). Mas no registro da psicanálise extensiva como análise do social, a que ou a quem é dirigida essa transferência? a um analista? ou a uma determinada instituição? ou talvez a um saber específico? Antes de oferecer uma resposta, o que este questionamento vem afirmar é que a transferência pode se fazer de várias formas e se dirigir a vários registros.

Lacan aponta dois momentos da junção entre psicanálise em extensão e psicanálise em intensão nos quais os órgãos de garantia da Escola devem intervir: o começo e o fim da análise. O ponto central comum a esses dois momentos é a sua referência à transferência, traduzida em termos de sujeito suposto saber, "o pivô no qual se articula tudo o que se relaciona com a transferência" (Lacan, 1967,p.33). No começo da análise, está a transferência, e em seu final, a indagação do que ocorre com a relação transferencial. Por que esses momentos

são considerados pontos de junção, e por que a Escola deve neles intervir?

Na *Ata de Fundação*, a Escola é definida como

organismo onde deve cumprir-se um trabalho - que, no campo aberto por Freud, restaura a lâmina cortante de sua verdade - que traz a praxis original que ele instituiu, sob o nome de psicanálise, no dever que retorna a ele no nosso mundo - que, através de uma crítica assídua, denuncie os desvios e os compromissos que amortecem seu progresso, degradando sua utilização (Lacan, 1964, p.17, negrito nosso).

Assim, a Escola deve ser um lugar onde um *trabalho* específico possa ser cumprido, sendo que esse objetivo de trabalho é "indissolúvel de uma formação a ser realizada" (idem), o que implica uma relação privilegiada da Escola com o *ensino* (Lacan, 1964b, p.24). A noção de ensino, como vimos, engloba para Lacan tudo o que se refere à formação psicanalítica, transcendendo este último termo, remetendo à noção de *transmissão*: transmissão de um ensino, em substituição a formação (*Bildung*), expressão utilizada por Freud, criticada por remeter a um sentido imaginário - formar segundo uma imagem ideal(48) (cf. Quinet, 1991, p.36). A idéia é de que não se trata de formação em uma técnica, mas de transmissão de um estilo(49).

Dentre as condições implicadas no ensino da

48. *Bild* é modelo, em alemão.

49. Lacan dizia que nunca falou de formação analítica, mas de formações do inconsciente. Uma análise, em perspectiva inversa, enfocando a dimensão imaginária (idealizada) embutida na noção de transmissão é encontrada em Mezan (1991).

psicanálise que tem lugar na Escola, uma é privilegiada por Lacan:

O ensino da psicanálise só pode ser transmitido de um sujeito a outro através de uma transferência de trabalho. Os "seminários", inclusive nosso curso na *Hautes Études*, nada fundarão caso não reenviem a essa transferência (Lacan, 1964a, p.23).

Mais uma vez, o ato de fundação faz apelo à transferência, tratando-se aqui de uma *transferência de trabalho*, que vai fundar um ensino segundo a concepção de Lacan (cf. Lacan, 1955). A ambiguidade da expressão sugere uma dupla compreensão: transfere-se trabalho de um sujeito a outro, e transfere-se ao trabalho. A quem é dirigida a transferência de trabalho, e quais são os seus destinos, são questões que retomaremos adiante. Por ora, convém apontar que esta concepção de ensino contrapõe-se a uma modalidade de ensino tradicional que favorece um progresso por acumulação. A eficácia do ensino será medida então pelos esforços de retomada que este ensino suscita, ou seja, pelo trabalho singular que a partir dele será produzido. Neste sentido, a idéia do *cartel* (Lacan, 1964a) é sugerida enquanto lugar apropriado para colocar em ação esta transferência de trabalho, buscando um modo inédito de organização social que possa escapar dos efeitos imaginários da psicologia de grupo. Mas restavam ainda os impasses da análise didática.

Ora, vimos que, desde os anos 50, havia uma crise manifesta relativa à formação psicanalítica, e que Lacan tocou diretamente na ferida, o que resultou no seu *impeachment* enquanto analista didata e no rompimento de 1964. Porém, desde

então, nenhuma alternativa real havia sido formulada, e o objetivo de Lacan com a fundação da Escola, culminando na *Proposição de 9 de Outubro de 1967*, era justamente inventar esta alternativa.

A questão da formação psicanalítica se encontra na junção entre psicanálise em intensão - que diz respeito a uma análise - e a psicanálise em extensão - que diz respeito à análise no mundo. O problema colocado para a Escola está justamente neste entrecruzamento, uma vez que, para promover trabalho, a Escola deve não apenas transmitir um ensino, mas também (não se pode esquecer) garantir a perpetuação da psicanálise, o que torna imperativo formar novos analistas.

Na IPA, a formação havia deixado de ser questão desde que passou a ser regulada por princípios exteriores à própria análise, na forma do cumprimento de normas institucionais que caracterizavam as análises didáticas. A contribuição radical de Lacan foi fazer da formação psicanalítica novamente uma questão, buscando formular a análise didática a partir de uma lógica interna à psicanálise. A didática passava a ganhar assim uma autenticação de fato, e não mais de direito, isto é, ao invés de uma análise ser definida *a priori* como didática por ser conduzida por um didata segundo determinadas normas, ela seria considerada didática a partir de seu resultado - um analista.

Neste sentido, Lacan buscava uma teoria da didática a partir da formulação de um princípio lógico: se a didática

engendra um analista, isto implica que esta comporte um momento de passagem tal que aquele que era no início analisante, torne-se analista. Este momento de passagem, Lacan define como o fim da análise. É o que encontramos numa fórmula decisiva da *Proposição*: "A terminação da análise, chamada redundantemente de didática, é a passagem, com efeito, do psicanalisante a psicanalista" (Lacan, 1967, p.36).

Assim, buscando um princípio lógico que pudesse dar contornos para a questão capital da análise didática, Lacan acaba por criar uma nova concepção de final de análise, articulada estreitamente à questão da instituição psicanalítica, uma vez que centrada na passagem do analisante a analista, ou seja, no núcleo daquilo a que a Escola deve responder: a transmissão da psicanálise.

Uma noção é decisiva para a elaboração da passagem do analisante a analista: a de *desejo do analista* (idem). O final de análise que vai caracterizar uma análise como didática é marcado, nas palavras de Moustapha Safouan, por

uma passagem que se define pelo fato de que um desejo tem nascimento aí: o de retomar ao nível do inconsciente de outrem, a experiência feita por seu próprio inconsciente. É a resposta à questão: "qual é este desejo?" que esperamos (Safouan, 1985, p.52).

O desejo do analista - essência da transmissão da psicanálise para Lacan - vai se colocar portanto no ponto de interseção entre a psicanálise em intensão e a psicanálise em extensão, e sua elucidação é tarefa tanto do psicanalista



quanto da Escola. Vejamos:

A Escola buscava se diferenciar das sociedades psicanalíticas existentes através de uma inversão: ao invés de se auto-definir enquanto instituição por contar entre seus membros didatas que fazem didáticas, pretendia que análises didáticas acontecessem aí de fato (cf. Safouan, op.cit., p.51). Neste sentido, assumia como tarefa esclarecer a questão do fim dessas análises, ou seja, em que a sua experiência pode promover o desejo de retomá-la com outros sujeitos.

Por parte do psicanalista, havia o princípio de que "o psicanalista só se autoriza por si mesmo" (Lacan, 1967, p.29). Como vimos, este autorizar-se deveria ser indicativo de uma passagem. Mas o psicanalista tem um compromisso ético - que não é compartilhado com qualquer analisante, o que marca uma diferença nesta leitura entre a análise didática, chamada de "psicanálise pura", e a análise terapêutica - com a transmissão da psicanálise, e assim, deveria testemunhar sobre essa passagem e sobre o desejo do analista, ou seja, sobre o seu final de análise. Já na ocasião da fundação da Escola, Lacan dizia: "Há um ponto, todavia, em que o problema do desejo não pode ser escamoteado: é quando se trata do próprio psicanalista" (Lacan, 1964b, p.26).

Com o objetivo de criar um espaço institucional onde esse testemunho pudesse acontecer, Lacan inventa o dispositivo do *passee*. Procedimento complexo, *grosso modo* o *passee* consistia no fato de um *passante* testemunhar sobre sua análise a dois

*passadores*, que transmitiam, por sua vez, o que puderam escutar a um *júri de aprovação*. Este detinha a decisão final sobre a aprovação ou não do passante, que lhe valeria o *gradus* de Analista da Escola (A.E.)<sup>(50)</sup>. A hierarquia referente aos *títulos* encontrados nas sociedades psicanalíticas era substituída pela noção de *gradus*, referente a *funções*, e o *gradus* de A.E. era atribuído àquele que, tornando-se "psicanalista da sua própria experiência", poderia dar testemunho dos "problemas cruciais nos pontos críticos em que se encontram para a análise" (Lacan, 1967, p.29). Ao júri de aprovação competia elaborar uma teoria da didática a partir dos testemunhos colhidos.

Isolando portanto a passagem de psicanalisante a psicanalista através do mecanismo do passe, Lacan buscava, a um só tempo, solucionar os problemas transferenciais que afligiam a formação psicanalítica e encontrar uma resposta teórica para a didática. Para isso, apoiava-se em uma reestruturação do conceito de transferência, retirando a *pessoa* do analista de seu centro, em troca do conceito de sujeito suposto saber.

O começo da análise, marcado pela relação transferencial, é entendido como a ficção do sujeito suposto saber, do qual o analista não faz senão *semblante*. Afinal, "o terno (do saber) não cabe no psicanalista" (Lacan, 1967, p.34). O final da análise diz respeito portanto ao destino do sujeito suposto saber, e não da *pessoa* do analista. Neste sentido,

-----

50. Como não entraremos em maiores detalhes sobre o dispositivo, nem sobre o estatuto do passante, passadores, júri, etc., remetemos o leitor a outra fonte (Roudinesco, 1988, p.474-495).

Lacan combatia a idéia de liquidação da transferência, considerada uma denegação do desejo do analista. Recusando a dimensão do ego como parâmetro para um final de análise, junto à noção de identificação ao ego autônomo do analista, não haveria o que *liquidar* na análise, uma vez que esta não está referida a um outro, mas a uma virada do sujeito de uma posição a outra com a *queda* do sujeito suposto saber. A passagem comporta uma posição depressiva na qual o analista é situado do lado de um *des-ser*, passando à condição de um *resto* pelo analisante que coloca-se a si mesmo numa situação de *destituição subjetiva*. Uma vez nesta situação, e sabendo do destino do analista numa análise, aquele que ainda assim quiser ser analista dá o testemunho do desejo de retomar essa experiência com outro sujeito. Safouan sublinha que, de fato, não há porque pensar que, ao final da análise, todo sentimento pela pessoa do analista seria extinto, o que seria exigir ao analista um abandono da condição humana. O fim da análise, diz, "concerne à relação do analisante não com a pessoa do analista, mas com a análise" (Safouan, op.cit., p.55).

Através desses esforços teóricos e do funcionamento do passe, Lacan buscava escapar dos efeitos imaginários que regiam as sociedades vinculadas à IPA, institucionalizando um "outro lugar" da análise, diferente do divã e da supervisão. As relações entre os membros da Escola deveriam ser alteradas com o novo dispositivo, deixando de ser uma relação entre candidatos e didatas (cujo estatuto não tinha outra definição senão a hierarquia pura e simples) para tornar-se uma relação

de testemunho em dois sentidos: da Escola ao analista, a primeira atestando as garantias de sua formação; e do analista à Escola, este testemunhando e instruindo-a sobre o que foi a sua análise (Safouan, op.cit., p.59). Mas isto no registro da teoria, ou, como prefere Lacan em relação ao mecanismo do passe, da "ficção" (Lacan, 1967, p.42). Como "todo passo à frente tem somente a metade do tamanho que parece ter a princípio"(51), no funcionamento, os resultados foram outros.

"Claro, é um completo fracasso esse passe!", diria Lacan (apud Roudinesco, op.cit., p.695) durante as jornadas de estudo sobre o passe, em janeiro de 1978. A melhor pista para a análise desse "fracasso" foi dada por Jacques-Alain Miller, em *Introduction aux Paradoxes de la Passe* (1977): Uma coisa é o momento de passagem do psicanalisante a psicanalista, ocorrido no percurso de uma análise (passe "simples"), outra é o procedimento institucional do passe em seu funcionamento (passe "duplo"), que, tradução institucionalizada de uma experiência concreta, corre o risco de anulá-la. Miller formula o problema a partir de duas indagações: o que é o momento do passe; e se o procedimento institucional está conforme a estrutura deste momento, buscando assim uma solução intrínseca à lógica da estrutura de um momento formulado teoricamente. É aqui que dele nos afastamos, uma vez que o campo circunscrito por esta lógica desconsidera dois fatores que, a nosso ver, foram determinantes para o "fracasso" do passe(52): a *realidade* do funcionamento

51. Expressão atribuída a Johann Nestroy, citada por Freud (Freud, 1937, p.261).

52. Não estamos considerando a questão fundamental da pertinência da formulação de um momento de passagem, caracterizando um final de análise, que faz a virada do psicanalisante a psicanalista. Afinal, não se encontra nada parecido em Freud, e a própria questão do fim de análise - para não falar da questão da formação psicanalítica, uma vez que Freud não tratou disso, e Lacan diz ter tratado apenas das "formações do

institucional produzido na Escola, e o lugar transferencial ocupado aí por Lacan, que não estava previsto pela estrutura.

Em termos do funcionamento institucional, não se pode esquecer que, além de tentativa de solução teórica para a questão da didática, o passe vinha atender também a uma demanda de titulação e de reconhecimento interno e externo à Escola. Assim, seria mesmo muito difícil convencer de que o título de A.E. não era "mais reconhecido" que o de A.M.E., e evitar que os *gradus* constituíssem uma nova hierarquia baseada no valor simbólico de seus portadores.

Até a dissolução da Escola em 1980, ou seja, em treze anos de funcionamento, de um total de quase duzentos passes, apenas dezessete seriam aprovados, designando novos A.Es. (Roudinesco, 1988, p.496). O júri de aprovação concluía negativamente em dois casos apenas (Safouan, op.cit., p.65-66):

- 1) quando o desejo de testemunhar não era detectado, transparecendo apenas as razões "pragmáticas" da candidatura; e
- 2) quando o testemunho do candidato revelava que este tinha se tornado analista através de uma identificação ao analista, que poderia estar estabelecida antes mesmo do início da análise, caracterizando assim um *acting-out* da ordem da resistência (que era o que, segundo esta leitura, ocorria na IPA). Ora, o primeiro caso aponta a dificuldade que o procedimento encontrou, enquanto constituinte da estrutura da Escola, em evitar os "efeitos de grupo" presentes nas outras sociedades psicanalíticas, para não falar de mecanismos de poder

-----  
 inconsciente" - como foi apreciada por Freud (1937) não aponta necessariamente neste sentido.

propriamente dito. Já o segundo caso revela que uma teoria não é suficiente para impedir que efeitos opostos sejam produzidos por uma prática exercida em seu nome. Afinal, se tantos passes evidenciaram a identificação ao analista (e tudo indica que a maioria dos passantes fez análise com Lacan), o que isso apontava senão o produto das análises feitas na Escola? Os dois casos estão, de qualquer forma, intimamente relacionados - a identificação ao analista promovendo a psicologia de grupo (identificação ao líder, etc.). Resta ao passe o mérito, ausente até então em outras instituições psicanalíticas, de revelar algum produto, mesmo adjetivado de fracasso.

A outra face do fracasso constatado no procedimento do passe refere-se ao júri de aprovação. A tarefa de elaborar a doutrina da didática a partir dos testemunhos colhidos não foi cumprida. Durante as jornadas de estudos sobre o passe, em 1978, Ginette Rimbault fala em nome do júri, sublinhando o "peso e a presença" de Lacan, que, tendo sido analista da maioria de seus membros, fala aí como mestre, sendo que cada um "tenta dizer em seu nome aquilo que pensa, mas finalmente se refere sempre mais ou menos aos textos anteriores de Lacan" (apud Roudinesco, op.cit., p.694).

Assim, apesar de dizer: "se ousei introduzir essa experiência, não foi para que eu mesmo intervenha nela" (Lacan, 1973, p.122), ao fundir sua posição de mestre pensante com seu lugar de diretor da Escola, legislador de um novo modelo de formação e analista de todos, Lacan não pôde evitar que sua presença no júri de aprovação impedisse seu funcionamento.

Roudinesco aponta que o procedimento do passe na EFP teve como efeito "remeter todos os protagonistas da grande cena lacaniana à relação imaginária que cada um mantém com um pai fundador" (op.cit.,p.497).

Moustapha Safouan, que participou como membro do júri, indica que o fracasso do passe não pode ser destacado do funcionamento da Escola em geral, interrogando sobre as razões do fracasso deste funcionamento. A principal razão apontada reside sobre o lugar imaginário que Lacan ocupava na transferência do grupo:

Lacan fez sua aparição sobre a cena da psicanálise num momento de crise e de necessidade (...) Assim é que começou "fatalmente" a transferência sobre Lacan: porque o que eu chamei de sua aparição na cena psicanalítica não era uma vã aparição. Ora, a transferência, sabe-se, carrega o melhor e o pior; e quando ela se consolida na escala de um grupo, sem falar de um vasto grupo, torna-se indissolúvel. Mesmo um ato de dissolução não poderia ser suficiente aí... (Safouan, 1985, p.61-62).

Esses depoimentos nos remetem ao ponto crucial para o qual vimos preparando terreno até aqui: as relações do psicanalista com a Escola (esta representando as instituições psicanalíticas de forma geral). A Escola cabe escapar aos *efeitos de grupo* enquanto lugar de comunhão entre psicanalistas; ao psicanalista cabe responder à indagação sobre o *desejo do analista*. Estes dois registros estão interligados no ponto de junção entre psicanálise em intensão e psicanálise em extensão, remetendo à transmissão da psicanálise, ao passe, enfim, a um certo tipo de questionamento da transferência.

Assim, algumas indagações referentes às relações do psicanalista com a Escola e às implicações transferenciais nestas relações se colocam.

Há um registro "intensivo" da transferência, circunscrito pelo início e pelo fim da análise, referente à relação do analisante com o sujeito suposto saber. Porém, a transferência não se limita a esse registro. Há também, como vimos, na relação do psicanalista com a Escola, uma transferência de trabalho, e o próprio engajamento na Escola é fundado nesta transferência. Mas a quem é dirigida a transferência de trabalho? E qual o seu destino?

A distinção feita entre trabalho de transferência e transferência de trabalho é conhecida. O trabalho de transferência refere-se à relação analítica, e tem um destino ao final de análise, mesmo que as interpretações sobre este destino variem entre si. A transferência de trabalho está referida ao ensino e à transmissão da psicanálise. Transfere-se ao trabalho, transfere-se à Escola fundada neste trabalho, transfere-se ao fundador da Escola e do ensino que aí faz trabalhar. Mas se, como diz Safouan, o final de análise diz respeito a uma resolução do sujeito para com a análise, o que fazer com a dimensão de transferência - e de sujeito suposto saber - encontrada na transferência de trabalho?

Desde Marx (na trilha aberta por Hegel), o trabalho deixou de ser apenas o que "dignifica o homem", sendo apontada a dimensão de alienação que pode trazer em si. Na psicanálise,



ninguém melhor do que Lacan soube explorar a teoria da alienação, o que não quer dizer que escapou ao reino alienante do imaginário cujas ilusões enganosas descreveu tão bem. A questão é saber como seria possível para as instituições psicanalíticas serem um lugar de trabalho não alienado ao desejo de um outro, seja ele analista didata, supervisor, representante de algum mestre já morto ou mesmo algum teórico candidato a porta-voz do Outro. Este parece ser o desafio imposto à transmissão da psicanálise.

Os destinos da transferência na transmissão da psicanálise vêm se impor, de fato, como verdadeiro desafio. Para escapar do imaginário religioso - fundamento de toda psicologia de grupo - que tende a dominar o funcionamento das associações (em geral, e das psicanalíticas em particular), seria indicado considerar também, na leitura da *Proposição*, seu último parágrafo:

A Escola Freudiana não deveria cair no *tough* sem humor de um psicanalista que encontrei em minha última viagem aos E.U.A.: "Eu não atacarei jamais as formas instituídas, disse-me ele, porque elas me asseguram sem problemas uma rotina que constitui o meu conforto" (Lacan, 1967, p.42).

É preciso suportar um pouco de desamparo (*Hilflosigkeit*).

### 5.3 O Último Freudiano

Na ocasião do lançamento de seu *Écrits*, em 1966, numa entrevista à imprensa, Lacan diz: "Eu gostaria de afirmar desde

o início que tudo o que escrevi foi inteiramente determinado pela obra de Freud. Esse é o primeiro título a que aspiro: sou aquele que leu Freud" (apud Roudinesco, 1988, p.444). *Lacan leitor de Freud*: título que dará origem a um mal-entendido indissolúvel.

Uma leitura consiste em explorar, através da colocação de perguntas que ali não se havia posto, a abertura de novas possibilidades de sentido no texto (cf. Harari, 1991). Foi o que Lacan fez com o texto de Freud, inspirado nas questões de seu tempo, ventiladas pela filosofia, pelo estruturalismo, pela lingüística, pela lógica, pela matemática. Assim, ainda que guardando a referência ao sentido original do texto, a leitura é sempre histórica. Neste sentido, o projeto de leitura não se confunde com o de uma interpretação "autêntica" do texto de origem, tampouco com o de uma revelação do sagrado da escritura, produzindo uma epifania.

No entanto, Roudinesco (1988, p.441) critica a concepção de leitura que Lacan emprega ao comentar seu próprio *Écrits*, interpretando, à maneira do futuro do pretérito, a história passada de seus textos "à luz de sua doutrina presente, impondo-lhes retroativamente uma concepção de história que os sobredetermina". De fato, este tipo de leitura sincrônica, apoiada na idéia de que uma obra deve ser lida à luz de seu devir posterior, acaba por fazer da doutrina uma totalidade única, cuja história passa a ser interna a ela própria.

No artigo dos *Écrits* intitulado *De nos antécédents*(53), onde Lacan apresenta uma história de seu percurso, encontramos: "Acontece que nossos alunos se enganam em nossos escritos pensando encontrar *já ali* (*dejà là*) aquilo a que nosso ensino nos conduziu depois. Mas não é o bastante que o que está ali não tenha barrado o caminho disso?" (Lacan, 1966, p.67). Roudinesco aponta que, através dessa frase ambígua, Lacan reivindica de fato o engodo do "já ali" (op.cit., p.441). O problema é que o engodo do "já ali" transferido para a obra de Freud, ou seja, considerar que o que Lacan lê em Freud estava "já ali" no texto vienense, arrisca eliminar a diferença entre os dois *corpus*, fazendo da "nova escritura" de Lacan a "interpretação autêntica" da original, a "revelação" de sua verdade, descaracterizando-a paradoxalmente enquanto leitura. Diz Roudinesco:

Essa concepção de história se adapta à maneira como Lacan trabalha, mas se revelará desastrosa para o movimento lacaniano, que, a partir dela, tenderá a esquecer os empréstimos tomados por Lacan a outrem, a ler Freud sem jamais desligá-lo de Lacan e, finalmente, a imputar a esse mesmo Freud uma leitura antecipada dos *Escritos*, por obra e graça de uma lanterna mágica (op.cit., p.442).

Considerar a leitura lacaniana de Freud como a única possível, cristalizando todos os sentidos do texto freudiano original, é incorrer em três erros: 1) crer que Lacan abordou (e de forma definitiva) todas as questões indicadas por Freud; 2) crer que todas as questões formuladas por Lacan já haviam sido formuladas por Freud; e 3) crer exauridas todas as possibilidades de produção de novos sentidos a partir do texto

53. "De Nossos Antecedentes".

freudiano. O resultado só pode ser o dogmatismo paralisante, uma vez que se anula toda a história progressiva da reformulação lacaniana, substituindo-a pela ilusão de que Freud já seria lacaniano, restando apenas aos "novos freudianos" repetir as palavras de Lacan.

Um exemplo anedótico é ilustrativo da aplicação do "já ali" à obra de Freud. Por sugestão da editora Seuil (que publicara os *Écrits*), iniciou-se na EFP o projeto de um *Dicionário Ponderado e Crítico da Psicanálise*, sob a direção de Charles Melman. A idéia era opor ao "ecletismo" do *Vocabulário da Psicanálise* (Laplanche e Pontalis, 1983) uma leitura lacaniana da obra de Freud. O projeto não chegou a concretizar-se, mas encontra-se em Roudinesco a definição que receberia a rubrica "outra cena":

"Lugar onde o significante exerce sua função na produção das significações que permanecem não-conquistadas pelo sujeito e das quais este demonstra estar separado por uma barra de resistência" (Roudinesco, op.cit., p.501).

Ao ler essa definição, Freud certamente revolver-se-ia em seu túmulo, frente à constatação inexorável de ter que correr à rua Claude Bernard<sup>(54)</sup> inscrever-se em um cartel sobre a "lógica do significante", para só assim ter acesso ao sentido da "outra cena". A conseqüência dogmática da leitura do "já ali" é a perda de sentido de qualquer formulação freudiana anterior, que impede que se "retorne" a Freud por uma via diferente daquela indicada por Lacan. Os efeitos do dogmatismo na Escola são apontados por Favret-Saada

54. Onde era sediada a EFP.

(1977,p.16): "... nesta Escola, pode-se dizer o que bem entender, que nada é escutado além da repetição do discurso do Mestre ou da sua confirmação em um campo novo porém limitado". É ao que Deleuze e Guattari se referem ao dizer que a história do movimento psicanalítico não está isenta de "lavagem dos inconscientes" (apud Roudinesco,op.cit.,p.625).

Na *Carta de Dissolução* (Lacan,1980) e nos textos que a ela se seguem<sup>55</sup>, Lacan menciona repetidamente um mal-entendido (e um engano) que, veremos, refere-se ao lugar por ele ocupado no imaginário da Escola e aos efeitos de grupo que aí tiveram vez. Na verdade, ao ler a *Carta de Dissolução*, fica-se em dúvida se o que mais incomodava Lacan era que o contestassem ou que o adorassem como mestre.

A idéia de que um mal-entendido atravessava a Escola já havia sido expressa por Serge Leclaire, em carta a Lacan de março de 1977, ou seja, três anos antes da dissolução:

Hoje, o senhor segura de mãos cheias as cordas e as tripas para compor nós com outros fins que não o *estrangulamento das vozes*. É perturbador percebê-lo tentando dar língua às tripas, corpo às palavras, ainda atrelado a produzir a psicanálise. Mas, em vez do percebido, é o *mal-entendido* que reina... vá em frente, um abraço (apud Roudinesco,p.658,grifos nossos).

O mal-entendido apontado por Leclaire refere-se, portanto, ao estrangulamento das vozes como efeito do ensino de

55. Não abordaremos a questão da legitimidade e da autoria desses textos, que, parece, foram redigidos por Miller, sendo corrigidos e assinados por Lacan (cf. Roudinesco,op.cit.,p.710). É sugestivo, porém, pensar que, se os textos da dissolução da Escola foram escritos por um *ghost-writer* ("escritor-fantasma"), eles expressam, de fato, a derradeira "escrita do fantasma" na EFP (cf. Lacan,1980,1980a,1980b,1980c,1980d,1980e).

Lacan. Em 1978, por ocasião de uma viagem ao Rio de Janeiro<sup>56</sup>, Leclaire, em entrevista à imprensa, sugere, em tom profético que, para ser coerente com seu gênio, Lacan deveria dissolver a Escola, acrescentando: "Mas isso não passa de fantasia minha" (idem).

Após a dissolução, Lacan comenta uma carta que Françoise Dolto havia lhe enviado na intenção de "dissipar o mal-entendido" (Lacan, 1980d, p.58). Dolto pedia, segundo o relato de Lacan, que ele não dissolvesse a Escola, já que a Escola era Lacan, e dissolvê-la seria anular a si mesmo. Lacan se apressa em dizer: "eu não disse jamais que a Escola Freudiana sou eu". E depois acrescenta:

A experiência psicanalítica dá um lugar eminente à função do engano, ao sustentar-se no sujeito suposto saber. Isto é o que explica o fato de não haver retorno, caso o engano vire fraude.

(...) Eu não me considero o sujeito do saber. A prova - é preciso recordá-lo - é que o sujeito suposto saber, fui eu que inventei isso, e precisamente para que o psicanalista, o que é o mais comum, pare de se crer, quero dizer, idêntico a ele (Lacan, 1980d, p.59).

Lacan pode não se identificar ao sujeito do saber, mas o fato (demonstrado pela necessidade de repetir que não o é) é que não pôde evitar que o mal-entendido configurasse a fraude na Escola, terminando por ocupar este lugar. É o que encontramos claramente em *O Mal-Entendido*. Ao anunciar sua viagem a Caracas, no continente "lacano-americano", onde a transmissão de seu ensino se deu através do escrito, e não

56. Trata-se da segunda vez que o Rio de Janeiro "participa" da história da psicanálise francesa nesta dissertação, recordando a discussão sobre as cisões no 18º Congresso Internacional de Psicanálise (cf. 4.4).

através de seminários expositivos, Lacan diz: "Interessa-me ver o que acontece quando minha pessoa não opacifica o que ensino. É bem possível que meu matema ganhe por lá" (Lacan, 1980e, p.60). Assim, o destino de Lacan frente a seus alunos e analisantes, bem como o da EFP, não diferiu muito do que se encontrava na IPA (pelo menos, até a dissolução, cujos efeitos ainda se fazem ver): efeito de grupo a nível da Escola, e transferência maciça inanalizável à "pessoa" do analista e mestre Lacan.

Uma vez em Caracas, Lacan dirige-se à platéia anunciando: "Venho aqui lançar minha causa freudiana. Vocês vêem que me ateno a esse adjetivo. Cabe a vocês serem lacanianos, se quiserem. Quanto a mim sou freudiano" (apud Roudinesco, op.cit., p.720). Este chiste vem apontar o efeito do mal-entendido: no novo arranjo transferencial produzido a partir do retorno a Freud, o destino de Lacan foi o de ser o último freudiano em sua Escola.

O retorno a Freud caracterizou-se, como vimos, como retorno a uma dimensão mítica de fundação, no qual Lacan reivindicou o *status* de mestre fundador que era exclusivo, até então, de Freud. É o que expressa Jacques-Alain Miller no artigo *A Transferência de Freud a Lacan*, referindo-se ao que nos obriga "a dar conta da transferência que hoje nos leva a por Lacan no lugar que antes fora de Freud: o de quem sabe do que se trata na experiência da psicanálise" (Miller, 1988, p.55). Entretanto, o lugar que antes fora de Freud - "(...) ninguém pode saber melhor do que eu o que é a psicanálise (...)" (Freud, 1914, p.16) - havia se tornado o lugar proibido do pai

assassinado. No caso de Lacan, esse lugar é o de leitor de Freud. O mal-entendido em torno de Lacan vinha impedir que se fizessem novos "leitores de Freud" sem ser através da leitura de Lacan.

Concluindo: toda análise se inicia por um efeito do mal-entendido chamado transferência. Moeda de duas faces, doença produzida, a transferência é o *modus operandi* da análise, o mal-entendido a seu serviço. Mas é preciso que, ao final, o mal-entendido se transforme. Senão, trata-se de hipnose e sugestão. Mas o que fazer com a dimensão da transferência dirigida à psicanálise enquanto instituição, isto é, aos mestres, teorias, procedimentos, etc. (ou ao registro definido como o encontro entre psicanálise em intensão e psicanálise em extensão)? Poderão os "lacano-americanos" explorar esse mal-entendido? No próximo capítulo, analisamos alguns "novos" efeitos da transferência nesse registro.

Mas a história não termina aí. No mesmo ato da dissolução da Escola, em 5 de janeiro de 1980, Lacan convocava seus discípulos para a criação de um novo grupo, que veio a chamar-se *Causa Freudiana*. A dissolução da Escola provocou uma reação feroz de oposição em parte dos membros, iniciando um embate político em torno da Assembléia Geral que iria referendar ou não a dissolução. No auge das manobras políticas, como uma maneira de reforçar a posição da dissolução - que vinha sendo representada por Miller - Lacan escreve uma carta ao jornal *Le Monde* onde Miller é batizado como o "ao-menos-um" que o lê (Lacan, 1980b, p.49). Miller recebe assim uma herança do



sogro que o autentifica como *leitor de Lacan*. Mas qual o limite dessa hereditariedade?

Novamente a questão da leitura é colocada em jogo, sendo agora a leitura de Lacan. E novamente assistimos a uma tentativa de legado transferencial no movimento psicanalítico, como se Lacan dissesse, aos 79 anos de idade, um ano antes de morrer: "a partir de agora transfiram a Miller, o ao-menos-um que me lê..."

Miller tornou-se legalmente o *Executor Testamentário da Obra Oral e Escrita de Lacan*. O processo e os efeitos discutíveis dessa herança para o movimento psicanalítico são analisados detalhadamente por Claude Dorgeuille (1986) em *A Segunda Morte de Jacques Lacan*, mas isso já seria outra história. A nós, resta sempre a indagação: Quem nos dirá das coisas que sentiria Lacan ao olhar; hoje, os herdeiros de sua palavra?

## 6. "NOVOS" PROBLEMAS EM FORMAÇÃO

Ao final da década de 60, surgia na França uma onda de textos abordando criticamente a formação e as instituições psicanalíticas. Micheline Enriquez (1979) atribui essa produção, em parte, à oposição ao *passee* proposto por Lacan em 1967, e, por outro lado, ao turbilhão dos eventos de maio de 68, que agitaram toda a sociedade francesa, não apenas levando os psicanalistas às ruas, mas promovendo também um questionamento geral em torno dos efeitos nocivos provocados pela estrutura das sociedades de psicanálise. Abordamos neste capítulo algumas formulações acerca das implicações entre transferência e instituição, referidas principalmente à formação psicanalítica. Essa discussão articula-se, portanto, com as idéias trabalhadas anteriormente (cf. 4.3, *Problemas em Formação*), sugerindo que os "antigos" problemas dos anos 50 continuavam (e continuam) atuais.

Recapitulando, vimos que, em meados do século, percebia-se que a relação transferencial nas análises didáticas apresentava diferenças em comparação com as análises terapêuticas. Atribuía-se essas diferenças a dois motivos principais: a perda do incógnito do analista, isto é, a convivência do analista e seu analisando em outros "lugares" além das sessões analíticas; e o papel de juiz que o analista detinha quanto ao futuro profissional do candidato. O maior problema apontado nas análises didáticas era a dificuldade em analisar e vivenciar a parcela de agressividade componente da

transferência, impedindo uma resolução satisfatória da análise, sendo o narcisismo do analista considerado o principal responsável por esse efeito, e a análise do analista, o melhor remédio para evitá-lo. No entanto, à exceção de Balint, o alcance da compreensão dos problemas da formação eram limitados, considerando-os exteriores à "boa" psicanálise e ao desenvolvimento "normal" da transferência, e não uma produção do próprio sistema institucional em vigor.

Já a análise dos "novos" problemas da formação pôde aprofundar as implicações institucionais da análise didática, uma vez que levava em conta toda a discussão anterior, além da experiência institucional inédita inaugurada por Lacan. Porém, tendo em vista os efeitos de psicologia de grupo observados na EFP, a discussão voltou a centrar-se na questão da transferência, mas, agora, de forma ampliada. Manteve-se assim a idéia de que, nas análises didáticas, a transferência apresenta particularidades, apontando dificuldades e riscos se comparada às análises terapêuticas, exigindo atenção específica sobre certos aspectos e o questionamento dos mecanismos institucionais de modo a favorecer sua análise. Iniciamos, entretanto, por uma exceção.

Conrad Stein (1968) aponta um setor reservado da transferência, relacionado a um não-reconhecimento da transferência enquanto tal - o que faz com que esta permaneça inanalizada -, produto da existência de um fim prático que o analisando se propõe a realizar através da análise, o "projeto psicanalítico", compartilhado como ideal com o analista. A

idéia básica é que a preocupação em obter do tratamento um resultado prático, na forma de projeto psicanalítico, obstrui a análise dos fins que o analisando persegue inconscientemente (referidos à megalomania infantil), obstruindo a análise da transferência.

A amplitude da conceituação do setor reservado da transferência está no fato de que Stein aponta para sua possibilidade tanto em análises didáticas quanto em análises terapêuticas, afastando-se assim da corrente geral de pensamento crítico da época (e também dos anos 50), que incidia sobre as questões específicas da didática. O projeto psicanalítico, referido aos ideais partilhados pelos parceiros da experiência analítica, visa, de maneira geral, uma realização cujo valor social é incontestável em um certo meio, podendo tratar-se tanto do vir a ser psicanalista quanto do curar-se. Lemos em Stein:

No tratamento daquele que se destina à profissão de psicanalista, o setor reservado da transferência se constitui, em resumo, em consequência da certeza de que seu psicanalista não poderia deixar de partilhar com ele um certo ideal analítico, e de subscrever, conseqüentemente, o projeto psicanalítico. Tendo recentemente me perguntado se tal fato era específico da análise didática, pareceu-me que ele achava seu equivalente na análise de quem espera do tratamento a cura, e que está convencido de que seu psicanalista não poderia deixar de partilhar com ele um certo ideal terapêutico (op.cit.,p.86).

Porém, no que é específico das análises didáticas, além da referência aos ideais, Stein aponta, numa perspectiva idêntica à de Nacht e Nielsen (cf. 4.3), um entrave para o

estabelecimento e a análise da transferência, referido à pertença *real* do analista a uma sociedade ou escola da qual se espera a habilitação, bem como ao poder *real* do analista no que concerne a essa habilitação(57). Assim, se na transferência a imagem do analista deve valer enquanto substituto de uma outra representação, haveria uma exceção à regra: quando se pensa no psicanalista como membro do corpo constituído do qual se quer obter uma habilitação. "Pensar nele enquanto tal", diz Stein, "não faz pensar em outra coisa" (op.cit.,p.79).

Por não defender uma diferença radical entre a didática e a terapêutica, e talvez por pertencer à sociedade psicanalítica mais tradicional da França (SPP), Stein mostra-se cético quanto à possibilidade de melhorias nos aparelhos institucionais psicanalíticos. Assim, a solução indicada para evitar a constituição de setores reservados da transferência é a análise do analista, que deve estar apto a prosseguir sempre em sua auto-análise. Apesar da diferença em relação ao pensamento de seus contemporâneos, ao explorar a questão dos ideais partilhados por aqueles que são atravessados pela instituição - seja didática, seja terapêutica - Stein influenciou a elaboração que se seguiu.

Neste mesmo ano, Piera Aulagnier (1968) denunciava os efeitos de "alienação transferencial" produzidos por certas formas de ensino da psicanálise, que faziam a identificação do

-----

57. Mesmo que os mecanismos institucionais que exigiam a palavra do analista para a habilitação final do candidato tenham sido abolidos *de direito*, como no caso da EFP, *de fato*, isso não impede que a influência de tal ou qual analista possa ainda pesar na decisão.

candidato a analista ao aluno "fiel" e "obediente", em sentido contrário ao próprio objetivo da psicanálise, definido como "conduzir o sujeito tão longe quanto possa num percurso desalienante" (op.cit.,p.53). No ano seguinte, após o rompimento com Lacan e a EFP(58) - resultante da instituição do *passee* naquela escola - Aulagnier (1969) volta seus cartuchos para a questão da análise didática e das sociedades de psicanálise: se na análise o analista ocupa o lugar de sujeito suposto saber, na didática se estabelece, além disso, um campo de projeção imaginária dirigido à sociedade psicanalítica, de modo que a instância assim criada venha garantir (ou enfraquecer) o saber do analista - o "Outro" escolhido. Diz Aulagnier:

Ao "sujeito suposto saber" acrescenta-se uma "sociedade suposta saber" que, segundo os movimentos transferenciais em jogo, reforçará o laço transferencial com relação ao analista, ou o deslocará para outro registro; nos dois casos, será muito mais difícil desmascará-lo (op.cit.,p.28).

A sociedade passa a representar assim tanto o lugar onde se enuncia a "boa" interpretação de Freud, quanto o local onde se editam as regras "justas" da formação. O segundo caso, entretanto, remete a um poder que escapa à pura dimensão imaginária, uma vez que a sociedade vai decidir na realidade a habilitação do candidato, e o representante maior desse poder é o próprio analista. Na esteira do "setor reservado da transferência" de Stein, Aulagnier aponta que o efeito produzido por essa inter-relação real-imaginário (no registro

58. Que resultou na fundação, junto de François Perrier e Jean-Paul Valabrega, do "Quatrieme Groupe - Organisation Psychanalytique de Langue Française", caracterizando a terceira cisão e o quarto grupo da psicanálise francesa.

da transferência) é a produção de um ponto cego referente à relação poder-saber na instituição, que vai impedir o reconhecimento e a elucidação da transferência, tanto mais quanto o analista estiver incapacitado de analisá-lo. O não-analisado perpetua assim a problemática transferencial referente à relação analista-sociedade, favorecendo a tendência própria ao candidato em produzir um "curto-circuito" na "dor de transferência", tornando-se ele também analista, através de uma "passagem ao ato" (op.cit.,p.29). Esse movimento é responsável pela passagem da transferência necessária em qualquer tratamento a uma "paixão alienante" (voltaremos à questão).

O não-reconhecimento da transferência implica três destinos - insatisfatórios - para a agressividade na análise: ou ela será, na maior parte, desviada para o extra-analítico, sendo *atuada* na forma de dogmatismo e rivalidade intra e extra-sociedades; ou, se esse desvio tornar-se impraticável, ela irromperá violentamente na relação analítica, causando uma ruptura dramática, uma vez que a fala não teria aí mais lugar; ou tornará a didática interminável, criando um falso questionamento de si mesma, uma vez que qualquer resolução mais efetiva da análise estaria impedida (op.cit.,p.34).

Em *Du Transfert Nécessaire à la Passion Aliénante*, Aulagnier (1979) propõe a noção de transferência passional como um estado inflacionado e deformado do amor de transferência, mais suscetível de aparecer nas didáticas. Duas características principais da transferência passional são indicadas:

1) Diferentemente do amor de transferência, na paixão de transferência o estado de prazer passa a predominar sobre o estado de sofrimento, que aparece apenas em breves momentos. Porém, contrariamente ao que se constata em outros estados passionais, o prazer aqui é intenso, pois referido a um estado de atividade psíquica próximo do a-conflitual. O problema é que essa atenuação maximizada dos conflitos é obtida pelo equivalente à morte do pensamento próprio, a uma alienação.

2) Os traços que são idealizados no objeto da paixão (o analista), vão permitir ao sujeito recuperar em seu proveito parte da idealização a que pensou ter direito, uma vez que compartilhou dos mesmos ideais que imputa ao analista. O prazer resultante dessa vivência passional é apoiado inteiramente em satisfações narcísicas, o que provoca uma "falsa sublimação", onde o prazer sexual passa a ser secundário. O que é idealizado assim é o poder que se atribui a um "saber magnificado", a ponto de transformá-lo em uma espécie de poder divinatório. Na transferência passional há uma passagem do analista suposto saber para o analista que sabe, sendo perpetuado esse lugar na imagem onisciente e onipresente do analista. Não há luto, não há sofrimento.

O sujeito permanece assim num estado de idealização



de um saber, que vem acompanhado de uma certeza de "benfeitorias" futuras - também idealizadas - às quais terá direito apenas pelo fato de manter esse investimento passional ao analista e seu saber. Trata-se aqui de uma fantasmática de recompensas que virão naturalmente em resposta a um bom comportamento (cf. Balint, 4.4), sendo que a recompensa maior e sem igual é aquela que lhe trará o "ser analista", cuja condição única de realização é apropriar-se por osmose desse mesmo poder e saber idealizados e magnificados na figura do analista.

Aulagnier aponta também os riscos da preservação da transferência passional nos analistas após o término de suas análises didáticas. A instituição tem aqui uma função e uma implicação particulares, uma vez que o "término" dessas análises significa simplesmente que analisando e analista deixam de encontrar-se nas sessões para encontrar-se em outros lugares - nos controles, nos comitês, nos grupos, seminários - ou seja, nos lugares institucionais, que passam a ser então prolongamentos do que foi o espaço analítico, preservando a mesma relação que o sujeito mantinha com o suporte de sua transferência. A paixão transferencial é simplesmente deslocada, manifestando-se pela idealização do pensamento, da teoria e do poder do analista. Numa crítica aberta a Lacan e aos efeitos do funcionamento da EFP, Aulagnier considera que formulações como "transferência de trabalho", "defesa da causa analítica" e "investimento da teoria", mais do que conceituações necessárias referentes à experiência didática, refletem a exigência aí encontrada do não-fim, da não

modificação da relação transferencial tal como vivida no decorrer da análise, deslocando-a para um outro registro, o da instituição.

Partindo também de uma crítica à experiência de Lacan na *École*, Jean-Paul Valabrega (1969) enfoca o problema dos efeitos transferenciais e contratransferenciais produzidos na didática quando o analista detém, em "outro lugar" (fora da sessão), uma função docente. Os efeitos de transferência criados pela polaridade formação/ensino aproximam-se do que é classicamente denominado "transferência lateral" (cf. Lagache, 1990, p.113). Valabrega aponta que transferências laterais surgem freqüentemente em análises terapêuticas, tendo deixado de ser consideradas sistematicamente como resistência, podendo inclusive vir a contribuir na cura, permitindo situar a análise como processo ternário, em oposição à relação dual. Porém, nas análises didáticas, o contexto é invertido, e a transferência lateral centrada no próprio analista - enquanto mestre - restabelece uma situação de dualidade, instituindo um "setor reservado da transferência" (em referência a Stein), ao qual corresponde um "setor reservado da contratransferência". Este representa seja o narcisismo do analista, seja sua teoria. Valabrega sublinha: "aqui a transferência lateral concerne ao próprio analista. É a transferência lateral sobre o mesmo" (1969, p.68).

Para combater os efeitos anti-analíticos provocados pelo impasse entre formação e ensino, Valabrega propõe novos mecanismos institucionais: a "análise quarta" e a "sessão

interanalítica". A análise quarta vem substituir a supervisão clássica, resgatando uma dimensão radicalmente psicanalítica para este espaço, que inclui o exame e o apontamento das diferentes posições identificatórias e manifestações transferenciais e contratransferenciais que se mobilizam no entrecruzamento entre o candidato, seu paciente, o analista do candidato e o supervisor. A sessão interanalítica é um espaço de encontro e discussão entre analistas "quartos" e candidatos, seguindo os princípios de uma "discussão interanalítica contraditória"<sup>(59)</sup> (cf. Valabrega, op.cit.).

A transferência lateral sobre o mesmo, permanecendo inanalizada, tem efeitos tanto sobre a prática clínica do candidato como sobre sua elaboração teórica. Acentua-se assim a tendência (sempre presente em maior ou menor grau) do candidato a imitar e estereotipar traços da prática e da técnica que seu analista utiliza, além do risco de tomar a teoria como dogma.

Referindo-se a *Um Destino Tão Funesto*, de François Roustang (1976), Roudinesco escreve: "em algumas circunstâncias, um livro pode revelar-se portador das angústias e das loucuras de um meio" (1989, p.688). Esse livro, que contribuiu para exacerbar os conflitos que culminaram na dissolução da EFP, tem como objetivo central demonstrar e denunciar como a perpetuação da transferência na forma da fé religiosa e da identificação imaginária ao mestre-analista, produzida no decorrer de toda a história da psicanálise na

-----

59. Mesmo não aprofundando aqui a análise desses dispositivos, julgamos pertinente sua apresentação, de modo a ilustrar a abertura para novas possibilidades de experiência e pesquisa.

relação mestre-discípulo, vem transformar a teoria em dogma.

Examinando os laços existentes entre a fé religiosa e a transferência, Roustang aponta que a fé - na forma de transferência -, necessária no início do tratamento analítico, é suscitada para que o analisando se agarre nela de início, a fim de se desprender de toda fé. A fé religiosa, ao contrário, é reforçada na medida em que se acha posta em xeque. Ela não é analisada, mas vivida. Assim, enquanto a fé religiosa se sustenta na manutenção do objeto do desejo, o destino da transferência na análise permite o deslocamento dos investimentos objetais, através da queda do suposto saber e de todo suposto, criando a possibilidade de falar, de fantasmear e de desejar segundo si mesmo. Baseado nessa oposição, o autor analisa a estrutura das sociedades psicanalíticas com Freud e Lacan.

Assim, uma "estranha relação" entre a análise que Freud faz da Igreja e do Exército e o projeto de constituição da IPA é indicada: "Fidelidade ao fundador, obrigação para com um só chefe, unidade de doutrina, rejeição dos dissidentes, etc...)" (Roustang, 1976, p.34). Trata-se da identificação ao chefe tomado como objeto de amor, guardando para cada um o lugar do ideal do ego. Há, portanto, para Roustang, uma óbvia contradição entre o objetivo da análise e a constituição de uma sociedade psicanalítica nesses moldes, que se torna mais violenta pelo fato de que, para se constituir, essa sociedade utiliza a transferência, cujo *locus* é a cura analítica. Roustang aponta que a relação fantasmada entre analista e

analisando não deveria jamais entrar na realidade, e o que acontece no interior das sociedades é um "escorregar subreptício da transferência analítica para as relações sociais reais..." (op.cit.,p.29).

Neste sentido, o modelo ideal de discípulo é Karl Abraham, que, por ocasião dos debates em torno do escândalo provocado pelas obras de Ferenczi e Rank, escreve a Freud:

prometo-lhe *de antemão*, caro professor, que de minha parte tudo se passará de forma isenta de qualquer polêmica, puramente objetiva, na única finalidade de servir aos seus interesses e aos da nossa causa que é idêntica à sua pessoa" (apud Roustang,op.cit, p.32,grifo nosso).

Roustang sublinha que o desejo de servir do discípulo (Abraham, no caso) vem acompanhado de uma promessa *de antemão*, que interdita todo julgamento ulterior e toda possibilidade de transformação. Aí reside outra contradição apontada na transmissão da psicanálise. A dissolução da transferência supõe a absorção de todo *de antemão* pelo *a posteriori* - acredita-se *de antemão* para não mais acreditar *a posteriori*. Se o meio transmissor da psicanálise reforça a transferência e a perpetuação na crença *de antemão*, a transmissão da psicanálise passa a ser a maior ameaça à própria análise.

Quanto ao campo lacaniano, Roustang - que participou da EFP desde sua fundação até sua dissolução - denuncia que o fenômeno de só se falar com referência e sob a proteção do discurso de Lacan é negar-se como psicanalista e como desejante. A citação lacaniana usada obrigatoriamente como

forma de decidir um debate ou supostamente aclará-lo revela uma identificação imaginária a Lacan. Aquele que o cita "é a sua boca, não podendo ser o seu cérebro" (op.cit.,p.42). Roustang conclui:

Se os lacanianos podem ler Freud como um texto a analisar e não como um texto dizendo a verdade, é que Lacan fez este trabalho para eles. Quando eles tomam distâncias com relação a Freud ou mesmo, se quisermos, quando resolvem suas transferências com relação a ele, estão protegidos neste exercício por uma transferência não analisada para com Lacan, que representa para eles o papel de garantia e de intérprete verídico. *De antemão* e para o futuro, faz-se confiança a Lacan. A relação com Freud pode ter passado ao *em seguida*, mas nada mudou já que uma nova transferência vem tomar o mesmo lugar cego com relação a Lacan (op.cit.,p.40).

Quinze anos após Roustang ter apontado esse "destino funesto da psicanálise", convém perguntar: esse é o destino inexorável da psicanálise? De outra forma, acompanhando Aulagnier (1969,p.20), a alienação que a constituição de toda sociedade psicanalítica parece produzir é inevitável, ou podemos dela nos proteger?

Acreditar na alienação como destino inevitável parece, de fato, ser apenas a contrapartida de uma versão idealizada da possibilidade de liquidação total e definitiva da transferência, na qual o poder da psicanálise não encontra limites(60). Se o engajamento didático com a psicanálise implica sempre em formações transferenciais nunca totalmente liquidadas, encontramos em Micheline Enriquez uma aliada para o

60. Ver a crítica de Cornelius Castoriadis (1987) a Roustang. Castoriadis considera que o livro de Roustang, ele próprio, é sintoma do que descreve, e aponta uma solução para a "resolução da transferência" pela vertente da sublimação (op.cit.,p.123). A questão é desenvolvida na conclusão.

projeto que vimos desenvolvendo até aqui:

Tornar as coisas visíveis é testemunho da criação de um espaço de jogo que é, em resumo, de bom tom. O caso se complica desde que se torna invisível e não criticável, o que pode então deixar supor que o analista aí tornou-se cúmplice (1979,p.277).

Não há dúvida de que alguma coisa mudou no campo psicanalítico. A palavra de ordem hoje é pluralidade e fragmentação (cf. Epílogo). Alguns vêem nisso a aproximação de Armagedon, outros a abertura de novas possibilidades. Tratamos dessas questões na conclusão deste trabalho, sendo que podemos adiantar estarmos incluídos no segundo grupo, acreditando, com Freud, que é possível influenciar *humanamente* o próprio destino. Antes, porém, arriscamos, em um ensaio *antropofágico*, a aplicação do que vimos até aqui na análise de um caso brasileiro.

## QUARTA PARTE

### EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

*(...) apesar de inteiramente selvagem - pois nunca morou antes em ninguém nem jamais lhe puseram rédeas nem sela - apesar de inteiramente selvagem tem por isso mesmo uma doçura primeira de quem não tem medo (...).*

Clarisse Lispector



## 7. UM ENSAIO ANTROPOFÁGICO: O CASO AMÍLCAR LOBO

Tratamos, neste capítulo, de *aplicar* as ferramentas de saber conquistadas ao longo da pesquisa na análise de um caso brasileiro. Se as vicissitudes da transferência na formação psicanalítica têm um caráter de universalidade, uma vez que as estruturas das sociedades de psicanálise tendem a reproduzir certos modelos - geralmente "importados" - o contexto histórico e cultural no qual a formação tem lugar não deixa de apontar particularidades. Neste sentido, mesmo que as ferramentas de saber obtidas a partir da pesquisa da história da institucionalização da psicanálise em outros países e em outros contextos culturais possam nos auxiliar, é preciso adaptá-las ao nosso problema e ao que ele apresenta de singular. O saber assim produzido (e certamente produzir-se-á algum) inscrever-se-á, "antropofagicamente"<sup>61</sup>, como mais um capítulo dessa história.

*Caso*, etimologicamente, diz o que *cai*. Importa, no entanto, saber *aonde* e *como* cai. O caso Amílcar Lobo ainda é de difícil elaboração (e digestão) para o campo psicanalítico. Até agora, a tendência geral é esquecer-lo. Porém, a psicanálise nos ensina, e Mezan (1989) o sublinha com o neologismo de *Esquecer?* Não: *In-quecer*, que a solução psíquica para a dor advinda das feridas narcísicas a que somos expostos não está na tentativa custosa e inglória do esquecer (*ex-cadere*, "cair para fora"), mas do *inquecer* ("cair para dentro") do sujeito em sua

61. No sentido figurado de assimilar e metabolizar o estrangeiro.

lembrança - única chance para sua elaboração.

### 7.1 A Hora do Carneiro

Em novembro de 1968, o estudante de medicina Amílcar Lobo inscreve-se como candidato à formação psicanalítica na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), iniciando, após ser aprovado no processo de seleção, sua primeira análise didática com Antônio Dutra Júnior. Em fins de 1969, pouco antes de sua formatura, é convocado para o serviço militar. Em janeiro de 1970 passa a servir no 12 Batalhão de Polícia do Exército, na rua Barão de Mesquita, onde funcionava o Pelotão de Investigações Criminais (PIC) do DOI-CODI(62) no Rio de Janeiro. Seu trabalho é "atender" os presos políticos "antes, durante e depois das sessões de tortura" (Coimbra, 1992, p.35). Hélio Pellegrino ressalta que sua função na equipe era *manter vivo o torturado* para que a tortura fosse possível. Neste sentido, apesar de não torturar diretamente, seus serviços médicos "serviam à tortura e, nesta medida, eram perversos e feriam o código de ética médica e humana" (Pellegrino, 1982, p.46). Amílcar Lobo frequenta também, sob o codinome de Dr. Carneiro, a "Casa da Morte", aparelho repressivo clandestino em Petrópolis, onde atende Inês Etienne Romeu, a única presa política que escapou dali com vida, e que o denunciou posteriormente.

Em 1970, o analista didata de Amílcar Lobo passa a

-----

62. DOI-CODI: Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (cf. *Brasil: Nunca Mais*, 1985, pp.73-74).

ser Leão Cabernite, então presidente da SPRJ. Em 1973, um artigo assinado por Marie Langer e Armando Bauleo na revista argentina *Cuestionamos* denuncia publicamente, pela primeira vez, as ligações de Lobo com a tortura.

A fonte da denúncia foi um exemplar do jornal *Voz Operária* enviado anonimamente à revista pela psicanalista Helena Besserman Vianna, com uma nota manuscrita na margem. Numa autêntica inversão dos procedimentos, a direção da SPRJ não só ignora administrativamente a denúncia, como, por iniciativa de seu presidente (e analista de Lobo), submete uma cópia do manuscrito do jornal a um exame grafológico para descobrir o denunciante (a "deduradora")<sup>(63)</sup>. Além disso, uma vez que a denúncia havia chegado ao Comitê Executivo da própria IPA, Cabernite, em perjúrio, responde por seu analisando, dizendo tratar-se de *calúnia*.

Mesmo assim, Lobo relata que tentou discutir (veremos adiante o sentido dessas tentativas) a denúncia com seus colegas e professores, encontrando apenas "um silêncio muito agudo ou um espírito em que predominava a galhofa e o enfado (...)" (1989,p.77). Sua análise foi interrompida por Cabernite, sob a alegação de que, como presidente da Sociedade, teria que tomar uma série de medidas burocráticas e proceder à averiguação do autor da denúncia (op.cit.,p.77). Assim, Lobo decidiu desligar-se da SPRJ até que a Sociedade terminasse as investigações e deliberasse sobre o seu caso. Em fins de 1974,

-----

63. Cf. Cerqueira (1982,p.233). Helena Vianna diria posteriormente: "Eu era acusada de denunciar um torturador" (apud Coimbra,op.cit.,p.31). As conseqüências dessa denúncia para a psicanalista são examinadas em Vianna (1986,1986a).

é liberado de suas funções no Exército.

Sem que nenhuma decisão tivesse sido tomada, Amílcar Lobo é reintegrado ao Instituto de Psicanálise da SPRJ em 1976. Porém, nenhum didata o admite como analisando, alegando, em conjunto, indisponibilidade de horários. Apenas Galina Schneider dispõe-se a atendê-lo, com a condição de que abrisse mão da posição de candidato a psicanalista (Lobo, 1989, p.81). Não aceitando essa condição, Lobo inicia uma análise com um membro efetivo não-didata, aguardando que este fosse promovido. No início de 1980, percebendo que a promoção de seu analista não ocorreria, interrompe também essa análise, e mais uma vez, é rejeitado por todos os didatas. Até então, conta Carlos Alberto Barreto, o caso Amílcar Lobo tinha o estatuto de "fábula" no interior da sociedade: "um leão protegia um carneiro, sem que qualquer de nós achasse estranho tal parelha. Mas fábula é fábula e todos estavam empenhados em evitar o confronto com a realidade" (1982, p.71).

Entretanto, nessa época, a SPRJ encontrava-se em *crise*. Em setembro de 1980, uma matéria publicada no *Jornal do Brasil - Os Barões da Psicanálise* (Mello, 1992) -, baseada em uma mesa redonda sobre "Psicanálise e Fascismo" realizada na PUC/RJ com a participação de Eduardo Mascarenhas, Hélio Pellegrino e Wilson Chebabi, psicanalistas desta Sociedade, torna a crise pública. O momento do país era de transição política, marcada pela passagem do regime militar ditatorial para uma democracia incipiente, e as vozes gradualmente faziam-se ouvir. Os três psicanalistas(84) vinham denunciar a

estrutura autoritária e arcaica da SPRJ, dominada por um "baronato" - os analistas didatas - que mantinham o poder nos moldes do mais autêntico feudalismo (*idem*). Durante os debates, Rômulo Noronha de Albuquerque, ex-presos político torturado, denuncia, da platéia, a participação de Amílcar Lobo na equipe de torturadores do DOI-CODI/RJ. Assim, o caso Amílcar Lobo voltava à tona - dessa vez ganhando espaço nos meios de comunicação de massa -, justamente quando se iniciava, no interior da SPRJ, um movimento contestatório contra o caráter "fascista" desta sociedade (*Pellegrino, op.cit., p.32*).

Coincidência?

A situação complicou-se ainda mais com a expulsão sumária, dias depois da publicação de "Os Barões da Psicanálise" no *Jornal do Brasil*, de Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas da SPRJ. Como reação à expulsão dos dois colegas, e também das várias medidas "draconianas" (*cf. Birman, 1982, p.146*) tomadas pela direção da Sociedade no desenrolar de todo o processo, criou-se o *Forum de Debates*, cuja história está amplamente documentada e discutida em *Crise na Psicanálise*<sup>(65)</sup> (*Cerqueira, 1982*).

Em carta de 2 de outubro de 1980, Hélio Pellegrino comunica a denúncia contra Lobo à direção da SPRJ. Nenhuma

---

64. A participação fundamental de Mascarenhas no processo de "abertura" da SPRJ não impediu que, uma vez deputado federal, ele defendesse o ex-presidente Fernando Collor durante o processo de *impeachment*, utilizando do instrumental psicanalítico para rotular Pedro Collor de "invejoso", seguindo a mesma estrutura argumentativa que mereceu sua condenação anteriormente. Em 1982, criticava, referindo-se aos "barões da psicanálise": "Tudo para eles será considerado voracidade, inveja, exibicionismo, delinquência" (*Mascarenhas, 1982, p.60*). Em 1992, em *A Ética da Serpente*, defende, apoiado em suspeitos "laços de família", um dos mais escandalosos "baronatos" que já detiveram poder mafioso no Brasil - ao lado do governo de fato - digno de causar "inveja" ao mais autêntico feudalismo (*Mascarenhas, 1992*). Ver também a crítica de Carlos Barreto e Pedro Pellegrino (1992).

atitude é tomada. No início de 1981, quando ressurgem na grande imprensa denúncias de ex-presos políticos, a direção da SPRJ envia uma circular aos membros, comunicando o desligamento definitivo de Amílcar Lobo do Instituto de Ensino e de Formação desde 10 de outubro de 1980, devido a razões "intrínsecas" ao processo de formação; a saber, interrupção da análise didática há mais de seis anos (Cerqueira, op.cit., p.216). Acompanhando as leituras críticas sobre o caso feitas na época (cf. Cerqueira, 1982), o que encontramos, e o que deixamos de encontrar?

Como vimos, havia já uma crise na SPRJ, referente a sua estrutura hierárquico-institucional. De fato, em 1980, havia nessa sociedade 22 membros efetivos, dos quais 20 eram didatas, 50 membros associados e mais de 100 candidatos ligados ao Instituto de Ensino de Psicanálise. De todo esse contingente, apenas os membros efetivos tinham direito a voto nas Assembléias Gerais, os membros associados tendo direito somente à voz (Cerqueira, op.cit., p.19). Além disso, o "baronato", impedindo a promoção de novos didatas, exercia uma verdadeira "reserva de mercado", garantindo os seus "quatro mil dólares por mês para o resto de suas vidas" (Mascarenhas, 1982, p.59). Porém, paralelamente à rigidez da estrutura oligárquica, havia também grande insatisfação quanto ao ensino teórico ali ministrado, e principalmente quanto à qualidade das análises didáticas, que eram duramente

65. Convém remeter o leitor a Chaim S. Katz (1984, Cap.IX), que relativiza o que se chamou de "crise na psicanálise", apontando aí um engano institucional: "nomeou-se a crise da Psicanálise o que era *uma* crise numa determinada instituição" (p.280). Se por um lado concordamos com o autor de que não há *uma* única psicanálise, por outro, é difícil rejeitar a idéia de que há uma "*polis*" psicanalítica na qual todos os psicanalistas estão implicados.

criticadas. Privilegiamos dois pontos em comum nas análises de *Crise da Psicanálise*:

1) A concepção de uma "reprodução"<sup>(66)</sup>, no nível das várias micro-instituições sociais, da ordem político-institucional vigente no nível macroscópico da sociedade brasileira, estando as sociedades psicanalíticas - e a SPRJ em particular - incluídas nesse processo reprodutivo (cf. Birman, 1982, p.147; Pellegrino, 1982, p.31). "Pelo dedo se conhece o gigante", diz Pellegrino, "as microinstituições reproduzem, em escala liliputiana, as vicissitudes estruturais e as mazelas das macroinstituições" (idem). Assim, uma sociedade ditatorial, autoritária, baseada na acumulação de poder e privilégios em mãos minoritárias, encontra na sociedade psicanalítica seu fac-símile em escala reduzida.

2) A concepção de que a análise didática, na estrutura da formação oferecida pela SPRJ, produzia efeitos anti-analíticos, pela manipulação da transferência para fins de manutenção de poder e aquisição de privilégios. Analisemos este ponto mais detalhadamente:

---

66. A concepção "reprodutiva" das formas de poder implica a separação das instâncias da formação social em níveis (micro e macro), o que conduz a uma simplificação ilustrada no privilégio dado à superestrutura. Na leitura feita pela análise institucional, a instituição define-se pela *transversalidade* (Lapassade, 1980), atravessando todos os níveis de uma determinada formação social. Assim, pode-se dizer que, naquele contexto, a *instituição ditadura* e suas variantes (autoritarismo, absolutismo) atravessava também a psicanálise e as sociedades psicanalíticas, produzindo efeitos, como veremos.

O analista didata detinha, na SPRJ, a palavra final para a habilitação do candidato ao título de psicanalista, sendo assim também juiz e representante autorizado da instituição. Birman (1982,p.160) aponta que, se a relação analítica for mediada pelo fantasma da retaliação do psicanalista/representante da instituição, a relação psicanalítica estará "falsificada". Pellegrino (1982) ressalta que esta situação coloca o analista no lugar de detentor absoluto da verdade, preservando, tanto no analista quanto no candidato, a ilusão da onipotência, fomentada pelo caráter imaginário e dual dessas análises. O desejo do candidato em tornar-se analista fica impedido de ser analisado, transformando-se especularmente no desejo recíproco de seu didata de fazê-lo (ou não) analista. Ora, a aposta maior de uma análise didática é justamente esse desejo. Se ele não pode ser analisado, o candidato acaba por abrir mão de qualquer tentativa de tornar-se sujeito de seu próprio desejo. Pellegrino acrescenta que o "baronato" é mantido por essa alienação transferencial produzida nas análises didáticas. Ele diz:

Os candidatos, para chegarem a analistas, precisam antes e acima de tudo obedecer, isto é: submeter-se aos barões. Após receberem o *brevet* de analistas, como membros associados, nem por isto conquistam direito de voto. Esta possibilidade só virá anos depois, tempo em que o associado terá que dar provas de estar bem analisado, isto é: conformado, alienado, intimidado, eunuco. Aí poderá pleitear o título de membro efetivo, com direito a voto (Pellegrino,1982,p.147).

Essa idéias já foram amplamente analisadas em outros



lugares (cf. 3.4; 4.3; 4.3.1; cap.6). A questão é como articulá-las ao caso Amílcar Lobo. Vejamos: sabia-se que a estrutura hierárquico-institucional da SPRJ "reproduzia" a estrutura macroinstitucional da ditadura brasileira. Sabia-se inclusive que houve conivência e acobertamento, por parte da direção da SPRJ, com relação a Amílcar Lobo. Sabia-se que a transferência era manipulada nas análises didáticas para fins de poder e pecúnia. Sabia-se que a "ideologia do apoliticismo" produzia um "psicanalismo alienante" através do qual as instituições psicanalíticas se colocavam, camufladamente, a serviço do sistema político-social vigente (Pellegrino, op.cit., p.41). Mas uma pergunta não encontra respostas nas análises da época: qual a relação (direta, particular e singular) entre os efeitos transferenciais produzidos nas análises didáticas da SPRJ com o surgimento de um membro de equipe de tortura em seus quadros? Em outras palavras, pretendemos demonstrar que o caso Amílcar Lobo é também uma produção do sistema de formação da SPRJ, ou seja, esta sociedade não apenas acobertou ou foi conivente com as práticas de Amílcar Lobo, como colaborou ativamente para a sua perpetuação.

Neste sentido, privilegiamos o relato do próprio Amílcar Lobo (1989) no livro *A Hora do Lobo, a Hora do Carneiro* - material ao qual os autores citados não tinham acesso na época. Convém notar, entretanto, que não pretendemos aqui uma análise de "todas" as relações institucionais da psicanálise com o poder pelo prisma das configurações imaginárias estabelecidas em suas associações, o que caracterizaria a redução de uma prática social (a prática psicanalítica) aos

seus arranjos fantasmáticos, como alerta Birman (1982,p.147). Também não se trata, considerando a provocação de Heliana Conde (1992,p.50), de limitar a análise do caso às questões transferenciais-contratransferenciais de consultório ou, "quando muito", transferenciais-contratransferenciais no estabelecimento SPRJ, escapando da análise de nossas "implicações", enquanto psicanalista. Mas seria possível analisar esse capítulo da institucionalização da psicanálise e seus efeitos sem considerar a transferência (cf. cap.2)? Não se trata de despolitizar a psicanálise pelo recurso fictício de uma suspensão de poderes realizada pela transferência, mas, ao contrário, de politizá-la, apontando onde e quando a transferência é utilizada, ela própria, como instrumento de poder.

## 7.2 A Hora do Lobo

Em setembro de 1986, por ocasião da reabertura do caso Rubens Paiva, Amílcar Lobo procura<sup>(67)</sup> a imprensa e conta ter atendido o ex-deputado no DOI-CODI, além de revelar outros fatos desses anos sombrios da história brasileira, voltando a ganhar espaço nos meios de comunicação de massa. Com a abertura democrática do país mais consolidada, o Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro inicia um processo ético contra Lobo, que tem seu direito de exercer a medicina cassado definitivamente, com ratificação do Conselho Federal, em 1989. Neste mesmo ano, Lobo publica na coleção "Memória dos Vencidos", da editora Vozes, uma autobiografia intitulada A

67. As razões dessa procura aparentemente *espontânea* são questionadas por Coimbra (op.cit.,p.38).

*Hora do Lobo, a Hora do Carneiro* (1989) - com a sua versão pessoal dos fatos.

O livro, que tem prefácio assinado pelo pastor Jonas Rezende, é um misto de confissão e catarse, terminando em auto-absolvição. Sem dispensar toques de autocomiseração, onde expressões como "coração em frangalhos", "dilacerado", "calvário", "peito constrangido", aparecem repetidamente, Lobo apela no final ao "obedecei ordens superiores" (op.cit.,p.99). A linha argumentativa que busca justificar os seus atos é simples, sem porém deixar de apontar um decisivo impasse: não podia negar a participação na equipe de tortura em função das ameaças sofridas, por ele e por sua família, por parte dos "perversos" e "sádicos" militares. Um autêntico e trágico impasse ético. Lobo teme a morte, optando pela escravidão. Mas quem não teme?

Através dessa estrutura argumentativa, explicitada por Jonas Rezende(68), na qual a culpa é partilhada com todo o tecido social, Lobo representa-se como bode expiatório da história. Mas, se por um lado, é verdade que uma grande parte da sociedade foi conivente com essas práticas, onde situar, nesse argumento, aqueles que não o foram, aqueles que fizeram

---

68. "Os posicionamentos de Amílcar Lobo continuarão, para muitos, injustificáveis, a despeito de seus motivos; ele ainda será visto como um *cúmplice dos torturados*. Mas não é impossível esquecer que bem poucos estão inocentes nos acontecimentos que o livro registra" (Rezende apud Lobo,op.cit.,p.12). Curiosamente, parece haver aqui um ato falho, caracterizado pela inversão do sentido das palavras do pastor. Querendo dizer que, a despeito de seus motivos, Lobo ainda será visto como um *cúmplice dos torturadores*, lemos *cúmplice dos torturados*. Ora, a intenção de Lobo no livro é exatamente passar por cúmplice dos torturados, a quem "atendia" e "tratava", o que para muitos é "injustificável". Será que o pastor, traíndo-se, incluiu-se entre eles?

oposição (mais ou menos explícita), e mesmo, em termos mais radicais, aqueles que resistiram, na condição de torturados, à própria tortura, optando na maior parte das vezes, pela morte(69)?

No entanto, no que se refere à SPRJ e a psicanálise como um todo, o relato de Lobo oferece um material ímpar para o aprofundamento da análise do caso. Percebe-se, a partir desta leitura, que através do funcionamento de seus mecanismos institucionais, principalmente pela manipulação da transferência na formação psicanalítica, colaborou-se *ativamente*, na SPRJ, para produzir uma situação na qual um de seus candidatos em formação participasse de uma equipe de tortura(70). Ressaltamos, para demonstrá-lo, quatro aspectos destacados na leitura do livro de Lobo:

1) A identidade entre as práticas do Exército e as encontradas naquela Sociedade Psicanalítica, não só na representação imaginária de Lobo, mas também de seus colegas de formação e até de alguns analistas didatas.

2) A busca de uma palavra ou de um pensamento diferente em relação ao que vivia no DOI-CODI, que lhe foram negados.

3) A identificação estabelecida por Lobo, na sua relação com a formação psicanalítica, com os torturados

69. A esse respeito, ver Naffah Neto (1985): *Poder, Vida e Morte na Situação de Tortura*.

70. A leitura de *Nazismo e Psicanálise: Outras Relações* (Katz, 1985) contribuirá para a compreensão deste ensaio.

que atendia.

4) A introjeção maciça de interpretações, regulamentos e ideais difundidos pelas instituições psicanalíticas.

Antes, porém, de passar à demonstração, convém ressaltar que não se trata aqui de justificar (ou qualquer coisa do gênero) os atos de Amílcar Lobo, mas de produzir junto ao analisador histórico, validá-lo - mesmo supondo que ele "fale" por si mesmo(71) -, evitando que ele "cale". Dito isso, vejamos:

1. Baseado no artigo 33 do Regulamento da Formação de Psicanalistas do Instituto de Psicanálise da SPRJ, Hélio Pellegrino mostra que o processo de formação de Amílcar Lobo só não foi interrompido em função de uma "plena e prática definição política" de seu didata, Leão Cabernite, "fundamentada no monstruoso conceito de que a tortura política é ato de guerra - e não crime contra a humanidade" (1982,p.45). O artigo prevê a interrupção da formação de um candidato nos casos de: a) surgimento de enfermidade grave que impeça o exercício da psicanálise; b) distúrbios de conduta que atentem contra os princípios do código de ética médica; e c) abandono do processo analítico - estando Lobo incluído em todos eles (idem). Detenhamo-nos no primeiro item.

Ao tentar enquadrar um membro de equipe de tortura na nosologia "psicanalítica", Pellegrino (o único analista a

71. Cf. Coimbra (op.cit.,p.20). Quanto ao conceito de analisador, ver Lapassade (1980).

"ousar" essa empreitada) considerou os seguintes diagnósticos: 1)Perversão sádica; 2)Caracteriopatía fascista grave, usado como justificativa ideológica para a prática de tortura; 3)Pusilanimidade radical e indiscriminada diante de ordens superiores; 4)Mistura dos três itens anteriores, que não são excludentes (op.cit.,p.46). Independentemente do que poderia ser considerado uma postura "pouco psicanalítica" de Pellegrino, ao formular diagnósticos baseados em "caráter", ou mesmo da "querela diagnóstica", interessa-nos insistir nesse material. A leitura do livro de Lobo reforça a hipótese de que o terceiro diagnóstico - pusilanimidade radical e indiscriminada diante de ordens superiores - é prevalente (o que não exclui os outros). Lobo não se apresenta como um defensor ideológico da prática de tortura, e refere-se aos "colegas" da equipe de tortura como pessoas "extremamente sádicas" (op.cit.,p.17 e p.69), entre as quais não se inclui, e cujo convívio o faz "sofrer", atribuindo sua participação nestas práticas exclusivamente ao medo(72), ou seja, por uma radical pusilanimidade diante de ordens superiores. Ora, mas esse não é justamente o principal sintoma anti-analítico que alguns sistemas de formação psicanalítica tendem a produzir? Existe maneira melhor de definir o sintoma apontado por Balint (cf. 4.3.1) em certos candidatos que, submetidos a uma "intropressão do superego", tornam-se "excessivamente" respeitosos a seus analistas, e mesmo os sintomas do candidato "conformado, alienado, intimidado e eunuco", ilustrados por Pellegrino como "provas" de uma boa análise, senão

72. É preciso dar alguma credibilidade ao depoimento de Lobo, para não cair na posição estéril de considerá-lo apenas um caso de patologia grave que nada tem a dizer sobre o sistema de formação psicanalítica e as práticas vigentes naquela sociedade.

"pusilanidade radical e indiscriminada diante de ordens superiores"? Se Amílcar Lobo sofria de "pusilanidade radical", a formação psicanalítica, ao invés de "curá-lo", conseguiu apenas reforçar seu sintoma.

Assim, ao contar a seu analista didata (Dr. Dutra, na época) as experiências do primeiro dia de "trabalho" no DOI-CODI, que o deixaram com "a cabeça pesada", "o estômago revoltado" e "desesperançoso" (sintomas que rapidamente desapareceram nesse cidadão), Lobo relata: "Foram-me apenas interpretados meus aspectos sadomasoquistas nas relações parentais" (1989,p.22). Não será isso "intropressão do superego"? De tortura em tortura, as diferenças não se faziam ver.

Em 1973, quando veio à tona a denúncia da revista *Questionamos*, Lobo diz haver tentado discutir seu caso nas aulas semanais que freqüentava com seus colegas de sociedade, mas

nenhum deles, nem mesmo o Dr. La Porta, teve a lucidez de tecer ao menos um comentário. Diante desta constatação, resolvi, no último dia de aula na Sociedade Psicanalítica, propalar e discutir abertamente e sem rodeios, com os colegas de turma e a própria professora, este tema tão chocante frente aos ensinamentos aprendidos neste curso. E assim ocorreu, mas em vão (op.cit.,p.53,grifos nossos).

Porque esse silêncio? A psicanálise ("ensinamentos aprendidos neste curso") não tinha nada a dizer sobre o caso, não se chocava com a tortura? Ou a psicanálise, tal como era ministrada naquela Sociedade, não podia dizê-lo? Mais adiante,

Lobo conta que, quando comentava com alguns colegas de grupo de estudo os acontecimentos vividos no DOI-CODI, a reação era de descaso, risos, galhofa ou enfado. Um deles repetia freqüentemente: "Lá vem mais uma história dos "macacons". Conta lá Amílcar. - E ria gostosamente" (op.cit.,p.76). Como entender essas reações? Eram todos sádicos perversos, ou estavam todos submetidos, também no interior da SPRJ, a histórias de "macacons", Leões, Lobos, etc., histórias já conhecidas, frente às quais a impotência só podia promover o descaso, o enfado, risos e a galhofa sem humor(73)?

Quando Helena Besserman Vianna foi apontada como autora da denúncia de *Cuestionamos*, a partir de um perfeito trabalho de investigação "em equipe" feita entre as direções das Sociedades Psicanalíticas (SPRJ e SBPRJ) e a polícia (representada por um técnico em grafologia do Instituto Carlos Éboli), o Coronel Cid Noli diz a Amílcar Lobo:

- Lobo, se esta Sociedade Psicanalítica está criando assim tantos problemas nesta área, *nós fechamos esta birrosca e já*. Se você quiser, vai arranjando outra especialidade logo. Nós vamos fechar esta Sociedade. Quanto a esta Dra. Helena, pode estar certo: a gente vai colocar uma bomba no consultório dela e vamos explodir tudo (op.cit.,p.70,grifo e negrito nosso).

Por um apelo dramático seu, conta Lobo, isso não aconteceu. Porém, no início dos anos 80, quando recomeçaram as denúncias das quais Hélio Pellegrino era o principal porta-voz, Leão Cabernite, em encontro ocasional com Lobo, faz uma sugestão que, por sua semelhança com o discurso do militar,

73. Afinal, diz Freud (1927a, p.191), "o humor não é resignado, mas rebelde".



dispensa comentários:

- Amílcar, você que tem um conhecimento com estes militares, por que não sugere a eles que ponham uma bomba no consultório do Hélio. Este cara já ultrapassou todos os limites e só tem este jeito... (op.cit.,p.88).

Recordando, Leão Cabernite havia sido analista didata de Lobo e presidente da Sociedade. Curiosamente, para aumentar ainda mais as semelhanças, o chefe do Serviço de Informações do 1º Batalhão de Polícia do Exército, onde Amílcar trabalhou, chamava-se capitão Leão. Era uma pessoa "muito estranha", que tinha o hábito obsessivo de lavar, a toda hora, as mãos com álcool (op.cit.,p.30).

Um último comentário de Amílcar Lobo pode ilustrar a identidade entre as práticas militares com as práticas de poder no interior daquela Sociedade Psicanalítica: "havia também, e ainda há, o temor de que tudo pudesse ganhar o domínio público", diz ele, "afinal, ainda hoje me pergunto se esse homens eram realmente (...) ou pertenciam a uma organização mafiosa" (op.cit.,p.72, lacuna nossa). De quem se trata? Dos generais do Exército ou dos "barões da psicanálise"? Seria possível a uma mente "pusilânime radical" encontrar diferenças entre esses registros?

2. A hipótese de que Lobo buscava, na Sociedade Psicanalítica, uma palavra ou pensamento que marcasse uma diferença em relação ao que vivia no DOI-CODI - o que lhe foi negado - encontra respaldo no relato das várias tentativas de "discutir" seu caso na Sociedade. Isto sem contar a maneira,

também frustrada, com que se refere às suas análises, que, ao que tudo indica, não foram mesmo além da interpretação dos "aspectos sadomasoquistas" nas relações parentais (ver também Lobo, op.cit., p.89). Vejamos:

Após a denúncia de *Cuestionamos*, em 1973, Lobo decidiu afastar-se da SPRJ para que a sociedade fizesse uma "averiguação completa" sobre sua atuação como "médico militar", e pronunciasse assim uma decisão sobre a continuidade de sua formação psicanalítica (op.cit.,p.77). Como não recebeu, durante dois anos, nenhuma comunicação além das evasivas de Cabernite (op.cit.,p.80), expôs, em uma conversa com a psicanalista Maria Manhães(74), o ponto de vista de que

os didatas estavam receosos de me excluir definitivamente ou de me incluir novamente no quadro de candidatos da SPRJ, por não terem descoberto nenhuma evidência mais elucidativa de minha atuação como médico militar frente às torturas de presos políticos (idem).

Que os didatas estavam receosos era óbvio, mas não por falta de evidências. Afinal, tanto Antônio Dutra quanto Leão Cabernite haviam sido seus analistas, e sabiam diretamente dos fatos. A evidência que parece faltar a Lobo é a de que a sua prática junto à tortura era condenável, como se buscasse uma prova, em um registro de lucidez e saúde psíquica, de que a prática da qual participava era, de fato, brutal e perversamente sádica. No seu mundo de DOI-CODI, torturar era uma prática institucionalizada, era "normal", e nenhuma voz levantou-se no interior da Sociedade Psicanalítica para dizer

-----

74. Foi chamado ao apartamento desta psicanalista para sacrificar seu "cachorrinho, muito estimado, que estava moribundo", aplicando-lhe um digitalico injetável (op.cit.,p.80).

uma palavra diferente da loucura perversa que vivia, para apontar a lei e a ética, condenando-o. Daí a indignação de Lobo quanto à denúncia de *Cuestionamos*, que o nomeava "torturador", e não "médico militar frente às torturas de presos políticos".

Assim, uma vez readmitido para a formação, o que por si só é questionável, nenhum didata, como vimos, dispõe-se a atendê-lo, todos alegando indisponibilidade de horários, prática silenciosa de "não-condenação segregadora" que, veremos adiante, foi comparada pelo próprio Amílcar Lobo com a tortura. Apenas Galina Schneider aceitou atendê-lo, com a condição de que abrisse mão de sua posição de candidato a psicanalista, o que, se "diz" mais do que a atitude de seus colegas, não "diz" o suficiente, uma vez que desloca uma questão institucional e de cidadania para o espaço "apolítico" do divã. Lobo só foi excluído da sociedade em 1980, após a carta de denúncia de Hélio Pellegrino.

Quando, em 1981, a partir das denúncias de Inês Etienne, o caso Amílcar Lobo voltou à cena nacional, Lobo telefonou para Hélio Pellegrino, "a fim de esclarecermos todos aqueles acontecimentos que me envolviam, mas ele pensava de forma diferente" (op.cit., p.84). Pellegrino respondeu:

- Amílcar, a situação que você tem a esclarecer é com a Sociedade e não a mim diretamente. Peço que você a procure e preste seus esclarecimentos ao diretor do instituto ou ao presidente (idem).

Lobo argumentou:

- Dr. Hélio, não pertencço mais aos quadros da Sociedade e as acusações partiram de um ex-presos político e o Sr. mesmo as encaminhou

à sociedade. Por isso, gostaria muito que conversássemos pessoalmente (op.cit.,p.85).

Pellegrino não cedeu. Por que a insistência de Amílcar Lobo para um contato pessoal? Afinal, Pellegrino havia apenas encaminhado uma carta de denúncia comunicando o ocorrido na PUC-RJ (Cf. Cerqueira,1982,p.213). O que Lobo esperava desse encontro? Uma "forma diferente de pensar" que não havia encontrado até então na Sociedade Psicanalítica? Mas estávamos em 1981; já era tarde. Concluindo, diz Lobo:

Até hoje me pergunto porque, em 1976, quando surgiu o primeiro impasse, não mereci uma posição honesta e sincera da Comissão de Ensino me excluindo, inclusive, da posição de candidato? Medo de uma possível represália das Forças Armadas, então dominantes? Uma espera, mais contundente, de provas incriminadoras? Até hoje, realmente, não consegui atingir as verdadeiras razões (op.cit.,p.83)

3. Desde 1976, ano de sua reintegração ao Instituto de Formação, até outubro de 1980, data de sua exclusão definitiva da SPRJ, Amílcar Lobo não foi aceito em análise por nenhum didata, sem que nada fosse dito explicitamente. Neste período, fez análise com Oswaldo Domingues de Moraes, um membro efetivo não-didata, esperando que esse analista fosse promovido. Em janeiro de 1980 abandonou a análise, uma vez que, pelos novos estatutos, Domingues de Moraes não poderia mais alcançar o título de didata: tinha mais de sessenta anos de idade! (op.cit.,p.83). A comunicação de sua exclusão da Sociedade é datada de 10 de outubro de 1980 (cf. Cerqueira,1982,p.214). Sobre esse período, Lobo depõe:

Mil vezes melhor uma sessão de interrogatórios num "pau-de-arara" ou uma

tentativa simulada de afogamento. Foi uma verdadeira tortura esperar este tempo todo uma resolução prometida para receber, depois de quatro anos, verdadeiros socos e pontapés na face (op.cit.,p.84).

Assim, Lobo não apenas identificava as práticas do Exército às práticas exercidas naquela Sociedade Psicanalítica, como também identificava-se, enquanto candidato em formação psicanalítica, aos presos políticos torturados pela instituição militar. Considerando tratar-se do depoimento de um *expert*, que questões podem ser assim colocadas quanto à formação? Uma questão inicial pode ser apontada: se o *modus operandi* da tortura física é a manipulação da força bruta, qual seria o *modus operandi* da violência na formação psicanalítica senão a manipulação da transferência para fins de poder e pecúnia?

4. A manipulação da transferência, tal como exercida na formação psicanalítica naquela Sociedade - cujo efeito mais imediato foi a introjeção maciça, por Amílcar Lobo, de interpretações, regulamentos e ideais ali difundidos - coloca-se como condição básica para o surgimento e manutenção dos aspectos analisados.

Vimos como Lobo teve de "engolir" interpretações referentes aos aspectos sadomasoquistas nas relações parentais quando o tema era sua participação nas práticas de tortura. A introjeção dessas interpretações resultou em uma das maiores caricaturas de psicanálise das quais já se teve notícia. Em entrevista à imprensa, Lobo responde sobre o porquê de sua impossibilidade em abandonar a equipe de tortura, referindo-se à primeira infância e às suas "duas mães":

Não, é uma coisa cultural. Houve uma situação, social, em que minha mãe mesmo, minha mãe biológica, teve que realmente se ausentar por um período e esse período - exatamente quando eu tinha seis meses - esse afastamento durou muito tempo, durante o qual eu fiquei com outra pessoa. Depois, houve o retorno e eu fui tirado dessa pessoa. Então, todas as situações em que possam ocorrer mudanças que implicariam numa suposta, pelo menos, situação de vida, uma mudança externa, realmente me afeta muito, me impede de executar essa mudança, entende? (*Jornal do Brasil*, 14/9/86)

O jornalista, que não tinha formação psicanalítica, não pôde entender, e a entrevista prossegue:

JB - Não.

Lobo - Isso realmente nem chegou a ser devidamente analisado. Isso seria o responsável por aquele meu comportamento.

JB - Dr. Lobo: o senhor tinha seis meses e hoje está com 47 anos. O Sr. acha que o trauma permanece e seria responsável por seu comportamento? O Sr. está falando como pessoa ou como analista?

Lobo - As duas coisas (*idem*).

Ora, a persistência de uma visão de mundo (*Weltanschauung*) desse tipo até 1986, ou seja, mais de seis anos após a última "análise" de Lobo na SPRJ, indica que as interpretações eram, de fato, recebidas de forma absoluta, onde o analista (e o saber psicanalítico) era colocado no lugar onipotente de detentor da verdade. Poderia ser diferente? Vimos que o poder naquela Sociedade Psicanalítica estava implicado na ordem político-institucional vigente. Considerando que no início dos anos 70 a ditadura militar veiculava uma *fórmula transferencial* absolutista e incondicional de forma a criar no

país a psicologia de grupo do "bom rebanho": *Brasil, ame-o ou deixe-o*, qual o paralelo encontrado naquela Sociedade Psicanalítica? Uma vez que, em um modelo de formação onde o didata detém um poder real quanto à habilitação do candidato, é praticamente impossível largar o analista<sup>75</sup> (ver Nacht, cf. 4.3) - isso significaria também abandonar o projeto de tornar-se analista - resta o amor incondicional, a transferência passional (ver Aulagnier, cf. cap.7) - ainda mais para quem, com fortes traços de pusilanimidade radical, teve duas mães e não suporta mudanças...

Os ideais psicanalíticos são, dessa forma, introjetados de forma total e incondicional, e o mito de que a "boa" análise é a didática conduzida até o seu fim, ou seja, até a habilitação como psicanalista, é mantido. Assim, se o caso de suas "duas mães" não chegou a ser "devidamente" analisado, ao referir-se a Helena Besserman, Barreto e Pellegrino (dentre seus principais denunciadores), Lobo revela, junto àqueles que foram "mais" analisados, uma demanda de "compreensão psicanalítica" total e equivocadamente *idealizada*; idealização que lhe serve, ao mesmo tempo, como justificativa para seus atos (afinal, não foi "bem" analisado) e como estratégia de vitimização. "No entanto", diz, "todos eram e são pessoas analisadas durante anos e que, indubitavelmente, teriam um acesso muito mais rápido e eficaz ao próprio inconsciente.

-----

75. Ainda mais naquela época, em que não havia outras sociedades de formação psicanalítica no Rio de Janeiro além das filiadas à IPA (SPRJ e SBPRJ) e do IMP. Esta situação de incondicionalidade perderia sua força no quadro atual da psicanálise no Rio, onde, até 1991, listavam-se 22 sociedades de formação psicanalítica (*Anuário Brasileiro de Psicanálise 1991*, op.cit.). Aprofundamos essa questão no epílogo.

Não poderiam transformar minha vida num verdadeiro suplício, numa câmara de torturas medieval (...)" (op.cit.,p.89). Há coerência, ainda que sinistra: se seus didatas (que podem ser tecnicamente definidos como pessoas analisadas, com acesso mais rápido e eficaz ao inconsciente) sempre foram "compreensíveis" com suas práticas, por quê agora outros analistas também "analisados durante anos" o acusam? O chato da estória é que só se fez introjetar "ideais psicanalíticos" que servissem para a manutenção do *status quo* (exercício do poder e divisão de mercado) vigente na Sociedade, tais como os regulamentos da formação, a representação do didata como detentor exclusivo do saber, e sua recíproca, a representação do candidato como aquele que não sabe, ao qual resta obedecer ordens superiores. Os outros ideais psicanalíticos - abertura para a fala, escuta do desejo, combate à hipocrisia cultural, diminuição do sofrimento humano - foram providencialmente recalçados, e mesmo proibidos.

No folclore popular brasileiro, carneiro é "maria-vai-com-as-outras" (Holanda,1975,p.286). Animal de rebanho, representante maior da psicologia de grupo, o carneiro é essencialmente obediente. Na sua forma feminina, temos, no sentido religioso, a ovelha do rebanho, mas também a "ovelha negra" - a desgarrada. Não se pode dizer que Lobo, em sua fase de Dr. Carneiro, tenha sido ovelha negra. Bom militar, foi o sexto colocado numa turma de 36 aspirantes-oficiais do Exército (Lobo,op.cit.,p.21). Bom aluno de psicanálise, era o primeiro entre dezoito no curso de Psicoterapia de Grupo ministrado pelo Dr. La Porta (op.cit.,p.52). No final das contas, não fez mais



do que "obedecer ordens superiores" (op.cit.,p.99), e isto, fazia bem. Não era esse o ideal propagado na formação psicanalítica? Triste herança que nossa psicanálise deixou, com a qual, entre o amor incondicional e o abandono, é preciso se haver (76).

---

76. Em julho de 1992, durante a redação dessa dissertação, Leão Cabernite e Ernesto La Porta tiveram cassada a sua licença de exercer a medicina pelo CREMERJ, por "omissão e conivência com a tortura durante a ditadura militar do país" (Jornal do Brasil, Caderno B, 17/7/92, p.2), e aguardam o julgamento final pelo Conselho Federal de Medicina. A SPRJ manifestou-se publicamente em defesa desses dois membros, repudiando, ao mesmo tempo, a prática da tortura (JB,25/9/92).

## QUINTA PARTE

### EPILOGO

*(...) O senhor replicará que a realidade não tem a menor obrigação de ser interessante. Eu lhe responderei que a realidade pode prescindir dessa obrigação, porém não as hipóteses.*

Jorge Luís Borges

## 8. UMA HIPÓTESE SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICANÁLISE

Pretendemos, antes de passar às considerações finais desta pesquisa, ressaltar um aspecto da história contemporânea da institucionalização da psicanálise na França e no Brasil, enfocando os efeitos e as possibilidades transferenciais por ele apontados. Trata-se do *pluralismo, diversidade* ou *heterogeneidade*, que hoje caracteriza a psicanálise nesses dois países.

Roudinesco (1988,p.500) aponta que, a partir de 1970, percebe-se uma "abertura generalizada para o pluralismo" na psicanálise francesa. A autora refere-se tanto à difusão de variadas correntes do pensamento psicanalítico quanto ao surgimento de novas associações e de grupos abertos aos participantes das várias sociedades. A divulgação da obra de Lacan, paralelamente à tradução das obras de autores do quilate de Winnicott e Ferenczi, favoreciam a ventilação de idéias teóricas diversas. No registro das organizações, a constituição de novos grupos (a partir da fundação da EFP) punha um limite à hegemonia da IPA, oferecendo uma opção heterogênia de aproximação da psicanálise, e mesmo de formação psicanalítica.

Como toda situação nova, esta também enfrentou seus contratemplos. Um exemplo é oferecido por Donnet (apud Roudinesco,op.cit.,p.638), ao relatar as tribulações de um de seus analisandos, atacado de uma "neurose de destino" relativa

às instituições psicanalíticas: rejeitado na IPA por não ter sua análise validada como didática, recusado em supervisão na EFP por não ser analisado por um membro daquela Escola, esse analisando vagueia por vários lugares institucionais sem participar, de fato, de nenhum deles, o que, pode-se supor, compromete as possibilidades de uma formação adequada.

Por outro lado, experiências inéditas surgirão. Em 1973-1974, por iniciativa de René Major, reúne-se nas instalações do Instituto de Psicanálise da SPP um grupo com o objetivo de discutir textos psicanalíticos contemporâneos. Autores da literatura psicanalítica francesa são convidados para falar de suas obras, e em pouco tempo cresce o número de participantes nos encontros. No ano seguinte, o seminário ganha o nome de *Confrontações*. A partir de 1976, membros de várias sociedades psicanalíticas passam a frequentá-lo. O local das reuniões é transferido para a Casa de Artes e Ofícios, caracterizando ainda mais o caráter "plural" e intersocietário do empreendimento. "Confrontações não é um grupo, nem uma associação, nem uma escola, mas um lugar aberto onde os representantes dos diferentes freudismos vêm falar de seus dramas, seus conflitos e suas obras, sem terem de fazer uma cisão", define Roudinesco (op.cit.,p.657).

Criava-se assim um espaço de troca onde membros de diferentes grupos psicanalíticos tinham a chance de contato com a diferença. Os efeitos apontados por Roudinesco relativos à situação francesa, foram permitir aos "jovens" lacanianos o conhecimento de seu passado (a IPA) e a possibilidade de não

mais encarar apenas como "traidores" os veteranos que, durante seu percurso, se afastaram de Lacan; aos "jovens" membros da IPA, a experiência permitiu o contato com a obra e a epopéia institucional lacaniana. Assim, *Confrontações* constituía-se como uma verdadeira "utopia que leva o nome de tolerância e liberdade" (idem).

Em 1977, o filósofo Jacques Derrida, participante dos encontros, diria a respeito de *Confrontação* (nome singular assumido após 1976):

O efeito *confrontação* prende-se à desconstrução da chamada instituição psicanalítica. Marca-se, e essa é justamente sua característica mais manifesta, pelo fato de que a divisão das fidelidades aos quatro grupos franceses já não impõe a lei em absoluto. Não é mais tudo estanque, estanque e sem ar como antes (apud Roudinesco, op.cit., p.658).

Assim, *Confrontação* coloca-se como um movimento de reação ao "sufocamento" provocado pelo dogmatismo imposto no interior de determinados grupos, constituindo uma diferença, e definindo a si mesmo como "um outro lugar que oferece uma alternativa aos discursos codificados pelos efeitos de transferência inerentes às instituições psicanalíticas" (Roudinesco, op.cit., p.659).

Em novembro de 1980 é fundado, por um grupo de analistas pertencentes a várias sociedades, o "Colégio de Psicanalistas". Trata-se de uma associação que funciona segundo a regra de cooptação (não tendo instituto de formação), cuja principal inovação consiste em aceitar membros pertencentes a

outras corporações. Portanto, a partir dos anos 80, encontra-se na psicanálise francesa uma tendência dos psicanalistas a tornarem-se membros de diversas instituições simultaneamente (Roudinesco, op.cit., p.749). Assim, o que nos anos 70 conduzia a uma "neurose de destino", uma década depois passaria a ilustrar novas possibilidades de inserção e troca criadas no campo psicanalítico. Curiosamente, ao referir-se à psicanálise latino-americana, Roudinesco, através de seu olhar europeu, comenta: "Também por esse lado, o continente latino-americano é digno de honra: diversos grupos hostis à IPA valem-se do espírito da Confrontação, ou seja, de uma forma não-institucionalizada de psicanálise, antiimperialista e de inspiração libertária"(77)(op.cit., p.745).

De fato, em 1991 listavam-se, apenas no Rio de Janeiro, 22 associações dedicadas ao ensino e à formação psicanalítica (*Anuário Brasileiro de Psicanálise 1991*, op.cit.). Em outro lugar (Kupermann, 1991), ilustramos uma situação (que ainda persiste) de autêntico nomadismo institucional que se tornava cada vez mais freqüente no quadro da transmissão da psicanálise no Brasil. Tratava-se de uma situação caricatural na qual se fazia análise com um analista de determinada instituição, supervisão com um de outra, participava-se de um *cartel* vinculado à uma terceira, frequentava-se as jornadas de uma quarta... e ainda preparava-se uma tese universitária sobre um tema psicanalítico.

---

77. De fato, algumas iniciativas de intercâmbio entre idéias heterogêneas tem surgido entre nós, dentre as quais destacamos o ciclo "Confrontos em Psicanálise", realizado em setembro de 1991 na PUC/RJ, no qual o espírito dos organizadores foi justamente confrontar pensamentos diferentes em torno de temas comuns.

Esta situação *aparentemente* caótica no campo psicanalítico suscita angústia entre os que a vivenciam - analistas estabelecidos, analistas em busca de reconhecimento e mesmo analisandos -, angústia criada por um estado de "desorientação" e "fragmentação" do campo psicanalítico (cf. Figueira, 1989). Assim, duas tendências básicas podem ser percebidas no tratamento dado à questão:

1) Considerar a situação ilustrada como sintomática de determinado sujeito. A dispersão e a angústia vividas estariam referidas apenas ao sintoma desse sujeito - "que não se encontra em lugar nenhum" - em detrimento de ampliação de uma questão referente ao campo psicanalítico em geral.

2) A demanda de reordenação do campo psicanalítico. O que está em jogo aqui é a redefinição do que é e do que não é psicanálise, e de quem é e quem não é psicanalista. Considera-se assim que a psicanálise vive, de fato, um estado caótico em função de desvios de percurso indesejáveis.

Ora, a primeira dessas tendências, além de reproduzir a idéia de uma "neurose de destino" frente as instituições psicanalíticas, o que, como vimos, implica em ignorar o contexto histórico no qual o fenômeno aparece, segue ainda a tradição da análise "selvagem" no interior do campo psicanalítico (cf. cap.1). Já a segunda tendência segue a tradição da lógica dicotômica do que é e do que não é

psicanálise, considerando qualquer crise como desvio no percurso da "boa" psicanálise. Ambas aparecem recorrentemente na história da psicanálise, principalmente em momentos de crise institucional. A questão que perpassa essas duas tendências é a da *resistência à psicanálise*, uma vez que todo desvio, seja de ordem teórica ou institucional, pode ser lido pelo prisma da resistência.

Mas não será esse quadro de caos aparente indicativo de um novo arranjo, na situação atual da psicanálise, da transferência na transmissão e nas sociedades psicanalíticas? Considerando a história da transferência no processo de institucionalização da psicanálise, vimos como o vigor original imprimido por Freud ao movimento e ao discurso psicanalíticos pôde cristalizar-se com a burocratização da formação psicanalítica e a manipulação da transferência nas análises didáticas. No campo lacaniano, por seu turno, a revitalização imprimida com a criação da EFP tendia, mesmo antes da morte de Lacan, a ser substituída pelo dogmatismo dos guardiões da verdade das letras (transcritas) de seus seminários. Portanto, o nomadismo institucional, junto ao interesse pelas diferenças no registro do pensamento psicanalítico, não estariam constituindo uma "alternativa aos discursos codificados pelos efeitos de transferência inerentes às instituições psicanalíticas", segundo a definição de Roudinesco para o espírito de *Confrontação*?

A partir destas indagações, levantamos (cf. Kupermann, op.cit.) a hipótese de uma *transferência nômade* na transmissão



da psicanálise contemporânea - que não é dirigida a um único mestre, a uma teoria una e hegemônica e a um endereço institucional fixo. A transferência nômade vem, neste sentido, como efeito de um momento histórico específico da institucionalização da psicanálise, "embaralhar" os códigos, os contratos, as redes de compromisso e as fidelidades transferenciais, possibilitando um "movimento de deriva", de "desterritorialização" (cf. Deleuze, 1985), de modo a que se possa reexperimentar, em outros "lugares" transferenciais, a diferença e a angústia da incerteza que marcam a experiência psicanalítica em seu momento inaugural, e que devem marcar cada nova análise(78). Não será isso o que se pode vislumbrar no horizonte da psicanálise e toda análise: a possibilidade, cada vez maior, de se estabelecer novas e várias transferências e para elas buscar adequadas (dis)soluções?

Assim, a diversidade e pluralidade no campo psicanalítico, se por um lado aponta problemas, como o risco do eclétismo (cf. conclusão), por outro lado indica novas possibilidades de superação de um dos maiores obstáculos criados em seu próprio processo de institucionalização: o impedimento da emergência de diferenças em nome da garantia das certezas adquiridas e do conforto rotineiro das formas instituídas.

---

78. Sobre a experiência psicanalítica enquanto processo lúdico de emergência e afirmação de diferenças, ver Marisa S. Maia (1992).

## CONCLUSÃO

Difícil tarefa concluir uma pesquisa em história da psicanálise, ainda mais se considerarmos que, assim como a análise, a história não tem fim. Vejamos a solução adotada por Freud em *A História do Movimento Psicanalítico*.

No início, encontramos a sugestiva epígrafe retirada do brasão da cidade de Paris: *Fluctuat nec mergitur*, traduzida como "as ondas o abalam mas não o afundam". Ao final (temporário) do "maremoto", a afirmação da especificidade da psicanálise: "Os homens são fortes enquanto representam uma idéia forte (...) E possamos nós, os que ficamos, desenvolver até o fim, sem atropelos, nosso trabalho nas profundezas". Trata-se, portanto, ainda que abrindo mão de qualquer otimismo consolador, de um endereçamento ao futuro.

Este texto tornou-se paradigmático de todas as histórias da psicanálise que viriam a seguir, uma vez que, nele, Freud inaugura a aplicação de "conhecimentos psicanalíticos" na análise dos caminhos e das crises do movimento, particularmente na compreensão das dissensões - teóricas e políticas. Os conhecimentos psicanalíticos diziam respeito às transferências e às resistências de seus opositores, porém, Freud não deixa de expor também, dentro de limites definidos, seus próprios desejos, transferências, e mesmo dificuldades na condução do movimento psicanalítico. Mesmo assim, tratava-se de uma versão unicentrada e hegemônica,

comprometida com o objeto de sua análise - a história de sua própria criação. Neste sentido, a ênfase residiu nos obstáculos vindos *de fora* encontrados pela psicanálise em seu processo de institucionalização - as resistências da cultura e de seus guardiões -, esquivando o olhar dos obstáculos produzidos em seu interior.

Assim, quando Freud coloca-se no grupo daqueles que "perturbaram o sono do mundo", aponta uma questão crucial para os destinos da institucionalização da psicanálise: a questão da *Weltanschauung* e da lógica da ilusão no campo psicanalítico. Por um lado, ao afirmar o descentramento do sujeito e a determinação sexual na etiologia das neuroses, o destino de Freud - intérprete de sonhos - foi, paradoxalmente, perturbar o sono (das ilusões) do mundo. Por outro lado, indicamos que o destino daquele que vem destruir os sonhos e as ilusões alheias pode ser tornar-se, ele próprio, investido da mesma forma que as ilusões antigas, o que vai apontar obstáculos internos ao processo de institucionalização da psicanálise, referentes aos efeitos da transferência nesse processo.

Portanto, no *convite à transferência* que daria início ao movimento psicanalítico, formulado em *A Interpretação de Sonhos*, encontra-se a transferência a Freud como base do processo de institucionalização da psicanálise e como fonte dos problemas que se seguiram.

A proposta de Ferenczi para a fundação da IPA, em 1910, continha já uma análise crítica das "patologias das

associações" - nas quais predominavam a "megalomania pueril", a "futilidade" e a "obediência cega" - que deveriam ser evitadas pela Associação Psicanalítica. Antecipando *Totem e Tabu* e *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, Ferenczi sublinhava o risco da Associação reproduzir a estrutura familiar, com o presidente ocupando o lugar de pai, e a hierarquia entre os membros reproduzindo a hierarquia entre irmãos. Desde aquela época, os analistas, em sonhos, condensavam a figura paterna com a figura de Freud, o que justificava as advertências de Ferenczi.

Com a padronização e sistematização da formação psicanalítica a partir dos anos 20, esses temores se concretizaram, conduzindo a uma verdadeira "patologia das associações psicanalíticas", cujo sintoma maior diagnosticado em meados do século foi, curiosamente, o surgimento do candidato "normal", paralelamente à constatação de "problemas" na análise didática, especialmente no que se referia às vicissitudes da transferência. A psicanálise tinha alcançado um grau de difusão em alguns centros mundiais que a faziam "respeitável" e "normal", "parte do meio", configurando uma "atmosfera psicanalítica". Assim, meio século após a sua criação, o destino inevitável apontado por Freud para a psicanálise - provocar oposição e despertar rancor -, havia sofrido uma inversão radical. Vivia-se uma nostalgia dos "tempos heróicos", e comparava-se o espírito pioneiro dos primeiros analistas ao conformismo dos candidatos "normais".

Foi Balint quem, nessa época, deslocou a questão para

o interior da instituição psicanalítica, indagando sobre os efeitos produzidos pelo próprio sistema de formação. Ao invés de candidato "normal", Balint diagnosticava candidatos "submissos" e "excessivamente respeitosos" aos seus analistas, sintomas da "intropressão do superego" provocada por uma formação psicanalítica *superegóica*, que fazia da manipulação da transferência nas análises didáticas seu instrumento.

Analista didata durante este período, Lacan buscou, com a fundação da Escola Freudiana de Paris, em 1964, estabelecer uma relação intrínseca entre concepção teórico-clínica da psicanálise e suas estruturas institucionais. O mecanismo do passe viria responder à questão da análise didática, que deixaria de existir enquanto dispositivo da formação, isto é, não haveriam mais análises consideradas didáticas *a priori*, sendo reguladas pela associação. A didática seria considerada pelo seu efeito, testemunhado no *só depois* do passe. Paralelamente, a teoria da transferência sofria mudanças, sendo reestruturada a partir do conceito de sujeito suposto saber, o que retiraria de cena a "pessoa" do analista.

Mostramos, porém, que os efeitos da transferência na constituição de uma psicologia de grupo na EFP não puderam ser evitados, e que, a partir do projeto de retorno a Freud, através de um *corte transferencial* inédito na história da psicanálise, Lacan tornou-se o *último freudiano* na Escola Freudiana de Paris.

Como oposição à experiência do passe na EFP, e sob a influência dos eventos que sacudiram a sociedade francesa em maio de 68, surgia, no final dos anos 60 e início dos anos 70, na França, uma intensa literatura voltada para o questionamento das estruturas das sociedades psicanalíticas e dos destinos da transferência na formação, sugerindo que os "antigos" problemas apontados em meados do século persistiam. Assim, havíamos deixado uma indagação para estas considerações finais: o "destino funesto" apontado por Roustang - a alienação que a constituição de toda sociedade psicanalítica parece produzir - tornou-se, de fato, o destino inevitável da psicanálise, ou podemos dele nos proteger? Concluiremos indicando três pontos que merecem atenção e futuro desenvolvimento:

- Se a institucionalização é um "mal-necessário", freqüentemente, como pretende Pellegrino, ela se transforma em um "mal mais do que necessário", ou seja, existem formas melhores e formas piores de institucionalização, tomando por referência as particularidades da transmissão da psicanálise. Poder-se-ia pensar, portanto, acompanhando Valabrega, em um "mínimo institucional" que assegurasse as condições de transmissão da experiência psicanalítica sem cristalizá-la em nome de garantias esterilizantes. Recordando a sugestão de Balint, *semper reformari debet*.

- Em sua crítica ao *destino funesto* apontado por Roustang, Castoriadis sublinha que haveria uma relação possível dos psicanalistas com a psicanálise pela vertente da

sublimação, entendida como o processo por meio do qual a psique se abre para o mundo social-histórico. A "resolução da transferência" para o futuro analista só poderia chegar ao fim se ela for, justamente, essa sublimação.

Considerando a complexidade exigida por um aprofundamento do conceito de sublimação (que, de resto, mantém-se como uma das lacunas do pensamento psicanalítico), ressaltamos apenas que, para Castoriadis, o "objeto" psicanálise é uma criação social-histórica, e não uma "pura" produção psíquica, sendo inconcebível pensar uma transferência à psicanálise, uma vez que não há, no inconsciente, objetos que lhe fossem correspondentes. A atividade analítica é tratada como uma "criação continuada, uma participação a uma obra que nos ultrapassa, uma relação ao pensamento e a existência de outrem". Onde encontramos a transferência nesse registro - como demonstramos no decorrer da pesquisa -, tratar-se-ia de perversão.

- No cerne do que vimos trabalhando até aqui, levantamos a hipótese de um novo arranjo transferencial possibilitado pelo pluralismo no campo psicanalítico - a *transferência nômade* - como alternativa aos discursos codificados pelos efeitos da transferência nas sociedades psicanalíticas. Gostaríamos, no entanto, de diferenciar pluralismo de ecletismo.

Freud sempre combateu os "ecleticos", considerados uma camada amortecedora entre a psicanálise e seus adversários,

que deixa subsistir algo da análise em detrimento de suas verdades mais incomodativas. Por outro lado, recusando a captura da psicanálise em um sistema totalizante e imóvel (o que caracteriza a *Weltanschauung*), buscou delimitar o campo psicanalítico em torno de suas premissas fundamentais, deixando uma ampla margem para o surgimento de diferenças: "Qualquer linha que reconheça esses dois fatos (a transferência e a resistência) e os tome como ponto de partida de seu trabalho", escrevia Freud em 1914, "tem o direito de chamar-se psicanálise, mesmo que chegue a resultados diferentes dos meus".

Assim, entre a recusa do sistema totalizante e a recusa do ecletismo, encontra-se um amplo espaço de jogo para o desenvolvimento da psicanálise. Talvez este seja o espaço utópico de movimento e trabalho da transferência nômade.

Portanto, entre sonhos e utopias, não se trata de concluir, mas de uma história por fazer.



## ANEXO

CONFLITOS METODOLÓGICOS: HISTÓRIA DA PSICANÁLISE *STRICTO SENSU*  
OU *LATO SENSU* ?

Fazemos ou não uma história da psicanálise? E de que tipo? Esta inquietação colocou-se na origem desse anexo. Na busca de uma solução, certamente é preciso esboçar uma definição para a história da psicanálise. A leitura do artigo *Problemas de uma História da Psicanálise*, de Renato Mezan (1988) - rara tentativa de estabelecimento de uma metodologia para a história da psicanálise ensaiada no Brasil - foi capital para intensificar nossa inquietação, e é através de um diálogo com as idéias aí expostas que partimos. O objetivo de Mezan é formular um modelo metodológico para a história da psicanálise baseado no conceito psicanalítico de sobredeterminação - o "modelo da sobredeterminação". Vejamos então o que Mezan entende por história da psicanálise, passando à análise do modelo proposto.

A questão da história da psicanálise impõe-se ao pesquisador em sua tentativa de compreender a "diversidade" que marca o quadro atual da psicanálise, caracterizado por diferentes variedades de psicanálise, implicando, por sua vez, diferentes leituras de Freud. O que é ressaltado por Mezan é que a história da psicanálise é uma história da teoria e da prática psicanalíticas (op.cit.,p.16).

Estas se apresentam hoje sob o signo da dispersão:

dispersão geográfica, dispersão doutrinária e dispersão institucional (sendo portanto mais correto tratá-las no plural - teorias e práticas psicanalíticas). A dispersão geográfica está referida à difusão da psicanálise por centros culturais com características diferentes, como tradição, costumes, língua; a dispersão doutrinária, aos referenciais sobre o que é a psicanálise, à compreensão de seus conceitos e de como se deve praticá-la, ou seja, às escolas psicanalíticas; a dispersão institucional, à forma como a psicanálise se organiza socialmente, ao funcionamento de suas associações.

O problema colocado pela história da psicanálise seria o de como esses registros se relacionam e interagem, isto é, como que, a partir de uma origem comum - a obra de Freud -, constrõem-se referenciais teórico-práticos tão divergentes.

Mezan aponta que pouco se tem refletido sobre o impacto das mudanças histórico-geográfico-culturais sobre a própria teoria psicanalítica, apesar deste ser inegável. Como exemplo, cita um trecho da introdução ao *Vocabulário da Psicanálise* de Laplanche e Pontalis: "O movimento psicanalítico conheceu uma história longa e atormentada; grupos de analistas foram criados em numerosos países, nos quais a *diversidade dos fatores culturais não pôde deixar de ter ecos sobre as própria concepções*" (apud Mezan, op.cit., p.17). Apesar da alusão, os autores do *Vocabulário* não levam adiante as implicações de sua constatação, e seu objetivo é recuperar a "originalidade" das noções psicanalíticas, privilegiando o momento de sua "descoberta". Assim, não indagam no que consiste a "diversidade

dos fatores culturais", quais os "ecos" por ela produzidos e em que as "próprias concepções" da psicanálise foram ou não alteradas. Neste sentido, Mezan aponta que esses autores separam o movimento psicanalítico e sua história das concepções teóricas produzidas por este movimento. Concluindo, reconhecem o papel de uma história da psicanálise para logo em seguida negá-la.

Elisabeth Roudinesco, autora de *História da Psicanálise na França*, aponta a questão que se coloca como o desafio central da história da psicanálise:

Se é verdade que a elaboração doutrinária permanece exógena à configuração histórica em que é produzida, é igualmente verdade que a existência dessa configuração autoriza o surgimento de uma nova apreensão da realidade (Roudinesco, 1988, p.29-30).

Assim, trata-se de saber como determinada configuração histórica influi na elaboração doutrinária aí produzida. Desafio complexo, sem dúvida. A história da psicanálise constitui-se como campo específico de saber, na França, a partir dos anos 80 (Roudinesco, 1988, p.11). Como toda disciplina jovem, precisa, para se constituir, formular a sua questão (sempre complexa de início), e desafiá-la. E também, como toda disciplina jovem, enfrentará resistências para a aceitação da sua questão, no caso, resistências no interior do próprio campo de saber psicanalítico, como veremos.

Refletindo sobre a diversidade de referenciais teórico-práticos que caracterizam a situação presente da

psicanálise, algumas questões são levantadas por Mezan: "como e por quê se construíram estes referenciais? De onde vêm suas armações conceituais? Por que tiveram sucesso, maior ou menor, em diferentes épocas e lugares?" Confrontar estas questões é

levar a sério a idéia de uma história da psicanálise, não enquanto uma seqüência de percalços externos e contingentes em seu trajeto, referentes apenas ao "movimento" psicanalítico (cisões, divergências, emigrações por motivos políticos, etc.), mas enquanto *algo intrínseco ao desenvolvimento teórico* da disciplina fundada por Freud (op.cit.,p.19).

Esta definição reforça o que já havia sido apontado: Para Mezan, e de forma geral também para Roudinesco, a história da psicanálise é uma história das teorias e das práticas psicanalíticas, que chamaremos de história da psicanálise *lato sensu*. Para diferenciar esta postura, Mezan aponta uma outra tendência que seria a de uma história referente apenas ao "movimento" psicanalítico - suas dissidências, expulsões, rupturas, que chamaremos história da psicanálise *stricto sensu*.

Passemos então ao exame do modelo metodológico para a história da psicanálise *lato sensu* proposto por Mezan.

Na origem de toda história da psicanálise está a obra de Freud. Esta foi produzida a partir de três coordenadas: a clínica, sua auto-análise e o clima cultural de seu tempo (Mezan,op.cit.,p.23). De um ponto de vista epistemológico, a obra freudiana se desdobra em quatro dimensões: 1)teoria geral da psique - representada pela metapsicologia; 2)teoria da gênese e do desenvolvimento da psique - fases libidinais,

travessia do Édipo; 3) teoria do funcionamento normal e patológico da psique - psicopatologia; e 4) concepção do processo psicanalítico. São consideradas obras fundadoras de escolas psicanalíticas aquelas que tematizam estas quatro dimensões da obra freudiana de uma maneira original e coerente, construindo conceitos-chave para cada uma delas.

Apenas três autores são apontados como responsáveis pela elaboração de um sistema deste porte: Melanie Klein, Jacques Lacan e o trio fundador da psicologia do ego, Hartmann-Erikson-Loewenstein. Assim, se a obra desses autores funda escolas psicanalíticas por tematizarem as quatro dimensões estabelecidas pela obra freudiana, elas se diferenciam pelo conteúdo de cada uma dessas dimensões.

Em referência ao tripé a partir do qual Freud construiu a sua obra - clínica, auto-análise e clima cultural - Mezan sugere que estas teorias abrangentes derivam também de três coordenadas, de onde provêm seus diferentes conteúdos. Cada uma delas se origina de uma matriz clínica particular, de uma leitura específica da obra de Freud e de um determinado clima cultural. Vejamos: Melanie Klein reflete principalmente a partir de sua experiência com crianças pequenas e esquizofrênicos, enquanto Lacan tem seu enfoque inicial na paranóia. Neste sentido, para aplicar o dispositivo psicanalítico clássico - referido à clínica da histeria - a essas matrizes, é preciso uma reelaboração técnica e teórica, o que implica numa reinterpretação do texto freudiano - a leitura específica de Freud. A questão é que, uma vez constituído o

novo sistema teórico, ele é universalizado, pretendendo novamente abranger todas as matrizes, e a sua origem é esquecida. Assim, a leitura característica da obra de Freud em cada escola tem, além de um alcance teórico, um alcance político, uma vez que pretende se colocar como herdeira legítima do espírito freudiano. Encontra-se portanto, em toda escola psicanalítica, ainda que de forma velada, uma teoria acerca da história da psicanálise, encarregada de "justificar a *posteriori* a direção tomada pela escola em questão" (Mezan, op.cit., p.28). Trata-se do "mito de origem" de cada escola.

Quanto à terceira coordenada, o clima cultural, Mezan ressalta que o solo no qual a psicanálise vai se implantar não deixa de ter efeitos sobre a forma e o conteúdo predominantes que ela vai assumir nestes novos territórios. Como exemplos destacados pela sua influência na teorização da psicanálise estão a tradição científica, os lugares através dos quais vai se passar o processo de implantação da psicanálise (universidades, hospitais, grupos de estudo, etc.), as características dos grupos que irão se interessar em ser psicanalistas (sua origem étnica ou social, as carreiras previamente seguidas com as quais se mantêm laços afetivos e intelectuais) e os procedimentos de seleção e habilitação de psicanalistas, que contribuem para moldar os futuros psicanalistas numa certa direção. Trata-se de fatores de natureza sociológica, que independem em si mesmos da psicanálise, aos quais se acrescentam fatores de natureza epistemológica, que irão incidir mais diretamente sobre o

pensamento de um ou outro lugar.

Assim, para compreender as condições de produção das teorias e práticas psicanalíticas pela lente da história da psicanálise, Mezan propõe a utilização do conceito de sobredeterminação aplicado à interação destas três coordenadas: a matriz clínica; a leitura específica de Freud e o clima cultural. Sobre a definição de sobredeterminação, Mezan recorre ao *Vocabulário da Psicanálise*:

Este conceito não significa apenas que o fenômeno considerado tenha várias causas concomitantes; implica ainda que o fenômeno remeta a "elementos múltiplos, capazes de se organizar em seqüências significativas múltiplas, das quais cada uma, num certo nível de interpretação, possui uma coerência própria" (apud Mezan, op.cit., p.30).

O "fenômeno considerado", em relação ao que estamos tratando, são as opções teóricas e práticas realizadas pelos fundadores de escolas psicanalíticas. Estas obedecem "a uma rede extremamente complexa de fatores, distribuídos pelas três coordenadas propostas e amarrados entre si por sobredeterminações sucessivas" (Mezan, op.cit., p.33). Fazer uma história da psicanálise *lato sensu* a partir do modelo da sobredeterminação é destrinchar os fios desta rede complexa de fatores, apontando os nós que os amarram em sobredeterminações sucessivas. Convém apontar que este modelo traz em si seu próprio limite, pois o projeto de uma história da psicanálise a partir do modelo da sobredeterminação é tão inesgotável e tão suscetível de superinterpretações<sup>(79)</sup> quanto os sonhos - sendo aliás o método de interpretação dos sonhos o inspirador do

método de interpretação histórica de Mezan - permitindo supor que o seu limite inultrapassável seria qualquer coisa como o *umbigo da história*. Neste sentido, importa ressaltar que haveriam níveis do fazer a história da psicanálise, sendo que cada nível possui e mantém uma coerência própria.

Além da dificuldade inerente a uma tarefa desta ordem de complexidade, a história da psicanálise esbarra em um obstáculo adicional, a resistência dos psicanalistas. Como já vimos, cada escola constitui-se em torno de uma determinada maneira de conceber a teoria e a prática psicanalíticas, referida a uma obra fundadora. Mezan aponta que esta concepção do que é a psicanálise passa a ser assumida pelos membros desta escola sob a forma de "atitudes, crenças e evidências", que desempenham um papel relevante na configuração da "identidade do analista" (op.cit.,p.20). A constituição de uma "identidade" deste tipo, longe de ser a solução ideal para o psicanalista, obedece, ao contrário, à lógica de constituição das *Weltanschauungen* (cf. cap.2). Neste sentido, Mezan indica que a fragilidade da prática psicanalítica - decorrente do fato de que é impossível eliminar de seu horizonte a contratransferência e o desejo do analista - encontra uma espécie de sustentáculo na idéia que a análise que cada qual efetua com seus pacientes é a "verdadeira psicanálise", herdeira legítima do projeto freudiano. Por este motivo, a resistência à própria idéia de uma história das teorias e das práticas psicanalíticas é considerável, uma vez que o projeto de pesquisar (e não difamar) a origem das várias correntes

79. Ver o verbete "superinterpretação" no *Vocabulário da Psicanálise* (Laplanche e Pontalis, 1983, p.647).



psicanalíticas traz em si uma ameaça de *relativização* dos postulados em torno dos quais se sustenta cada escola.

Se cada escola traz em si, mesmo que de forma velada, uma teoria acerca da história da psicanálise, a tendência observada é que o problema da diversidade de orientações teórico-práticas seja formulado em termos "normativo-dogmáticos", onde a investigação histórica vem apontar a teoria *correta* e a prática *adequada*. Segundo Mezan, cabe ao historiador da psicanálise recusar esta pseudo-tarefa, e mais ainda,

a gênese da própria idéia de *uma* teoria/prática que, por ser a verdadeira, excluiria todas as demais, é algo que *uma história da psicanálise não pode deixar de interrogar* (op.cit.,p.21).

Ora, mas não é exatamente esta a interrogação central de nosso trabalho? Interrogar, como propõe Mezan, a idéia de uma teoria/prática que, por ser a verdadeira, excluiria as demais, é interrogar a relação dos psicanalistas com a própria psicanálise. Mesmo esta relação (ou relações) tem uma história, uma vez que no decorrer da institucionalização da psicanálise as relações dos psicanalistas, e também da cultura, com a própria psicanálise e suas instituições sofrem transformações.

Em termos psicanalíticos, para pensar estas relações é preciso lançar mão do conceito de *transferência*. Neste sentido, o projeto de uma história das relações dos psicanalistas com a própria psicanálise e suas instituições, ou seja, suas relações com a teoria, a prática, os mestres, o

processo de formação, e também com os destinos da psicanálise, está na origem do que pretendemos com esta *História da Transferência na Institucionalização da Psicanálise*.

Para isto, certamente é preciso tomar o conceito de transferência em seu sentido ampliado(80). Se esta ampliação aponta para possíveis problemas epistemológicos, no sentido da definição do conceito, aponta, por outro lado, para os limites da transferência, e para sua incômoda origem na hipnose e na sugestão, problema que de resto ainda faz por merecer a atenção dos psicanalistas. Cabe lembrar que a própria idéia de uma história da psicanálise *lato sensu* traz em si problemas referentes à pureza (na sua forma de a-historicismo) pretendida pela epistemologia. A aplicação de conceitos psicanalíticos no fazer a história, em termos gerais, é um projeto freudiano (Freud, 1913). No que se refere à história da psicanálise, passa a ser um imperativo, segundo o aparente truismo proposto por Roudinesco:

Uma história da psicanálise não pode prescindir de uma interpretação psicanalítica da história (1989, p.9)

Assim, uma *História da Transferência na Institucionalização da Psicanálise* pertence ao campo das

---

80. A leitura do tratado *A Transferência*, de Daniel Lagache (1990), é ilustrativa das dificuldades e dos limites da circunscrição da transferência ao âmbito estrito do processo psicanalítico. Freud já havia apontado que a transferência não é um fenômeno próprio da psicanálise, mas um fenômeno geral. Lagache diferencia as "transferências analíticas" - realizadas na relação entre paciente e analista - das "transferências extrapsicanalíticas" ou "laterais" - realizadas em outras relações (p.103). Quanto aos objetos da transferência, diz Lagache: "é clássico assinalar que elas (as transferências) utilizam como matéria não só o analista mas também o ambiente e a técnica psicanalíticas, e não só a relação psicanalítica mas também a vida corrente (transferência extrapsicanalítica ou lateral)" (p.113). Por que não inclui a teoria, o sistema de formação, as representações dos destinos da psicanálise, como objetos da transferência?

questões colocadas pela história da psicanálise. Mas não se trata nem de uma história da psicanálise *stricto sensu*, na forma restrita de uma história cronológico-geográfica do movimento psicanalítico e da difusão da psicanálise, e nem do que denominamos história da psicanálise *lato sensu*, na forma de uma história das teorias e práticas psicanalíticas, mas de uma história das relações dos psicanalistas com a psicanálise e suas instituições, inclusive (e principalmente) com as próprias teorias e práticas.

A solução talvez esteja na brecha sugerida pelo próprio conceito de sobredeterminação, admitindo-se que haveria níveis de fazer a história, sendo que cada nível possui e mantém uma coerência própria. Mezan propõe um esquema categorial para os modelos utilizados em história da psicanálise, mais especificamente, para as versões da história da psicanálise embutidas em cada escola como decorrência do seu "mito de origem", aplicando como critério de classificação a medida segundo a qual cada versão respeita a complexidade da sobredeterminação. Seu esquema aponta quatro modelos de história da psicanálise: 1) modelos redutores; 2) modelos lineares; 3) modelos interpretativos; e 4) modelos sobredeterminantes (op.cit., p.34-35).

Nos modelos redutores, o caráter histórico propriamente dito desaparece. Tratam-se dos modelos que reduzem

Estariamos então no registro da transferência para com as instituições psicanalíticas. Quanto à relação entre as transferências extrapsicanalíticas e as transferências analíticas, Lagache indica a importância de averiguar como as primeiras constituem uma forma de atuação por referência às motivações conflitantes nascidas da relação psicanalítica (idem). De qualquer modo, ao utilizar a transferência em sentido ampliado, estamos em boa companhia - praticamente todos os autores citados até aqui.

a psicanálise ao pensamento de Freud, ou consideram as descobertas psicanalíticas fatos que devem ser incorporados a outras disciplinas (freudo-marxismo e freudo-fenomenologismo).

Os modelos lineares são caracterizados por uma concepção "simplista" (linear) da história da psicanálise. Incluem as leituras cronológico-geográficas, que permanecem no nível "descritivo", privilegiando a pesquisa dos percalços do movimento psicanalítico (história da psicanálise *stricto sensu*). Mezan inclui também aí a leitura kleiniana, que sugere uma "continuidade vertical" da obra de Freud, no sentido de um "aprofundamento" teórico-prático, e a leitura ego-psicologista, que sugere uma "continuidade horizontal" da obra de Freud pela "ampliação" do campo psicanalítico no sentido proposto pela psicologia do ego.

Os modelos interpretativos são aqueles que procuram utilizar as próprias categorias psicanalíticas para compreender a história da psicanálise. Neste grupo, Mezan inclui o modelo lacaniano que utiliza a noção de resistência como categoria central; o modelo de François Roustang, centrado na repetição e na transferência; e o modelo de Laplanche, centrado na categoria de *après coup* e nos mecanismos do processo primário. Vejamos mais detidamente os dois primeiros.

Na perspectiva lacaniana, a história da psicanálise é vista como uma sucessão de "desvios" que, a serviço da resistência, acabaram por abastardar a descoberta freudiana. Entre os desviantes, Lacan situa a escola kleiniana e

principalmente a psicologia do ego. Neste sentido, o mito de origem da escola lacaniana é representado pela idéia de "retorno a Freud", que, segundo Mezan, vem escamotear o real esforço de *interpretação* da obra freudiana realizado por Lacan. A história é obscurecida por este mito *sequentia stultitiarum*, e a teoria e a prática formuladas por Lacan ficam isentas de justificar a escolha dos parâmetros (filosóficos, clínicos, culturais) que nortearam sua concepção. Mezan aponta que a adoção de uma perspectiva histórica

em nada diminui o valor da renovação trazida por Lacan à psicanálise; contudo pode ser uma utilíssima vacina contra o dogmatismo, já que (...) Lacan aparece não como Messias da psicanálise, mas simplesmente como um dos poucos - e geniais - psicanalistas que, até hoje, souberam inventar um modelo que, sem deixar de ser psicanalítico, não se limitasse a redobrar o de Freud. E já é o bastante! (op.cit.,p.34)

Quanto a Roustang, Mezan considera que as categorias de repetição e transferência são empregadas em *Um Destino Tão Funesto* (Roustang,1987) para "explicar as aberrações da Escola Freudiana de Paris pelo *destino funesto* imposto à psicanálise, em virtude dos laços transferenciais que vinculam as gerações sucessivas de psicanalistas a figuras de *maitres* (mestres e senhores) como Freud e Lacan" (Mezan,op.cit.,p.39). A crítica de Mezan incide sobre o questionamento de que os fenômenos desencadeados pelo processo psicanalítico (no caso, a repetição, a transferência e a resistência) sejam parâmetros "não apenas necessários, mas sobretudo *suficientes*" (idem) para a análise de um fato social e cultural como a difusão da psicanálise e a formação das diferentes teorias. Diz Mezan:

Trata-se, na verdade, de saber se a psicanálise é ou não o instrumento adequado para dar conta do surgimento do novo no plano da teoria, ou da repetição infundável do mesmo no plano das instituições (idem).

Assim, o destino funesto de Roustang teria sido explicar a história dos *conceitos psicanalíticos* pelas transferências mal resolvidas dos analistas face aos *seus* analistas, retirando assim seu caráter de conceitos e reduzindo-os a conteúdos psicológicos sem interesse.

Porém, nossa interpretação do trabalho de Roustang não coincide com a de Mezan. A idéia central defendida em *Um Destino Tão Funesto* é a de como a perpetuação da transferência no âmbito institucional da psicanálise, na forma, por exemplo, da identificação imaginária ao mestre (analista), transforma a teoria em dogma. A matéria com a qual Roustang trabalha a partir do referencial psicanalítico é a relação dos psicanalistas com a teoria e com a loucura, a transmissibilidade da psicanálise, e a atualização do sintoma hipnótico no campo psicanalítico. Não nos parece que Roustang pretenda reduzir toda a construção e inovação teórica à transferência e à repetição, mas ao contrário, utilizar essas categorias para pensar a cristalização teórica e a impossibilidade de criação do novo na teoria e na prática psicanalíticas.

A psicanálise certamente não é instrumento suficiente para dar conta dos problemas apontados por Mezan - difusão da psicanálise, surgimento do novo no plano teórico, repetição infundável do mesmo no plano institucional - mas sem dúvida é

um instrumento necessário na abordagem de todos eles. A questão é que todo texto é datado, inclusive os de história da psicanálise, e, como diz Castel (1978), é sintoma não somente daquele que escreve mas também de uma conjuntura sócio-cultural que vai apontar, dentre a infinidade de questões possíveis de serem abordadas, aquelas que vêm responder às urgências de seu tempo. Roudinesco (cf. cap. 6) refere-se a *Um Destino Tão Funesto* como "portador das angústias e das loucuras de um meio". Portanto, se o próprio modelo de sobredeterminação concebe a existência e interação de várias coordenadas em análise, dar ênfase a alguma delas não significa necessariamente ignorar as outras. No caso de Roustang, sua análise é feita "a quente", e seu objeto moldado no calor do contexto da Escola Freudiana de Paris em meados dos anos 70.

Não se trata de justificar faltas, mas de apontar limites que, apesar de previstos pelo próprio conceito de sobredeterminação, parecem não ser suficientemente considerados por Mezan em seu esquema categorial para a história da psicanálise. Neste, o modelo da sobredeterminação ocupa o nível mais elevado, mas mesmo entre as tentativas neste sentido, teríamos aquelas "mais sobredeterminantes" e as "menos sobredeterminantes". E se considerarmos a abertura e a influência do ensaio de Roustang para a possibilidade - necessária para a história da psicanálise - de relativizar as teorias e as práticas psicanalíticas, deveríamos já falar em uma história da história da psicanálise, na qual Roustang teria lugar de destaque.

É inegável a influência de *Um Destino Tão Funesto* em nossa pesquisa, que estabeleceu um diálogo permanente com Roustang. O ponto de convergência é a análise histórica das relações dos psicanalistas com a psicanálise e suas instituições. Nem história da psicanálise *stricto sensu*, nem história da psicanálise *lato sensu*, mas uma *História da Transferência na Institucionalização da Psicanálise*, que sem deixar de considerar o caráter sobredeterminante das diversas configurações, pretende uma interpretação psicanalítica da história.

Wladimir Granoff, um dos pioneiros da história da psicanálise, escreve na conferência introdutória de *Filiations*:

Gostaria de ser aquele de quem dizem: "ele é o que conta histórias". Uma história. A sua história. Acaso algum dia se conta outra coisa senão sua própria história?" (Granoff, 1975, p.9).

Esta é a nossa história.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. "Sobre o estilo de Freud". In Figueira, S.A. (org.) *A palavra e o silêncio*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993.

ANZIEU, D. *A auto-análise de Freud - e a descoberta da psicanálise*. Porto Alegre, Artes médicas, 1989.

ASSOUN, P.-L. *O freudismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.

AULAGNIER, P. (1968) "Como podemos não ser persas? Reflexões a propósito do ensino". In *Um intérprete em busca do sentido*. São Paulo, Escuta, 1990.

----- (1969) "Sociedades de psicanálise e psicanalista de sociedade". In Birman, J. (org.) *Freud 50 anos depois*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1989.

----- "Du transfert nécessaire à la passion aliénante". *Topique - revue freudienne*. 23. Paris, EPI, 1979.

BALINT, M. "On the psycho-analytic training system". *International journal of psychoanalysis*. 29, London, 1948.

----- "Analytic training and training analysis". *International journal of psychoanalysis*. 35, London, 1954.

- (1969) "Michael Balint: introdução ao diário de Sandor Ferenczi". In Ferenczi, S. *Diário clínico - Sandor Ferenczi*. São Paulo, Martins fontes, 1990.
- BARRETO, C.A. "Forum de debates: praça política da psicanálise". In Cerqueira FQ, G. (org.) *Crise na psicanálise*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- BARRETO, C.A. & PELLEGRINO, P. "Ética da serpente e a zoologia fantástica". *Jornal do Brasil*. Caderno B, 29/7/92, p.6.
- BERNFELD, S. "On psychoanalytic training". *The psychoanalytic quarterly*. 31, New York, 1962.
- BIBRING, G.L. "The training analysis and its place in psycho-analytic training". *International journal of psychoanalysis*. 35, London, 1954.
- BIRMAN, J. "Em casa de ferreiro...espeto de pau - notas sobre a psicanálise e a instituição psicanalítica". In Cerqueira FQ, G. (org.) *Crise na psicanálise*. Op.cit., 1982.
- *Freud e a experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro, Timbre Taurus, 1989.

----- . "Freud e os destinos da psicanálise". In Birman, J. e Damião, M.M. (orgs.) *Psicanálise - ofício impossível?*, Rio de Janeiro, Campus, 1991.

*BRASIL, NUNCA MAIS*. Petrópolis, Vozes, 1985.

106<sup>th</sup> Bulletin of the International Psycho-Analytical Association. *International journal of psychoanalysis* (IJP). 35, London, 1954.

110<sup>th</sup> Bulletin of the International Psycho-Analytical Association. IJP. 37, 1956.

113<sup>th</sup> Bulletin of the International Psycho-Analytical Association. IJP. 39, 1958.

120<sup>th</sup> Bulletin of the International Psycho-Analytical Association. IJP. 43, 1962.

CASTEL, R. *O psicanalismo*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

CASTORIADIS, C. "A psicanálise, projeto e elucidação". In *As encruzilhadas do labirinto/1*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

CERQUEIRA FΩ., G. (org.) *Crise na psicanálise*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

- CHAUI, M. "Amizade, recusa do servir". In La Boetie, E. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- COIMBRA, C.M.B. "A (de)formação psi: alguns analisadores". In CONDE, H.B.C et al. (orgs.) *Grupos e instituições em análise*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992.
- CONDE, H.B.R. "Psicanálise e análise institucional". In CONDE, H.B.R. et al. (org.) *Grupos e instituições em análise*. op.cit. 1992.
- COSTA, J.F. "Narcisismo em tempos sombrios". In BIRMAN, J. (org.) *Percursos na história da psicanálise*. Rio de Janeiro, Timbre Taurus, 1988.
- DELEUZE, G. "Pensamento nômade". In *Nietzsche hoje?*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1972) *O anti-édipo/capitalismo e esquizofrenia*. Edições Assírio & Alvim, s.d.
- DORGEUILLE, C. *A segunda morte de Jacques Lacan*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- ENRIQUEZ, M. & ENRIQUEZ, E. "Le psychanalyste et son institution". *Topique - revue freudienne*. 6. Paris, PUF, 1971.

ENRIQUEZ, M. "On forme um analyste". *Nouvelle revue de psychanalyse*. 20. Paris, Gallimard, 1979.

FAVRET-SAADA, J. "Desculpa, eu só estava passando". *Almanaque*. 12. São Paulo, Brasiliense, 1981.

FERENCZI, S. (1911) "De l'histoire du mouvement psychanalytique". In *Psychanalyse I*. Paris, Payot, 1968.

----- (1924) "Perspectivas da psicanálise". In *Escritos psicanalíticos 1909-1933*. Rio de Janeiro, Tímber Taurus, s.d.

----- (1927) "O problema do fim da análise". In Birman, J. & Nicéas, C.A. (orgs.) *Análise com ou sem fim ?*. Rio de Janeiro, Campus, 1988.

----- (1928) "Elasticidade da técnica psicanalítica". In *Escritos psicanalíticos 1909-1933*. Op.cit.

----- (1933) "Confusão de línguas entre os adultos e as crianças". In *Escritos psicanalíticos 1909-1933*. Op.cit.

FIGUEIRA, S.A. "Invariância: fascinante metáfora". In FIGUEIRA, S.A. (org.) *Interpretação: sobre o método da psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1989.

- (1991) "Notas sobre a história da psicanálise na França". In FIGUEIRA, S.A. *Nos bastidores da psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- (1991a) "Notas sobre a cultura psicanalítica brasileira". In FIGUEIRA, S.A. *Nos bastidores da psicanálise*. Op.cit.
- (1991b) "Psicanalistas e pacientes na cultura psicanalítica". In FIGUEIRA, S.A. *Nos bastidores da psicanálise*. Op.cit.
- FOUCAULT, M. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- FREUD, A. "Difficultés survenant sur le chemin de la psychanalyse". *Nouvelle revue de psychanalyse*. 10. Paris, Gallimard, 1978.
- FREUD, S. (1893) "Charcot". In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol.III. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- (1900) "A interpretação de sonhos". Op.cit. Vol.IV e V.
- (1900) "Die Traumdeutung". In *Gesammelte Werke*, vol II/III, Imago Publishing, London, 1942.

- . (1910) "As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica". Op.cit. Vol.XI.
- . (1910a) "Psicanálise 'silvestre'". Idem.
- . (1912) "A dinâmica da transferência". Op.cit. Vol.XII.
- . (1913[1912-13]) "Totem e tabu". Op.cit. Vol.XIII.
- . (1914) "A história do movimento psicanalítico". Op.cit. Vol.XIV.
- . (1917) "Uma dificuldade no caminho da psicanálise". Op.cit. Vol.XV.
- . (1919[1918]) "Linhas de progresso na terapia psicanalítica". Idem.
- . (1921) "Psicologia de grupo e análise do ego". Op.cit. Vol.XVIII.
- . (1925[1924]) "As resistências à psicanálise". Op.cit. VolXIX.
- . (1925[1927]) "Um estudo autobiográfico". Idem.

- , (1926) "A questão da análise leiga". Idem.
- , (1927) "O futuro de uma ilusão". Op.cit. Vol.XXI.
- , (1927a) "O humor". Idem.
- , (1930[1929]) "O mal-estar na civilização". Idem.
- , (1933[1932]) "A questão de uma Weltanschauung". In *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Op.cit. Vol.XXII.
- , (1936) "Um distúrbio de memória na Acrópole". Idem.
- , (1937) "Análise terminável e interminável". Op.cit. Vol.XXIII.
- , (1919[1934-38]) "Moisés e o mofetismo: três ensaios". Idem.
- FREUD, S. & JUNG, C.G. *Freud/Jung - correspondência completa*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- GAY, P. *Freud - Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GITELSON, M. "Problems of psychoanalytic training". *The psychoanalytic quarterly*. 17, New York, 1948.



----- . "Therapeutic problems in the analysis of the 'normal' candidate". *International journal of psychoanalysis*. 35, London, 1954.

GRANOFF, W. *Filiations*. Paris, Les editions de Minuit, 1975.

GROSSKURTH, P. *The secret ring*. Addison-Wesley, 1991.

GROTJAHN, M. "About the relation between psycho-analytic training and psycho-analytic therapy". *International journal of psychoanalysis*. 35, London, 1954.

HARARI, R. "Leitores: leituras?". *Anuário brasileiro de psicanálise 1991*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1991.

HARTMANN, H. "Opening address". *International journal of psychoanalysis*. 35, London, 1954.

HEIMANN, P. "Problems of the training analysis". *International journal of psychoanalysis*. 35, London, 1954.

HOLANDA, A.B. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

JORNAL DO BRASIL. Caderno B - Especial. 14/9/86.

----- . 25/09/86.

----- . Caderno B, 17/7/92, p.2.

JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Vol.2. Rio de Janeiro, Imago, 1989.

KATZ, C.S. *Psicanálise e instituição*. Rio de Janeiro, Documentário, 1977.

----- . *Ética e psicanálise*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

----- . "Nazismo e psicanálise: outras relações". In KATZ, C.S. (ed.) *Psicanálise e nazismo*. Rio de Janeiro, Taurus, 1985.

KUPERMANN, D. "Foucault: implicações psicanalíticas". In *Psicologia Clínica - Pós graduação e pesquisa*. 5, Rio de Janeiro, PUC, 1990.

----- . "A transferência nômade na transmissão da psicanálise". In *Anuário Brasileiro de Psicanálise 1991*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1991.

LACAN, J. (1945). "Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée". In *Ecrits*. Paris, Seuil, 1966.

----- . (1955) "La chose freudienne ou sens du retour à Freud en psychanalyse". In *Ecrits*. Op.cit.

- . (1956) "Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956". In *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- . (1957) "La psychanalyse et son enseignement". In *Ecrits*. Op.cit.
- . (1964) "Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris". *Letra Freudiana*. Ano I, nº 0.
- . (1964a) "Nota anexa". *Letra Freudiana*. op.cit.
- . (1964b) "Preâmbulo". *Letra Freudiana*. op.cit.
- . (1966) "De nos antécédents". In *Écrits*, op.cit.
- . (1967) "Proposição de 9 de outubro de 1967". *Letra Freudiana*. op.cit.
- . (1973) "Sur l' experience de la passe". *Ornicar?*. 12-13, Paris, Seuil, 1977.
- . (1980) "Carta de dissolução". *Letra Freudiana*. op.cit.
- . (1980a) "O Outro falta". *Letra Freudiana*. op.cit.

-----, (1980b) "Carta ao jornal *Le Monde*". *Letra Freudiana*.  
op.cit.

-----, (1980c) "Senhor A.". *Letra Freudiana*. op.cit.

-----, (1980d) "Luz!". *Letra Freudiana*. op.cit.

-----, (1980e) "O mal-entendido". *Letra Freudiana*. op.cit.

LAGACHE, D. *A transferência*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

LAPASSADE, G. *Socioanálisis y potencial humano*. Madrid,  
Gedisa, 1980, Cap.II.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. São  
Paulo, Martins Fontes, 1983.

LOBO, A. *A hora do lobo, a hora do carneiro*. Petrópolis, Vozes,  
1989.

MAIA, M.S. *A construção do jogo freudiano: regras, acaso e  
repetição*. Dissertação de mestrado. PUC/RJ, 1992.

MANNONI, M. *Da paixão do ser à "loucura" de saber*. Rio de  
janeiro, Jorge Zahar, 1989.

MASCARENHAS, E. "Aquele que deixou de ser sem nunca ter sido ou a psicologia de classe média dos psicanalistas". In Cerqueira Fº.,G. (org.) *Crise na psicanálise*. Op.cit, 1982.

----- . "A ética da serpente". *Jornal do Brasil*. 25/6/92, p.11.

MELLO, R. "Os barões da psicanálise". In CERQUEIRA Fº. G. *Crise na psicanálise*. Op.cit. 1982.

MEZAN, R. "Esquecer? Não: inquecer". In FERNANDES, H.R. (org.) *Tempo do desejo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

----- . *Freud pensador da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

----- . "O *Bildungsroman* do psicanalista". In *Anuário Brasileiro de Psicanálise 1991*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1991.

MILLER, D. "Tão só como sempre estive em minha relação com a causa analítica". In Miller,G.(org.) *Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.

MILLER, J.-A. "Introduction aux paradoxes de la passe". In *Ornicar?*. 12-13, Paris, Seuil, 1977.

- . *Percurso de Lacan - uma introdução*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- NACHT, S. "The difficulties of didactic psycho-analysis in relation to therapeutic psycho-analysis". *International journal of psychoanalysis*. 35, London, 1954.
- NAFFAH NETO, A. *Poder, vida e morte na situação de tortura*. São Paulo, Hucitec, 1985.
- NIELSEN, N. "The dynamics of training analysis". *International journal of psycho-analysis*. 35, London, 1954.
- PELLEGRINO, H. "Análise da instituição psicanalítica: um caso clínico". In Cerqueira FQ., G. (org.) *Crise na psicanálise*. Op.cit., 1982.
- PONTALIS, J.-B. "Le métier à tisser". *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. 20. Paris, Gallimard, 1979.
- QUINET, A. "A transmissão a partir de Lacan". In *Anuário Brasileiro de Psicanálise 1991*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1991.
- ROUDINESCO, E. *História da psicanálise na França - Vol. 2*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

----- . *História da psicanálise na França - Vol. 1.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.

ROUSTANG, F. (1976) *Um destino tão funesto.* Rio de Janeiro, Timbre Taurus, 1987.

SACHS, H. "Observations of a training analyst". *The psychoanalytic quarterly.* 16, New York, 1947.

SAFOUAN, M. *Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

SOUZA, O. "Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da prática". In *Clinica do social.* São Paulo, Escuta, 1991.

STEIN, C. (1968) "O setor reservado da transferência: projeto didático e projeto terapêutico". In *O psicanalista e seu ofício.* São Paulo, Escuta, 1988.

VALABREGA, J.-P. "Les voies de la formation psychanalytique". *Topique - revue freudienne.* 1. Paris, PUF, 1969.

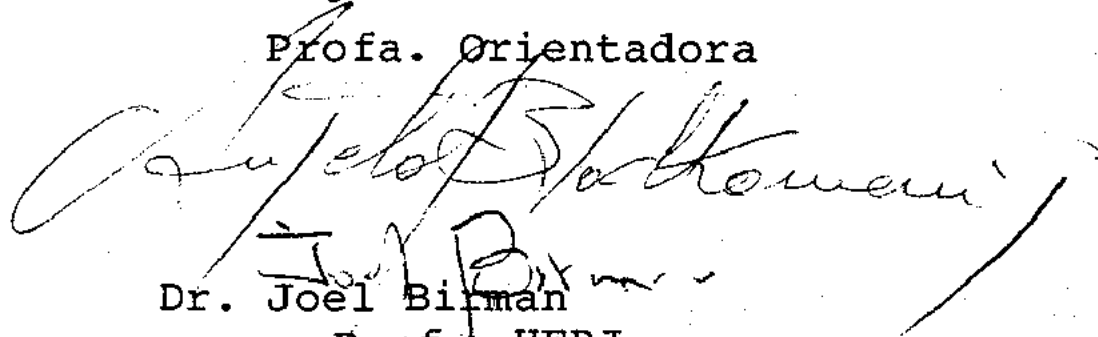
VIANNA, H.B. "Que ela se cure, que fale". *Jornal do Brasil.* 14/09/86.

----- . " O que está em causa". *Jornal do Brasil.* 26/10/86a.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio, pelo aluno DANIEL KUPERMANN, intitulada "História da Transferência na Institucionalização da Psicanálise". Fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

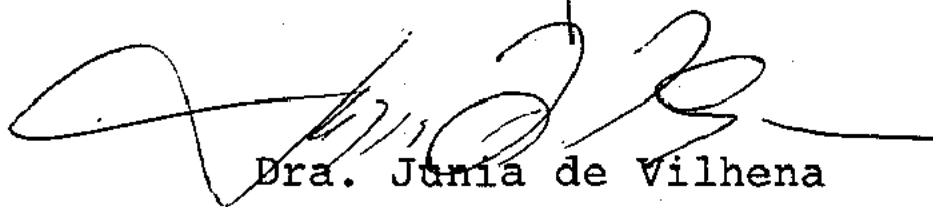
Dra. Angela Baraf Podkameni

Profa. Orientadora



Dr. Joel Birman

Prof. UFRJ



Dra. Júlia de Vilhena

Profa. PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 05 de março de 1993.



Ana Maria Nicolaci-da-Costa  
Coordenadora dos programas de  
Pós-Graduação e Pesquisa do  
Centro de Teologia e Ciências  
Humanas.